

A edição de 2014 da Revista Estudos de Jornalismo apresenta onze artigos de temática tão diversificada quanto interessante. Todos eles abordam questões pertinentes que se colocam à cobertura mediática da actualidade que enfrenta novos, mas também velhos desafios:

1. Em 'A noção de cenários complexos inaugurais aplicada à cobertura jornalística das drogas em Portugal' é analisada a cobertura do jornal português Público sobre a venda e uso da droga ecstasy. Depois de um estudo idêntico no Brasil, **Mozahir Salomão Bruck** debruça-se sobre a realidade mediática portuguesa e a forma como foi tratada a temática das drogas e o seu impacto na sociedade a partir da observação dos textos jornalísticos.

2. **Maria Schirley Luft** e **Luciana Miranda Costa** investigaram como foram construídas as notícias sobre a Cúpula do Clima de Nova York (2014) em que o Brasil anunciou que não assinaria o Acordo Global para redução dos desmatamentos na Amazônia. Este tema e o aquecimento global têm marcado a atualidade na imprensa internacional e brasileira. A investigação aqui apresentada revela uma mudança de atitude na imprensa que deu mais espaço às denominadas vozes 'não oficiais', isto é, aos movimentos sociais.

3. Qual o impacto do info-entretenimento nos media portugueses em tempo de eleições? A questão é colocada por **Lúcia Freitas Moreira**, **Pedro Jerónimo** e **Margarida Botelho** que num artigo conjunto comparam as edições de dois jornais nas legislativas portuguesas de 1999 e 2009. Os investigadores concluem que as *hard news* estão a dar lugar a notícias mais leves.

4. A série de culto "The Newsroom" é o objecto de estudo de **Ada Narra Neri Ferraz**, **Aldenora Teófilo Vieira Santos Cavalcante**, **Leila Lima de Sousa** e **Lumárya Souza de Sousa**. "The Newsroom" é analisada sob a perspetiva da ética jornalista nas rotinas de produção dos noticiários televisivos. No jornal diário fictício, as autoras notam que a objetividade permanece no 'campo utópico' da profissão, embora no 'jornalismo da realidade' essa visão possa ser condicionada.

5. O repórter super-homem ou até onde vão os repórter fotográficos para obterem 'a foto' é questionado no artigo 'Sem final feliz: Síndrome de Peter Parker e as fotos do Rio de Janeiro nos Prêmios Esso de Jornalismo e Imprensa Embratel/Claro'. **Soraya Venegas Ferreira** observa as fotos premiadas no Esso e conclui que a grande maioria foram tiradas em cenas de violência urbana do Rio. Uma estratégia discursiva diz a autora, que eleva o repórter fotográfico à condição de super-herói.

6. Discutir as Provas de Contato como cogeradoras da narrativa e do processo fotográfico é o objectivo de **Santiago Naliato Garcia**. Para isso, é observado o trabalho de Robert Capa em Leipzig durante a Segunda Guerra. As provas são fragmentos que revelam a narrativa cronológica do trabalho feito no terreno, mas também o processo da tomada de decisões na formação do sentido da imagem que, como o autor refere, pode até não ser consciente.

7. Não são muito comuns os estudos sobre como a morte é noticiada nos media. **Rodrigo Daniel Levoti Portari** e **Sérgio Carlos Portari Júnior** propõem-se fazê-lo partindo do pressuposto de que a morte que resulta da violência urbana pode ser noticiada de forma diferente nas grandes cidades e nos meios mais pequenos. 'A morte nos jornais: as notícias de "ontem" e as de "hoje" revela as opções editoriais, a linguagem, a forma mais ou menos subtil de 'inserir a morte' no quotidiano dos leitores.

8. Em face das transformações que as novas tecnologias trouxeram ao tratamento de dados e sua apresentação **Mayara Rinaldi** e **Tattiana Teixeira** propõem uma revisão conceptual sobre visualização da informação e jornalismo. As investigadoras distinguem infografia e visualização de dados e destacam a Reportagem Visual de Dados como um novo formato e um novo conceito que tem por base uma perspectiva multidisciplinar.

9. **Jeferson Bertolini** observou 5 mil títulos de notícias online para saber quais os impactos na leitura e características de sua composição no ambiente digital. Conforme o autor refere talvez nunca a leitura tenha sido tão baseada nos títulos como agora. E num meio de atualização contínua, visual e hipermédia, os títulos ganham uma nova dimensão, respondem a novas formas de leitura por parte do internauta.

10. A obra 'Radical Chique e o Novo Jornalismo', de Tom Wolfe é a referência do artigo 'Polifonia, dialogismo e representação: as malhas narrativas na prosa jornalístico-literária'. **Francisco Aquinei Timóteo Queirós** e **Francielle Maria Modesto Mendes** procuraram saber como as técnicas do Novo Jornalismo se aproximam dos mecanismos formais da literatura.

11. Em 'Releases sobre saúde nas assessorias de imprensa das administrações públicas do ABC paulista: produção e tendências', **Arquimedes Pessoni** e **Camila Eloá Barbosa do Carmo** abordam a importância do assessoria de imprensa na produção e divulgação de notícias na área da saúde. Os autores confirmam que há uma reprodução integral dos press-releases nas páginas dos jornais. Na área da saúde as razões para que isso aconteça são muito específicas, mas transversais às restantes editorias.

Em 2015 a Revista Estudos de Jornalismo inicia uma nova etapa com a passagem de testemunho a Pedro Jerónimo, seu novo editor, que está já a preparar a próxima edição inteiramente

dedicada ao ciberjornalismo. Estamos certos de que a nova equipa vai continuar a investir na divulgação dos estudos em ciências da comunicação e, em particular, em jornalismo, por isso, votos de bom trabalho!

Índice

Apresentação	1
A noção de cenários complexos inaugurais aplicada à cobertura jornalística das drogas em Portugal Mozahir Salomão Bruck	6
A cobertura da imprensa sobre a Cúpula do Clima de Nova York (2014): A Amazônia e o Acordo Global para redução dos desmatamentos Maria Schirley Luft e Luciana Miranda Costa	20
A expansão do info-entretenimento nos media portugueses em tempo de eleições Lúcia Freitas Moreira, Pedro Jerónimo e Margarida Botelho	33
“The Newsroom”: uma análise da ética jornalista exposta no seriado americano Ada Narra Neri Ferraz, Aldenora Teófilo Vieira Santos Cavalcante, Leila Lima de Sousa e Lumárya Souza de Sousa	48
Sem final feliz: Síndrome de Peter Parker e as fotos do Rio de Janeiro nos Prêmios Esso de Jornalismo e Imprensa Embratel/Claro’ Soraya Venegas Ferreira	62
O potencial narrativo das Provas de Contato e as tomadas de decisão no trabalho fotográfico de Robert Capa em Leipzig Santiago Naliato Garcia	79
A morte nos jornais: as notícias de “ontem” e as de “hoje” Rodrigo Daniel Levoti Portari e Sérgio Carlos Portari Júnior	92
Visualização da Informação e Jornalismo: proposta de conceitos e categorias Mayara Rinaldi e Tattiana Teixeira	106

O título da notícia na internet: impactos na leitura e características de sua composição no ambiente digital	122
---	------------

Jeferson Bertolini

Polifonia, dialogismo e representação: as malhas narrativas na prosa jornalístico-literária'	136
---	------------

Francisco Aquinei Timóteo Queirós e Francielle Maria Modesto Mendes

Releases sobre saúde nas assessorias de imprensa das administrações públicas do ABC paulista: produção e tendências	148
--	------------

Arquimedes Pessoni e Camila Eloá Barbosa do Carmo

A noção de *cenários complexos inaugurais* aplicada à cobertura jornalística das drogas em Portugal

Mozahir Salomão Bruck, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

mozahir@uol.com.br

Resumo

As reflexões presentes neste artigo dão sequência ao trabalho de tentativa de construção da noção de cenários complexos inaugurais no Jornalismo, que buscamos desenvolver nos últimos dois anos, a partir da análise da cobertura do tráfico e uso do crack no Brasil. Nesta fase da pesquisa, além de ampliarmos o leque teórico-nocional de nosso debate, tomamos como *corpus* de análise a cobertura do jornal português *Público* sobre a venda e uso da droga ecstasy. Em sua formulação inicial, apresentamos o conceito dos *cenários complexos inaugurais* como possibilidade para se pensar e buscar melhor compreender os modos de (re)ação do jornalismo em contextos de surgimento e desenvolvimento de circunstâncias/situações complexas que impactam a sociedade. Tais contextos, marcados pelo ineditismo, estabeleceriam novos parâmetros de compreensão e de abordagens de tais temas/assuntos, provocando, no tecido social, novos paradigmas de comportamento individual e coletivo e, muitas vezes, reorientando as relações sociais.

Palavras-chave: Jornalismo, Drogas, Portugal, Cenários complexos inaugurais

Abstract

The reflections present in this article continue the construction work of the notion of complex scenarios in journalism, which we have been developing over the past two years, starting from the analysis of the coverage of the trafficking and use of crack cocaine in Brazil. At this stage of the research, as well as we amplify the range of our notional-theoretical debate, we take as analysis corpus the coverage of the Portuguese newspaper *Público* on the sale and use of the drug ecstasy. In its initial formulation, introducing the concept of complex scenarios as possibility to think about and get a better understanding of the modes of (re) action of journalism in contexts of emergence and development of circumstances/complex situations that impact society. Such contexts, characterized by originality, would establish new parameters of understanding and approaches of such themes/subjects, provoking, in the social fabric, new paradigms of individual and collective behavior, often by redirecting social relations.

Keywords: Journalism, Drugs, Portugal, Complexes inaugural scenarios

Considerações táticas

Entre outros aspectos e circunstâncias, o que motivou esta reflexão foi o desejo de avançarmos na construção de hipótese esboçada anteriormente, denominada até aqui de *cenários complexos inaugurais*, noção sintetizada em comunicação apresentada em congresso da Sopcom¹ e na revista Estudos de Jornalismo e Mídia (EJM)². Para tanto, demos sequência à pesquisa iniciada no Brasil, em que se analisou a temática das drogas e seus impactos nas sociedades, a partir da observação de textos jornalísticos de um periódico considerado jornal de referência³, o *Estado de Minas* (Belo Horizonte, MG) sobre a venda e consumo do crack na capital mineira, no período de 1996 a 2011. No estágio pós-doutoral⁴, ampliamos a investigação, incluindo a observação e análise das referências e modos de presença da droga ecstasy nos textos do jornal português *Público* entre os anos de 2001 e 2011, coincidindo parcialmente com o período observado no *Estado de Minas*.

Em sua formulação inicial, apresentamos o conceito dos *cenários complexos inaugurais* como uma possibilidade para se pensar e buscar melhor compreender os modos de (re)ação do jornalismo em contextos de surgimento e desenvolvimento de circunstâncias/situações complexas que impactam a sociedade. Tais contextos, marcados pelo ineditismo, estabeleceriam novos parâmetros de compreensão e de abordagens de tais temas/assuntos, provocando, no tecido social, novos paradigmas de comportamento individual e coletivo e, muitas vezes, reorientando as relações sociais. Diante de novos quadros de realidade e de suas exigências de explicação, o trabalho jornalístico tenderia a se desenrolar em circunstâncias de instabilidade, em função de incertezas, generalizações e mitificações – que se instalam nas lacunas abertas pela impossibilidade inicial de melhor compreensão de tais processos e acontecimentos.

No caso do crack, que surgiu no Brasil no final da década de 1980, pode-se afirmar que a cobertura jornalística inicial foi marcada por narrativas mitificantes que tendiam a dar à droga superpoderes. Nossa inferência, naquele levantamento, foi a de que o crack – cujos impactos sociais, econômicos, de segurança e de saúde pública têm se amplificado em todo o Brasil – impôs novos parâmetros em termos de comercialização e consumo das drogas, desestabilizando os ‘conhecimentos’ com os quais a mídia e o jornalismo até então trabalhavam a respeito dessa temática. No conjunto de textos analisados do periódico brasileiro, o que se percebeu é que esse novo cenário e contexto da droga parecem ter levado a uma cobertura jornalística que, de modo

¹ Congresso da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação, realizado em Lisboa entre os dias 17 e 19 de Outubro de 2013.

² Ver O fazer jornalístico e o enfrentamento dos cenários complexos inaugurais. In: Revista Estudos de Jornalismo e Mídia. Volume 11, nº 2, julho-dezembro de 2014, pp. 569-583

³ Denominamos jornais de referência periódicos da imprensa escrita que se estabeleceram tradicionalmente no ambiente jornalístico e em suas respectivas sociedades, possuindo além de efetiva abrangência em termos de circulação, inegável poder de influência juntos aos leitores, sendo, por esses aspectos, dentre outros veículos, tomados como referência pela opinião pública.

⁴ Esta fase da pesquisa, realizada sob orientação do Prof. Dr. Jorge Pedro Sousa, da Universidade Fernando Pessoa (Porto), contou com bolsa de estágio pós-doutoral da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

enviesado, acabava – ao ressaltar aspectos mais agudizados da questão - mais opacizando do que contribuindo para uma melhor compreensão e debate sobre o crack⁵. Importa destacar que muitas vezes a origem de muitas dessas “falas” que reforçavam equívocos acerca da droga tinham origem em fontes de autoridade – profissionais de saúde, policiais e assistentes sociais.

Na fase seguinte da pesquisa, o estágio pós-doutoral em Portugal, também compôs os nossos *corpora* a cobertura realizada pela imprensa portuguesa acerca da distribuição e consumo do ecstasy naquele País entre os anos de 2001 e 2011. A definição de tal ano se deveu a dois motivos: no ano de 2001, deu-se o início da vigência da lei que descriminalizou o consumo de drogas em Portugal, sendo o ano que também pode ser considerado como aquele em que o ecstasy ganhou maior visibilidade nos *media* portugueses: a explosão das apreensões do ecstasy e outras drogas sintéticas praticamente quadruplicaram em relação a 2000⁶.

Cotejando-se os contextos de produção, distribuição e uso das duas drogas - crack e ecstasy - pode-se certamente afirmar que se tratam de realidades radicalmente distintas. De um lado, o crack, cujo perfil prevalente de consumidor é de pessoas de baixa renda e que tendem a se tornarem moradores de rua e elas mesmas repassadoras da droga. O histórico do crack aponta também para efeitos danosos graves a curto e médio prazo para a saúde do seu usuário.

Do outro lado, o ecstasy, que além de não ser diretamente ser associado a consumo de larga dependência química, tem, em geral, como usuários, jovens e adultos do que comumente se costuma denominar classes média e alta, em situações de diversão – festivais de música, festas e clubes de dança, denominados pelo Observatório Europeu para a Droga e Toxicodependência (OEDT) de ambientes recreativos. Em uma palavra, o chamado tráfico direto e consumo do ecstasy não se dão, geralmente, em uma situação de violência. Haja vista, reportagem do *Público* de 15/08/2001, que mostra que uma das grandes preocupações das autoridades portuguesas em relação ao ecstasy não era, principalmente, com o consumo em si da droga, mas com a qualidade dos comprimidos que estavam sendo adquiridos pelos utentes.

É preciso considerar que as drogas sintéticas em Portugal acabaram por gerar processos e impactos sociais bem diferentes do que os provocados pelo crack no Brasil, o que se refletiu também na própria cobertura jornalística. Melhor explicando, no Brasil o crack recebeu e recebe enorme atenção da imprensa em função de sua inevitável associação a circunstâncias e situações de violência, criminalidade, e mesmo denúncias de precariedade das políticas públicas como segurança, saúde e assistência social. Não seria exagero dizer que em países como o Brasil, reconhecidamente um exportador de drogas ilícitas, há mesmo uma sobreposição quando se observa o mapa da violência e o mapa da disputa pelo tráfico e o enfrentamento entre traficantes e a polícia - coincidindo também com os locais de ocorrência da maioria das mortes por armas de fogo.

⁵ Ver CRACK NA IMPRENSA: imaginários e modos de representação do jornalismo sobre o surgimento e a explosão da droga em Belo Horizonte (MG, Brasil). Disponível em www.compos.org.br.

⁶ Nos anos de 1997 e 1998, houve apreensão de poucas centenas de comprimidos da droga em Portugal. Já no ano de 1999: 31.319 unidades; em 2000: 31.237; e em 2001, 126.031. Este número saltou para 222.466 unidades em 2002. Fonte: Polícia Judiciária Portuguesa.

Já em Portugal, o contexto da distribuição das drogas não é de uma violência instalada e ampla. Nos textos jornalísticos analisados do Público, a droga é associada ao crime de distribuição e raramente a situações de violência. As referências ao ecstasy como assunto principal, conforme as coletas de dados são esparsas e, em sua maioria (64,5% dos textos levantados) apenas notas ou pequenas notícias que se referiam à apreensão das drogas. Tal circunstância se justifica, certamente, pelo fato de estar em vigor no país, desde o ano de 2001, lei⁷ que descriminalizou o uso de algumas drogas. Por assim dizer, no início da primeira década dos anos 2000 a cobertura jornalística deteve sua atenção nos debates acerca da descriminalização das drogas no País, nas sucessivas apreensões de drogas – com grande destaque para o ecstasy – e também sobre o trabalho dos agentes ligados aos chamados *Ponto de Contato*, unidades móveis do governo português que, a partir da descriminalização, passaram a atender em locais públicos usuários e quaisquer outros interessados em informações sobre a política de redução de danos para as drogas, definida a partir da vigência da nova lei. Na primeira metade do período analisado (até o ano de 2006) teve destaque também a abordagem dos aspectos relativos aos impactos sociais e individuais (saúde, comportamento etc) do ecstasy.

O constructo teórico

Como referido, os *cenários* esboçaram-se como noção substantiada, especialmente, em dois conceitos caros aos estudos de jornalismo e que aí se tornaram muito presentes nos anos mais recentes: acontecimento e conhecimento. Por um lado, o acontecimento, o objeto do jornalismo, aquilo que, a princípio, emerge da cotidianidade da vida e vulgarmente denominamos de real. Por outro lado, o tipo de conhecimento que o jornalismo ajuda a construir e promover, sabidamente superficial e, especialmente nas últimas três décadas, em função dos novos regimes tecnológicos de produção e circulação da informação em todo o mundo, rapidamente perecível, e, também, por ser resultado de complexas e imbricadas operações e condições concretas de produção, aqui sintetizadas na expressão *fazer jornalístico*. Compreender os elementos, processos e circunstâncias que transubstanciam o fato social em acontecimento jornalístico sugere um melhor entendimento acerca dos modos como o jornalismo constrói o tipo de conhecimento que lhe é específico e que faz circular. Mouillaud (2002), Traquina (2001, 2004), Rodrigues (2010), Correia (2005, 2009), Quéré (2012), Sousa (2000), Meditsch (2010), França (2012), entre outros, destacaram perspectivas distintas nos estudos acerca do acontecimento jornalístico.

Uma armadilha comum ao se pensar a notícia e o acontecimento que ela veicula é referida por meio da metáfora da usinagem que gera energia a partir de águas fluviais. Ou seja, a montante, o fato, o acontecimento de interesse jornalístico e à jusante a notícia, resultado desse processamento ou, se quiser, desse turbinamento. Mouillaud (2002) tenta destacar, em termos da análise da experiência, notícia de acontecimento. Com essa perspectiva, ele sinaliza para a

⁷ Lei nº 30, de 29 de novembro de 2000. Desde 01 de Julho de 2001, a aquisição, posse e consumo de qualquer droga ficaram fora de enquadramentos criminais e passaram a ser consideradas violações administrativas.

noção de enquadramento, o *framing*, que nos será muito útil em nossa formulação final dos *cenários complexos inaugurais*:

A experiência não é reprodutível. Está ligada a um local, a um ponto do espaço e a um momento do tempo. Já o acontecimento é móvel. Veiculado pela informação sob a forma de despacho de agência, deve ser solto de suas amarras. Trata-se de um fragmento extraído de uma totalidade que por si só não pode ser compreendida. Pode-se descrever este fragmento com um conceito que tomamos emprestado à fotografia e ao cinema, o enquadramento. Aparentemente, a moldura é posterior ao quadro, mas o quadro procede de um enquadramento implícito que o precedeu. A moldura opera ao mesmo tempo um corte e uma focalização; um corte porque separa um campo e aquilo que o envolve; uma focalização porque, porque interditando a hemorragia do sentido para além da moldura, intensifica as relações entre os objetos e os indivíduos que estão compreendidos dentro do campo e os reverbera para um centro. O produto do corte e da focalização institui o que se chamará (dando-lhe amplo sentido) de “cena”. A cena é o local nativo do acontecimento (falaremos de cena do acontecimento), assim como é a fotografia (sem dúvida a moldura fotográfica possui existência material, enquanto que não é aparente no acontecimento, mas a moldura da foto é tão “casa mentale” quanto aquele do acontecimento é coisa material) (MOUILLAUD, 2002, p.61).

Assim como qualquer outra narrativa e em qualquer circunstância, o texto jornalístico, em suas diversas configurações e formatos, não repõe, por certo, o acontecimento, o ocorrido. Narrar é dar moldes ao que aconteceu no mundo da vida quotidiana. “Todo discurso jornalístico tem por trás de si múltiplos sujeitos, a começar pela estrutura empresarial que disponibiliza as informações a um público que paga para obtê-las” (CARVALHO, 2012, p.84). Somam-se a essa estrutura empresarial, os demais atores sociais com os quais o jornalismo dialoga como os leitores, as fontes, organizações sociais, empresas, governo, religiões. Para Carvalho (2012), “o discurso jornalístico está, permanentemente, marcado pelos jogos de poder e pelas disputas de significados. [...] Os argumentos são, assim, construídos tendo como pano de fundo de disputas de sentidos” (CARVALHO, 2012, p.84). Esse contexto de disputa de sentidos pode ser consequência da transformação do jornalismo, de acordo com diversos autores, em um “narrador do cotidiano”.

Ele [o jornalismo] é apontado como um dos principais responsáveis pela divulgação dos mais variados eventos que ocorrem em nossas complexas sociedades, e somente a partir dele é possível difundir temas e acontecimentos que, de outra forma, ficariam restritos aos seus locais de ocorrência. (CARVALHO, 2012, p. 50).

Na articulação do conceito dos *cenários complexos inaugurais*, e tomando as noções schutzianas de sistemas de relevância e quadros de tipificação, o que se observou, quando analisamos os formatos noticiosos e os modos de abordagem dos temas crack e ecstasy é que as inscrições noticiosas tanto do *Estado de Minas* quanto do *Público*, respeitados os distintos contextos sociais, relevâncias e modos de abordagem do tema drogas, foram prevalentemente caracterizadas pela colagem a estatísticas, falas de autoridades oficiais e de campos de conhecimento específicos – como a saúde e a segurança – e, quando da presença de testemunhos de usuários e seus familiares, em geral tais ‘falas’ foram apropriadas no sentido de

reforçar as informações e análises feitas pelos primeiros – ou seja, cumpriram uma função figurativa e de exemplificação. Haja vista que em todo os *corpora* analisado, em nenhum momento foram observados entrevistas/testemunhos que gerassem algum tipo de conflito ou contradição em relação às chamadas fontes de autoridade⁸.

O ecstasy no Público

Não se pode pensar a presença do ecstasy em Portugal fora do contexto europeu. Os estudos sobre a entrada e a explosão da comercialização e uso da droga no país apontam que o fenômeno se acentuou a partir de um contexto macropolítico específico (a queda do muro de Berlim), uma vez que a laboratórios da forte indústria farmacêutica baseada no Leste Europeu passaram a alimentar tal distribuição⁹.

Droga de utilização por um perfil de classes média e alta, o ecstasy teve os primeiros registros de venda em Portugal em meados da década de 1990¹⁰, mas pouco significativos. A explosão da comercialização da droga, segundo a Polícia Judiciária portuguesa, ocorreu a partir de 2001. A MDMA (nome científico do ecstasy: 3, 4-metanfetamina de dióxido de metileno) é uma droga que foi descoberta bem antes de outras como as anfetaminas ou dos alucinógenos. Chegou a ser patenteada ainda na metade da década de 1910, na Alemanha, como um medicamento para controle do apetite, mas jamais foi comercializado. Foi abandonada até à década de 50, época em que foi retomada para fins experimentais (interrogatórios, psicoterapias). Seu consumo ilegal teve início nos Estados Unidos, ainda nas décadas de 1960 e 1970, tendo sido proibida naquele país em 1975¹¹.

Na Europa, a comercialização e consumo do ecstasy fortaleceram-se na primeira metade da década de 1990, quando as pastilhas da droga se espalharam por vários países, tornando-se um problema continental. Segundo o Relatório Anual de 2012 do Observatório Europeu da Droga e da Toxicodependência¹² (OEDT), da União Europeia, em muitos países europeus o ecstasy é a droga mais consumida depois da maconha. A popularidade da droga é historicamente associada a contextos de música e dança, embora nos últimos anos, esteja se verificando uma pequena diminuição do consumo e da disponibilidade de ecstasy na Europa.

Para a análise da cobertura do jornal Público acerca dos acontecimentos em torno da droga ecstasy, e com o objetivo de mantermos um parâmetro comparativo, optou-se por aplicar neste processo de análise os mesmos procedimentos e categorias analíticas quando da análise da cobertura do crack pelo jornal brasileiro *Estado de Minas*, como retomamos a seguir.

Em termos da análise qualitativa, adotamos como “reagentes” os elementos apontados por Rebelo (2000), denominados pelo autor de mecanismos de autentificação na construção do texto jornalístico. Para o autor, *i*) a redundância, *ii*) a apresentação de histórias paralelas, *iii*) a

⁸ Aqui consideram-se *fontes de autoridade* as fontes jornalísticas que assim o são percebidas em função de conhecimento especializado, enquanto ator e posição institucional relevantes em relação ao assunto abordado.

⁹ Fonte: Instituto das Drogas e Toxicodependência – IDT. Disponível em idt.pt em 30.04.2013.

¹⁰ Idem.

¹¹ Idem.

¹² Disponível em <http://www.emcdda.europa.eu/publications/annual-report/2012>

delegação do saber e *iv*) o recuo temporal são recursos que proporcionam ao texto da notícia características e circunstâncias ainda mais fortes de verossimilhança. Com tais categorias analíticas, buscamos tentar perceber como, no estabelecimento do discurso jornalístico, a imprensa acaba por constituir e alimentar imaginários em relação às drogas e, em muitos casos, concorrendo para uma simplificação que pode levar à opacização dos complexos aspectos envolvidos na questão.

Sobre a redundância, Rebelo (2000) nos lembra que títulos, lide, gravuras, legendas e textos reiteram insistentemente a repetição do sentido. “A redundância procura prender o leitor, convidando-o ao reencontro constante com aquilo que já conhece” (REBELO, 2000: 110). É como se o leitor, na verdade, procurasse no jornal a confirmação dos elementos que já fazem parte de seu universo referencial – uma confirmação que, no entendimento de Rebelo – “é a chave da fidelização”. Já apresentar histórias paralelas produziria o efeito de caracterizar positiva ou negativamente um personagem ou um tema, por meio também da caracterização positiva ou negativa de personagens e enredos colaterais, com os quais a história central tem “evidentes nexos de causalidade” (REBELO, 2000: 110).

Por sua vez, a delegação do saber pode ser percebida nos modos e formas de inscrição das vozes narrativas dentro do enunciado jornalístico. Como aponta Rebelo (2000), quando o jornal dá a palavra a alguém, esse alguém ocupa lugar de destaque e em diálogo explícito com os direcionamentos da abordagem definidas pelo repórter. Segundo o autor, o leitor fica como que exteriorizado ao ato de comunicação, assistindo ao que acontece no palco. Por fim, o recuo no tempo que, segundo Rebelo (2000), atualiza o passado, transportando virtualmente o leitor para o momento da ocorrência do acontecimento – e por que ocorrido seria, então, “indesmentível”. A operação narrativa seguinte, estabelecido esse nexo temporal, é fazer com que o leitor siga o caminho percorrido pelos próprios fatos no seu desenrolar.

Quando se analisa no *Público* a alusão ao ecstasy, por modo de incidência, observando-se os três tipos de formato, a reportagem liderou essa categorização. Do total de 303 textos coletados, foram 133 reportagens, 100 notas e 70 notícias. Já em termos da relevância do ecstasy no texto coletado, a referência à droga como mera citação é prevalente. No caso das notas, a mera citação alcança entre os anos de 2001 e 2011 o total de 69, entre 100 textos analisados. Já no caso das notícias, a mera citação presente em 50 dos 70 categorizados como tal e, no caso das reportagens, em 95 registros, do total de 133. Como citação relevante, no período de onze anos (2001 a 2011), o ecstasy aparece em apenas seis do total de 100 textos; já nas notícias são cinco; e nas reportagens, a citação relevante aparece em 13 textos. Como assunto principal, também considerado o período 2001-2011, no que diz respeito às notas, o ecstasy surge em 25 edições. Em termos de notícias, ele aparece em 15 textos e, no caso das reportagens, a droga foi assunto principal em 25 textos, conforme se pode observar na Tabela 01, a seguir.

Tabela 01 – Quadro geral de inserções – Jornal *Público* (2001-2011)

Tipo de inserção / Ano	Notas			Notícias			Reportagens			Totais
	Citação	Citação Relev.	Assunto Principal	Citação	Citação Relev.	Assunto Principal	Citação	Citação Relev.	Assunto Principal	
2001	6	2	4	7	2	3	6	-	3	33
2002	9	-	4	11	-	5	13	1	8	51
2003	10	2	5	2	1	2	6	2	3	33
2004	7	1	3	6	2	3	10	1	4	37
2005	15	1	5	4	-	1	11	4	-	41
2006	11	-	1	4	-	-	8	3	4	31
2007	2	-	1	5	-	1	13	2	3	27
2008	1	-	1	3	-	-	8	-	-	13
2009	1	-	1	3	-	-	4	-	-	9
2010	4	-	-	2	-	-	9	-	-	15
2011	3	-	-	3	-	-	7	-	-	13
TOTAL	69	6	25	50	5	15	95	13	25	303
Total	100			70			133			

Fonte: Levantamento realizado pelo autor

Tomando-se o quadro geral dos resultados encontrados para a incidência de notas, notícias e reportagens e os modos como se dá a menção ao *ecstasy* – há algumas inferências importantes. Quando observamos por ano de ocorrência, pode-se afirmar que a partir de 2008, o tema *ecstasy* perdeu muita força em termos da economia da atenção (CORREIA, 2005). Entre 2008 e 2011, foram coletados, ao todo, apenas 50 textos jornalísticos em que a droga aparece seja como citação, citação relevante ou assunto principal (menos, por exemplo do que apenas o ano de 2002, quando registraram-se 51 textos). Pode-se notar ainda que é a partir de 2008, que o *ecstasy* perde relevância em termos do seu modo de presença, prevalecendo textos em que é observado exclusivamente como citação e em notas, geralmente abordando informações sobre apreensões da droga.

A análise dos textos do *Público* confirmou nossa impressão inicial, ainda na fase do pré-teste de leitura: as notas, notícias e mesmo as reportagens sobre as drogas, diferentemente do jornal brasileiro *Estado de Minas* são apresentadas em um tom bem menos alarmista. Ao mesmo tempo, seus conteúdos são forte e amplamente voltados à divulgação de estatísticas e informações acerca do consumo, distribuição e, principalmente, apreensão do *ecstasy*, e

geralmente inscritos em uma circunstância de exclusiva informação associada a fontes de informação oficiais, como se verá à frente.

Também isso pode ser observado em função das poucas variações nas qualificações que a droga recebe nos textos do *Público*. O ecstasy é identificado por expressões como *droga do amor* (denominação que apareceu com maior frequência e regularidade, presente em registros de todo o período), *droga emergente* (nos primeiros anos de expansão do consumo da droga em Portugal, especialmente entre 2001 e 2007) e *droga urbana* (termo que depois foi sendo abandonado à medida em que a droga chegou e tornou-se presente de modo efetivo nas regiões interioranas do país, notadamente a partir de 2004) e, em duas edições, como *fenômeno de fim de século*.

Em termos dos predicativos, presentes nos títulos e corpos dos textos, o ecstasy referenciado de modos distintos: ora como droga de risco, ora como fenômeno contemporâneo, como moda entre os jovens e mesmo como droga recreativa, que, aliás, mostrou-se ser alusão mais comum à droga:

Predicativos: Os excertos apresentados a seguir foram extraídos das reportagens analisadas e consideradas de maior relevância:

- i. "muito usada nas discotecas ou "raves" porque ilude o cansaço físico, podendo-se dançar toda a noite" (*Público*, 30.11.2001);
- ii. Há-as com símbolo da Playboy, da Mercedes, da Ferrari, com anjos, pombas, sorrisos, Harry Potter, tudo a apontar para o potencial energético e recreativo da "ecstasy". Apesar dos símbolos, é impossível saber o que contém cada pastilha (a não ser por análise). O "ecstasy" é um derivado da anfetamina (estimulante) produzido em laboratório e pode conter diversas substâncias onde, em princípio, o MDMA (Metilenadioximetanfetamina, designação científica do "ecstasy") predomina. (*Público*, 06.07.2002);
- iii. "o desconhecimento de regras tão básicas para consumidores habituais, como "a mistura de "ecstasy" com álcool traz risco de morte", é também prova de que se tratam de novas experiências. O consumo de "ecstasy" e o esforço físico levam à perda de líquidos e à desidratação e podem conduzir a alterações do ritmo cardíaco. (*Público*, 06.07.2002);
- iv. O consumo das pastilhas nas festas de dança "está cada vez mais alargado e descontrolado, devido à indeterminação do conteúdo dos comprimidos". (*Público*, 01.09.2002)
- v. A "viragem" dos traficantes de heroína para o "ecstasy" pode explicar-se com a chegada ao poder, no Afeganistão, dos "taliban". (*Público*, 30.10.2003);
- vi. A ligação da droga ao consumo em festas está a levar a mudanças nos padrões de consumo, conclui ainda. O consumo de heroína, "que ainda é um problema grave", "já não é chamativo" devido à imagem do "junkie de rua". Os adeptos da techno "podem tornar-se nos próximos junkies"- numa festa uma pessoa pode chegar a consumir dez pastilhas de ecstasy, exemplifica. (*Público*, 22.01.2006).

- vii. A discussão sobre o consumo misturado de vários produtos ameaça fazer ruir a distinção entre substâncias lícitas e ilícitas, uma vez que o policonsumo inclui geralmente o tabaco, o álcool e outras substâncias legais. De resto, quase todos os consumidores de drogas podem ser classificados como policonsumidores. (*Público*, 24.11.2006)
- viii. Jovens portugueses entre os que mais defendem liberalização de drogas na Europa. (*Público*, 12.07.2011)
- ix. “Depois da cannabis, os estimulantes do tipo anfetaminas (ATS) são a segunda droga mais utilizada no mundo”. (*Público*, 13.09.2011).

A cobertura majoritariamente associada à divulgação de estatísticas oficiais de apreensão de drogas, de novas descobertas científicas e clínicas e inquéritos acerca dos perfis de usuários reforça a tendência do jornalismo, que parece se assemelhar àquela mencionada por Traquina (2003), de que em assuntos de um maior nível de complexidade, como a cobertura da Aids (que foi objeto de investigação daquele pesquisador) em jogar seu foco sobre acontecimentos como entrevistas coletivas de imprensa, divulgações institucionais, eventos sociais e, em especial, ações policiais, em detrimento de abordagens dedicadas à problemática em questão.

No caso dos 303 textos jornalísticos coletados sobre o ecstasy, há uma forte prevalência de conteúdos como apreensão de comprimidos da droga (119 textos, representando 37,5% do total), divulgação de estudos científicos e clínicos sobre o ecstasy (42 textos, equivalente a 14%), atuação de agentes públicos como policiais e profissionais (23 textos, ou 8%) comportamentos de usuários (15 textos, ou 5% do total) e outros focos e abordagens (35,5 %).

É importante observar que, mesmo sendo o formato com maior quantitativo, as reportagens resultam, em sua maioria, de pautas relativas a fatos e repercussões que têm origem e iniciativa externas à redação do jornal, ou seja, reforçam também a noção de uma postura mais reativa do que proativa por parte do *Público* na cobertura sobre as drogas. Mas, ao mesmo tempo, até em função da natureza deste formato, as reportagens são os textos em que os tipos de conteúdo mais se diversificaram e no qual percebe-se o que Genro Filho (2012) nomeia de particularidades¹³ do conteúdos noticiosos, ou seja, quando o jornalismo tenta avançar das singularidades para as particularidades da informação.

Tomando aqui os mecanismos de autentificação assinalados por Rebelo (2000), pode-se afirmar que dos quatro tipos destacados pelo autor (redundância, histórias paralelas, delegação de saber e recuo no tempo), todos se fazem presentes, com amplo destaque para os de delegação de saber, na perspectiva, apontada anteriormente neste estudo, de uma perceptível valorização e constante presença de fontes de autoridades/oficiais.

Já a reportagem “Cinco mortes em 2001 devido ao consumo do ecstasy” apresenta um claro exemplo do mecanismo de recuo no tempo, ao relembrar que as medidas de prevenção do

¹³ Adelmo Genro Filho distingue no jornalismo a singularidade, que acaba por se fazer mais frequente no jornalismo diário, entre outros aspectos, em função de modelos textuais estruturados no lide, da particularidade, que os jornais deveriam buscar para conseguirem apresentar ao leitor o contexto dos fatos que noticiam.

ecstasy já haviam iniciado no país há dois anos, lembrando algumas das medidas daquela época.

Portugal acordou para a prevenção do “ecstasy” há dois anos. O IPDT organizou desde então três a quatro intervenções em espaços nocturnos em cada capital de distrito, com distribuição de folhetos com os perigos associados ao consumo e intervenção de mediadores juvenis. Embora não se saiba em que circunstâncias ocorreram as mortes do ano passado — se em espaços fechados (discotecas) se ao ar livre —, constata-se que é preciso intervir junto das festas, ir atrás delas. Elza Pais afirma que o próximo quadro de apoios financeiros irá ter em conta esta realidade e apoiar projectos itinerantes de prevenção e redução de danos (*Público*, 07/07/2002).

No que diz respeito ao mecanismo de autentificação de histórias paralelas, o que se observou é que este é um recurso ausente, em termos do *corpus* levantado, o que sugere a opção do *Público* em não buscar, pelo menos no período analisado e do nosso recorte de busca (notas, notícias e reportagens sobre o ecstasy entre os anos de 2001 e 2011), outras fontes que não as mencionadas como de autoridade/oficiais. Citamos como exemplo a reportagem especial, denominada “Dossier Drogas”, veiculada em 16 de setembro de 2006. A reportagem tem extensão de quatro páginas e aborda temas como drogas novas e medidas de contenção do consumo. O dossiê apresenta uma única fonte/entrevistado: o presidente do Instituto da Droga e Toxicod dependência (IDT), João Goulão.

Não há no texto outras fontes que podem ser consideradas imprescindíveis como usuários, familiares, clínicos etc. Aliás, chama a atenção que a capa do suplemento Xis, veiculado aos domingos no *Público*, traz na capa foto de página inteira com chamada para o dossiê com jovens em ambiente de festa, com a manchete “Drogas da moda: aparentemente inofensivas estão cada vez mais na moda”. Ou seja, uma reportagem construída a partir basicamente de informações prescritivas e de esclarecimento cuja fonte foi o site do próprio IDT e a entrevista com o presidente do instituto português.

Considerações finais

Tomando como objetos de observação as coberturas jornalísticas sobre diferentes tipos de drogas, pode-se afirmar que ao abordar temas e cenários como o surgimento e a expansão do crack, no Brasil, e do ecstasy, em Portugal, o jornalismo se valeu, especialmente, seguindo, claro, a própria lógica de produção da notícia, de discursos originados em outros campos de conhecimento, esses também atores sociais. Em relação à cobertura do ecstasy pelo *Público* no período analisado, não há como desconhecer que abordagem do tema deu-se de modo fragmentado e caleidoscópico, por assim dizer. Mesmo levando-se em conta que tal cobertura se deu em circunstâncias complexas como a descriminalização das drogas em Portugal a partir de 2001, o surgimento quase diário de novas drogas sintéticas, as novíssimas políticas de redução de danos adotadas pós-descriminalização, as matérias do *Público* equivocadamente adotaram tons os mais diferenciados, em função, geralmente, da abordagem e das fontes de informação. Assim, com diferença de poucos dias entre uma edição e outra, observou-se no

Público desde o anúncio preocupante e preocupado de uma “explosão” da apreensão de pastilhas do crack, para logo em seguida, o periódico alardear o anúncio, em tom quase celebrativo, do elogio do Observatório Europeu para a Droga e Toxicodependência (OEDT) à política portuguesa de controle do uso de drogas. Mais algumas semanas à frente, quase como que uma autorresposta, o jornal fecha-se em um grave alerta sobre os riscos das drogas sintéticas à saúde dos jovens. Podemos observar ainda a prevalência de textos noticiosos marcadamente ligados à divulgação de informações oficiais (governo, institutos oficiais, estatísticas policiais etc.) e praticamente nenhuma presença de outros atores ligados ao universo das drogas como usuários, familiares, operadores dos sistemas de segurança, saúde e assistência social. Uma clara opção do jornal em termos do discurso pelo qual optou por construir.

Sobre o ecstasy, pode-se afirmar, enfim, que parece existir quase que um *glamour* por parte de jovens e outros grupos que o consomem em ambientes denominados recreativos, em que se dissemina a visão de que são drogas que não causam danos à saúde do usuário. Importante considerar aqui que o crescimento do uso do ecstasy em Portugal se deu, como já referido, em meio a alterações importantes na sociedade portuguesa como a descriminalização do consumo de drogas, o surgimento de novos hábitos por parte dos adolescentes e jovens, a ampliação do leque de ofertas de drogas, que se renovam quase que diariamente, criando dificuldades até para a sua identificação pela polícia, além, inclusive, de um questionamento por parte de grupos sociais em relação à manutenção de posturas e políticas de combate às drogas.

No entanto, o acompanhamento das mencionadas coberturas revelou que diante de lacunas explicativas e da falta de clareza no que diz respeito às relações causais desses fenômenos, tais coberturas ganharam uma forte tendência a cristalização de mitos e de uma postura fetichizante. Circunstâncias e contextos que, ao seu modo, muitas vezes, acabaram por contribuir para a opacização ainda maior da visada sobre tais cenários, marcadamente complexos em seu nascedouro. Em uma palavra, os cenários complexos inaugurais. Como deve-se destacar também que se, por um lado, e também paradoxalmente, essas coberturas sobre o crack e o ecstasy apresentaram, em determinados momentos, discussões e debates que efetivamente contribuíram para iluminar o tema. Uma cobertura que faz com que as visões oferecidas pelos jornais esbocem-se, muitas vezes, em edições subsequentes, em uma sucessão pendular entre o sensacional e mítico e a descrição objetiva e pretensamente reflexiva.

Bibliografia

ALSINA, Miquel Rodrigues (2009) A construção da notícia, Petrópolis

BENETTI, Márcia (2008) Análise do discurso em jornalismo: estudo de vozes e sentidos. *In*: LAGO, Cláudia e BENETTI, Márcia (2008) Metodologia de pesquisa em jornalismo, Petrópolis, Vozes

BRUCK, Mozahir S (2013) Crack na imprensa: imaginários e modos de representação do jornalismo sobre o surgimento e a explosão da droga em Belo Horizonte (MG, Brasil). Artigo apresentado à Compós em 2013.

BRUCK, Mozahir Salomão e CARVALHO, Carlos Alberto (2012) Jornalismo: cenários e encenações, São Paulo, Intermeios, 2012.

CORREIA, J.C. (2005) A teoria da comunicação de Alfred Schutz, Lisboa, Livros Horizonte

CORREIA, João C. (2004) Comunicação e cidadania: os *media* e a fragmentação do espaço *Público* nas sociedades pluralistas, Lisboa, Livros Horizonte

CORREIA, João C. (2011) O admirável mundo das notícias, Labcom Books. Disponível em <http://www.livroslabcom.ubi.pt/book/26>

DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (2000) Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação, São Paulo, Atlas

FRANÇA, Vera Regina Veiga (2012) O acontecimento para além do acontecimento: uma ferramenta heurística. In: Oliveira, Luciana e FRANÇA. Vera Regina Veiga (2012) Acontecimento: reverberações, Belo Horizonte, Autêntica

GENRO FILHO, Adelmo (2012). O segredo da pirâmide, Florianópolis, Insular.

MEDITSCH, Eduardo (1997) O jornalismo é uma forma de conhecimento? *In: Media e Jornalismo*, Coimbra, Edições MinervaCoimbra

MEDITSCH, Eduardo (2010) Jornalismo e construção social do acontecimento. In: BENETTI, Marcia; FONSECA, Virgínia Pradelina da Silveira (2010) Jornalismo e acontecimento: mapeamentos críticos, Florianópolis, Insular

MEDITSCH. Eduardo (2012) Consentimento para matar: o contexto sociocultural como substrato do acontecimento na cobertura de guerra na imprensa norte-americana. *In: MARROCO, B. et al.(org) (2012) Jornalismo e acontecimento: diante da morte*. Florianópolis, Insular

MOUILLAUD, Maurice (2002) O jornal: da forma ao sentido, Brasília, Editora UnB

PONTE, Cristina (2004) Leituras das notícias: contributos para uma análise do discurso jornalístico, Lisboa, Livros Horizonte

QUÉRÉ, Louis (2012) A dupla vida do acontecimento: por um realismo pragmatista. *In*: FRANÇA, Vera Regina Veiga e OLIVEIRA, Luciana de (2012) Acontecimento: reverberações, Belo Horizonte, Autêntica

REBELO, José (1993) O discurso do jornal: o como e o porquê, Lisboa, Editorial Notícias

RODRIGUES, Adriano (1993) O acontecimento. *In* TRAQUINA, Nelson (org) (1993) Jornalismo: questões, teorias e histórias, Lisboa, Veja

SCHUTZ, Alfred (1976) Collected Papers, Vol. II. Studies in The Hague, Martinus Nijhoff

SCHUTZ, Alfred (2003) El problema de la realidad social, Buenos Aires, Amorrortu

SCHUTZ, Alfred and LUCKMANN, Thomas (1973) The structures of the life-world. Vol.1. Evanston, Illinois, Northwestern University Press

SOUSA, Jorge P. (2000) As notícias e seus efeitos, Coimbra, Minerva

SOUSA, Jorge.P (2002) Teorias da notícia e do jornalismo, Chapecó, Argos

TRAQUINA, Nelson (1993) Jornalismo: questões, teorias e histórias, Lisboa, Veja

TRAQUINA, Nelson (2003) O estudo do jornalismo no século XX, São Leopoldo, Editora Unisinos

TRAQUINA, Nelson (2004) Teorias do jornalismo: porque as notícias são como são, Florianópolis, Insular

WOLF, Mauro (1999) Teorias da comunicação, Lisboa, Presença

A cobertura da imprensa sobre a Cúpula do Clima de Nova York (2014): A Amazônia e o Acordo Global para redução dos desmatamentos¹⁴.

Maria Schirley Luft, Professora da Universidade Federal de Roraima
sluft@uol.com.br

Luciana Miranda Costa, Professora da Universidade Federal do Pará
lmirandaeua@hotmail.com

Resumo

Dados recentes do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE)¹⁵ apontam que os índices de desmatamento na Amazônia aumentaram nos últimos anos, em relação à década passada. Na reunião da Cúpula do Clima, realizada em Nova York, em setembro de 2014, o governo brasileiro surpreendeu chefes de estado de todo o mundo ao declarar que não assinaria o Acordo global para redução dos desmatamentos, contrariando avanços já consolidados em encontros anteriores. Este artigo pretende investigar como foram construídas algumas notícias relacionadas à cobertura jornalística do evento, considerando que os desmatamentos na Amazônia estão entre os principais pontos das negociações mundiais para a redução do aquecimento global. A pesquisa foi desenvolvida a partir de dois objetivos iniciais, interdependentes entre si: a identificação das principais fontes jornalísticas, e das falas mais relevantes do ponto de vista socioambiental; e a análise das reportagens coletadas de acordo com as prioridades e tendências que atentem para a necessidade de manutenção da “floresta em pé”.

Palavras-chave: Jornalismo, Cúpula do Clima 2014, Desmatamento, Amazônia.

Abstract

Recent data from the National Institute for Space Research (INPE) show that deforestation rates in the Amazon have increased in recent years, relative to the past decade. At the meeting of the Climate Summit held in New York, September 2014, the Brazilian government surprised heads of state from around the world to declare that he would sign the global agreement to reduce deforestation, against advances already established in previous meetings. This article intends to

¹⁴ Trabalho apresentado no II Seminário Internacional “Sociedade e Fronteiras” realizado pela Universidade Federal de Roraima (UFRR), em Boa Vista-RR, Brasil, de 11 a 14 de novembro de 2014, no GT 07 – Território, fronteira e conflitos territoriais: economia verde e grandes projetos nas amazônias.

¹⁵ Órgão vinculado ao Ministério da Ciência e Tecnologia. Entre as suas atividades estão monitorar, via satélite, o desmatamento na Amazônia, e quantificar os desmates de áreas com vegetação nativa. Os dados embasam as ações de fiscalização do governo federal, no controle e combate aos desmatamentos ilegais. Mais informações em: <http://www.inpe.br/>.

investigate how they were built some news related to media coverage of the event, considering that deforestation in the Amazon are among the main points of global negotiations to reduce global warming. The research was developed from two initials, interdependent objectives among themselves, identifying the major news sources, and the most relevant lines of social and environmental point of view; and the analysis of the stories collected in accordance with the priorities and trends that pay attention to the need to maintain the "standing forest".

Keywords: Journalism, Climate Summit 2014, Deforestation, Amazon.

Introdução

A última década foi particularmente fértil no combate aos desmatamentos e ao comércio ilegal de madeira na Amazônia. Em 2008, foram realizadas ações de fiscalização nos municípios com os índices mais elevados de desmatamento, nos estados do Mato Grosso (MT), Rondônia (RO) e Pará (PA), numa parceria entre IBAMA¹⁶, Polícia Federal e governos estaduais. A "Operação Arco de Fogo"¹⁷, desencadeada em Tailândia (Pará), em fevereiro de 2008, foi objeto da maior apreensão de madeira ilegal já registrada pelo governo federal desde a década de 70, quando os desmatamentos tomaram impulso na Amazônia com a política dos Grandes Projetos, e passaram a exercer um papel-chave na economia regional. Durante a Operação foram apreendidos mais de 23 mil metros cúbicos de madeira. Também foram destruídos mais de mil fornos de carvão, de origem vegetal, responsáveis pela produção do ferro gusa, matéria prima usada na fabricação do aço, que operavam irregularmente, sem licença ambiental (JORNAL O LIBERAL, 12/04/2008, Atualidades).

Em 2009, durante a Cúpula do Clima, realizada em Copenhague, na Dinamarca (COP-15), o governo brasileiro protagonizou um dos maiores avanços nas negociações mundiais no combate ao aquecimento global¹⁸, ao apresentar a proposta para redução dos desmatamentos na Amazônia em 80% até 2020.

A proposta brasileira foi considerada "ousada" por chefes de estado estrangeiros presentes ao evento, até mesmo pelo então presidente da República, Luis Inácio Lula da Silva. No seu discurso, Lula afirmava que:

"O Brasil, até 2020, reduzirá as emissões de gases de efeito estufa de 36,1% a 38,9% baseado em (...): *mudança no sistema da agricultura brasileira, mudança no sistema*

¹⁶ Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis.

¹⁷ A Operação "Arco de Fogo" foi criada pelo Governo Federal, em 2008, para combater a extração e o comércio ilegais de madeira na Amazônia, indicado pelo Sistema de Detecção do Desmatamento em Tempo Real (Deter) do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE), a partir de 2007. Ao todo, 16 (dezesseis) municípios foram selecionados como alvos da Operação, nos estados do Mato Grosso, Rondônia e Pará. Destes, 12 (doze) estão localizados no Estado do Pará. (LUFT, 2010: 113-115).

¹⁸ "O Aquecimento Global é um exemplo específico de fenômeno mais amplo denominado "mudança climática". O uso comum dessa expressão refere-se à elevação da temperatura média da superfície da Terra de pouco menos de 1 grau Celsius nos últimos cem anos. Há inúmeras indicações que esse aumento seja devido às atividades humanas, principalmente aquelas que envolvem a queima do petróleo e do carvão, emitindo gases conhecidos como de efeito estufa. No entanto, o sistema climático é muito complexo, podendo haver outras causas para as variações de temperaturas observadas, de modo que a relação direta de causa e efeito entre o aumento do teor dos gases de efeito estufa na atmosfera no século XX e o aumento da temperatura nesse mesmo período continua sendo objeto de estudo e debate entre os cientistas" (OLIVEIRA, 2009: 17).

siderúrgico brasileiro, mudança e aprimoramento da nossa matriz energética, que já é uma das mais limpas do mundo, e assumimos o compromisso de reduzir o desmatamento na Amazônia, em 80%, até 2020” (O ESTADO DE SÃO PAULO-AE, 18/12/2009). Grifo nosso.

“Fizemos isso construindo uma engenharia econômica que obrigará um país em desenvolvimento, com muitas dificuldades econômicas, a gastar até 2020 US\$ 166 bilhões por ano. (...) foi necessário tomar essas medidas para *mostrar ao mundo que, com meias palavras, e com barganhas, a gente não encontraria uma solução* nesta Conferência de Copenhague”. Grifo nosso (O ESTADO DE SÃO PAULO-AE, 18/12/2009)¹⁹.

As metas apresentadas pelo presidente Lula durante a COP-15, de reduzir drasticamente os desmatamentos na Amazônia, até 2020, através de restrições e inovações nos setores agropecuário, siderúrgico e energético são resultado de um esforço conjunto do governo brasileiro, com entidades representativas e a sociedade civil, que teve início na década de 90, com a realização da Conferência para o Meio Ambiente do Rio de Janeiro, a Rio-92²⁰. A Agenda Positiva da Amazônia²¹ elaborada pela Câmara Federal, em 2001, e a realização da Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável - Rio+20, em junho de 2012, também contribuíram para colocar o Brasil na posição de liderança dos debates mundiais em defesa do meio ambiente.

A Agenda Positiva da Amazônia daria o tom de como deveria ocorrer o processo de contenção dos desmatamentos, tendo em conta a participação da indústria madeireira na economia regional e na geração de empregos. O documento prevê alternativas sustentáveis para a região, por meio de políticas públicas nas esferas federal e estadual, com prioridade para o Zoneamento Ecológico Econômico (ZEEs) dos estados que compõem a Amazônia Legal²², seguidos de projetos de reflorestamento das áreas já degradadas.

Apesar dos esforços do governo brasileiro no sentido de imprimir uma política ambiental avançada, nas últimas duas décadas, dados recentes do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE) apontam que os índices de desmatamentos na Amazônia aumentaram significativamente nos últimos três anos, especialmente em 2013. De acordo com a Agência Reuters Brasil o governo brasileiro confirmou o aumento do desmatamento da Amazônia no último ano, registrando uma alta de 29 por cento e revertendo os ganhos desde o ano de 2009 (Pedro Belo, 23/09/2014).

¹⁹ Trechos do discurso proferido pelo presidente Luis Inácio Lula da Silva, na COP-15 (Conferência das Partes da Convenção das Nações Unidas sobre Mudança do Clima), realizada em dezembro de 2009, em Copenhague, Dinamarca. Disponível em: <http://sustentabilidade.estadao.com.br/noticias/geral,leia-na-integra-o-discurso-de-lula-na-cop-15,484275>.

²⁰ A Agenda 21 é o documento oficial da Rio-92. A Agenda 21 brasileira prioriza os programas e “ações de inclusão social. (...) a preservação dos recursos naturais e minerais e a ética política para o planejamento rumo ao desenvolvimento sustentável”. Todavia, o ponto-chave dessas ações é o planejamento de sistemas de produção e consumo sustentáveis que visem combater a cultura do desperdício (LUFT, 2010).

²¹ A Agenda Positiva para a Amazônia resultou de um “processo de negociação entre governo, setor produtivo e sociedade civil”, segmentos sociais, direta e indiretamente envolvidos com os desmatamentos na Amazônia, que teve início em 1999, como resposta às altas taxas de desmatamento registradas na Amazônia (CÂMARA FEDERAL, 2001: 11).

²² Os nove estados que formam a Amazônia Legal são: Acre, Amapá, Amazonas, Maranhão, Mato Grosso, Pará, Rondônia, Roraima e Tocantins.

Confirmando a tendência, o boletim divulgado pela ONG Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia (Imazon), com sede em Belém-Pará, relativo ao mês de setembro de 2014, registrou um aumento de 290% dos desmatamentos da Amazônia Legal em relação a setembro de 2013.

O SAD²³ detectou 402 quilômetros quadrados de desmatamento na Amazônia Legal em setembro de 2014. Isso representou um aumento de 290% em relação a setembro de 2013 quando o desmatamento somou 103 quilômetros quadrados. Foi possível monitorar 93% da área florestal na Amazônia Legal enquanto que em setembro de 2013 o monitoramento cobriu uma área menor (79%) do território (...). As florestas degradadas na Amazônia Legal somaram 624 quilômetros quadrados em setembro de 2014²⁴.

Cúpula do Clima 2014 e o Brasil

Na Cúpula do Clima 2014, o governo brasileiro surpreendeu o mundo ao declarar que não assinaria o Acordo para redução dos desmatamentos até 2020, com meta de desmatamento zero em 2030, contrariando a sua condição de protagonista nas negociações mundiais.

A postura do Brasil em Nova York gerou repercussões diversas entre pesquisadores, políticos e ambientalistas ao redor do mundo, principalmente no Brasil. Entre os críticos estava a ex-ministra do Meio Ambiente (nos anos 2003-2006), e candidata à Presidência da República pelo PSB (Partido Socialista Brasileiro) nas eleições de 2014, Marina Silva ("políticas erráticas", "grande retrocesso").

Título: Marina critica não adesão do Brasil a acordo sobre desmatamento na ONU

Quando o governo, por políticas erráticas, retrocede em relação a processos que vem sendo encaminhados há muito tempo para que se tenha uma agenda de desmatamento zero, isso é um grande "retrocesso" (REUTERS BRASIL, Pedro Belo, 23/09/2014).

A não assinatura do Acordo Global representou uma mudança substantiva no papel que o Brasil vinha desempenhando até então, nas conferências mundiais, em defesa da biodiversidade e da preservação das florestas. Os altos índices de desmatamentos no país e a emissão de gases causadores do efeito estufa²⁵ também geraram repercussões negativas na imprensa durante a Conferência.

Mas o Brasil, segundo site do jornal Folha de S.Paulo, não aderiu à Declaração de Nova York sobre Florestas, arranjo firmado na conferência desta terça-feira que tem como objetivo diminuir o desmatamento no mundo pela metade até 2020 e encerrá-lo por completo até 2030 (REUTERS BRASIL, Pedro Belo, 23/09/2014).

²³ Sistema de Alertas de Desmatamento.

²⁴ Mais informações em: <http://www.imazon.org.br/publicacoes/>.

²⁵ Em 2013, o Brasil emitiu cerca de 1,5 milhão de toneladas de dióxido de carbono, o que representa um aumento de 7,8% em relação a 2012 e o maior volume registrado desde 2008. O setor de mudança de uso do solo corresponde a 35% do total das emissões. O setor de energia responde por 30% das emissões totais, seguido pelo setor agropecuário (27%), o industrial (6%) e o setor de resíduos (3%). Os números são do Sistema de Estimativa de Emissões de Gases de efeito estufa (SEEG), iniciativa do Observatório do Clima (AGÊNCIA BRASIL, 15/12/2014).

O editorial da Folha de São Paulo ("Floresta derrubada") assinalou que a pergunta a se fazer "não é por que o governo não assinou a Declaração de Nova York sobre Florestas, mas por que não liderou o processo (...) de negociação". E acrescenta:

Ainda que alguma impropriedade formal possa ter sido cometida pelos organizadores, o Brasil jamais deveria ficar à margem de um processo no qual sua liderança deveria soar natural, dada a extensão das suas florestas. (...). Se era possível conciliar interesses, fica difícil entender o que o Brasil ganha ao não assinar o documento. Sabe-se, porém, o que perde: a chance de conquistar projeção internacional em uma área na qual tem muito a dizer (FOLHA DE S. PAULO, Editoriais, 25/09/2014).

A expectativa em torno da Cúpula de Nova York era de otimismo e, ao mesmo tempo de apreensão entre os chefes de estado e jornalistas, sobretudo, em virtude das dificuldades e impedimentos para se chegar a um consenso, acerca de um tema com múltiplos interesses em jogo. O foco das atenções girava em torno das decisões que seriam tomadas pelos líderes mundiais na emissão de gás carbônico (CO₂) na atmosfera, Estados Unidos e China. Juntos, estes países representam "45% das emissões mundiais de CO₂²⁶, a União Europeia representa 11%". O analista de meio ambiente da BBC, Roger Harrabin, afirma que, "apesar da mobilização, ainda pode ser difícil conseguir um acordo entre os países sobre o clima" (BBC BRASIL, 21/09/2014).

O evento terminou com o compromisso assumido por 150 países e organizações, entre os quais 28 Estados-Membros, 35 empresas, 16 grupos indígenas e 45 grupos da sociedade civil, de reduzir o desmatamento pela metade, até 2020, além do propósito de zerá-lo até 2030. Segundo o Ministério das Relações Exteriores (Itamaraty), o governo brasileiro não assinou o acordo porque não foi convidado a participar da sua elaboração (AGÊNCIA BRASIL, 23/09/2014).

O jornal Folha de São Paulo destaca que as restrições do governo brasileiro ao Acordo decorrem da ausência de distinção, no texto, entre desmatamento "ilegal" e "legal", já que a legislação brasileira permite o manejo na extração da madeira.

Como no Brasil se permite manejo sustentável de florestas para extração de madeira e derrubada de áreas para a agricultura, o país não poderia aderir ao desmatamento zero. Isso implicaria, na visão do governo, impedir derrubadas que hoje são legais. (FOLHA DE S. PAULO, Marcelo Leite, 24/09/2014).

Além do objetivo de zerar o desmatamento, o documento estabelece outras metas para combater o aquecimento global, como a redução das emissões de gás carbônico de 400 milhões a 450 milhões de toneladas por ano, nos próximos seis anos, ou dois bilhões de toneladas no total, também até 2020.

²⁶ No dia 12/11/2014, os presidentes [Barack Obama](#), dos [Estados Unidos](#), e Xi Jinping, da China, assinaram um acordo para o combate ao aquecimento global, que inclui redução da emissão de gases do efeito estufa na atmosfera. Os EUA pretendem reduzir as emissões de gases, em 28% em até 11 anos. A China se propôs a reduzir a poluição a partir de 2030. Até lá, 20% será energia limpa (PORTAL G1, 12/11/2014).

A expectativa inicial da Cúpula do Clima de Nova York era que todos os 125 países participantes chegassem a um consenso sobre a necessidade de estabelecer metas para redução da emissão de gases causadores do efeito estufa, e assinassem o Acordo global proposto. Contudo, isso não aconteceu. Apesar das manifestações de rua que se espalharam por mais de 160 países antes da reunião e do engajamento do próprio Secretário-Geral da ONU, e do Brasil, inclusive, que já tinha assumido compromissos anteriormente no que se refere à redução das taxas de desmatamento, recuou.

Manifestações exigindo providências urgentes contra as mudanças climáticas acontecem hoje em todo o mundo - há relatos de protestos em mais de 2 mil lugares.

Chamadas de People's Climate March (Caminhada pelo Clima, no Brasil) pedem a diminuição de emissões de carbono antes do início da conferência do clima da ONU, que acontece em Nova York na próxima semana.

Em Manhattan, dezenas de milhares de pessoas estão em uma manifestação que tem a presença do próprio secretário-geral da ONU, Ban Ki-moon, e do astro de cinema Leonardo DiCaprio, que foi nomeado representante de mudança climática da ONU na semana passada. (BBC Brasil, 21/09/2014).

Cerca de quatro mil pessoas participaram da Caminhada pelo Clima, apesar da chuva, no Rio de Janeiro. O principal objetivo era "pressionar autoridades a adotarem fontes de energia não poluentes até 2050. No Brasil, esse número chega a 80%. Então, 100% é algo viável", disse Michael Mohallem, diretor da campanha da ONG Avaaz, organizadora do evento (FOLHA DE S. PAULO, 21/09/2014).

Na Austrália, cerca de 20 mil pessoas compareceram às ruas em Melbourne para cobrar do primeiro-ministro, Tony Abbott, mais ações em relação às mudanças climáticas, dado o temor dos períodos severos de seca, incêndios florestais e tempestades, caso as emissões de gases estufa não sejam reduzidas. A ideia dos ativistas era transformar as mudanças climáticas "de preocupação ambiental a assunto de todos" (BBC Brasil, 21/09/2014).

Indicadores teórico-metodológicos

Como já mencionado, este artigo tem por objetivo investigar como foram construídas algumas matérias jornalísticas sobre a Cúpula do Clima de Nova York 2014, diante da negativa do Brasil de assinar o acordo para redução dos desmatamentos até 2020, com meta de desmatamento zero até 2030. A pesquisa se desenvolveu a partir de dois objetivos: 1ª) Identificar as principais fontes e as falas mais relevantes do ponto de vista socioambiental; em outras palavras, como a imprensa operou no processo de enquadramento das fontes e das falas, mediante um tema com essa abrangência e profundidade (mudanças climáticas); e 2ª) analisar o material de acordo com as prioridades e tendências que apontem para a necessidade de preservar as florestas, como prerrogativa para o controle do aquecimento global.

A escolha do objeto – o estudo da cobertura da Cúpula do Clima de Nova York se baseou em premissas que fundamentam as práticas do jornalismo ambiental no âmbito da teoria do agendamento. Pelo menos duas: 1ª) Que existe uma “relação causal entre a cobertura do ambiente e mudanças nas correntes de opinião”. Em termos mais específicos, que a agenda midiática influencia a agenda pública e a política, e a agenda política influencia a agenda midiática, num processo de retroalimentação permanente entre emissor e receptor. 2ª) Que a mídia é o principal modelador de conscientização ambiental e da inserção dos temas ambientais nas agendas públicas e políticas, podendo condicionar os setores políticos (governos) na busca de soluções para minimizar os problemas e impactos ambientais (Sousa, 2008, p. 68 e 73).

A coleta dos materiais foi feita de forma aleatória em veículos online, por meio do *site* de busca Google (www.google.com). Os critérios empregados na seleção dos meios jornalísticos foram: 1) credibilidade e abrangência; 2) tradição (permanência no mercado, e/ou o elevado número de leitores/assinantes/acessos).

No total, foram selecionadas onze notícias, em seis veículos (dois estrangeiros e quatro brasileiros) sendo: duas notícias da BBC-Brasil (dias 21 e 28/09/2014); uma da Reuters Brasil de 23/09/2014; duas da Agência Brasil (dias 23/09/2014 e 15/12/2014); duas do Portal G1 de 23/09/2014 e 12/11/2014; três do jornal Folha de São Paulo (dias 21, 24 e 26/09/2014); uma do jornal O Estado de São Paulo (s/d).

Há de se considerar a fertilidade dos materiais analisados haja vista a larga tradição das empresas selecionadas no mercado jornalístico. Pelo menos quatro possuem quase um século de existência ou mais, e uma trajetória marcada por avanços editoriais e tecnológicos e com projeção internacional.

A Reuters²⁷ tem 163 anos. Foi fundada em 1851, em Londres. É a maior agência internacional de notícias e multimídia do mundo. A BBC²⁸ (British Broadcasting Corporation) tem 92 anos. Foi fundada em 1922, em Londres. A Folha de São Paulo²⁹ tem 93 anos. Foi fundada em 1921, em São Paulo-SP. É o segundo maior jornal do Brasil em circulação. Está sediado à Alameda Barão de Limeira, 425, Bairro Campos Elíseos, São Paulo, SP. O jornal Estado de São Paulo³⁰ tem 140 anos. Foi fundado no dia 4 de janeiro de 1875 ainda durante o império. É o jornal mais antigo em circulação em São Paulo, e o quarto no País. O Portal G1 tem oito anos. Foi criado em 2006 com o objetivo de produzir e difundir notícias das empresas pertencentes às Organizações Globo: dois canais de TV; duas rádios; dois jornais; duas revistas, entre outras. O Grupo iniciou sua trajetória em julho de 1911 com a criação do jornal A Noite no Rio de Janeiro-RJ. A

²⁷ Mais informações sobre a história da Reuters em:

<http://www.infoamerica.org/agencias/reuters.htm>

<http://www.comuniqueiros.com.br/beta/wp-content/uploads/2012/06/Agencia-de-Noticias-Reuters-ppt.pdf>. Acesso no dia 24/01/2015.

²⁸ Mais informações sobre a história da BBC em: http://pt.wikipedia.org/wiki/British_Broadcasting_Corporation. Acesso no dia 24/01/2015.

²⁹ Mais informações sobre a história da Folha de São Paulo em:

http://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/historia_folha.htm. Acesso no dia 24/01/2015.

³⁰ Mais informações sobre a história do jornal Estado de São Paulo em:

http://acervo.estadao.com.br/historia-do-grupo/decada_1870.shtm. Acesso no dia 24/01/2015.

Agência Brasil é uma empresa de notícias vinculada à EBC (Empresa Brasil de Comunicação) criada em outubro de 2007 para gerir as emissoras de rádio e televisão públicas federais. O acesso ao site se dá através do endereço: <http://www.agenciabrasil.ebc.com.br/>.

A análise dos materiais baseou-se, principalmente, em Herscowitz (2008). A autora discorre sobre a fertilidade dos estudos da notícia do ponto de vista das fontes e das falas, e como esses procedimentos podem tornar mais produtiva, a análise de conteúdo, quando acionados conjuntamente.

(...) a análise de conteúdos, revela-se como um método de grande utilidade na pesquisa jornalística. Pode ser utilizada para detectar tendências e modelos na análise de critérios de noticiabilidade, enquadramentos e agendamentos. (...) Serve também para descrever e classificar – produtos, gêneros e formatos jornalísticos, para avaliar características da produção de indivíduos, grupos e organizações, para identificar elementos típicos, exemplos representativos e discrepâncias (...) (p. 123).

Luft (2010) explorou a funcionalidade e as possibilidades de cruzamentos desse modelo metodológico, no estudo sobre a cobertura dos desmatamentos no jornal O Liberal do Pará-PA, em 2008. A pesquisa avaliou a produção de notícias a partir das fontes e das falas mais significativas, face às novas demandas socioambientais e tecnológicas em que pese a globalização dos acontecimentos. De modo mais específico, o estudo buscou compreender questões como: o que são fontes hoje? Como se estruturam? Qual o papel que estas desempenham no processo noticioso em meio ambiente? Quais os fenômenos decorrentes do processo?

As fontes e as falas relativas à Cúpula de Nova York foram escolhidas de acordo com a sua fertilidade/representatividade; e credibilidade individual e/ou das instituições às quais pertencem, com olhar especial para aquelas que compartilham uma visão sistêmica e de longo prazo quanto ao uso racional dos recursos naturais, e que demonstraram maior comprometimento com a preservação ambiental.

Sousa (2005) sugere que se acrescente o item “representatividade”³¹, aos critérios de seleção das fontes jornalísticas, fator este, relacionado ao número de pessoas que uma fonte legitimamente representa.

Uma fonte que só se representa a si mesma poderá não ser tão boa quanto uma fonte que representa várias pessoas [...]. De qualquer maneira, o princípio é o de que quanto mais pessoas uma fonte representar maior acesso deve ter aos órgãos de informação. No caso de uma campanha cívica, por exemplo, todos os líderes “são representativos” (p. 55).

Chaparro (2001) assinala a fertilidade dos movimentos sociais no mundo globalizado como “produtores” de acontecimentos de grande alcance e repercussão, e com alto grau de

³¹ Segundo o autor “as fontes humanas devem ser escolhidas pela sua qualificação para falar sobre algum assunto, pela sua competência e credibilidade, pela oportunidade e pertinência do contacto e, obviamente, pela sua disponibilidade para falarem com os jornalistas” (SOUSA, 2005, p. 49).

complexidade (interesses contraditórios e confronto de opiniões) principalmente nas notícias provenientes de denúncias. Essa percepção contribuiu para elevar o jornalismo ao status de “linguagem dos conflitos” ou “linguagem do presente”, uma referência à teoria da complexidade do filósofo francês Edgar Morin. O projeto “Revolução das fontes” resultou de pesquisas desenvolvidas junto ao Movimento dos sem terra (MST) - no auge do seu processo de legitimação midiática, às assessorias de imprensa, de empresas públicas e privadas, e com outras entidades representativas, a partir dos anos 90.

Em contrapartida, Costa (2009) atenta para as deficiências da imprensa brasileira na cobertura das mudanças climáticas.

O que vem sendo observado nos últimos anos é que a cobertura feita pela mídia não é satisfatória no que tange à explicitação das causas e consequências das mudanças climáticas, sendo, portanto, insuficiente para promover um real entendimento sobre o tema (COSTA, 2009).

As fontes e as falas

A partir do instrumental teórico apresentado buscou-se realizar um mapeamento das principais fontes e falas selecionadas pelos veículos avaliados, na construção das notícias. Entre os textos analisados, as instituições mais citadas foram: Organização das Nações Unidas (ONU), Ministério do Meio Ambiente do Brasil (MMA), Presidência dos Estados Unidos, ONG Hutukara e Survival International. Entre os agentes mais citados estavam políticos e ambientalistas, com destaque para: Ban Ki-moon (Secretário-Geral da ONU), [Barack Obama \(Presidente dos USA\)](#), Segolene Royal (Ministra francesa da Ecologia), Gro Brundtland (*Ex-primeira ministra* norueguesa, Diretora-geral da Organização Mundial da Saúde e Presidente da Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento da ONU), Al Gore (Ex-vice-presidente dos USA), Leonardo DiCaprio (ator), Jane Goodall (primatologista), Dilma Rousseff (Presidente do Brasil), João Pedro Eboli (estudante) e Davi Yanomami (líder indígena).

Os textos analisados também citaram agentes sociais de forma genérica como: ativistas, políticos, executivos, ambientalistas, celebridades, líderes mundiais e autoridades.

A conferência começou cedo e foi aberta pelo secretário-geral da ONU Ban Ki-moon. Ele convidou o galã de Hollywood [Leonardo DiCaprio](#) para discursar na conferência. DiCaprio pediu ações urgentes para combater o aquecimento global e disse para o plenário da ONU que a mudança climática não pode ser tratada como ficção (PORTAL G1, 23/09/2014).

Foi possível concluir que os discursos desses agentes convergiram para uma preocupação com a manutenção da “floresta em pé”, principal indagação desse estudo (“quando a gente destrói uma floresta...”, “Dalai Lama da Floresta Tropical”) e para a necessidade de ações políticas consensuais para frear o desmatamento (“...não querem saber de proteger a natureza”, “... não temos ‘Planeta B’”). Argumentos também recorrentes, de modo geral, no discurso de representantes de organizações não governamentais ambientalistas.

"A gente mora na Terra, é a nossa única casa, então acho que, no mínimo, a gente devia ter um pouco de cuidado para poder viver bem, porque quando a gente destrói uma floresta, a gente vai (...) se destruindo também". (João Pedro Eboli, estudante brasileiro, que ganhou o prêmio de uma ONG internacional com um vídeo sobre aquecimento global). (PORTAL G1, 23/09/2014).

Há mais de 30 anos, Davi (Yanomami) viaja pelo mundo em defesa do seu povo. Recebeu o apelido de "Dalai Lama da Floresta Tropical" e foi chave para o reconhecimento oficial da área yanomami na Amazônia em 1992, depois de quase dez anos de luta. O território é duas vezes maior que a Suíça (BBC-Brasil Londres, 28/09/2014).

"Este é o planeta onde as próximas gerações vão viver. Não existe plano B, porque não temos o 'Planeta B'", disse Ban Ki-moon a jornalistas (BBC-Brasil, 21/09/2014).

"Os políticos nacionais não querem saber de proteger a natureza. Eles querem usar o subsolo. Tem o político pequeno, fraco, que não tem dinheiro. Esses querem proteger. Os grandes não" (David Yanomami em entrevista à BBC-Brasil Londres, 28/09/2014).

O tom geral das notícias, portanto, foi de apreensão em relação aos resultados da Cúpula ("... conseguir algo novo em meio ao 'culpe seu vizinho'"), o que pode ser percebido na escolha das fontes de informação e das frases selecionadas pelos veículos analisados para construir a narrativa jornalística pró-meio ambiente ("... assunto chave para nosso futuro comum", "permita um desenvolvimento sustentável", "... de ações para lidar com o problema").

Ele disse que iria "dar os braços àqueles protestando por ações contra a mudança climática" para mostrar que a ONU está "com eles do lado certo deste assunto chave para nosso futuro comum" (BBC-Brasil, 21/09/2014).

Ban Ki-moon espera conseguir algo novo em meio ao 'culpe seu vizinho' comum nas conferências climáticas, disse Roger Harrabin, analista de meio ambiente da BBC (BBC-Brasil, 21/09/2014).

A presidente [Dilma Rousseff](#) também discursou pela manhã. Ela disse que o Brasil espera um acordo climático global que permita um desenvolvimento sustentável. (PORTAL G1, 23/09/2014).

"Desta vez, ele convidou os líderes mundiais a fazerem sugestões públicas de ações para lidar com o problema. Certamente alguns países menores farão novas contribuições, mas os grandes jogadores continuarão a partida de pôquer, segurando as cartas até avaliarem o que está na mesa." (BBC-Brasil, 21/09/2014).

Conclusão

A cobertura sobre a Cúpula do Clima de Nova York trouxe à tona questões relevantes a respeito das fontes e das falas mais representativas, presentes no noticiário. Com especial atenção para o recuo do Brasil nas negociações mundiais visando à redução dos desmatamentos, e a necessidade de preservação das florestas. Nesse sentido, destaca-se a fala emblemática do líder indígena David Yanomami, em entrevista à BBC-Brasil Londres (28/09/2014): "Político é como cobra grande: quer engolir todo mundo" [...].

No que se refere às repercussões diante da decisão do governo brasileiro de não assinar o Acordo e de não conduzir as negociações mundiais no combate aos desmatamentos, a crítica mais contundente veio do setor político, por meio da então candidata à Presidência da República

pelo PSB (Partido Socialista Brasileiro), nas eleições 2014, Marina Silva, na reportagem da BBC. Para ela, a decisão do Brasil de se manter à margem das negociações, representa um “retrocesso”, consequência das incompatibilidades entre a execução das políticas públicas federais para o setor, e as atuais demandas.

Dentre o total dos materiais analisados, entende-se que a crítica mais significativa veio da Folha de São Paulo. No editorial de 26/09/2014, o jornal questionou “por que” o Brasil não assumiu a liderança das negociações durante a Cúpula, já que detém o maior índice de florestas tropicais mundiais, com cerca de 3 milhões de km².

A análise também comprovou avanços na cobertura, com a inclusão de agentes até bem pouco tempo ignorados da produção noticiosa. Há menos de uma década, vários fatores impediam o acesso dos movimentos sociais à grande imprensa. Na cobertura da Cúpula do Clima 2014 ocorreu um fenômeno contrário. Constatou-se que os manifestos de rua não só obtiveram um espaço significativo na agenda jornalística, como também contaram com o apoio e adesão de dirigentes mundiais, como foi o caso do secretário Geral das Nações Unidas (ONU), Ban Ki-Moon, que participou ativamente da Marcha dos Povos pelo Clima de Nova York. Esse fato foi destaque na imprensa estrangeira e brasileira. “Não existe plano B, porque não temos o ‘Planeta B’” declarou Ban Ki-Moon a jornalistas (BBC-Brasil, 21/09/2014).

Embora o objetivo desse artigo seja tão somente trazer ao debate o recuo do Brasil diante do Acordo e suas implicações, entende-se que a análise evidenciou questões importantes à luz da teoria do agendamento. Notou-se que a variedade de meios selecionados (seis) viabilizaram uma melhor compreensão das agendas de setores envolvidos com as mudanças climáticas, em especial com os desmatamentos na Amazônia. A agenda política (representada pela presidente Dilma Rousseff, ex-ministra Marina Silva, secretário da ONU Ban Ki-Moon, e outros); a agenda pública (mediada pelas Organizações Não governamentais, o líder indígena Davi Yanomami), e também, dos temas mais relevantes para a construção da agenda midiática.

Bibliografia

AGENDA POSITIVA DA AMAZÔNIA. Brasília: Câmara dos Deputados, Comissão da Amazônia e de Desenvolvimento Regional, Centro de Documentação e Informação, 2001.

CHAPARRO, Manuel Carlos (2001). Linguagem dos conflitos. Coimbra: Minerva.

COSTA, Luciana Miranda (2009). Meio Ambiente é Pauta! Análise Discursiva da Cobertura da Imprensa sobre Desmatamento e Queimadas na Amazônia no período 2002-2006. IN: Mídia e Ambiente: estudos e ensaios. Thales Novaes de Andrade e Antonio Ribeiro de Almeida Jr. (Orgs.). São Paulo: Hucitec, p. 182-224.

FONSECA, A., SOUZA Jr., C., & VERÍSSIMO, A. 2014. Boletim do desmatamento da Amazônia Legal (setembro de 2014) SAD, Belém: Imazon, p. 10.

HERSCOVITZ, Heloiza Golbspan (2008). Análise de conteúdo em jornalismo. IN: LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia. (Orgs.) Metodologia de Pesquisa em Jornalismo. Petrópolis, RJ: Vozes, p. 123-142.

LUFT, M. S. (2010). Jornalismo ambiental na Amazônia: as fontes de informação na cobertura dos desmatamentos no jornal O Liberal do Pará. Tese de doutoramento, PPGCOM/Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo-RS.

LUFT, M. S. (2005). Jornalismo, meio ambiente e Amazônia: os desmatamentos nos jornais O Liberal do Pará e A Crítica do Amazonas. São Paulo: Annablume.

OLIVEIRA, F. (2009). A gestão ambiental e a medicina veterinária. Rio de Janeiro-RJ.

SOUSA, Jorge Pedro. Elementos de jornalismo impresso. Florianópolis: Letras Contemporâneas – Oficina Editorial Ltda., 2005.

SOUSA, Jorge Pedro. A teoria do agendamento e as responsabilidades do jornalismo ambiental: uma perspectiva ibérica. IN: MELO, José Marques de. (Org.). Mídia, Ecologia e Sociedade. São Paulo, INTERCOM, 2008.

Corpus de Análise

AGÊNCIA BRASIL. Cúpula do Clima termina com compromissos, mas Brasil não assina carta. (Helena Martins. 23/09/2014). Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2014-09/cupula-do-clima-termina-com-compromissos-mas-brasil-nao-assina-carta>. Acesso em 13/10/2014. Acesso no dia 28/09/2014.

AGÊNCIA BRASIL. COP-20: Energia e agropecuária são setores-chave para Brasil reduzir emissões. 15/12/2014. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2014-12/cop-20-energia-e-agropecuaria-sao-setores-chave-para-brasil-reduzir-poluicao>. Acesso no dia 15/12/2014.

BBC –BRASIL. Manifestações pelo clima se espalham pelo mundo. 21/09/2014. Disponível em: http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2014/09/140921_manifestacoes_clima_cc. Acesso em 28/09/2014.

BBC-BRASIL LONDRES. 'Político é como cobra grande: quer engolir todo mundo', diz líder yanomami. Hugo Bachea. 28/09/2014. Disponível em:

http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2014/09/140924_yanomami_entrevista_hb?ocid=socialflow_facebook. Acesso em 28/09/2014.

JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO (Ciência). Mau tempo esvazia a Caminhada pelo Clima, no Rio. 21/09/2014. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/ciencia/2014/09/1519622-mau-tempo-esvazia-caminhada-pelo-clima-no-rio.shtml>. Acesso em 28/09/2014

JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO. Brasil fica fora de acordo para zerar desmatamento até 2030. 24/09/2014. Disponível em:

<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cienciasaude/187154-brasil-fica-fora-de-acordo-para-zerar-desmatamento-ate-2030.shtml>. Acesso no dia 28/09/2014.

JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO. Floresta derrubada. Editorial, 26/09/2014. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/187373-floresta-derrubada.shtml> Acesso em 13/10/2014.

JORNAL O ESTADO DE SÃO PAULO (AE). Leia na íntegra o discurso de Lula na COP-15. (s/d). Disponível em: <http://sustentabilidade.estadao.com.br/noticias/geral,leia-na-integra-o-discurso-de-lula-na-cop-15,484275> Acesso no dia 13/10/2014.

PORTAL G1. Jovem brasileiro participa da abertura de conferência sobre clima nos EUA. 23/09/2014. Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2014/09/jovem-brasileiro-participa-da-abertura-de-conferencia-sobre-clima-nos-eua.html>. Acesso em 28/09/2014.

PORTAL G1. EUA e China anunciam acordo para reduzir emissão de gases poluentes. 12/11/2014. Disponível em: <http://g1.globo.com/natureza/noticia/2014/11/eua-e-china-anunciam-acordo-para-reduzir-emissao-de-gases-poluentes.html>. Acesso no dia 12/11/2014

REUTERS BRASIL. Marina critica não adesão do Brasil a acordo sobre desmatamento na ONU. Pedro Belo, 23/09/2014. Disponível em: <http://br.reuters.com/article/topNews/idBRKCN0HI2LN20140923?pageNumber=2&virtualBrandChannel=0&sp=true>. Acesso em 28/09/2014.

A expansão do info-entretenimento nos media portugueses em tempo de eleições³²

Lúcia Freitas Moreira, Universidade de Aveiro

Immoreira@ua.pt

Pedro Jerónimo, Universidade Lusíada de Lisboa e Instituto Superior Miguel Torga

pedrojeronimo.phd@gmail.com

Margarida Botelho, Faculdade de Letras da Universidade do Porto

amarbosi@yahoo.co.uk

Resumo

O presente artigo pretende apresentar uma breve reflexão sobre o impacto do info-entretenimento nos media portugueses em tempo de eleições. O âmbito de análise reside na consulta de dois jornais diários ("Correio da Manhã" e "Público"), durante três dias (dia das eleições, anterior e seguinte) e referentes a dois períodos eleitorais (Legislativas de 1999 e 2009).

Pretende-se identificar o impacto da expansão do info-entretenimento na esfera pública dos media portugueses, decorrente da convergência tecnológica, de propriedade e controlo dos media e da globalização das operações mediáticas.

Será apresentada uma reflexão final sobre possíveis implicações dos resultados no contexto da democracia portuguesa, num âmbito de mudança de paradigma comunicacional.

Palavras-chave: Info-entretenimento, convergência tecnológica e de conteúdos, regulação, informação.

Abstract: This article aims to present a brief reflection on the impact of infotainment in the Portuguese media in election time. The scope of analysis lies in two daily newspapers query ("Correio da Manhã" and "Público"), for three days (election day, previous and next) and referring to two election periods (Legislativas 1999 and 2009).

The aim is to identify the impact of infotainment expansion in the public sphere of the Portuguese media, due to technological convergence, ownership and control of the media and the globalization of media events.

A final reflection on the possible implications of the results in the context of Portuguese democracy will be presented in a context of change of communication paradigm.

³² Trabalho desenvolvido no âmbito do Doutoramento em Informação e Comunicação em Plataformas Digitais, no ano letivo 2009/10, e nunca antes publicado em qualquer revista ou evento científico.

Keywords: Infotainment, technological convergence, content convergence, regulation, information.

Introdução

A globalização tem vindo a operar um conjunto de mudanças em várias áreas da dinâmica do ser humano, designadamente ao nível sociológico, económico, comportamental e também do ponto de vista da dinâmica do exercício do poder político.

Numa época em que o “capital intelectual” se assume como uma das principais vantagens competitivas das organizações, surgem novos modelos de negócio associados à permanente necessidade de acesso e atualização de informação (Carneiro, 2000).³³

Historicamente a comunicação e informação consistem nas principais fontes de construção de poder e do perfil de uma sociedade. A principal razão que nos conduz a esta conclusão reside no facto de a sociedade ser fortemente determinada pela forma como as pessoas pensam. A ponte entre a esfera privada e a esfera pública é mediada tipicamente pela comunicação social, pelos media, que encerram em si uma panóplia de processos de comunicação baseados em paradigmas que estão em permanente mudança. Castells (2000), por exemplo, afirma que os Movimentos Sociais “representam os verdadeiros produtores e distribuidores de códigos culturais”.

Os processos de convergência tecnológica desencadearam um conjunto de transformações sociais associadas à difusão da informação e comunicação. Este fenómeno decorre em paralelo com a crescente necessidade de entretenimento que se faz sentir na sociedade e que de acordo com Gabler (1999 cit. Silva, 2008), se traduz no surgimento de uma nova noção de realidade, onde o conceito de vida e filme se misturam para originar o designado *info-entretenimento*, ou, secundando Kalb (1998, cit. Silva, 2008), as “novas notícias”, desencadeadas pela competitividade que emerge na esfera das organizações e que do ponto de vista tipológico outros estudos classificam como: notícias centradas no mercado; *soft news* e *infotainment*. Na procura de definir estas expressões, verifica-se que ambas têm aceções mutantes, ao longo do tempo, nem sempre claras e, por vezes, antagónicas. Procurar-se-á reduzir a informação à que nos parece mais consensual e relacionada com o nosso entendimento do produto jornalístico do nosso foco. Neste sentido, tomemos como ponto de partida o entendimento de Patterson (2002), para quem as notícias se têm deslocado em direção ao entretenimento, na sua forma e contexto. Em tradução livre nossa, Patterson observa que o jornalismo centrado no mercado é uma descrição dessa movimentação da essência do que entendemos/entendíamos por notícia. *Infotainment* e *soft news* serão outros exemplos. Crê-se que as notícias se baseiam no que irá interessar à audiência, mais do que naquilo que ela necessite

³³ A expressão capital intelectual, na sua versão original *intellectual capital*, parece ter sido cunhada por John Kenneth Galbraith em 1969. Peter Drucker e Ikujiro Nonaka tê-la-ão popularizado a partir de 1991. Em 1997, Thomas Stewart dedica uma obra ao tema. Nonaka & Takeuchi desenvolvem o conceito, associando-o a áreas como a economia, o corporativismo, ou a educação. Cf. Noordin e Mohtar (2012).

de saber. E cita Newton Minow, que comenta que muitas das notícias de hoje se aproximam do estilo tabloide.

"the news has edged toward entertainment in its form and content. [...] Market-centered journalism is one description of the tendency."Infotainment" is another. "Soft news"—the term we will commonly use in this report—is a third.

Critics say that the news is based increasingly on what will interest an audience rather than on what the audience needs to know. Former FCC chairman Newton Minow says that much of today's news is "pretty close to tabloid." (Patterson, 2002: 2-3)

O termo info-entretenimento – versão portuguesa de *infotainment* –, na visão de Leonel Aguiar (2008), é

"composto a partir da fusão dos termos informação e entretenimento, é utilizado para designar a hibridização do ideal moderno do jornalismo – informar aos cidadãos – com uma das principais características da cultura de massa: a competência para entreter, distrair, divertir. Demonstra de que modo a potencialidade de entretenimento do acontecimento torna-se um valor-notícia fundamental para configurá-lo na ordem do discurso jornalístico. Aponta que o sensacionalismo – entendido como modalidade de conhecimento centrada na lógica das sensações – é uma estratégia de comunicação voltada para produção de narrativas jornalísticas com capacidade de atrair o interesse do público e expandir o universo de leitores." (Aguiar, 2008: 1)

Como se pode verificar, durante a realização deste estudo surgiram diferentes designações/grafias do fenómeno explicado acima: *info-entretenimento*, *infoentretenimento*, *infotainment*, *infortainment* e *infoentertainment*. Concluiu-se que em língua inglesa o termo mais usado parece ser *infotainment*, aparentemente empregue pela primeira vez na conferência conjunta da Aslib, o Institute of Information Scientists e a Library Association, em Sheffield, no Reino Unido, em Setembro de 1980. No entanto, este termo parece ser uma versão de *infortainment*, cunhado em 1974 como título da convenção do Intercollegiate Broadcasting System (IBS) e definido como "nexus between Information and Entertainment"³⁴.

Com a diversidade de termos oferecida, optou-se pelo uso de info-entretenimento, conforme tradução proposta por Aguiar (cf. supra), considerando como tal conteúdos noticiosos ou não, referentes a pormenores inerentes aos protagonistas, à sua vida, aos seus bens e costumes (celebridades), bem como outras referências centradas no entretenimento, como passatempos, jogos, *cartoons* ou programação televisiva.

Por *hard news* considerou-se notícias que abordam política, administração pública, economia, cultura, ciência, saúde, tecnologia, com impacto social.

Considerou-se *soft news* as notícias relacionadas com desporto, interesse humano, bem como outras áreas, sempre que a abordagem se centra no particular, nos detalhes, nos protagonistas, sem implicações sociais.

Opinião, identificada como tal nos jornais, refere-se a conteúdos não noticiosos, expressos pelos autores.

³⁴ "Infotainment", Wikipedia. [Online] <http://en.wikipedia.org/wiki/Infotainment>, consultado em 10/12/2014.

A disseminação destes e outros tipos de notícia é cada vez maior, dada a diversidade de meios de que dispomos atualmente, e a sua evolução tecnológica que, segundo Castells (2000), aumenta a capacidade de integração, a capacidade de memória, a velocidade de processamento e de transferência de dados, o que possibilita o melhor processamento, armazenamento, partilha, disseminação da informação e geração de novos conhecimentos. É o caso da Internet, onde se encontram, desde 1993, os media portugueses – o “Público” disponibiliza conteúdos desde 22 de Setembro de 1995 e o “Correio da Manhã” desde 19 de Março de 1998 (Granado, 2002).

Se nos primeiros tempos da Internet se assistiu a um processo de *shovelware*, em que os jornais replicavam os conteúdos do papel para os *bits*, com a cultura de convergência, que se tem vindo a disseminar ao longo dos anos, são conteúdos de entretenimento, igualmente presentes na *web*, que fazem o percurso inverso, até às páginas dos jornais. Exemplo disso, em período eleitoral, é o facto de os media se noticiarem a si próprios, mostrando os novos recursos tecnológicos de que dispõem, para as suas reportagens. Uma necessidade a que não será alheia a presença da tecnologia no quotidiano do cidadão, como o acesso à Internet ou a utilização de dispositivos móveis. A partilha de informação entre diferentes plataformas é cada vez mais uma realidade, numa cultura participativa frequente também entre os media e as suas audiências.

Neste ambiente de construção, difusão e consumo de informação, o fluxo de informação e produção de notícias parece não ficar só a cabo dos habituais *decision makers* (como o poder económico e o poder político), mas também de quem manuseia a informação. Uma coisa parece ser certa: a criação de necessidades nas audiências, para a garantia da sua manutenção. A presença de info-entretenimento nos diários analisados em tempo de eleições parece ser uma necessidade, dada a concorrência de diferentes canais, como o online que paulatinamente se vem impondo.

Reese e Shoemaker (1996: 120) declaram:

“Not only do gatekeepers select information for its newsworthiness or audience appeal, but they present it in ways designed to meet audience needs. In a newspaper the stories must be readable, the photos arranged properly on the pages, the headlines composed to direct reader attention.

To the extent that these campaigns [that use the media to focus public attention] are successful, media content is affected directly (through the publication of press releases) and indirectly (by calling the media's attention to the problem)”.

Este pensamento conduz-nos a refletir sobre outro fator no processo de criação e redação das notícias: até que ponto a produção de notícias de tipologia de info-entretenimento poderá estar relacionada com a divergência de atores e formas utilizadas para a sua publicação.

Hipóteses a investigar

O pressuposto que impulsionou a seleção dos critérios de análise dos conteúdos consistiu na tentativa de verificar/investigar, através da quantificação de notícias e afetação das mesmas a categorias, se houve evolução do info-entretenimento, de acordo com a definição anteriormente apresentada, entre os anos de 1999 e de 2009.

Ainda no âmbito noticioso, paralelamente ao info-entretenimento e para aferir eventuais tendências, efetuou-se uma distinção de conteúdos, na tentativa de perceber se ocorreram variações de preponderância (*hard news* e *soft news*), bem como de incidência geográfica (notícias locais, nacionais ou internacionais). Conteúdos como a opinião, a publicidade, a autopromoção foram igualmente considerados. Podendo inserir-se neste âmbito e fazendo parte integrante de qualquer um dos títulos, pretendeu-se analisar o percurso da circulação, com estes, de suplementos (possibilidade de influenciar escolha imediata de conteúdos).

Os conteúdos (expressões, palavras, traços) dos próprios conteúdos (notícias, publicidade) foram analisados qualitativamente, para que se pudesse ter mais indicadores, que ajudassem a comprovar as hipóteses anteriores, bem como alguns conteúdos presentes nas edições dos jornais na Internet (que pudessem servir de indicadores para a presente análise).

Hipótese 1: através da quantificação de notícias e afetação das mesmas a categorias, pretende-se verificar se houve evolução do info-entretenimento (de acordo com a definição anteriormente apresentada) entre 1999 e 2009.

Hipótese 2: Se a hipótese anterior se confirmar, tentar aferir através da análise qualitativa dos conteúdos presentes na categoria de info-entretenimento se a evolução deste pode estar relacionada com os processos de convergência tecnológica e de conteúdos que se têm afirmado cada vez mais fortes nos últimos tempos, designadamente no que respeita à presença das notícias nas edições em suporte on-line. Considera-se importante referir que esta reflexão não contemplou no seu âmbito de análise a quantificação das notícias no suporte digital dos referidos dias do período eleitoral, mas somente uma consulta genérica ao website nestes períodos.

Metodologia e amostra analisada

Como metodologia para uma reflexão sobre a expansão do info-entretenimento na esfera pública dos media portugueses, efetuou-se, primeiramente, a análise quantitativa dos conteúdos dos jornais diários “Correio da Manhã” e “Público”, nomeadamente, três edições, dos dias das eleições legislativas dos anos de 1999 e de 2009, bem como as dos dias anterior e posterior. Para tal, recorreu-se à Biblioteca Nacional (Lisboa), Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, bem como à Biblioteca Municipal Afonso Lopes Vieira (Leiria).

A escolha destes periódicos baseou-se num critério de diversidade e de audiência, isto é, ambos têm públicos distintos e são dos títulos de imprensa portuguesa mais lidos, no segmento diários generalistas – segundo estudos da Marktest e da Associação Portuguesa de Controlo de Tiragem, nos últimos anos.

O “Correio da Manhã” é o diário generalista mais lido, ainda que de forma intermitente nos últimos anos, em Portugal. A propósito do 30.º aniversário do diário, Carlos Barbosa, que o lançou em 19 de Março de 1979, referia que “na altura havia um nicho de mercado para tabloides e nós decidimos lançá-lo. (...) Da vontade de fazer um tipo de jornalismo que não havia em Portugal, nasceu um jornal popular, mas não era um jornal popularucho. Hoje o ‘Correio da Manhã’ é popularucho e não popular” (Lusa, 2009). Já o diretor do título, Octávio Ribeiro, entende que “somos um jornal generalista, que privilegia a notícia e estabelece um elo de estreita confiança com os leitores. Buscamos o pulsar do país, dia após dia”. No seu Estatuto Editorial pode ler-se que “combate e denuncia todas as formas de exclusão social. Dedica especial atenção aos direitos das crianças, mulheres, minorias e dos mais desfavorecidos” (Correio da Manhã, s/d).

Mais novo e menos popular, o “‘Público’ inscreve-se numa tradição europeia de jornalismo exigente e de qualidade, recusando o sensacionalismo e a exploração mercantil da matéria informativa”, pode ler-se no Estatuto Editorial. A mesma fonte refere, ainda, que é “um jornal diário de grande informação, orientado por critérios de rigor e criatividade editorial, sem qualquer dependência de ordem ideológica, política e económica” (Correio da Manhã, s/d).

O estudo foi desenvolvido com base numa metodologia quantitativa, relativa aos conteúdos das páginas dos dois diários, por categorias (*hard news*, *soft news*, opinião, info-entretenimento, publicidade, autopromoção) e âmbito geográfico (local, nacional e internacional), na imprensa portuguesa. Para além da quantificação, analisou-se os elementos dos próprios conteúdos (palavras, fotografias, infografias), bem como as manchetes (primeiras páginas), tentando perceber se houve mudanças, de 1999 para 2009, na cobertura noticiosa da temática ou na linha editorial.

Do ponto de vista da metodologia qualitativa, privilegiou-se a análise de conteúdo, segundo o que nos parece ser a fundação do método, tal como proposta por Laurence Bardin (2006³⁵: 38), uma vez que se procedeu a um conjunto de técnicas com procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo, com a finalidade de inferência decorrente de indicadores. Acrescente-se a este método o objetivo aventado por Antonio Chizzotti, de “compreender criticamente o sentido das comunicações, seu conteúdo manifesto ou latente, as significações explícitas ou ocultas”. (Chizzotti, 2006: 98)

Pela análise de conteúdo, verificou-se que se registam algumas tendências, entre os extremos em análise (1999 e 2009), de conteúdos textuais, fotográficos e infográficos, em ambos os jornais, tendo dedicado especial atenção aos noticiosos, referentes aos atos eleitorais. Foi ainda neste âmbito que se analisaram as primeiras páginas, não consideradas na análise quantitativa, à exceção daquelas – sobretudo em suplementos – em que a predominância não era apenas de imagens e títulos, mas que já contavam com todo, ou parte, do conteúdo noticioso.

³⁵ O original data de 1977.

A opção de considerar as manchetes à parte das restantes notícias prende-se com dois fatores: o primeiro está relacionado com o facto de ser um dos indicadores determinantes para o processo de compra (afetivamente os títulos e infografia podem seduzir mais ou menos no momento da compra), o segundo prende-se com a publicação de uma grande parte do conteúdo da notícia neste espaço, tal como referido anteriormente. Em qualquer um dos casos considera-se que a manchete é a principal interface com o potencial consumidor, pelo que deverá ser apelativa, global e ter a capacidade de despertar interesse. Estas características são mais facilmente exequíveis se a tipologia das notícias apresentadas for infograficamente forte e/ou se estiver relacionada com a esfera do info-entretenimento. A junção destas características com o pressuposto da necessidade de entretenimento e de notícias *soft* na sociedade, poderá estar na base da mudança de estilo gráfico que muitos jornais têm sido objeto de mudança, a qual evidencia uma aposta clara na localização de notícias de info-entretenimento em determinadas zonas do jornal, como por exemplo: lançamento de CDs, *merchandising*, livros em promoção, agenda de concertos fica sempre situado no local onde tipicamente se segura o jornal (colunas laterais).

Como sumariado anteriormente, por *hard news* entende-se notícias cujas temáticas dos conteúdos se relacionam com política, administração pública, economia, cultura, ciência, saúde, tecnologia, com impacto social. Consideramos *soft news* as relacionadas com desporto, interesse humano, bem como outras áreas, sempre que a abordagem se centra no particular, nos detalhes, nos protagonistas, sem implicações sociais. *Opinião*, identificada como tal nos jornais, refere-se a conteúdos, expressos pelos autores, não noticiosos. Por info-entretenimento, consideramos todos os conteúdos, noticiosos ou não, que se referem a detalhes relativos aos protagonistas, à sua vida, aos seus bens e costumes (celebridades), bem como outras referências centradas no entretenimento, como passatempos, jogos, *cartoons* ou programação televisiva. No âmbito publicitário, separou-se os conteúdos institucionais que estivessem associados aos jornais (autopromoção), como livros, CDs ou DVDs, dos que não estivessem (publicidade), por se considerar a hipótese de, no primeiro caso, os conteúdos cruzarem a publicidade e o info-entretenimento. Entendeu-se ainda que a contabilização noticiosa por âmbito geográfico, poderia servir como mais um indicador de variação deste tipo de conteúdos. A contabilização, em separado, dos conteúdos dos jornais e dos respetivos suplementos, foi considerada para se poder distinguir eventuais estratégias de colocação de conteúdos de info-entretenimento, em espaços mais esperados para *hard news*, *soft news* ou até mesmo de info-entretenimento.

Por fim, a partir dos dados recolhidos, pretendeu-se aferir o índice de presença de info-entretenimento nos dois diários, excluindo suplementos, dividindo-a pelo número total de páginas, da respetivas edições. Com este procedimento teríamos uma rápida perceção da variação do referido conteúdo.

Importa ressaltar que a presente análise se centrou nos extremos de um período (1999 e 2009), durante o qual não se conhece o que terá ocorrido. Ainda assim, é possível

registar, de uma forma geral, um aumento de *soft news*, não só nas páginas dos jornais, como nos suplementos que com eles circulavam, do info-entretenimento, ainda que em menor escala, e da infografia, mais apelativa, tanto ao nível da apresentação dos próprios jornais, como de elemento noticioso.

Resultados e análise

Legislativas de 1999: Análise qualitativa

No atinente ao conteúdo noticioso, importa começar por ressaltar a agenda mediática, que poderá ter condicionado a análise. O falecimento da fadista Amália, em 6 de Outubro de 1999, mas sobretudo as celebrações fúnebres, dois dias depois, motivaram as manchetes e as reportagens alargadas, em ambos os diários, na primeira edição em análise ("O último adeus" e "Adeus português a Amália", lia-se, em 9 de Outubro, no "Correio da Manhã" e no "Público", respetivamente). A mesma temática, presente nas manchetes e destaques, em ambos os diários, também se verificou no caso das Eleições Legislativas de 1999 ("PS falha maioria absoluta" e "PS falha maioria", lia-se, em 11 de Outubro, no "Correio da Manhã" e no "Público", respetivamente). A exceção foi o próprio dia das eleições (10 de Outubro), cujas manchetes são indicadoras dos principais conteúdos e linhas editoriais dos diários: "Despesas escolares a galope", lia-se no "Correio da Manhã", e "Retrato do Portugal que hoje vai a votos", no "Público" – "Euro 2000 no papo" e "Apurados para o Euro-2000", eram os sub-destaques, respetivamente. Isto é, mesmo com possibilidade de conteúdo noticioso de âmbito político (*hard news*), o primeiro diário preferiu outra temática, que ainda que não dominasse a atualidade, certamente interessaria a uma faixa maior da população (encarregados de educação e próprios estudantes), do que as eleições (sobretudo aos votantes). E quando este foi o tema abordado, o fator polémico sobressaiu nas páginas do "Correio da Manhã", como são disso exemplo as notícias relacionadas com ações de protesto ("Portugal vai hoje a votos contra o 'fantasma' da abstenção", dia 10, "Estamos revoltados, queremos justiça" ou "Nine deu 'barroca'", dia 11). Por outro lado, o "Público" foi mais incisivo no tema das eleições, não só por lhe ter dado mais espaço, mas por se ter centrado mais nas políticas, que tivessem impacto a nível nacional, do que em questões secundárias, mais locais, ainda que enquadradas no principal tema da atualidade, teriam um impacto social residual. Porém, dentro dos dossiês que dedicou às Legislativas de 1999 (dias 10 e 11), também deu espaço a outro tipo de conteúdos, como o info-entretenimento, como "o mago das sondagens" (dia 10), notícia sobre um especialista de sondagens, que refere que "os meus amigos dizem que sou bruxo", centra-se na pessoa e nos pormenores da sua atividade, conteúdo que se seria mais espetável, pela sua linha editorial, nas páginas do "Correio da Manhã". Ainda relativamente a este tipo de conteúdo, em período eleitoral, sublinha-se aquele que se centrou nos canais de televisão e os detalhes das suas transmissões, registado em ambos os diários ("Nas televisões" e "Um guia para seguir a noite das eleições", dia 10, no "Público", "SIC vence 'guerra' de audiências, dia

11, no “Correio da Manhã”), ou de pormenores da vida dos próprios atores políticos (“O dia dos líderes”, dia 10, no “Público”).

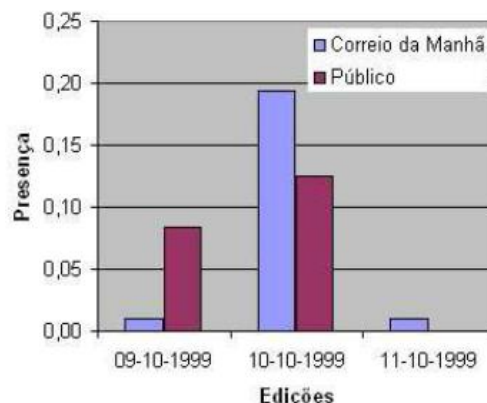
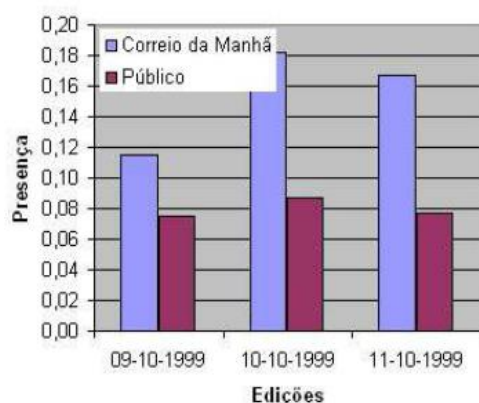
Juntamente como os diários circulam suplementos, que tem como principal característica diferenciarem-se, de imediato, dos restantes conteúdos do jornal em que circulam. Não só do ponto de vista gráfico, como noticioso. São os casos das notícias especializadas, como as desportivas (“Desporto”), tecnológicas ou culturais (“Computadores” e “Leituras”). Do ponto de vista geográfico, importa referir que é precisamente nestes espaços que o “Público” apresenta notícias de maior proximidade com o leitor, apresentando-as em destacável (“Local”). Já no âmbito de conteúdos publicitários, os suplementos serviram para agregar sobretudo pequenos anúncios, que devido à sua quantidade poderiam influenciar perceções, caso fossem disseminados pelas páginas dos jornais. Foi o que se verificou com o “Correio da Manhã”.

Harmonizar leitura, terá sido o objetivo do recurso a elementos infográficos, por parte de ambos os diários, sobretudo nas edições do dia pós-eleitoral. Mapas, gráficos e tabelas foram elementos a que recorreram, para apresentarem sobretudo resultados nacionais e distritais. Esta apresentação permite uma leitura rápida, para além de não concentrar demasiado texto, eventual dissuasor da leitura. Mas se isso sucedeu nos conteúdos relacionados com as eleições, o mesmo não se poderá dizer, de uma forma geral, nomeadamente em relação ao “Correio da Manhã”, que para além de não diferenciar os conteúdos das páginas – sem referência a editorias (sociedade, cultura, religião, internacional) –, registava grande proximidade entre estes, o que não se verificou tanto em relação ao “Público”.

Legislativas de 1999: Análise quantitativa

Com os temas “Legislativas” e “Amália” a dominarem o período analisado, o predomínio das *hard news* (59% no “Correio da Manhã”; 65% no “Público”), nas edições analisadas, poderá sair justificado. Regista-se ainda que ambos os diários apostam mais na cobertura nacional (45% no “Correio da Manhã”, 52% no “Público”), seguindo-se a internacional (28% no “Correio da Manhã”, 39% no “Público”) e a local (27% no “Correio da Manhã”, 9% no “Público”). De referir que os dados recolhidos comprovam que sendo o âmbito noticioso nacional o prioritário em ambos os diários, é o “Correio da Manhã” que dá mais espaço ao local e o “Público” ao internacional. Ainda que não se enquadre no género noticioso, é este último diário que mais espaço dá à opinião (14%, face a 2% no “Correio da Manhã”), onde habitualmente predominam autores da classe política. Quanto à presença de info-entretenimento (Gráfico 1), é mais evidente no “Correio da Manhã” (20%, face a 13% no “Público”), com conteúdos dedicados às celebridades e seu quotidiano, concursos, passatempos ou horóscopo.

Gráficos 1 e 2: Índice de info-entretenimento nos diários



Relativamente aos conteúdos dos suplementos, a publicidade (80% no "Correio da Manhã", 50% no "Público"), as *soft news* (13% no "Correio da Manhã", 33% no "Público") e o info-entretenimento (Gráfico 2) são os conteúdos que predominaram em cadernos como "Desporto" ou "Classificados", no "Correio da Manhã", "Local" ou "Chico Omolete" (destinado aos mais jovens), no "Público".

Legislativas de 2009: Análise qualitativa

Contrariamente ao que sucedera dez anos antes, não se registou outra temática, para além das eleições, que dominasse a agenda mediática. Por conseguinte, seria de esperar uma melhor distinção entre abordagens (e que tipo), por parte de ambos os diários, à exceção das edições do dia 28 de Setembro, em que, à semelhança do que sucedeu em 1999, se esperariam manchetes e desenvolvimentos dos resultados das eleições. Foi o que se verificou, numa primeira análise, nas manchetes dos dias 26 ("Santuário [de Fátima] ganha 7 milhões no BPP" e "Praxes 'humilham' caloiros", no "Correio da Manhã", "70 mil grávidas aconselhadas a vacinarem-se" e "G20 ganha força: Nasceu uma nova ordem económica mundial", no "Público") e 27 de Setembro ("Gripe A mata candidato do CDS [Ourém]" e "Hulk demoliu e Falcão resolveu [Porto x Sporting, 1-0]", no "Correio da Manhã", e "O grande puzzle: Cinco cenários pós-eleitorais", no "Público"). Relativamente à cobertura noticiosa das eleições, apesar de ter sido o único a fazê-lo na primeira edição em análise, registou-se a mesma tipologia de abordagem (*soft news*) por parte do "Correio da Manhã", comparativamente àquela que fora feita dez anos antes, nomeadamente à publicação de notícias centradas na polémica, no pormenor ("Líderes fizeram mais de 24.800 km"). O mesmo sucedeu na edição do próprio dia das eleições ("Ir a votos custa 11 milhões de euros"). Já por parte do "Público", este também se manteve fiel à linha editorial, mais virada para as *hard news* ("Puzzle eleitoral: As opções para a formação do novo governo"). O cenário noticioso nas edições pós-eleitorais foi, como seria expectável e tal como em 1999, semelhante em ambos os diários, isto é, mais alargado e com conteúdos que, na generalidade, evidenciaram as *hard news*, com elementos info-gráficos.

Por outro lado, também se registou a presença de outro tipo de conteúdos, como *soft news* e info-entretenimento (“Tecnologia em noite eleitoral”, “Zap televisivo”, e “Previsões dão certo”, no “Correio da Manhã”, “Nove comentadores fazem leituras de resultados” e “As eleições vistas na TV”, no “Público”). A referência aos blogues do “Público”, bem como a presença de notícias breves, de curiosidades, interesse humano, no topo da generalidade das páginas do diário, foram outras das mudanças registadas, como forma não só de autopromoção de produtos, como também de aliviar o “peso” dos conteúdos noticiosos.

Ao nível dos suplementos, registaram-se mudanças. O “Correio da Manhã” passou a integrar os conteúdos noticiosos de âmbito desportivo nas suas páginas, à exceção da edição do dia 26, em que publicou um destacável, mais alargado (“CM Sports”). Paralelamente, continuou com outros, nas edições dos três dias, exclusivamente dedicados a classificados e publicidade. Também se registou uma mudança de estratégia por parte do “Público”, que começou a integrar as notícias de âmbito local nas páginas do jornal, deixando para os suplementos (“P2”) outro tipo de conteúdos, nomeadamente, informativos, por vezes mais ligeiros (culinária, curiosidades) e de entretenimento (blogues, programações de televisão e cinema, celebridades).

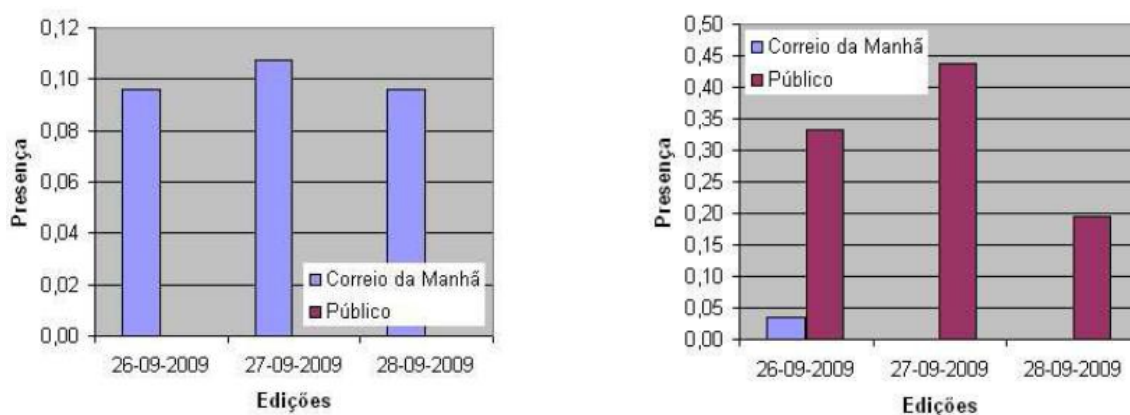
Alterações registaram-se ainda ao nível infográfico, com melhorias e maior presença em ambos os jornais. Destacam-se os conteúdos incluídos nas páginas dedicadas às eleições, nomeadamente, as do dia 28, em que este tipo informação, gráfica, cresceu significativamente, comparativamente a 1999. A principal mudança registou-se no “Correio da Manhã”, que ainda que tenha mantido o grafismo da primeira página praticamente inalterável, as suas páginas internas passaram a contar com elementos gráficos que serviram não só para aliviar uma maior concentração de texto, que se verificava em 1999, mas também para diferenciar editoriais – “Sociedade”, “Desporto” ou “Vidas”, passaram a ser identificadas textualmente e sobre um fundo de cores diferentes. Relativamente ao “Público”, também registou intervenções a este nível, ainda que não de forma tão profunda. O tipo de jornalismo praticado, mais dedicado às *hard news*, ao aprofundamento dos temas, portanto, com um predomínio de elementos textuais, pode justificar a diferente apresentação gráfica, que ainda assim regista uma leitura mais acessível, comparativamente às edições de 1999.

Outros elementos registados, no âmbito noticioso, e comuns às edições dos dois anos em análise, prenderam-se com a frequência de citação de algumas entidades. Assim, verificou-se que no “Correio da Manhã” as entidades / organizações mais citadas foram as policiais (PSP, GNR ou PJ) e as ligadas à saúde (bombeiros voluntários), enquanto no “Público” foram as políticas, de âmbito nacional (governo, ministérios, partidos) e internacional (NATO, Organização Mundial de Saúde, EUA, Alemanha).

Legislativas de 1999: Análise quantitativa

De um extremo para o outro do período em análise, as principais mudanças, nas páginas do “Correio da Manhã”, registaram-se ao nível do crescimento das *soft news* (+6%) e de mais atenção ao âmbito nacional (+15%), sendo que em sentido inverso registaram-se as internacionais (-13%), as *hard news* (-8%) e o info-entretenimento (-6%). Já no “Público”, aumentou a autopromoção (+11%), as notícias de âmbito nacional (+9%) e as *hard news* (+4%), e reduziram as internacionais (-11%), o info-entretenimento (-8%) e as *soft news* (-5%). Apesar da redução do principal tema em análise, em ambos os diários, regista-se o dia das eleições como aquele onde mais está presente (Gráficos 3 e 4).

Gráficos 3 e 4: Índice de info-entretenimento em suplementos



Ao nível dos suplementos, as alterações mais significativas registam-se nos conteúdos daqueles que circulam com o “Público”, nomeadamente, com um aumento do info-entretenimento (+26%) e redução da publicidade (-41%). É precisamente este último conteúdo que se destaca nos suplementos do “Correio da Manhã”, devido ao facto de representar uma fatia significativa, em ambos os anos (80%).

Considerações finais

Menos *hard news*, mais *soft news* e conteúdos infográficos, são algumas conclusões que podemos retirar da análise dos dois diários, nos períodos de eleições, nos anos de 1999 e 2009. Relativamente ao info-entretenimento, regista-se, de uma forma geral, uma ligeira diminuição. Particularmente, a única subida registada refere-se ao “P2”, suplemento do “Público”, que por vezes merece destaque na capa do diário (26 de Setembro de 2009). Este tipo de conteúdo está ainda presente nas três edições do “Correio da Manhã”, nomeadamente na editoria “Vidas”, dedicada a celebridades. Esta demarcação é evidente nas edições do ano mais recente, algo que não sucedia há cerca de dez, nomeadamente no “Correio da Manhã”, que não identificava o âmbito dos seus conteúdos noticiosos. Nas edições de 2009, regista-se a

preocupação de o fazer, recorrendo não só a palavras (atualidade, sociedade, política, economia), mas também a elementos infográficos.

Paralelamente, importa referir que a presença na Internet, por parte dos dois diários em análise, em 1999, era ainda recente, portanto os conteúdos aí disponíveis eram precisamente os mesmos disponibilizados na edição impressa (Bastos, 2009). Dez anos depois, a realidade era outra, com os diários a apostarem em conteúdos pensados para essa plataforma, como a criação de dossiês "Legislativas de 2009", nomeadamente por parte do "Público", para acompanhamento, ao minuto, da atualidade política. Uma possibilidade acrescida, com conteúdos multimédia, sem limite de páginas e que permitia a interação com os leitores, através dos espaços para comentários, por exemplo. A participação da audiência, dos cidadãos, assume aqui um papel democraticamente relevante. Esta realidade tecnológica potenciou ainda o investimento em elementos infográficos, que começaram a ser comuns em ambas as plataformas: Internet e papel.

Com o paradigma tecnológico, aos jornalistas começou a ser exigida a produção de conteúdos para multiplataformas (novas competências), para chegar não só à audiência habitual, como à digital. Este fenómeno foi antecedido e acompanhado por crises económicas, registadas no intervalo de tempo analisado (1999 a 2009), a contenções de custos por parte de algumas redações (sobretudo com recurso a despedimentos) e a uma menor disponibilidade das audiências para a leitura (custo e tempo), indicadores que podem ter influenciado fatores que levaram não só à necessidade de consumo de notícias ligeiras (*soft news*), mas também porque se começou a registar uma menor disponibilidade dos *media* para o jornalismo de investigação (sobretudo pela falta de recursos humanos).

Estas novas competências passam, por sua vez, a influenciar a forma como se publicam as notícias, independentemente da sua tipologia, sendo no entanto de destacar a preponderância da forma e da convergência de conteúdos em cenários tecnologicamente distintos (PC, *smartphone*, mp3, etc.) como um dos fatores que evidenciam a influência da convergência tecnológica na mudança de paradigma info-comunicacional.

Registaram-se ainda outros indicadores, como a diferença de vendas entre ambos os diários, de 1999 para 2009. Ainda que sejam referentes a extremos de um intervalo de tempo, verifica-se um crescimento nas vendas do "Correio da Manhã" (+4,16%), face a uma redução nas do "Público" (-0,27%). Outro relaciona-se com o aumento da autopromoção, sobretudo no "Público". No período em análise, os jornais começaram a circular juntamente com outros artefactos, relacionados com o entretenimento, como livros, CD's ou DVD's.

Os processos afetos ao fenómeno da convergência tecnológica vieram desencadear uma alteração na preponderância dos principais papéis dos *media* na sociedade, sobretudo ao nível das suas funções (função propagandística, função Comercial, e função de Serviço Público). O fenómeno da convergência e consequentemente da mudança de paradigma fizeram com que a função comercial dos *media* assumisse um destaque particular.

Historicamente podemos localizar uma mudança de paradigma na tipologia das notícias que circulam nos media por volta do século XIX, embora este fenómeno só tenha adquirido mais visibilidade a partir de 1980/1990. Para assegurar a função comercial dos media (gerar lucro) tornou-se cada vez mais necessário transformar informação séria (*hard news*) em informação leve (*soft news* e info-entretenimento) para servir as audiências.

O estilo dramático da cobertura jornalística hipoteca o papel da publicidade na sociedade. Estudos de autores como Grable (2001), Franklin (1997), Gurevitch (1995), MacManus (1994) apontam para um empobrecimento dos media e da sociedade fruto da passagem de informação com base nestes novos modelos de notícias (mais leves, mais sensacionalistas).

Paradoxalmente este facto vem evidenciar que há mais controlo das elites sociais, políticas e que há mais espaço para a criação de alianças políticas, situação que pode influenciar bastante os conteúdos que circulam nos media.

De acordo com Sousa (cit. Aguiar, 2008), “informar jornalisticamente será, assim, em síntese, permitir que os cidadãos possam agir responsavelmente. Na minha opinião, entreter “jornalisticamente”, pelo contrário, tende a degradar, em maior ou menor grau, essa função informativa e, conseqüentemente, reguladora e mediadora, que os meios de comunicação possuem na sociedade”. Futuros estudos, abrangendo o período entre os extremos analisados, outros dias da semana e outros periódicos, poderão ajudar a sustentar a presente tese.

Bibliografia

AGUIAR, Leonel Azevedo de (2008). “Entretenimento: valor-notícia fundamental”, In *Estudos em Jornalismo e Mídia*, v. 5, n.º 1.

BARDIN, Laurence (2006). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.

BASTOS, Helder (2009). “Da implementação à estagnação: os primeiros dez anos de ciberjornalismo em Portugal”. In Actas do 6.º Congresso da SOPCOM, realizado em Lisboa, de 14 a 28 de Abril de 2009.

CARNEIRO, Roberto (2000): “Novo Conhecimento, Nova Aprendizagem.” In *Textos da conferência internacional novo conhecimento. Nova aprendizagem*, Outubro de 2000.

CASTELLS, M. (2000): “A Sociedade em Rede”, In *A era da informação: economia, sociedade e cultura*, Vol.1, 4ª Edição. Brasil. Editora Paz e Terra.

CHIZZOTTI, Antonio (2006). *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. São Paulo: Cortez.

CORREIO DA MANHÃ (s/d). “Estatuto Editorial”. [On-line]

<http://www.correiomanha.pt/noticia.aspx?contentid=470673CA-9B03-4AB1-A761-AE59051A6159&channelid=8E4C3A45-2CD2-4785-88AE-218D7C927676>, consultado em 15 de Janeiro de 2010.

GRANADO, António (2002). "Os media portugueses na Internet". [On-line] <http://ciberjornalismo.com/mediaportugueses.htm>, consultado em 15 de Janeiro de 2010.

LUSA (2009). "Correio da Manhã cumpre 30 anos". [On-line] http://www.publico.clx.pt/Media/correio-da-manha-cumpre-30-anos_1369744, consultado em 15 de Janeiro de 2010.

NOORDIN, Arafat e MOHTAR, Shahimi (2012). "Managing Intellectual Capital Beneficial to Firm Performance". In: *The 3rd International Conference on Technology and Operations Management*, 4 a 6 de julho 2012, Bandung: Indonesia.

PATTERSON, T. E. (2002). "Doing well and doing good: How Soft News and Critical Journalism Are Shrinking the News Audience and Weakening Democracy—And What News Outlets Can Do About It". In: Joan Shorenstein Center on the Press, Politics and Public Policy. Harvard: John F. Kennedy School of Government.

SHOEMAKER, Pamela J. , REESE, Stephen D. (1996). "Mediating the message: theories of influences on mass media content". Longman: Longman Publishers.

SILVA, Fabiana Moraes da (2008), "A não-notícia, um produto do infoentretenimento". In: *Estudos em Jornalismo e Mídia*, Ano V – n.º 1, Jan. a Jun. 2008, pp. 99-108.

"The Newsroom": uma análise da ética jornalista exposta no seriado americano

Ada Narra Neri Ferraz, Universidade Federal do Piauí (UFPI)

ada.naara@hotmail.com

Aldenora Teófilo Vieira Santos Cavalcante, Universidade Federal do Piauí (UFPI),

aldenorateofilo@gmail.com

Leila Lima de Sousa, Universidade Estadual do Piauí (UESPI),

leilasousa.pi@gmail.com

Lumárya Souza de Sousa, Universidade Federal do Piauí (UFPI),

lumaryas@hotmail.com

Resumo

O presente artigo apresenta uma avaliação do uso da ética jornalística no seriado americano "The Newsroom". Mais que um ambiente de normas práticas, a ética jornalística é um sistema com uma lógica própria que encarna valores que só fazem sentido se forem seguidos por todos os profissionais da mídia. Pouco se discute sobre ética nas rotinas produtivas do jornalismo e este artigo tem como objetivo discutir como construir um jornalismo de acordo com as normas éticas presentes no Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros. As autoras realizaram análise de conteúdo dos episódios selecionados da primeira temporada do seriado, que são o objeto de estudo dessa pesquisa, com base nos critérios do Código de Ética.

Palavros-chave: Ética; Jornalística; The Newsroom; Código de Ética; Mídia; Telejornal.

Abstract

This article presents an evaluation of the use of journalistic ethics in the American series "The Newsroom." More than a practical environment standards, journalistic ethics is a system with its own logic that embodies values that make sense only if they are followed by all media professionals. Little is discussed about ethics in production routines of journalism and this article aims to discuss how to build journalism according to ethical standards present in the Code of Ethics of Brazilian Journalists. The authors conducted content analysis of selected episodes of the first season of the show, which are the object of study of this research, based on the criteria of the Code of Ethics.

Keywords: Journalistic ethics, The Newsroom, Journalistic ethics, Media, TV Newscast.

Introdução

O seriado americano "*The Newsroom*" (A Redação) trata dos bastidores de um telejornal fictício com notícias da atualidade que discutem de maneira provocadora o compromisso com a verdade. O programa jornalístico "*News Nigh*"t defende um jornalismo que busca não apenas passar os fatos como também analisa-los de maneira ética.

No Brasil a mídia televisiva ainda é a mais significativa, e os telejornais, em geral, são as primeiras fontes de informações que contribuem para o senso comum. Em "*The Newsroom*", o "*News Nigh*"t é o segundo telejornal com maior audiência da TV a cabo. Portanto, vivemos a era do "visual" (DEBRAY, 1994: 210-211), quando a evolução ameaça questões como a temporalidade, a morte e o princípio de reprodução da vida. Dessa forma, o noticiário televisivo se transformou em um lugar onde se pratica de forma simulada o exercício democrático das grandes questões sociais e tornou-se um produtor da realidade. Assim "os signos não são mais representação, são o real, e o próprio simulacro se torna realidade", (SOUZA, 1995:23).

O telejornal passa a ser um grande dispositivo político podendo tornar-se uma ameaça. Portanto, é necessário o uso da ética jornalística adotada por profissionais da área para legitimar o papel dos media. A ética, ou a falta dela, ainda sugere uma difícil confiança entre o público e os media e a liberdade de imprensa e outros direitos individuais. Segundo Chauí (1998) há uma definição de ética que deixa mais claro a dupla face do comportamento ético.

Embora *ta thé* e *mores* signifiquem o mesmo, isto é, costumes e modos de agir de uma sociedade, *ethos*, no singular, é o caráter ou temperamento individual que deve ser educado para os valores da sociedade e da *ta ethiké* é uma parte da filosofia que se dedica às coisas referentes ao caráter e à conduta dos indivíduos (Chauí, 1998, apud Bucci, 2006: 15).

A avaliação do uso da ética jornalística na rotina produtiva presente no noticiário do seriado "*The Newsroom*" é o que caracteriza o principal cerne deste artigo. Analisar o seriado sob a perspectiva do Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros (2007) e compreender a importância da ética na formação do jornalista e na produção do noticiário são os objetivos específicos defendidos no decorrer deste trabalho acadêmico.

A escolha do tema e a forma como foi abordado teve como justificativa contribuir para o meio acadêmico por ser pouco discutido no ambiente jornalístico. Entre a maioria dos profissionais da área a ética é um acessório e não uma base. Para a sociedade, em geral, a utilização de um seriado, um meio de entretenimento, como plataforma de explicação busca facilitar a compreensão de assuntos éticos que normalmente se restringem a discussões na academia.

Sinopse do seriado "The Newsroom"

"*The Newsroom*" é um seriado dramático produzido e escrito por Aaron Sorkin e exibido no Brasil pelo canal fechado HBO. A série se passa na emissora fictícia ACN (*Atlantis Cable News*), especificamente na redação do telejornal noturno "*News Night*". O noticiário tem como

editor-chefe e âncora o veterano jornalista Will McAvoy (Jeff Daniels), um profissional que inicialmente tem receio de expressar suas opiniões e contenta-se em ser jornalista popular. Após um episódio que poderia abalar sua carreira Will volta de suas férias forçadas e descobre que a maioria de sua equipe mudou-se para outro noticiário, incluindo seu agora ex-produtor Don Keefer (Thomas Sadoski). Charlie Skinner (Sam Waterston), o Presidente do Departamento de Jornalismo e chefe de Will, decide contratar para o novo cargo de produção do “*Night News*” MacKenzie McHale (Emily Mortimer). Produtora experiente e ex-namorada de Will, MacKenzie tenta convencer o âncora a criar um novo formato de noticiário.

Na redação do telejornal trabalham, também, o produtor sênior e amigo leal de MacKenzie Jim Harper (John Gallagher Jr.); “Maggie”, Margaret Jordan, (Alison Pill), uma estagiária que foi promovida à produtora associada por sua lealdade à Will; Sloan Sabbith (Olivia Munn), uma pós-doutora em Economia que trabalha como analista econômica no telejornal; Neal Sampat (Dev Patel), escritor do blog de McAvoy e fisionomizado na existência de seres fictícios. Juntos, todos trabalham diariamente na construção de um telejornal comprometido com a sociedade.

Influência norte-americana

Os primeiros telejornais surgiram ainda na TV Tupi, na década de 1950. Ainda muito baseados na era do rádio eram muito diferentes dos apresentados nos dias de hoje. A Rede Globo, alguns anos mais tarde, baseada no modelo de telejornal norte americano, criou o padrão de qualidade que acabou se tornando modelo no Brasil.

O Jornal Nacional foi o primeiro telejornal neste padrão e a sua aceitação acabou desbancando a audiência dos telejornais de formato anterior. Na realidade, desde seu surgimento a televisão brasileira sofreu influência norte-americana, como na estrutura comercial, na produção, roteiros e técnicas administrativas (MATTOS, 2002). Squirra (1990) afirma em seu livro o tamanho da hegemonia norte americana nas influências recebidas pelo jornalismo brasileiro.

Na área do jornalismo eletrônico, o padrão norte-americano sempre foi clara e naturalmente o modelo seguido. Tanto na confecção do noticiário quanto no formato do programa, no estilo e mesmo nos equipamentos periféricos usados na elaboração dos telejornais. (SQUIRRA,1990:113).

Como o telejornal neste modelo, o Brasil também importou dos Estados Unidos a figura do âncora. O nome âncora (anchorman) surgiu nos Estados Unidos na década de 1950 e está ligado à figura do apresentador. Esses profissionais tem um grande prestígio nas TVs americanas e recebem também os maiores salários, Squirra explica que “eles são profundamente confiáveis para sua audiência e extremamente ativos em todos os assuntos que envolvem a nação” (1993: 66).

No seriado, a figura do âncora é exemplificada pelo personagem Will McAvoy (Jeff Daniels). Apresentado como um jornalista de grande prestígio que inicialmente não apresenta

suas próprias opiniões, o âncora do “Night News” é um obcecado por números de audiência que vive o conflito entre a qualidade da notícia e o número de pessoas assistindo ao seu noticiário.

O papel de âncora começou a tomar forma de fato no Brasil com o jornalista Boris Casoy, em 1988, quando foi contratado pelo SBT para ancorar o Telejornal Brasil. Mas o próprio Boris ressalta que, antes dele, Joelmir Beting já havia exercido o papel à frente do Jornal da Bandeirantes no início dos anos 80. (CASOY, 1994: 41 apud REZENDE, 2000:123).

Uma breve discussão da ética jornalística

Quando se discute ética no jornalismo um dos principais pontos em questão é o mercado dos meios de comunicação. A busca por audiência é o que rege o jornalismo atual, mas não é por isso que os jornalistas devem deixar de trabalhar com ética. “É verdade que a atividade jornalística se converteu num mercado, mas, atenção, esse mercado é consequência, e não fundamento da razão de ser da imprensa” (BUCCI, 2000).

O jornalismo atual tem o dever de informar a população de forma a incitar reflexões críticas e afastar-se dos jogos de interesses que estão presentes nos círculos políticos. Conforme Reig (2007):

El periodismo debe buscar temas propios, transgresores en relación con los intereses de los poderes, temas de denuncia, y actualidad valorada por los profesionales del periodismo, sin estar presionados por múltiples factores. El periodismo es, en efecto, un contrapoder, y eso hay que recordarlo porque ha dejado de serlo en gran medida o se ha olvidado. (2007:122-123).

Além disso, tudo aquilo que é veiculado pela mídia repercute na sociedade, daí a ética de um profissional de jornalismo ser imprescindível para que o mesmo tenha credibilidade ao dar a informação. Conforme Braga (2006), a ação social sobre a mídia, criando um “sistema de resposta” além do sistema da produção e da recepção, demonstra que “a sociedade não apenas sofre os aportes midiáticos, nem apenas resiste pontualmente a estes. Muito diversamente, se organiza como sociedade, para retrabalhar o que circula, ou melhor: para fazer circular, de modo necessariamente trabalhado, o que as mídias veiculam” (BRAGA, 2006:39).

A liberdade de imprensa é uma vitória da democracia, mas com jornalismo antiético ela é apenas mais um instrumento das ideologias dominantes que buscam permanecer no poder. O jornal deve propiciar uma crítica construtiva de todos os seguimentos da realidade e valorizar o direito do livre discurso, sem deixar de respeitar o direito do indivíduo a privacidade.

O jornalismo como conhecemos, isto é, o jornalismo como instituição da cidadania, e como as democracias procuram preservá-lo, é uma vitória da ética, que buscava o bem comum para todos, que almejava a emancipação que pretendia construir a cidadania, que acreditava na verdade e nas leis justas- uma vitória contra a etiqueta (BUCCI, 2000).

Procedimentos metodológicos

A pesquisa foi realizada com base na técnica de Análise de Conteúdo (AC) dos episódios da primeira temporada do seriado americano *"The Newsroom"*. Entendida como "um método de tratamento e análise de informações, colhidas por meio de técnicas de coleta de dados, consubstanciadas em um documento, a técnica se aplica à análise de textos escritos ou de qualquer comunicação (oral, visual, gestual) reduzida a um texto ou documento" (CHIZZOTTI, 1991: 98). Apesar dessa definição, Bardin (1977:31) ressalta a dificuldade de se compreender a AC como um método uniforme, alertando para o fato de que trata-se, antes, de "um conjunto de técnicas de análise das comunicações". Por isso, complementa, deve-se entender a AC não como um instrumento, mas "um leque de apetrechos; ou, com maior rigor, será um único instrumento, mas marcado por uma grande disparidade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto: as comunicações". Por essa razão, adotamos um dos três procedimentos específicos desse "conjunto de apetrechos", a análise categorial, a qual, conforme a autora citada:

Pretende tomar em consideração a totalidade de um texto, passando-o pelo crivo da classificação e do recenseamento, segundo a frequência de presença (ou de ausência) de itens de sentido. Isso pode constituir um primeiro passo, obedecendo ao princípio de objetividade e racionalizando através de números e percentagem, uma interpretação que, sem ela, teria de ser sujeita a aval. É o método das categorias, espécie de gavetas ou rubricas significativas que permitem a classificação dos elementos de significação constitutivas, da mensagem. É, portanto, um método taxionômico bem concebido para (...) introduzir uma ordem, segundo certos critérios, na desordem aparente (BARDIN, 1977: 37).

Inicialmente examinou-se todos os episódios da primeira temporada do seriado, posteriormente selecionou-se aqueles de acordo com a maior relação a partir de questões éticas, os episódios escolhidos foram: 1, 4, 5, 6, 7, 8 e 9. A análise foi realizada a partir do Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros (2007) elaborado pela Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ) que compreende cinco capítulos, a escolha se deu pelo fato de ser a referência de conduta ética mais próxima da realidade.

Os episódios foram avaliados de acordo com os seguintes critérios:

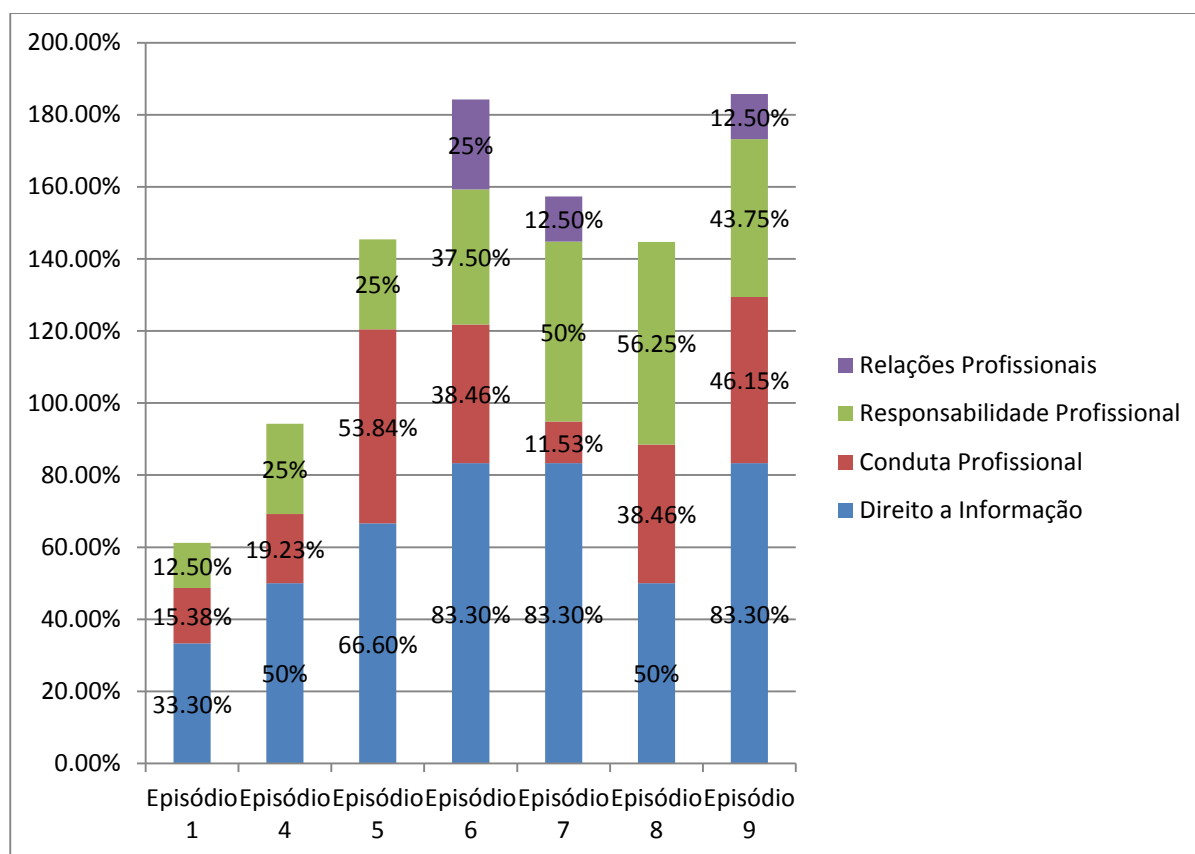
- I. Direito à informação
- II. Conduta profissional
- III. Responsabilidade profissional
- IV. Relações profissionais.

Resultados e discussão

Analisou-se os episódios selecionados da primeira temporada do seriado americano *"The Newsroom"* a partir do Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros levando em consideração a maior presença de critérios estabelecidos em cada um dos episódios. Observou-se que o critério

mais utilizado na maioria dos episódios compreende o do Direito a Informação presente em maior evidência no episódio 1 (33,30%), 4 (50%), 5 (66,60%), 6, 7 e 9 (83,30%). Posteriormente nota-se o critério relacionado à Responsabilidade Profissional em maior evidência no episódio 8 (56,25%).

Gráfico: Relação entre os critérios do Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros e os episódios do seriado "The Newsroom"



Episódio 1: "We Just decided to" (Nós acabamos de decidir)

Em uma palestra para estudantes de jornalismo quando questionado "Por que a América é o melhor país do mundo?" o personagem Will McAvoy, que até então agradava a todos, resolve mostrar a realidade e usar argumentos que demonstram porque a América não é o melhor país do mundo, mas pode ser. O âncora decide se despir da mediocridade e ao lado da produtora Mackenzie McHale inovar na produção de um telejornal noturno digno de uma grande nação com base na civilidade e no compromisso com a notícia, o "News Night 2.0".

Com a proposta de um noticiário que tem comprometimento com a responsabilidade social as intenções de Mackenzie constam no capítulo I do Código de Ética, Art. 2º, item II: a produção e a divulgação da informação devem se pautar pela veracidade dos fatos e ter por finalidade o interesse público. Segundo Jay Rosen, "o jornalismo pode e deve ter um papel no reforço da cidadania (citizenship), melhorando o debate público e revendo a vida pública (Rosen,

1994 apud Traquina e Mesquita, 2003:10). Sobre a verdade como norteador da informação Castanheira (1998) destaca:

Sabemos que a verdade é um valor inatingível; que não há uma verdade absoluta; que muitas vezes a Verdade, em caixa alta, é composta de muitas verdades em caixa baixa. Não basta gritar bem alto o dever de cada jornalista de não mentir, de não enganar, de não falsear. Há que ir mais longe, seguir exemplos dos códigos de todo o mundo e proclamar, de forma inequívoca e solene, o dever de cada jornalista de perseguir, de procurar a verdade, de informar com verdade (Castanheira, 1998, apud Traquina, 2005: 134).

Uma notícia da realidade destacada ainda nesse episódio é a explosão no poço do Golfo do México a 80 km da Costa da Louisiana em 20 de abril de 2010. O produtor sênior, Jim Harper, recebe informação de fontes confiáveis que confirmam a gravidade do acidente. Jim é forçado a revelar a Will quais são suas fontes como demonstração de confiança no âncora para que a notícia fosse ao ar.

Assim observa-se a quebra de duas cláusulas do Código de Ética, a primeira no capítulo II onde o Art. 5º expõe o direito do jornalista de resguardar o sigilo da fonte e o Art. 6º no item VI que destaca o dever do jornalista de não colocar em risco a integridade das fontes e dos profissionais que trabalham.

O problema reside no fato de profissionais de comunicação analisarem quando é apropriado usar do direito de resguardar o sigilo das fontes, essa avaliação consiste no valor que se impõe como mais importante em cada caso específico, desconsiderando a função social da profissão. Nilson Lage (2004) afirma que:

Assim, se é reconhecido (não tanto pelas leis, mas pela consciência do ofício) o direito de o jornalista manter sigilo sobre suas fontes, isso se aplica a muitos casos, mas não a todos, e o discernimento de a quais casos se aplica envolve a consideração específica de razões e consequências (LAGE, 2004:91).

Episódio 4: "I'll try to fix you" (Eu vou tentar concertar você)

De acordo com o capítulo II, Art 4º, o compromisso fundamental do jornalista é com a verdade no relato dos fatos, deve pautar seu trabalho na precisa apuração dos acontecimentos e na sua correta divulgação. Ainda no capítulo II, Artº 12, o item I diz que o jornalista deve, ressalvadas as especificidades da assessoria de imprensa, ouvir sempre, antes da divulgação dos fatos, o maior número de pessoas e instituições envolvidas em uma cobertura jornalística, principalmente aquelas que são objeto de acusações não suficientemente demonstradas ou verificadas. Portanto, fica evidente o papel fundamental da confirmação do fato a partir de uma boa apuração na construção da notícia.

Mário Erbolato (2006) define fonte como sendo qualquer pessoa que presta informações ao repórter e as divide em: diretas, indiretas e adicionais. Segundo ele, as diretas são pessoas ou documentos envolvidos diretamente com o fato. As indiretas são pessoas ou documentos que sabem de um fato apenas circunstancialmente, mas não estão diretamente envolvidas com ele.

Para definir fontes adicionais, Erbolato (2006) faz uso da definição de Bonfim (1969), em que diz “fontes adicionais são aquelas que fornecem informações suplementares ou ampliam a dimensão da história” (BONFIM, 1969 apud ERBOLATO, 2006: 184). Erbolato (2006) classifica ainda as fontes em dois grupos: “Fixas são aquelas às quais se recorre para o noticiário de todos os dias [...] Fora de rotina são as fontes procuradas excepcionalmente, quando o esclarecimento de um fato o exige” (ERBOLATO, 2006:183).

Em 8 de janeiro de 2011 após um alerta de notícias Maggie informa a todos na redação que um jornal local noticia o fato da deputada, Gabrielle Giffords, baleada na cabeça em um tiroteio na cidade de Tucson. Durante a cobertura jornalística ao vivo no “*News Night*” Don comunica a Mackenzie que quatro emissoras noticiam a morte da deputada. Apesar das confirmações da concorrência a produtora decide aguardar a ratificação de uma fonte oficial que comprove o óbito. Maggie consegue, então, o que os jornalistas denominam de furo jornalístico, ao receber a informação de uma fonte oficial, o anestesista do hospital, que a deputada está viva e passará por procedimentos cirúrgicos.

Episódio 5: “Amem”

Esse episódio acontece no período que ficou conhecida como “Primavera Árabe”, uma onda de protestos que eclodiram no Oriente Médio e no norte da África com o objetivo de depor ditadores do poder. Elliot, repórter correspondente do “*News Night*” no Egito, surge inicialmente no noticiário relatando a situação do acontecimento na Praça Tahir, na cidade do Cairo.

A pouca quantidade de imagens exibidas em todas emissoras preocupa os jornalistas na redação. Elliot explica, então, a dificuldade imposta pelos militares e rebeldes ao trabalho dos jornalistas estrangeiros. No capítulo I, Art. 2º, item V, o Código de ética do Jornalista afirma que a obstrução direta ou indireta à livre divulgação da informação, aplicação de censura e a indução à autocensura são delitos contra a sociedade, devendo ser denunciadas à comissão de ética competente, garantindo o sigilo do denunciante. A dificuldade do repórter em fazer seu trabalho é um exemplo de como esse item foi violado.

Na busca de uma melhor cobertura dos acontecimentos no Egito, Neal sugere a utilização de imagens feitas por Amen, seu amigo egípcio que posta vídeos dos protestos na internet. Ele que inicialmente estava com o rosto coberto aceita mostrar sua identidade e revelar seu nome verdadeiro, Kahlid Salim, com o propósito de dar mais credibilidade ao seu papel como fonte. Tófoli (2008) em seu livro “*Ética no Jornalismo*” traz uma definição de fonte que se aproxima do que foi feito por Kahlid.

Fontes, no jornalismo, são pessoas, entidades, instituições que têm algo a dizer ou a demonstrar que interesse à coletividade, ao jornalista, à empresa onde ou para quem ele trabalha, ou ainda, que quer dizer ou não, demonstrar ou omitir, algo que interesse à sociedade, a ela própria [a fonte], ou à empresa/instituição/entidade onde ou para quem ela trabalha, ou ao jornalista ou à empresa para qual ou na qual ele trabalha (TÓFOLI, 2008: 51).

Ao realizar o trabalho de coleta de informações solicitado pela equipe do "News Night", Kahlid além de fonte acaba tornando-se um repórter *freelancer* e com isso vira alvo dos militares e acaba preso. A seguradora da ACN não concorda em pagar o valor estipulado da fiança para sua liberdade já que Kahlid não é membro oficial da equipe da TV. Will paga o valor necessário e o liberta da prisão. A atitude do âncora serve de ilustração para o que está no item X do Art. 12, capítulo III, do Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros: prestar solidariedade aos colegas que sofrem perseguição ou agressão em consequência de sua atividade profissional.

Episódio 6: "Bullies" (Agressores)

Em 11 de abril de 2011 a repórter Sloan conversa ao telefone com Daisuke Tanaka, um antigo amigo que trabalha na empresa TEPCO. O motivo da entrevista é obter informações sobre a situação em que se encontram os reatores da usina nuclear de Fukushima no Japão. A usina passa por uma série de falhas de equipamentos com lançamentos de materiais radioativos no ambiente em danos causados após um tsunami.

Os japoneses afirmam a estabilidade da usina a nível 5, mas Sloan, não satisfeita com a informação, acredita que o desastre seja mais grave que o noticiado e esteja a nível 7. Para confirmar sua suspeita a repórter em uma conversa em *off* com sua fonte, após insistência, obtém a declaração confirmando a gravidade do acidente nuclear. No entanto, ao vivo no telejornal o entrevistado coloca o estágio dos reatores apenas a nível 5, e mesmo sem a declaração da fonte oficial Sloan noticia a tragédia de Fukushima como um dos maiores desastres nucleares. Após o constrangimento no programa a fonte renuncia seu cargo na empresa TEPCO e Sloan é informada que deve se afastar da ACN por um tempo.

Uma informação em *off* ou *off the record* descreve uma situação em que o jornalista, devidamente identificado, recebe, de qualquer maneira, uma indicação clara, explícita ou implícita, de que não deve divulgar as informações que lhe são prestadas. Sloan, portanto, poderia estar cumprindo com o Capítulo II, Art 6º, item II que compreende o dever do jornalista de divulgar os fatos e as informações de interesse público ao noticiar uma informação imprescindível para a civilização. Mas nesse caso um importante ponto de vista ético pode ser levantado: sendo o primeiro dever do jornalista informar o público, como pode ele manter em segredo informações de interesse público? Talvez a justificação ética da retenção resida no compromisso do jornalista assumido com a fonte. Nesse caso é indispensável a percepção do jornalística que selecionar aquilo que seja de interesse público. Para Bobbio (2000), o conceito de interesse é relacional, pois gira sempre em torno da oposição entre um tipo de interesse e outro. Sendo relacional podemos dizer que interesse público é aquele que se opõe a interesses privados, particulares e parciais.

Interesse público é a relação entre a sociedade e o bem comum por ela perseguido, através daqueles que, na comunidade, têm autoridade (governantes, administradores públicos, magistrados, etc) (MARTINS FILHO, 2005³).

No entanto a repórter, nesse caso, viola parte de uma cláusula essencial que trata do relacionamento com a fonte presente no Capítulo II, Artº 6, item VI: não colocar em risco a integridade das fontes e dos profissionais com quem trabalha. A repórter age de forma desonesta ao veicular uma informação obtida não oficialmente e é forçada a reiterar suas consideração para os telespectadores admitindo que errou ao se confundir com a pronuncia em japonês dos número 4 (*Shi*) e 7 (*Shichi*) que são muito parecidos.

Episódio 7: "5/1"

Durante uma confraternização com a equipe do telejornal "*News Night*" no apartamento de Will McAvoy, todos os presentes recebem um email da Casa Branca informando um pronunciamento do atual presidente, Barack Obama, em questão de segurança nacional, previsto para as 22h30min do dia 1º de maio de 2012. Diante de todas as especulações, a notícia da morte do terrorista Osama Bin Laden era considerada a mais provável.

Mackenzie McHale aguarda o comunicado da morte do terrorista desde o dia em que assumiu sua função de produtora e vem treinando todos da redação uma vez por mês para este momento. Entretanto, apesar de ter a confirmação da informação através de duas fontes confiáveis, Charlie Siskner opta por aguardar a fonte oficial.

Ao conseguir a confirmação de que a morte de Bin Laden era reportável, Will McAvoy, o âncora com maior credibilidade da emissora, foi o responsável por anunciar a notícia para os telespectadores. Nesse momento há um interesse pessoal do personagem em divulgar esta informação, é possível identificar a quebra da primeira parte da cláusula do item IX, do Art. 7º, presente no capítulo II do Código de Ética, em que o jornalista não pode valer-se da condição de jornalista para obter vantagens pessoais.

Observa-se que devido à importância da morte do terrorista para a nação americana, Will McAvoy se utiliza de um discurso ufanista, afastando-se da objetividade necessária na apuração da notícia. Sobre a importância da objetividade na divulgação dos fatos, Amaral (1996:26) destaca que ela "passa a se identificar com uma mistura de estilo direto, imparcialidade, factualidade, isenção, neutralidade, distanciamento, alheamento em relação a valores e ideologia".

Ainda que o jornalista busque a objetividade como uma prática essencial para o melhor desempenho do seu trabalho, existem alguns fatores que impedem a sua realização. Para Bahia (1990:13), entre esses fatores estão: a formação cultural do jornalista, que influi sobre a notícia, e a interpretação, que separa a notícia apurada na fonte de opinião. Considera, então, que ela é um ideal, algo desejável, mas impossível, um alvo inalcançável.

Episódio 8: "The blackout part I: Tragedy Porn" (O apagão parte I: Tragédia pornô)

O Art. 11, do capítulo III, item II, afirma que o jornalista não deve divulgar informações de caráter mórbido, sensacionalista ou contrário aos valores humanos, especialmente em cobertura de crimes e acidentes. Utilizar-se de algumas notícias para adquirir uma maior

audiência não se caracteriza como um dever do jornalista. Entretanto, após a reunião realizada entre Charlie, presidente do Departamento de Jornalismo da ACN, Reese Lansing, presidente da ACN, a produtora Mackenzie e Will, âncora do “*News Night*”, devido a perda de audiência que o programa vem sofrendo, fica decidido ser necessário a cobertura de uma maneira sensacionalista do julgamento de Casey Anthony, o assunto mais comentado entre as emissoras concorrentes nas últimas semanas.

Casey Anthony foi acusada de matar a própria filha Cayle de dois anos. O caso repercutiu de tal maneira que incitou diversas manifestações pelo país norte-americano. A acusada inventou o sequestro da própria filha, escondeu da própria família, por mais de um mês, o desaparecimento da criança. Casey Anthony ficou três anos aguardando este julgamento final.

O autor Angrimani (1995) relaciona o sensacionalismo como uma forma de “tornar sensacional um fato jornalístico que, em outras circunstâncias editoriais, não mereceria esse tratamento.” Trata-se de “sensacionalizar aquilo que não é necessariamente sensacional, utilizando-se para isso de um tom escandaloso, espalhafatoso (1995:16)”.

Para que o “*News Night*” ganhasse o direito de dirigir os debates políticos das próximas eleições, era necessário que exibisse toda a cobertura do julgamento de Casey Anthony, assegurando assim o aumento da audiência do programa. A produtora é forçada a deixar de lado assuntos de maior interesse ao público, como a votação da extensão do teto da dívida no congresso, que mesmo sendo uma votação simbólica, pela primeira vez na história o congresso fará que o governo deixe de existir por causa da dívida. Esse tipo de atitude fere o dever do jornalista de divulgar os fatos e as informações de interesse público, presente no capítulo II, Art. 6º, Item II, do Código de Ética.

Episódio 9: “The blackout part II: Mock the dat” (O apagão parte II: Debate simulado)

O episódio 9 tem como ponto central a tentativa da equipe do “*Night News*” em conseguir conduzir e transmitir o debate para as eleições nos Estados Unidos. Há dois tipos básicos de eleição: primárias e gerais. As eleições primárias são realizadas antes de uma eleição geral para definir os candidatos do partido para a eleição geral. Os candidatos vencedores da primária prosseguem para representar o partido na eleição geral (embora possa haver algumas etapas antes que o partido lhes dê permissão para fazer isso). O debate é entre os candidatos que querem ser indicados do Partido Republicano a concorrer à presidência contra o Democrata Barack Obama nas eleições presidenciais de 2012.

A equipe preparou o debate simulado por meses e Will pretende fazer com que os patrocinadores aceitem uma nova formulação de disputa. A inovação consiste em insistir nas respostas dos candidatos e afim de que realmente expressem suas opiniões. No entanto, os patrocinadores não aceitam a proposta e se recusam a bancar um debate liderado por McAvoy daquela forma.

Atualmente a política é feita predominantemente no âmbito público, por meio da fala ou da escrita". Tanto na fala quanto na parte escrita, o jornalismo é parte integrante do fazer político, exatamente no uso que o político faz da imprensa, quando não é ele próprio a exercer funções jornalísticas (Weber, 2003 apud Costa, 2009: 103).

O item II, do Art 2º, do Capítulo I do Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros afirma que "a divulgação da informação precisa e correta é dever dos meios de comunicação e deve ser cumprida independentemente da linha política de seus proprietários e/ou diretores ou da natureza econômica de sua empresa". Os patrocinadores do debate tem receio que com essa nova forma de debate nem todos os candidatos compareçam, o que diminuiria a audiência e consequentemente seus lucros.

Considerações finais

Com a análise de conteúdo dos episódios selecionados do seriado "*The Newsroom*" concluiu-se que há uma forte relação entre o Código de Ética utilizado como base metodológica e o seriado. Essa afinidade permitiu observar na rotina produtiva de um telejornal fictício, "*News Night*", a existência de um jornalismo pautado estritamente nos conceitos éticos. Identificou-se, ainda, o uso da ética em situações comuns do jornalismo: o furo jornalístico, busca por audiência, relação com fontes, construção da notícia e procura pela objetividade.

Observou-se, ainda, como proceder quando intenciona-se mostrar a verdade das notícias, deve-se fazer de maneira clara sem submeter-se a qualquer tipo de exigência que censura, limite a liberdade de expressão ou ao setor mercadológico da empresa. É esse o desafio da equipe do telejornal presente no seriado, a apuração precisa, o compromisso com a verdade e com o telespectador, que mesmo com as exigências de mercado da emissora de TV ACN produzem e veiculam um programa tentando cumprir com todos os conceitos éticos. Contudo, em geral, observa-se no jornalismo da realidade que essa relação de ética e produção jornalística é constantemente estreitada pelas visões de mercado e empresariais.

Apesar da constante tentativa de cumprir padrões éticos o "*News Night*", sendo um telejornal fictício, permite identificar em alguns aspectos que a procura pela objetividade prezada por grande parte dos jornalistas permanece no campo utópico da profissão. Portanto, realizando um reflexo com a realidade nota-se que diversas cláusulas do Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros são frequentemente desconsideradas na produção da notícia. O que permite concluir a formação de um paradoxo, afinal, a existência de um Código de Ética é a afirmação de que ele deve ser seguido sempre por todos os profissionais da área.

Bibliografia

AMARAL, L(1996). *A objetividade jornalística*. Porto Alegre – RS: Sagra-Luzzatto.

ANGRIMANI, D. S.(1995), *Espreme que sai sangue: um estudo do sensacionalismo na imprensa*. São Paulo – SP: Summus.

- BAHIA, J(1990). *Jornal, história e técnica: as técnicas do jornalismo*. São Paulo – SP: Ática, Vol. 2, 4ª Ed.
- BARDIN, L(1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa – PT: Edições 70.
- BRAGA, J. L(2006). *A sociedade enfrenta sua mídia*. São Paulo – SP: Paulus.
- BUCCI, E(2000). *Sobre ética e imprensa*. São Paulo – SP: Companhia das Letras.
- CHIZZOTTI, A(1991). *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. Rio de Janeiro – RJ: Cortez.
- Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros*. Federação Nacional dos Jornalistas – FENAJ. Vitória, 04 de agosto de 2007. Disponível em: <http://www.fenaj.org.br/federacao/cometica/codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros.pdf>. Acesso em: 8 set. 2013.
- COSTA, C. T(2009). *Ética, jornalismo e nova mídia: uma moral provisória*. Rio de Janeiro – RJ: Jorge Zaher.
- DEBRAY, R(1994). *Vida e Morte da Imagem*. Petrópolis – RJ: Vozes.
- ERBOLATO, M. L(2006). *Técnicas de Codificação em Jornalismo*. São Paulo – SP: Ática, 5ª Ed.
- LAGE, N(2004). *A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística*. Rio de Janeiro – RJ: Record, 4ª Ed.
- MATTOS, S(2002). *História da televisão brasileira: uma visão social, econômica e política*. Petrópolis – RJ: Vozes, 2ª Ed.
- NEVEU, E(2006). *Sociologia do Jornalismo*. São Paulo – SP: Edições Loyola.
- REIG, R(2007). *El periodista en la telaraña: nueva economía, comunicación, periodismo, públicos*. Barcelona - ES: Anthropos, 2007.
- ROSEN, J(1996). *Getting the Connections Right – Public Journalism and Troubles in the Press*. Brookings Inst PR.
- SOUZA, M.W(1995). *Sujeito, o lado oculto do receptor*. São Paulo – SP: Brasiliense.

SQUIRRA, S(1990). *Aprender telejornalismo: produção e técnica*. São Paulo – SP: Brasiliense.

TÓFOLI, L(2008). *Ética no Jornalismo*. Petrópolis – RJ: Vozes.

TRAQUINA, N(2005). *Teorias do Jornalismo, porque as notícias são como são*. Florianópolis – SC: Insular, 2ª Ed.

WEBER, M(2003). *A política como vocação*. Trad. Maurício Tragtenberg Brasília – BR: Unb.

Sem final feliz: Síndrome de Peter Parker e as fotos do Rio de Janeiro nos Prêmios Esso de Jornalismo e Imprensa Embratel/Claro³⁶

Soraya Venegas Ferreira, Universidade Estácio de Sá – Rio de Janeiro

sosovenegas@yahoo.com.br

Resumo

O ethos profissional que configura a categoria dos jornalistas vem sofrendo fissuras. A morte do repórter brasileiro Tim Lopes (torturado e assassinado por traficantes, em 2002), a alteração do código de ética dos jornalistas (2007) e a queda da exigência de diploma para obtenção de registro profissional (2009) evidenciaram um questionamento sobre que tipo de jornalismo a sociedade demanda. Ao tradicional equipamento jornalístico de cobertura externa – câmeras fotográficas e de vídeo, bloco e caneta – foram adicionados não apenas os celulares, notebooks e tablets, mas também coletes à prova de balas, capacetes e máscaras anti-gás. Em 2014, a necessária proximidade dos fatos fez mais um mártir: o cinegrafista Santiago Andrade morreu ao ser atingido por um rojão, quando registrava um protesto contra o aumento das passagens de ônibus, no Rio de Janeiro. A foto do momento da explosão, feita por Domingos Peixoto, conquistou um dos maiores prêmios nacionais de Fotografia. Nesse artigo, parte-se do pressuposto que, como em qualquer outra categoria, a identidade do profissional se configura a partir de uma rede de representações sociais que, através de um conjunto de conceitos, técnicas e procedimentos, reproduz e é produzida pelas práticas cotidianas originadas em seu campo. Entre essas práticas estão as premiações. No Brasil, os Prêmios *Esso de Jornalismo e Imprensa Embratel/Claro* tornaram-se tão relevantes que podem ser tomados como capital simbólico, referência de bom exercício profissional e evidenciam paradigmas da prática fotojornalística. Entre as imagens premiadas, muitas têm o Rio de Janeiro como cenário e os fotojornalistas se colocam cada vez mais em risco para retratar uma cidade mais próxima do caos do que das maravilhas pelas quais é mundialmente conhecida. A maioria dessas fotos mostra a violência urbana e parece requerer de seus autores habilidades dignas dos super-heróis da ficção. Contudo, no cotidiano carioca, nem sempre o super-herói sobrevive.

Palavras-chave: Ethos do Fotojornalista, *Prêmio Esso de Fotografia*, *Prêmio Imprensa Embratel/Claro*, *Síndrome de Peter Parker*, Rio de Janeiro

³⁶ Uma versão preliminar desse artigo foi apresentada no VIII Congresso da Sopcom, realizado em Lisboa em 2013.

Abstract

The professional *ethos* which sets the category of journalists has been suffering cracks. The death of Brazilian reporter Tim Lopes (tortured and murdered by drug traffickers in 2002), the change of journalists' code of ethics (2007) and the fact that there's no more need of an university course for obtaining professional register (2009) showed a question about which type journalism society demands. To the traditional journalistic equipment - cameras and video, pad and pen - were added not just cellphones, laptops and tablets, but also bulletproof vests, helmets and gas-masks. In 2014, the required proximity of facts made another martyr: the cameraman Santiago Andrade died after being hit by a rocket, while he was registering a protest against the increase in bus fares in Rio de Janeiro. The photo of the moment of the explosion, taken by Domingos Peixoto, won one of the greatest national photo awards. In this article, we start from the assumption that, as in any other profession, the identity of the professional is configured from a network of social representations, through a set of concepts, techniques and procedures, that reproduces and is produced by the daily practices originated in its field. Among these practices are the awards. In Brazil, the *Prêmio Esso de Jornalismo* e *Prêmio Imprensa Embratel/Claro* became so relevant that can be taken as a symbolic capital, as a good professional practice and show paradigms of photojournalistic practice. Among the images awarded, many have Rio de Janeiro as backdrop and photojournalists are increasingly put themselves at risk to portray a city closer to chaos than to the wonders by which it is known worldwide. Most of these photos show the urban violence and seem to require from their authors fiction super-heroes' skills. However, daily in Rio, the super-hero may not survive.

Keywords: Photojournalistic *Ethos*, *Prêmio Esso de Jornalismo*, *Prêmio Imprensa Embratel/Claro*, *Peter Parker Syndrome*, Rio de Janeiro

Introdução

No âmbito jornalístico, as premiações mundo afora são incontáveis. No Brasil, é quase impossível fazer um mapeamento minimamente representativo, conforme analisa o jornalista Alberto Dines no *Observatório da Imprensa*: "O número de prêmios nacionais de jornalismo é enorme. Difícil de precisar porque não há um controle sobre eles, seus critérios, procedimentos e mesmo resultados." (DINES, 2002, sp). Os prêmios são muitos, embora vários não passem de estratégias de marketing que não alcançam nem a segunda edição. Mas, o mesmo não ocorre com os estudos sobre as premiações.

Conforme levantamento realizado por Robson Dias (2008) em acervos virtuais e físicos de 18 centros de pesquisa brasileiros não há ocorrência significativa de publicações científicas sobre o assunto. De modo geral, as poucas pesquisas sobre premiações põem ênfase no aspecto gerencial das empresas patrocinadoras ou seguem na linha da meritocracia. Evitando um debate sociológico ou simbólico das premiações, a maioria dos estudos aponta para a análise do prêmio em si, sua história e importância no contexto da competição. No sentido de superar esse cenário,

o mesmo autor, em 2013, atualizou o levantamento das pesquisas existentes até aquele momento e se propôs a estudar as premiações brasileiras, com base nos regulamentos, editais, portarias, cartilhas, folders e documentos informais das instituições. Sua pesquisa empírica foi baseada em três listas de prêmios: da Associação Nacional de Jornais (ANJ), da Federação Nacional de Jornalistas (Fenaj) e na dissertação de Rogério Gonçalves, *O superhomem pendura o paletó na repartição: a gênese do jornalista legislativo* (UNB, 2010). Dos 114 prêmios listados, após a checagem e cruzamento de dados, Dias chegou a uma amostra homogênea e válida de 43 premiações, sobre as quais estabeleceu categorias quantificáveis e sistematizou o *modus operandi* dos certames.

Nesse artigo, nossa atenção volta-se para as duas premiações brasileiras mais tradicionais e longevas do campo: o *Prêmio Esso de Jornalismo*, cuja primeira edição ocorreu em 1956 e o *Prêmio Imprensa Embratel*, criado em 1999 e que, em 2014, sofreu significativa reestruturação passando a se chamar *Prêmio Imprensa Embratel/Claro*.³⁷ Busca-se, nesse contexto, entender os critérios usados na avaliação da categoria Fotografia (*Esso*) e Reportagem Fotográfica (*Embratel*), especialmente na escolha das imagens que retratam o Rio de Janeiro, uma cidade multifacetada e que ganha cada vez mais destaque na mídia em função dos grandes eventos que já sediou e que sediará nos próximos anos.

Com base em estudos anteriores, parte-se da hipótese de que, como a avaliação dos trabalhos inscritos é feita por jornalistas, os prêmios reforçam um dado *ethos* profissional (BOURDIEU), baseado na figura idealizada, do repórter-fotográfico enquanto *testemunha ocular da história* e profissional que, quase com um super-herói, alcança lugares inimagináveis para conseguir o ângulo perfeito e enfrenta os perigos para, numa caça ao referente, capturar o *momento decisivo*³⁸ e trazer para o leitor a imagem única, que ficará marcada na memória.

A segunda hipótese leva em conta que como o júri é, geralmente, composto por figuras de atores (BOURDIEU) que são emblemáticas do campo jornalístico (normalmente de mercado e nem sempre especialistas em fotografia), as imagens vencedoras tendem a espelhar a relevância do acontecimento retratado, segundo critérios de noticiabilidade (TRAQUINA) específicos, que reforçarão uma visão do Rio de Janeiro, que o afasta de sua *marca* de cidade maravilhosa e que o aproxima da figura de metrópole do caos e da violência.

Por fim, a terceira hipótese parte do fato de que, ao mesmo tempo em que as premiações oferecem o coroamento de uma prática junto aos pares, elas também sinalizam como deve ser a conduta dos profissionais em suas práticas cotidianas de seleção, coleta, apuração, processamento e distribuição da informação noticiosa, que gradativamente são incorporadas àquilo que Pierre Bourdieu denominou *habitus* de um campo social. Ou seja, uma forma de percepção e pensamento que perpassa as subjetividades individuais e irá se refletir nos sistemas

³⁷ Em sua 15ª edição, o Prêmio Imprensa Embratel/Claro, além da mudança de nome – antes Prêmio Imprensa Embratel – promoveu alterações nas categorias. As de reportagem fotográfica e reportagem cinematográfica foram fundidas na atual Reportagem Foto/cinematográfica.

³⁸ Henri Cartier-Bresson propôs o conceito de *momento decisivo* ao tratar da fotografia baseada no flagrante e da mínima relação entre o fotógrafo e seu referente. Para ele, o profissional deve numa mesma fração de segundo reconhecer o fato em si e organizar rigorosamente as formas visuais percebidas.

classificatórios da atividade profissional sobre o que é legítimo e ilegítimo. No caso do campo jornalístico seriam, por exemplo, os parâmetros daquilo que é considerado verdade ou mentira; o que é noticiável ou não; o que é fato e o que é opinião e assim por diante.

Nesse aspecto, quanto à imagem fotográfica e cinemetográfica há um reforço da estética do flagrante³⁹, cuja execução demanda proximidade física do fato, o que acaba por colocar o profissional cada vez mais em risco de morte. Esse foi o caso de Santiago Andrade, cinegrafista atingido por um rojão durante uma manifestação contra o aumento das passagens de ônibus no Rio de Janeiro em fevereiro de 2014, cuja morte foi registrada pelo repórter-fotográfico Domingos Peixoto. Sua foto mereceu o *Prêmio Esso de Fotografia* 2014 e foi finalista – em situação de empate – do *Prêmio Imprensa Embratel/Claro* na categoria de *Reportagem Foto/cinematográfica*⁴⁰.

A cidade e suas representações

Rio 40 graus/ Cidade maravilha/ Purgatório da beleza/ E do caos...(2x)/ Capital do sangue quente/ Do Brasil/ Capital do sangue quente/ Do melhor e do pior/ Do Brasil...(2x)/ Cidade sangue quente/ Maravilha mutante.../ O Rio é uma cidade/ De cidades misturadas/ O Rio é uma cidade/ De cidades camufladas/ Com governos misturados/ Camuflados, paralelos, sorrateiros/ Ocultando comandos...(ABREU, FAWCETT e LAUFER, 1992)

A música *Rio 40 graus* de Fernanda Abreu, Fausto Fawcett e Laufer sintetiza um modo de ver a cidade do Rio de Janeiro, partindo de ideias cristalizadas no imaginário social. Conhecido por suas belezas naturais e povo hospitaleiro, o Rio de Janeiro tornou-se há três anos, oficialmente, a primeira cidade do mundo a receber da Unesco o título de Patrimônio Mundial como Paisagem Cultural Urbana. Mas, a canção item não trata só das qualidades da cidade que acolheu a Jornada Mundial da Juventude (2013), sediou alguns jogos da Copa das Confederações (2013), da Copa do Mundo (2014) e que será palco dos Jogos Olímpicos (2016). Ela mostra as contradições de uma “cidade partida”, “cidade de cidades misturadas”, “purgatório da beleza e do caos”, “maravilha mutante”, que se apresenta como campo de forças e um território em permanente redefinição.

O Rio de Janeiro foi também importante palco das manifestações populares que eclodiram em junho de 2013, nas quais muitos jornalistas foram hostilizados e agredidos.⁴¹ O aumento no

³⁹ Especificamente sobre a estratégia discursiva do flagrante, há o trabalho de *Vai dar Prêmio: A Valorização da Violência como Tema e do Flagrante como Paradigma nas Fotografias Vencedoras do Prêmio Esso de Jornalismo e do Prêmio Imprensa Embratel*, de Ferreira, Soraya Venegas

⁴⁰ Como previsto no regulamento, a decisão coube à presidência do Jurí, que concedeu o prêmio a *Um mergulho no absurdo*, de Diego Nigro e não a *Crime à liberdade de imprensa*, de Domingos Peixoto.

⁴¹ A Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji) publicou em dezembro de 2013 a análise dos casos de agressão contra jornalistas ocorridos nos protestos entre 11 junho e outubro de 2013. Inicialmente foram registradas 114 ocorrências, mas como em 22 delas não foi possível identificar se foram ou não intencionais, o universo de análise do motivo da agressão caiu para 92 casos. Destes, a partir do relato das vítimas, chegou-se a conclusão de que 71 agressões (77,2%) foram deliberadas. Foram considerados deliberados os ataques realizados a despeito da identificação das vítimas como profissionais da imprensa. Essas agressões incluíram intimidação, violência física, tentativa de atropelamento, ataque de cães, furto ou dano de equipamentos (não incluídos carros de reportagem ou sedes de empresas de comunicação) e prisão. Do universo de ataques deliberados, 56 deles (78,9%) foram protagonizados pelas forças policiais, enquanto 15 (21,1%) tiveram como agressores os manifestantes.

preço das passagens do transporte público foi o estopim para uma onda de protestos sucessivos. O modo como as manifestações foram reprimidas chamou a atenção da imprensa e, a partir das imagens divulgadas não apenas na mídia tradicional, mas também nas redes sociais, a adesão popular aos protestos cresceu. Os movimentos sociais pautaram as passeatas, levantando temas como corrupção política, má qualidade dos serviços públicos, gastos públicos com os grandes eventos esportivos entre outros assuntos específicos de cada grupo. Assim, o Rio de Janeiro, mais uma vez, ganhou destaque na mídia local e internacional não só por sua beleza ou ainda pela desigualdade social, arquitetura das favelas, tráfico de drogas ou face violenta do crime organizado e da repressão policial, mas também pela força das suas manifestações de rua.

Do ponto de vista geopolítico, vários fatores contribuíram para a formação do território carioca, e outros tantos continuam agindo para reforçá-los. Para entender o Rio de Janeiro, é preciso pontuar que, por ter sido sede do Império e capital da República até a inauguração de Brasília, em 1961, a cidade “reserva a referência simbólica da história nacional e, em certa medida, ainda é base para as diferentes construções para a identidade nacional brasileira” (FACCIN, 2013:20), pois há diversos organismos federais atuando no município. Além disso, a cidade é sede da maior emissora de TV do Brasil – a Rede Globo – que nela ambienta muitas das tramas de suas telenovelas. Em termos noticiosos, o Rio de Janeiro divide com São Paulo (a metrópole econômica do país) e Brasília (a capital política) boa parte do espaço nos *media* e, consequentemente, tem papel significativo nas premiações para produtos jornalísticos.

FACCIN pontua ainda que, através de uma rápida visada no processo de ocupação do território do Rio de Janeiro, é possível afirmar que:

A cidade é resultado de uma rede complexa de fatores históricos, geográficos, culturais, sociais de onde se percebe o diálogo muito forte com o centro e a periferia, o local e o nacional, o nacional e o estrangeiro, o moderno e o arcaico, o litoral e o não-litoral. Tais fatores acabaram contribuindo para uma cidade nitidamente dividida e híbrida. Uma divisão que não se limita única e exclusivamente à questão político-administrativa, mas especialmente ao ordenamento simbólico das diferentes instancias de mediações que tem atuado nesse processo, dentre elas a dos dispositivos jornalísticos. (FACCIN, 2013:19)

Em complemento, percebe-se que o jornalismo é uma instância privilegiada na mediação entre o cidadão e a realidade. Como pontua ALSINA, a representação que os meios de comunicação fazem da realidade muitas vezes supera a própria realidade perceptiva, especialmente no caso da imagem fotográfica e televisiva, na qual “o olho eletrônico chega onde não pode chegar o olho humano” (ALSINA, 2005:143). Sendo assim, o jornalismo atua segundo critérios de noticiabilidade que lhes são próprios. Entre os fatos que demonstram alto potencial de serem transformados em notícia, muitos estão os ligados a demonstrações de violência. Embora de difícil definição, a violência representa uma ruptura na ordem social e marca a distinção entre os que são fundamentalmente da sociedade e os que estão fora dela. Segundo a antropóloga Alba Zaluar, o termo violência, derivado do latim *violentia*, remete a *vis* “(força, vigor, emprego de força física ou os recursos do corpo em exercer a sua força vital). Esta força

torna-se violência quando ultrapassa um limite ou perturba acordos tácitos e regras que ordenam relações, adquirindo carga negativa ou maléfica” (ZALUAR, 1999: 28).

Entre os critérios de noticiabilidade apresentados por TRAQUINA está o de infração, que se refere à transgressão de regras, o que justifica a importância do crime como notícia: “um crime mais violento, com um maior número de vítimas, equivale à maior noticiabilidade para esse crime. Qualquer crime pode ficar com maior valor notícia se a violência lhe estiver associada” (TRAQUINA, 2008: 85). Quando o alvo dessa violência é um jornalista, esse critério parece se revestir de um índice ainda maior de noticiabilidade na medida em que o que se busca com o ato violento é impedir a mediação profissional entre o fato e o cidadão. Kunczik se refere ao jornalismo como instância que deve se preocupar com todas as esferas da sociedade: “Se o jornalismo há de cumprir a sua função informativa e capacitar a todos para tomar parte da vida da sociedade, então deve orientar-se pelo ideal da maior capacidade de reconstrução possível em todos os domínios, ainda que isso jamais se cumpra por completo” (KUNCZIK, 2002, p.346). Nesse sentido, assevera: “Os jornalistas tem a responsabilidade profissional para com o público a que estão servindo” (KUNCZIK, 2002, p.37). Assim, numa visão romântica, porém paradigmática, da profissão, cabe ao jornalista, do mesmo modo que aos super-heróis da ficção, se superar cotidianamente para atender às demandas da sociedade.

Segundo pesquisa de Silvia Ramos e Anabela Paiva (2007), o Brasil é um dos países mais violentos do mundo, onde cerca de 50 mil pessoas são assassinadas por ano. A taxa de homicídios aumentou 77% em vinte anos, passando de 15,2 homicídios por 100 mil habitantes em 1984 para 26,9, em 2004. Para as autoras, enquanto os casos atingiam moradores de periferia e grupos economicamente menos favorecidos, mídia e sociedade pareciam não se sensibilizar. Nos anos 1990, quando os atos violentos chegaram às classes altas, a imprensa e as organizações governamentais e não governamentais começaram a se mobilizar. Os jornais alteraram suas estratégias de cobertura em busca de reportagens mais qualificadas. Como consequência, os jornalistas especializados na cobertura de assuntos ligados à criminalidade passaram a ter maior reconhecimento entre os colegas. Essa percepção, aliada ao aumento do número de prêmios conquistados através de reportagens, fotos e vídeos sobre violência urbana a partir dos anos 1990, pode trazer luz para o entendimento do perfil profissional do repórter-fotográfico atuante no Rio de Janeiro.

O Ethos profissional e as premiações

Necessário é logo que haja prêmios para que haja soldados, e que aos prêmios se entre pela porta do merecimento: deem-se ao sangue derramado, e não ao herdado somente; deem-se ao valor, e não à valia, quer depois que no mundo se introduziu venderam-se as honras militares, converteu-se a milícia em latrocínio, e vão os soldados à guerra a tirar dinheiro com que comprar, e não a obrar façanhas com que requiere (VIEIRA, 1998, sp).

As palavras do Pe. Antônio Vieira no *Sermão da Visitação de Nossa Senhora* servem de guia para a reflexão sobre as premiações oferecidas aos jornalistas em geral e aos repórteres-fotográficos em particular - uma classe, que no Brasil, é normalmente social e salarialmente desvalorizada em comparação aos profissionais do texto. Para os que resolvem competir pelos prêmios de jornalismo há implicitamente a exigência de adequação do seu trabalho às normas da premiação cobiçada. Os prêmios concedidos passam, então, a funcionar como matrizes de referência geradoras e/ou reforçadoras de determinados valores e práticas, que são gradativamente incorporados ao *habitus* do campo social (BOURDIEU) e funcionam como paradigmas da comunidade interpretativa do jornalismo (TRAQUINA).

Diante desta percepção, surge a hipótese de que, na atualidade, algumas premiações tornam-se tão relevantes que viram referência de bom exercício da profissão. As premiações concedidas aos jornalistas fariam parte do *capital simbólico*, que, para BOURDIEU, inclui os méritos acumulados, prestígio e reconhecimento associado à pessoa ou posição. Assim, a luta concorrencial em torno da apropriação deste capital seria irreduzível na medida em que seus agentes demonstrassem maior ou menor grau de interesse para lutar por ele (BOURDIEU, 1994: 5). Aqui se tem também a importância distintiva que cada tipo de prêmio possui intrinsecamente comparativamente a outros. No Brasil, o grande destaque é o *Prêmio Esso de Jornalismo* em sua 59ª edição, seguido, mais recentemente, pelo *Prêmio Imprensa Embratel/Claro*, na 15ª.

O desdobramento deste capital simbólico conquistado é a credibilidade, pois é da natureza do trabalho jornalístico e, em especial da fotografia, fazer crer. O imperativo da credibilidade está atrelado à capacidade de acúmulo de capital, pelo viés do reconhecimento, tanto por parte dos profissionais quanto das empresas jornalísticas. Inicialmente, as premiações jornalísticas não teriam caráter primordial de recompensa, pois o reconhecimento pressupõe a adesão do jornalista à sua prática cotidiana no intuito de conquistá-lo, para além do valor dinheiro, típico da recompensa. No primeiro caso, temos a ideia do valor, no segundo, a da valia.

Mas, cabe-se perguntar como os profissionais de imagem se posicionam em relação ao *ethos* e ao *habitus* profissionais tradicionalmente atribuídos aos jornalistas? Há algumas fissuras. Muitos repórteres-fotográficos afirmam-se mais como fotógrafos do que como jornalistas, pois não são eles que decidirão qual será a fotografia publicada. Assim, tendem a oscilar entre a autoimagem de *apertadores de botão*, capazes apenas de operar o equipamento fotográfico e a de *artistas da imagem*, cerceados em sua criatividade pelo *compromisso com a verdade*, imposto *ethos* jornalístico. Há fotojornalistas que defendem a *objetividade* fotográfica e, ao evitar qualquer relação com o fotografado, transformam seu ofício na busca da *imagem única*, em uma *caça ao referente*, que sintetize a notícia em uma só foto. Outros, em contrapartida, buscam intervenções pré-fotográficas para elaborar um registro ou ensaio fotográfico mais abrangente e *produzido* ou até mesmo para falsear a informação em busca de mais impacto. Essas práticas podem trazer visibilidade nos *media*, mas não tem sido valoradas nos prêmios brasileiros de jornalismo.

Alcançar o *Prêmio Esso de Fotografia* ou atual *Embratel/Claro de Reportagem Foto/cinematográfica* é percebido no campo como o reconhecimento de uma determinada prática profissional. Pela observação das imagens premiadas nos últimos anos, nota-se que essa prática passa pela labuta nas coberturas jornalísticas da editoria de Polícia e/ou cidade, trazendo flagrantes de ações policiais ou demonstrações de força do crime organizado e, mais recentemente, a hostilidade de manifestantes em protestos de rua nos grandes centros urbanos. Para SONTAG, quanto mais esses registros deixarem transparecer a referência mais serão valorizadas.

“Nas fotografias de atrocidades, as pessoas querem o peso de testemunho sem a nódoa do talento artístico, tido como equivalente à insinceridade ou à mera trapaça. Fotos de acontecimentos infernais parecem mais autênticas quando não dão a impressão de terem sido “corretamente” iluminadas e compostas porque o fotógrafo era um amador ou – o que é igualmente aproveitável – adotou um dos diversos estilos sabidamente antiartísticos. Ao voarem baixo, em termos artísticos, essas fotos são julgadas menos manipuladoras”. (SONTAG, 2003, p.26)

Nesse sentido, as premiações parecem levar em conta também o *modus operandi* para obtenção da imagem – nível de risco envolvido, coragem do profissional para enfrentar a situação, tamanho do perigo vencido, tempo gasto na execução da reportagem e resultados obtidos a partir da veiculação da imagem. Esses aspectos são normalmente ressaltados nos textos que acompanham as fotografias vencedoras e nos reconciliam com o ideal de um profissional que desvela o que está escondido, expõe o que está errado e, através do seu trabalho, é capaz de levar criminosos para cadeia e modificar as condições de vida dos mais necessitados, bem à moda dos super-heróis, como o repórter Clark Kent ou o fotojornalista Peter Parker, que fora do horário de trabalho, são respectivamente o Super-Homem e o Homem-Aranha. Porém, na medida em que conquistar os prêmios é alcançar um determinado capital simbólico, percebe-se que, essa busca tem aproximado cada vez mais profissionais de situações perigosas.

Quando a imagem intitulada *Crime à liberdade de Imprensa* conquistou do *Prêmio Esso de Fotografia* de 2014, e foi finalista na categoria *Reportagem Foto/cinematográfica* do *Prêmio Imprensa Embratel/Claro*, percebeu-se que é premiável também a imagem autoreferente, pois mostra o jornalista enquanto alvo da violência. De *escudo da sociedade*, o profissional de mídia tornou-se vidraça a ser atingida por pedras e rojões atirados não apenas pelas forças do Estado, mas também pelos cidadãos que se manifestaram pelas ruas das cidades. À exemplo dos super-heróis, que embora solitários, às vezes agem em duplas ou em ligas, os fotojornalistas e cinegrafistas nesse tipo de cobertura tendem a estar fisicamente próximos. Mais do que pela luta concorrencial, muitas vezes o cotidiano é marcado pela necessidade de proteção. Por isso, foi possível a Domingos Peixoto flagrar o atentado ao colega cinegrafista da Rede Bandeirantes, do qual são exigidos os mesmos requisitos de heroísmo. Em entrevista ao jornal *O Globo*, do

qual é funcionário, Peixoto conta que já tinha enviado várias imagens das manifestações para a redação, mas decidiu ficar até o fim dos protestos, por isso foi o único a registrar a tragédia.⁴²



Figura 1 – *Crime à liberdade de Imprensa* - Domingos Peixoto, 2014

Prêmios Esso e Embratel e a *síndrome de Peter Parker* no fotojornalismo carioca

“O Prêmio Esso tem se revelado por premiar, por distinguir fotos que registrem aquele momento único, mas um momento de ação. Quase sempre a *hard foto*, quase sempre. Eu acho que só na ausência da *hard foto* é que o Prêmio Esso se volta para premiar outros estilos, mas sempre com um sentido jornalístico muito aguçado, porque sempre foi um prêmio de profissionais de jornalismo para profissionais de jornalismo” (PORTILHO, 2001, sp)⁴³.

A afirmação do jornalista Ruy Portilho, organizador do *Prêmio Esso*, nos faz pensar numa possível *receita* para conquista do *Prêmio Esso*, que no Brasil, equivale ao que representa o *Prêmio Pulitzer* para os americanos. Mas, além do *Prêmio Esso de Jornalismo*, cuja primeira edição ocorreu em 1956 há, entre outros, o *Prêmio Imprensa Embratel/Claro* que, em sua 15ª edição, vem se constituindo como o segundo prêmio mais importante do campo jornalístico brasileiro. Em relação à sua natureza, ambos propõem diferentes categorias para dar conta da diversidade de formas narrativas que a prática jornalística assume. Elas refletem, portanto, uma dada visão do campo e da competência profissional. Nas premiações, as categorias podem ser agrupadas em três grandes grupos: práticas jornalísticas que remontam os meios de difusão das produções (rádio, televisão, mídia impressa, site, blog), assunto abordado (esportes, cultura, informação científica, ambiental, econômica, etc.) e linguagem em que a informação é *formatada* (criação gráfica, fotografia, reportagem foto/cinematográfica, primeira página).

As duas premiações são de âmbito nacional, mas apresentam divisões regionais. O júri costuma ser composto por figuras emblemáticas do campo jornalístico (normalmente de

⁴² O Globo ganha Prêmio Esso de Reportagem e Fotografia em <http://oglobo.globo.com/brasil/o-globo-ganha-premio-esso-de-reportagem-de-fotografia-14541983>, acessado a 06 de dezembro de 2014

⁴³ Entrevista a Flávio Rodrigues em <http://www.photosynt.net>, acessado a 20 de maio de 2009.

mercado), o que gera uma avaliação entre os pares, que compartilham valores inerentes à comunidade interpretativa dos jornalistas (TRAQUINA), parâmetros que orientam a prática profissional de qualquer redação, como se fosse o caminho a ser trilhado para se alcançar o objetivo final, que é a conquista do prêmio. Devido a essa variedade de categorias, é necessária a existência de um *grande prêmio*, que deverá apontar o melhor trabalho jornalístico daquele ano independente de qualquer categorização. Com base nas edições finalizadas em 2014, constata-se que o *Prêmio Esso* divide-se em 13 categorias, enquanto o *Embratel* contempla 16.

Quanto ao *Prêmio Esso*, o primeiro reconhecimento do valor da imagem fotográfica ocorreu em 1960, quando o fotojornalista Campanella Neto, que com exclusividade retratara os *acontecimentos de Aragarças* (um movimento contrário ao governo de Juscelino Kubitschek) ganhou *voto de louvor*. No ano seguinte, *Fotografia* passou a ser uma categoria em separado. De lá para cá, mais de 70 repórteres fotográficos representantes de revistas, jornais e agências de quase todos os estados do país já receberam o *Prêmio Esso*, seja na categoria específica, *menção honrosa*, *voto de louvor* ou *informação jornalística*. Na categoria *Fotografia*, há fotógrafos novatos premiados, enquanto profissionais experientes jamais alcançaram essa deferência. Evandro Teixeira, por exemplo, é um renomado fotojornalista brasileiro, com livros publicados, exposições internacionais e quase meio século dedicado ao fotojornalismo diário no Rio de Janeiro, que jamais recebeu um *Esso*.

O *Prêmio Embratel/Claro* passou a contemplar a Reportagem Fotográfica em 2000, já sob o domínio da cor na fotografia de imprensa. E, como no *Esso*, em sua maioria, as imagens premiadas não demonstram valorar especificamente a cor tropical ou seu uso expressivo. As fotos tendem a ser escolhidas por seu componente referencial. O mesmo ocorre com o advento da imagem digital. Sem negativo e com ampla possibilidade de alterações técnicas no registro inicial, as imagens digitais são premiadas segundo os mesmos critérios antes usados para as analógicas. Destaca-se o fato retratado, não a possibilidade expressiva do tratamento digital. Nas 15 edições do *Prêmio Embratel de Reportagem Fotográfica* não houve repetição de profissionais vencedores. Entre os agraciados, onze tiveram seus trabalhos publicados em jornais da região Sudeste (oito no Rio de Janeiro e três em São Paulo).

A cada premiação que se cria, novas diretrizes implícitas para a prática jornalística são definidas, pois apontam para identidades profissionais específicas. Em 1999, quando começou o *Prêmio Imprensa Embratel*, o *Esso de Jornalismo* já se configurava como a premiação paradigmática do campo e, portanto, o *Embratel* surgiu de maneira tímida. O objetivo, contudo, era transformá-lo em um projeto mais abrangente, de âmbito nacional e capaz de mobilizar todas as mídias do país. Buscava-se ainda criar um prêmio “atual e dinâmico”, contemplando trabalhos jornalísticos que se adequassem à “nova realidade sócio, econômica e cultural do povo brasileiro”, ao mesmo tempo em que tivesse a “capacidade de estimular e disseminar o debate

coletivo sobre temas de relevância, tais como inclusão social, consciência ambiental e o resgate dos nossos valores culturais”⁴⁴.

As duas premiações se orientam por regulamentos, que além de apresentar a divisão em categorias, costumam explicitar a sistemática de julgamento, bem como a definição de alguns dos critérios de excelência. No *Prêmio Imprensa EmbratelClaro*, o julgamento é feito em três fases: *Pré-Avaliação*, *Seleção Regional* e *Julgamento Nacional*. A Comissão de Pré-Avaliação seleciona cerca de dez reportagens por categoria. Na etapa de Seleção Regional, são valoradas reportagens regionais, atribuindo notas aos trabalhos selecionadas pela Comissão de Pré-Avaliação. Com base na pontuação obtida, no mínimo, três matérias de cada região seguem para avaliação da Comissão Julgadora Nacional, composta por 12 membros, escolhidos entre renomados profissionais de imprensa. O Júri Nacional atribui notas a cada um dos trabalhos de cada categoria e, por média, chega-se aos vencedores e, ao contrário das fases anteriores, há uma reunião presencial para dirimir dúvidas e apontar o grande vencedor do prêmio – o *Troféu Barbosa Lima Sobrinho*. Em qualquer caso de empate, o *voto de Minerva* cabe à presidência do Juri Nacional.

Já no *Prêmio Esso de Jornalismo*, o julgamento é realizado em duas etapas. Na primeira, uma Comissão de Seleção indica, via Internet, dentre os inscritos, aqueles que tem melhores condições de concorrer às premiações em número de cinco para cada categoria, a exceção de *Fotografia*, para a qual deverão ser indicados dez trabalhos. Para isso, são atribuídas notas que poderão variar de 1 a 10. Na segunda etapa, uma Comissão de Premiação aponta, dentre os finalistas, o vencedor de cada categoria e também os ganhadores do *Prêmio Esso de Reportagem* e do *Prêmio Esso de Jornalismo*. O trabalho vencedor do *Prêmio Esso de Fotografia* é escolhido, via Internet, dentre os trabalhos finalistas, por uma Comissão Especial, composta por 50 experientes fotojornalistas, muitos deles ex-editores de fotografia.

Ao contrário do *Prêmio Esso*, que tem uma comissão diferenciada para analisar o telejornalismo e a fotografia; no *Embratel/Claro*, a comissão julgadora é única para todas as categorias. Essa sistemática demonstra posições díspares em relação ao entendimento das imagens jornalísticas. Se para o *Esso*, é necessário o olhar de especialistas em televisão e fotografia para julgá-las, para o *Embratel/Claro*, o perfil generalista de formação profissional é capaz de garantir a avaliação competente de qualquer produto jornalístico, independente de formato ou do meio de difusão. Em sua 15ª Edição, o *Prêmio Embratel/Claro* acirrou ainda mais a disputa no campo imagético e tornou comparáveis as imagens jornalísticas fixas e em movimento, na medida em que fundiu as categorias *Reportagem Fotográfica* e *Reportagem Cinematográfica* em uma única categoria denominada *Reportagem Foto/Cinematográfica*, que contempla fotos, ensaios e sequências fotográficas e vídeos.

Entre fotografias premiadas pelo *Esso* nos últimos anos (mais especificamente a partir de 1993) e pelo *Embratel* desde a sua criação, há predominância de imagens publicadas pela

⁴⁴ www.premioimprensaembratel.com.br, acessado a 10 de abril de 2013.

Editoria de Polícia em que a violência funciona como imperativo noticioso. Em algumas, além do crime, há a explicitação visual da violência, seja pelo registro de corpos mutilados, de sangue ou por abordar a morte. Um dos critérios substantivos de seleção apresentados por TRAQUINA é justamente a morte: “Onde há morte, há jornalistas. A morte é um valor notícia fundamental para essa comunidade interpretativa e uma razão que explica o negativismo do mundo jornalístico que é apresentado diariamente nas páginas do jornal” (TRAQUINA, 2008:79). E, nesse sentido, a participação do Rio de Janeiro enquanto cenário para as imagens de violência é bastante significativa, como pode-se observar nas tabelas a seguir. Elas mostram o levantamento dos treze prêmios de *Fotografia (Esso)* e os cinco de *Reportagem Fotográfica (Embratel)* nos quais o Rio de Janeiro é o cenário da ação retratada, bem como dos textos que acompanham as imagens nos sites oficiais das premiações.

Tabela 1: Prêmio Imprensa Embratel/Claro – Categoria Reportagem Fotográfica – Rio de Janeiro

ANO	AUTOR/VEÍCULO	TÍTULO	Identificação das imagens
2002	Wania Corredo/ O Globo	Execução numa rua de Benfica	Sequência de três fotos registrando o flagrante de dois motoqueiros atirando à queima-roupa e matando um cidadão no bairro de Benfica, no Rio de Janeiro, após uma tentativa frustrada de assalto para levar sua caminhonete.
2003	Julio Cesar Guimarães/ Lance!	A Espada era a Lei	Em fotos sequenciais, é mostrada a ação de um policial a cavalo que, empunhando uma espada, golpeia um torcedor sentado e com as mãos nas costas, depois de obedecer às ordens do mesmo policial para se afastar da torcida e ficar sentado em uma mureta, próximo ao estádio do Maracanã.
2004	Carlos Moraes / O Dia	Execução no Morro da Providência	Conjunto de fotos mostra a execução de um jovem da favela por policiais, após um ataque de traficantes a um helicóptero da Polícia Civil, a bordo do qual estava o repórter autor da foto vencedora.
2008	Marcelo Régua/ O Dia	Retrato trágico do Brasil das armas	A equipe acompanhou e documentou, durante 23 dias e noites, a rotina de medo e humilhação dos moradores dos morros da Babilônia e Chapéu Mangueira, no Leme, zona sul do Rio de Janeiro, diante do poderio das armas dos traficantes.
2010	Marcos Tristão/ O Globo	Luto no Afro- reggae - Menino chora ao tocar na homenagem a Evandro	A imagem registra o choro de Diego Frazão, o Diego do Violino, ao tocar em homenagem ao coordenador de projetos sociais do Grupo Afro-Reggae, Evandro João da Silva, morto em um assalto no Centro do Rio, em outubro 2009. Diego tinha 12 anos e sofria de leucemia, vindo a falecer seis meses depois.

Tabela 2: Prêmio Esso de Jornalismo – Categoria Fotografia – Rio de Janeiro

ANO	AUTOR/VEÍCULO	TÍTULO	Identificação das imagens
1967	Antônio Andrade/Fatos e Fotos	Astragédias de janeiro	A violência das chuvas transformou dezenas de ruas da cidade em verdadeiros rios. Arrastando casas, automóveis e pessoas. Algumas salvas com ajuda de cordas e muito esforço de voluntários e soldados. Era janeiro, no Rio.
1971	Alberto Jacob/Jornal do Brasil	O quase atropelamento	A queda de uma religiosa no asfalto da pista de rolamento da Praia do Flamengo, no Rio de Janeiro, deu a Alberto Jacob a rara oportunidade de registrar um quase atropelamento.
1983	Luiz Morier/Jornal do Brasil	Todos negros	Uma "batida" policial nas favelas cariocas (Morro da Cachoeira no Engenho Novo) possibilitou à Polícia Militar a prisão de dezenas de suspeitos e o surgimento de um tipo de "algema" ainda desconhecido da população.
1993	Luiz Morier/Jornal do Brasil	Inferno no paraíso	Ao acompanhar um grupo de turistas a um passeio na Floresta da Tijuca, no Rio, o fotógrafo consegue, com sangue-frio, registrar o momento exato em que os dois assaltantes ameaçam com revólveres um casal, para roubar dinheiro e pertences. Mais tarde, os ladrões foram reconhecidos e presos.
1995	Michel Filho/Jornal do Brasil	Manifestação e tiroteio na Linha Vermelha	Momento em que um helicóptero da polícia canoica manobrava a poucos metros do solo tendo a bordo um PM apontando a arma em direção a um grupo organizado que interrompia o trânsito na Linha Vermelha.
1996	Léo Corrêa/A Notícia	Exposição macabra na favela	Os corpos de dois supostos traficantes da Favela do Aço, no Rio de Janeiro, assassinados com tiros de armas de grosso calibre, foram colocados sobre manilhas, ficando expostos durante horas à visão dos moradores.
1998	Paulo Alvadia/O Dia	Em pé de guerra	A fúria dos moradores de favela próxima à Linha Amarela que protestavam contra o descaso do poder público em relação aos temporais que inundaram a cidade do Rio.
1999	Marco Terranova/Jornal do Brasil	Domingo de Pavor	Zona Sul do Rio, praias de Ipanema e Leblon, muito sol, muita gente. Tudo transcorria para coroar mais um domingo de alegria quando, de repente, uma troca de tiros entre quatro ladrões e policiais, em plena via pública, leva o pânico aos transeuntes. Bicicletas e até um carrinho de bebê foram abandonados na correria.
2000	Zulmair Rocha/Folha de S. Paulo	Boca a Boca	A foto mostra o socorro prestado a uma criança por um policial militar. O fato ocorreu durante confronto entre a PM e traficantes do Morro do Jacarezinho, no Rio.
2002	Wania Corredo/Extra	Execução em uma rua de Benfica	Flagrante do assassinio de um desenhista de móveis, em plena luz do dia, em uma rua do bairro de Benfica, no Rio de Janeiro. A execução foi cometida pelo ocupante da garupa de uma moto. A publicação das fotos levou, dias depois, à prisão dos criminosos.
2003	Carlos Moraes/O Dia	Ataque a helicóptero: reação, fuga e execução	O conjunto de fotos, tiradas de um helicóptero, mostra o momento em que dois suspeitos são mantidos sob a mira de armas por policiais, pouco antes de aparecerem mortos, sendo carregados pelas escadarias do Morro da Providência, no Rio. As tatuagens exibidas por um dos detidos permitiram que fossem reconhecidos como os mesmos suspeitos que, momentos antes, apareciam desarmados e já dominados.
2006	Marcelo Carnaval/O Globo	Engenheiro é morto no centro	A foto revela todo o silencioso desespero de uma mãe ao amparar no colo o filho morto a tiros momentos antes, em uma das ruas do Centro do Rio de Janeiro.
2010	Alexandre Vieira/O Dia	Faroeste Carioca	Alexandre Vieira, do jornal O DIA, acompanhou cenas de desespero quando passava pela Avenida Brasil, na altura do bairro de Guadalupe, no Rio de Janeiro. O trabalho intitulado "FAROESTE CARIOCA" exibe a sequência de imagens de um tiroteio que teve como consequência a morte de um suposto assaltante. Segundo o jornal, num episódio ainda confuso, dois policiais e um bombeiro estiveram envolvidos na ação. Um dos PMs foi ferido, e já havia sido preso por porte ilegal de armas.

Nos textos que acompanham as imagens, notam-se outros valores-notícia trabalhados por TRAQUINA. Entre eles está o conflito ou a controvérsia, que pode ser explicitada de forma violenta em termos físicos ou simbólicos. Percebe-se que a presença da violência física (como retratado na maioria das fotos listadas) fornece mais noticiabilidade. Além de se basear em valores-notícia tanto de construção como de seleção, a fotografia destacada pelas premiações privilegia o flagrante, baseado no conceito de bressoniano de *momento decisivo*. Ressalta-se que, recentemente, as sequências fotográficas passaram a ser mais valorizadas rivalizando com a noção de foto-síntese – a imagem única capaz de sintetizar a notícia. Talvez, em função dessa constatação, tenha surgido a categoria *Reportagem Foto/cinematográfica*, que torna comparáveis imagens de natureza tão diferente.

Em vários dos textos que acompanham as fotografias premiadas, ressalta-se no perfil esperado do fotojornalista, o que aqui é chamado de *Síndrome de Peter Parker*. Ele é descrito como um profissional que tem *sangre-frio*, enfrenta *bandidos*, policiais e, atualmente, também manifestantes, em momentos de arbitrariedade. Faz isso para conseguir a melhor imagem que, em algumas situações, será justamente a *prova* para punir os responsáveis por uma ação criminosa.



Figura 2 – Domingo de pavor – Marco Terranova – Prêmio Esso de Fotografia de 1993



Figura 3 - Execução numa rua de Benfica – Wania Corredo – Prêmio Esso de Fotografia e Prêmio Imprensa Embratel de Reportagem Fotográfica – 2002

Considerações Finais

O jornalista Geraldinho Vieira pontua que “o poder da imagem, da palavra, da seleção e interpretação dos fatos, e de sua multiplicação cria a ilusão do repórter super-homem” (VIEIRA, 1991:12). É o que ele chama de *Complexo de Clark Kent*. Aqui, a comunidade interpretativa (TRAQUINA) dos jornalistas-jurados destaca para os repórteres-fotográficos atuantes no Rio de Janeiro, algumas características reunidas aqui sob uma nova denominação: *Síndrome de Peter Parker*. A preferência pelo termo *síndrome* se dá porque este não define obrigatoriamente uma doença e pode ser entendido como um conjunto dos sinais e sintomas que caracterizam determinada condição ou situação, enquanto a palavra *complexo* é normalmente associada a uma patologia de ordem psicológica.

Os *Prêmios Esso de Fotografia e Imprensa Embratel de Reportagem Foto/cinematográfica*, ao elegerem a violência urbana como tema recorrente e o flagrante como estratégia discursiva privilegiada, praticamente obrigam os aspirantes à premiação a uma postura, que além de colocar o profissional em risco, exige dele qualidades dignas de um super-herói: flagrar os atentados à lei e à ordem pública e, no caso, através de suas lentes, defender a coletividade. Essa defesa pode acontecer pela sua simples presença, que impedirá um ato maior de violência, ou *a posteriori*, quando suas fotos forem usadas para comprovação de um ato criminoso, ou mesmo para conscientização da sociedade.

A partir do levantamento das fotos premiadas, confirmou-se preponderância de imagens registradas nas metrópoles da região sudeste do Brasil e, em especial, no Rio de Janeiro. Por duas vezes, houve concordância nas premiações – duas sequências fotográficas que culminaram com o registro de assassinatos. Das 18 vezes em que a cidade foi cenário para as fotos vencedoras, em apenas duas, a violência urbana não era o personagem principal: o quase atropelamento de uma freira e as enchentes de 1966. Contudo, em todas as imagens premiadas, o retrato do Rio de Janeiro está longe do seu título de *cidade maravilhosa*. Em 2014, pela primeira vez, a vítima da violência retratada e premiada foi um jornalista. Esse fato pareceu aumentar o grau de noticiabilidade e a chance de prêmio, na medida em que as demais características observadas também estão presentes na imagem: a estética do flagrante, violência como tema e a morte como desfecho.

Bibliografia

ABRAJI. “Abraji revela que foram intencionais 70 das 113 agressões a jornalistas nas manifestações de 2013”, http://www.abraji.org.br/?id=90&id_noticia=2687, (acedido a 8 de março de 2014).

ALSINA, R. (2005). *La construcción de la noticia*. Barcelona: Paidós.

KUNCZIK, M. (2002). *Conceitos de jornalismo – Norte e Sul, manual de comunicação*. São Paulo: USP.

BOURDIEU, P. (1992). *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva.

_____. (1983). *O Campo científico em Sociologia*. São Paulo: Ática.

CAETANO, J. & FREITAS, L (s/d) *Prêmio Imprensa Embratel – 10 Anos*. Rio de Janeiro. Embratel.

DIAS, R.(2008). *A influência do prêmio Jornalista Amigo da Criança sobre o profissional de jornalismo: um estudo de caso*. Dissertação. UNB. Brasília, http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/3548/1/2008_RobsonDias.pdf (acedido a 5 de abril de 2013).

_____. (2013) *Prêmios em Jornalismo: paradigmas em transição*. Tese. UNB. Brasília, http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/13315/1/2013_RobsonDias.pdf (acedido a 15 de julho de 2014).

DINES, A. (2002). “Prêmios e Galardões”, www.observatoriodaimprensa.com.br (acedido a 7 de março de 2013).

FACCIN, M. (2013) “A cidade e seus territórios: notas sobre as mediações jornalísticas cariocas” in FACCIN, M et al (org). *Narrativas da Cidade. Perspectivas multidisciplinares sobre a urbe contemporânea*. Rio de Janeiro. E-Papers. pp. 11-22.

MEMÓRIA BRASIL.(2006) *Uma história escrita por vencedores – 50 anos do Prêmio Esso de Jornalismo*, Rio de Janeiro, Memória Brasil.

RAMOS, S & PAIVA, A. (2007) *Mídia e violência: novas tendências na cobertura de criminalidade e segurança no Brasil*, São Paulo, Cesec.

SOUSA, J.P. (2004). *Uma História Crítica do Fotojornalismo Ocidental*. Chapecó: Argos

SONTAG, S. (2003) *Diante da dor dos outros*. São Paulo: Companhia das Letras

TRAQUINA, N. (2008) *Teorias do Jornalismo – Volume II*. Santa Catarina: Insular.

VIEIRA, A. (1998) "Sermão da Visitação de Nossa Senhora". In.: *Literatura Brasileira, textos literários em meio eletrônico*, <http://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documents/0006-02072.html> (acedido a 10 de abril de 2013)

VIEIRA, G. (1991) *Complexo de Clark Kent. São super-homens os jornalistas?*. São Paulo. Summus.

ZALUAR, A.(1999) "Violência e crime". In: MICELI, S. (Org.). *O que ler na ciência social brasileira (1970-1995)*. São Paulo: Sumaré/ANPOCS, p. 13-107, v. 1.

O potencial narrativo das Provas de Contato e as tomadas de decisão no trabalho fotográfico de Robert Capa em Leipzig

Santiago Naliato Garcia, Centro Universitário de Votuporanga – UNIFEV

santiagarcia@gmail.com

Resumo

O presente trabalho faz parte de uma série de artigos com o objetivo de discutir as Provas de Contato como cogestoras da narrativa fotográfica e do processo de fotografiação. Busca-se, a partir da revisão bibliográfica, uma análise para identificar elementos complementares narrativos e também indícios que sugestionem as tomadas de decisão do fotógrafo durante seu trabalho em campo. Para isso, serão objetos de estudo os trabalhos fotográficos de reconhecida importância no cenário histórico mundial como o realizado por Robert Capa e outros profissionais de similar projeção. No presente artigo articula-se o trabalho realizado por Capa em Leipzig, durante a segunda grande guerra.

Palavras-chave: Fotojornalismo, Fotografia Analógica, Prova de Contato, Embrião Narrativo.

Abstract

This work is part of a series of articles in order to discuss the Contact Probes as cogestoras photographic narrative and fotografiação process. Search up from the literature review, an analysis to identify additional narrative elements and also evidence that sugestionem outlets photographer decision during their field work. This involves an object of study the photographic works of major importance in the global historical setting, as performed by Robert Capa and other professionals of similar projection. In this article articulates the work done by Capa in Leipzig, during the second world war.

Keywords: Photojournalism, Analog Photography, Contact Probes, Embryo Narrative.

Introdução

O presente trabalho tem por objetivo continuar uma série de discussões iniciada com um trabalho de reflexão sobre a narrativa presente nas Provas de Contato⁴⁵, especificamente no trabalho do fotógrafo Robert Capa. A partir de revisões bibliográficas, pretende-se verificar neste

⁴⁵Também chamado de "Contato", "Folha de Contato", "Copião": é a referência visual de tudo o que foi fotografado. São as imagens de todo um negativo positivadas em miniaturas na ampliação em uma folha para conferência do fotógrafo e editores.

trabalho a complementação narrativa derivada desse recurso e a possível recorrência de escolhas e atividades técnicas na *práxis* fotográfica de Capa e do processo de composição da imagem ao longo de um percurso narrativo maior e por consequência mais detalhado.

O trabalho aqui analisado é o da cobertura jornalística para a revista *Life* realizada no início da segunda quinzena de abril de 1945, momento em que Capa se junta à 2ª Divisão de Infantaria do Primeiro Exército no subúrbio de Leipzig, Alemanha. Essas imagens têm potencial esclarecedor da estratégia determinada ainda no processo de seleção e recorte do tema, sendo o espaço e o tempo meandros desse trabalho realizado pelo fotógrafo no ato de seu ofício, técnico, criativo, que antevem ao clique do obturador em si. Tais índices fornecem parâmetros sobre as decisões tomadas durante o ato fotográfico – brevemente antes da exposição do negativo – sobre como constituiu-se sua reação com a ação, qual o objetivo de determinada sequência e sugere possíveis razões para tais escolhas, possivelmente demonstrando, ainda, o movimento ideológico e prático do operador da câmera naquele determinado contexto.

Diante desses fatos e argumentos, este trabalho busca ainda apresentar o vínculo forte entre as Provas de Contato e a imagem resultante desse processo de forma a corroborar com a ideia da narrativa presente nesse tipo de trabalho.

Fotografia e Jornalismo enquanto veículos e funções

A fotografia tem no fotojornalismo um de seus campos de maior expressão e de veiculação de imagens. A relação do jornalismo com a própria fotografia parece surgir com a impressão da luz em material sensível e que pode ser estabilizado. O princípio e a técnica são relativamente simples: a ação da luz grava um suporte também composto de matéria em conexão física assim com o seu referente: “prova” de que aquela imagem foi composta a partir daqueles elementos ali presentes, em um espaço temporal distante da reapresentação da imagem capturada. Apesar da evidente prova física, de que o tempo ali registrado corresponda ao tempo relatado pela testemunha agente do ato fotográfico, não há garantias sobre os laços entre os envolvidos no processo. Entretanto, essa gênese pode fundamentar a atividade no campo da comunicação social pois pressupõe-se que a imagem produzida e divulgada com finalidades jornalísticas precisa da conexão com o real (Buitoni, 2001).

Embora essa junção conceitual entre permanência e informação tenha vinculado a imagem gravada e o ato de capturar tais ações em uma atividade futuramente denominada de fotojornalismo, as primeiras vistas registradas foram consideradas como possíveis documentos, ou seja, provas físicas de que aquilo ali visualizado existiu em algum momento, no tempo relatado pelo autoproclamado autor da fotografia.

Com o posterior desenvolvimento técnico a partir do final do séc. XIV, novos produtos foram criados para tal registro, como o filme fotográfico de Eastman⁴⁶, e passaram a ser usados

⁴⁶George Eastman foi o fundador da Eastman Kodak Company – Kodak – e foi o responsável pela popularização da fotografia nos anos de 1888 até o início dos anos 1900, com produtos de simples e eficiente manuseios. Graças a ele, a fotografia se tornou na época um passatempo popular. (BLAIR, 2011).

para a composição química de materiais sensíveis a luz. A grande vantagem desse material em relação aos materiais mais primitivos é a portabilidade, facilidade de manuseio, o aumento da qualidade geral da imagem resultante, contraste, brilho, acutância e aditivo de cores. Tais avanços foram significativos para o surgimento de equipamentos mecânicos – máquinas fotográficas – cada vez menores e também mais portáteis, como a Kodak nº1, criada em 1888, também por Eastman, e a Leica, em 1914, desenvolvida pelo alemão Oskar Barnack.

O fotojornalismo moderno têm sua relação imagem *versus* texto iniciada na Alemanha, após a Primeira Guerra, com o aumento das publicações editoriais e do crescente número das tiragens dos produtos impressos, especialmente das revistas. A partir desse período também há uma evolução natural nessa relação, com a imagem ganhando cada vez mais espaço em detrimento do uso do texto. É nesse momento que a forma em que se articulava o conteúdo textual e imagético permitiu uma abordagem mais específica, trabalhando melhor a então imagem isolada. Agora a imagem e o texto verbal escrito – juntos – comprometem-se a contar uma história⁴⁷.

O fotojornalismo foi se desenvolvendo e marcado por alguns avanços sociais e técnicos. Cinco deles⁴⁸ podem ser destacados: 1-Avanço Técnico – surgimento de flash e novos equipamentos, sobretudo o filme 35mm e câmeras de tamanho reduzido que estimularam uma diversidade de formatos e trabalhos; 2-Geração de Foto-Repórteres de boa formação intelectual e social que facilitou a penetração desse profissional em diversas áreas; 3-Atitude de experimentação e colaboração de editores, repórteres, fotógrafos, que proporcionaram um ambiente de experimentalismo; 4-Interesse humano no qual não apenas fatos políticos e sociais eram enfatizados, mas também a vida das pessoas comuns; 5-Ambiente cultural e o suporte econômico.

A relação texto e imagem, com maior ou menor espaço gráfico define uma ação exclusiva de geradora de sentido: a ancoragem. Para Buitoni (2011: 33) a imagem – mesmo a fotográfica cuja produção remete a um referente real – não conserva significado algum, sendo possível reconhecer apenas alguns traços de vestuários, nacionalidade, ícones de paisagens ou monumentos: “a foto precisa de uma ancoragem verbal: o significado vem com a inserção em uma narrativa. Somente conseguimos situar a fotografia se há narrativa”. Haveria, portanto, na ancoragem do símbolo escrito e do imagético uma estrutura de narração de forma complementar. Essa relação amplia é verdade a noção de sentido de um trabalho midiático e possibilita a identificação de um conceito embrionário presente nas fotografias de veiculação.

Tal conceito foi a base que iniciou a presente reflexão e é aqui descrito como Embrião Narrativo:

O conceito de embrião narrativo envolve uma ideia de sequência, de sucessividade: a modificação temporal está implícita em sua percepção. Assim, embrião narrativo é toda forma ou gesto congelados no tempo que permitam imaginar o passado ou o futuro

⁴⁷SOUSA, Jorge Pedro. Fotojornalismo: uma introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa, 2002. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/_listas/tematica.php?codtema=31>. Acessado em: 19 abril 2014

⁴⁸Id., 2002, p. 17.

imediatamente daquela ação. Em certo sentido, o “*punctum*” de Roland Barthes pode ser aproximado ao embrião narrativo (Buitoni, 2011: 58).

Partindo desse princípio a imagem única ou as poucas imagens utilizadas em algum tipo de publicação realizaria, virtualmente, o que conceitualmente projeta a atividade jornalística: narrativa, relato de uma ação, mesmo que fragmentada, com a noção do passado e futuro imediatos. Esse mesmo processo pode ser identificado no Contato ao realizar nele uma leitura mais aprofundada e completa no sentido de construção de uma narrativa não latente, mas ali explícita, mesmo que também fracionada e embora em maior quantidade devido ao agrupamento de diversos frames em uma mesma área.

O Contato portanto, ao contrário da noção da imagem única, ícone – mesmo que embrionária – representa as partes que somadas e simplificadas em ícone completam e formam o conceito de embrião narrativo. O Contato poderia ser analisado, sugere-se, como texto completo do processo comunicacional, enquanto a imagem embrião diz menos e recorre por auxílio verbal escrito a sua complementação e adequado entendimento dos fatos.

O Contato narrativo

O termo Contato na fotografia analógica é utilizado para designar a referência visual daquilo que foi fotografado. Sobre um papel fotográfico, em quarto escuro, é colocado todo o negativo de um rolo de 10, 24 ou 36 poses. Depois é disparado um determinado tempo de luz para sensibilizar o papel e então a folha é revelada. Tem-se, assim, o Contato – também chamado de Folha de Contato, Prova de Contato ou, ainda, de maneira mais popular: “Cópia”, termo ainda utilizado em muitos laboratórios.

O Contato possui diversas utilidades e é elaborado conforme a metodologia de trabalho desenvolvida pelo profissional. A grande parte das imagens conhecidas tem sua subsequência e sua sequência registrada não positivadas em qualquer folha além do Contato:

A maioria dos negativos acaba sendo positivada somente no Contato. O hábito de fazer Contatos de todos os filmes processados não só ajuda o fotógrafo a organizar todo o seu material mas também lhe dá referência de acesso rápido a tudo o que já fotografou. Tal referência equivale a conhecer sua própria história visual. Caixas forradas de negativos, sem nenhuma referência positivada, produzem uma sensação de vazio correspondente a um período em que não se viu efetivamente nada. É importante para o fotógrafo uma reflexão sobre seu material, que se dá não somente logo após tê-lo processado, mas ainda nas semanas, meses e anos seguintes. Lentamente construímos uma obra fotográfica, composta por todas essas etapas, cujo percurso pode ser refeito pelos contatos. (Schisler, 1995: 115).

Na prática as provas positivadas ainda proporcionam outras funcionalidades utilizadas à exaustão pelos profissionais: acesso rápido, permanente e confiável de consulta sem a necessidade de olhar os negativos, material mais sensível e suscetível a danos, a observação da uniformidade de exposição do negativo, variações de enquadramentos, número de fotos para cada imagem, variação de assuntos no mesmo filme e o próprio impacto visual gerado pela sua

organização durante a visualização de terceiros (Schisler, 1995). Vai além: “propicia visão do processo criativo. Ao armazenar cada passo ao longo do caminho que conduz a determinada imagem, ela dá a sensação de que estamos ao lado do fotógrafo” (Lubben, 2011: 9). Essa passagem indicia – via ligação direta com um fragmento do real – o recorte espacial e a interrupção temporal na fragmentação e congelamento, respectivamente, daquilo que fôra fotografado e também chamado de Coordenadas de situação por Kossoy (2002).

Tais coordenadas acompanham o barulho do obturador de forma íntima em passagem qualquer da vivência humana em quaisquer lugares e tempo. Exemplo desse processo são os Contatos dos quais propõe-se uma breve análise. Robert Capa tem origem Húngara e foi um dos pioneiros no estilo “Fotógrafo de Guerra”. Cobriu, entre tantos fatos, a guerra no Norte da África, a Guerra Civil Espanhola, saltou de paraquedas com militares americanos em 1943, fotografou a libertação de Paris em 1944 e acompanhou o desembarque do chamado Dia D, na Normandia no mesmo ano. Morreu em outra cobertura de guerra, anos depois, ao pisar em uma mina terrestre.

A lista de trabalhos e de Contatos deixados é imensa. O objeto aqui analisado refere-se exatamente a cobertura realizada nos dias 17 e 18 de abril de 1945 quando encontrando pouca oposição do inimigo o fotógrafo acompanhou um pelotão militar durante a ocupação de um prédio em ponto estratégico em Leipzig, Alemanha. A base montada naquele local deu-se em razão do melhor posicionamento das armas de fogo no qual as metralhadoras dos militares dariam cobertura para o avanço das tropas a partir do quinto andar (Lubben, 2012). Ainda de acordo com a autora, a princípio, os integrantes do pelotão instalaram suas armas próximas à janela, mas ainda do lado de dentro do apartamento. Buscando melhor visão, os soldados levaram seus equipamentos para a varanda, oferecendo maior poder de fogo. O planejamento inicial do fotógrafo era de lá conseguir imagens dos soldados cruzando a ponte Zeppelin.

Equipado com duas câmeras, uma Contax 35mm e uma Rolleiflex 120mm, Capa vivenciou em dois formatos mais uma vez os horrores de guerra que levou para o restante do mundo por intermédio das suas imagens. Os diferentes sistemas trabalham com estéticas diferenciadas, providas principalmente pelo tamanho físico da película e pelo recorte que cada uma propõem: enquanto a 35mm é retangular e pequena, a 120mm é quadrada e grande, o que direciona, por si só, uma forma de leitura diferenciada entre os dois sistemas. As decisões no ato de se fotografar são tomadas a partir do reconhecimento das diferenças físicas e potenciais: a ampliação da 120mm garante maior qualidade em relação ao 35mm, menor e com mais grãos visíveis na ampliação. Veiculadas na revista Life no dia 14 de maio de 1945 com a identidade dos soldados preservadas para que as suas famílias não os reconhecessem antes da notificação oficial da morte, as imagens derivam de uma sequência de outras imagens que vê-se a seguir:



Figura 1: Contato de Robert Capa dos rolos de 120 e 35mm fotografadas com uma Rolleiflex e uma Contax, respectivamente. As imagens foram publicadas na revista Life que sugeriu que ele fotografara o último homem a morrer mesmo embora a guerra tenha continuado por mais três semanas⁴⁹. A tradicional folha de contato contém pistas para a leitura do trabalho realizado em campo, além de ser a referência visual da história do fotógrafo.

mostram um soldado atingido e sangrando. No Contato analisado presente no livro *Magnum Contatos* a folha é composta por 7 fotogramas 6x6cm, fotografados certamente com a Rollei, e por 10 fotogramas 35mm, da Contax. As fotografias agrupadas dão espaço, portanto, a um processo construtor de sentido derivado dos regimes de visualidade para a sua representação presente em outro tipo de imagem raramente mostrada ao espectador.

As imagens positivadas em *Contato* apresentam em uma leitura linear a preparação do equipamento ainda no chão pelos militares como primeiro ato em todo o contexto e segue em sequência linear até o momento da morte de um deles. Pretende-se elaborar a narrativa presente

⁴⁹Contato da Magnum. Disponível em: <<http://www.magnumphotos.com/image/LON135133.html>>. Acesso em: 05 de nov. de 2014.

nas provas a começar pelo filme 120mm (de imagem quadrada) no qual é apresentado um fotograma da preparação dos combatentes em que se vê homens ajoelhados próximos ao equipamento e realizando qualquer coisa sobre ele.

Este tipo de filme fotográfico oferece algumas características únicas: tem maior quadro, maior potencial de ampliação. O tamanho influencia no processo de revelação e ampliação para que existam mais grãos em um maior espaço de negativo. Com isso a diferença estética nos tradicionais grãos da imagem analógica (embora possa ser manipulada durante o processo de revelação do negativo gerando versões específicas de agrupamento de prata) empurra o profissional para a utilização de diferentes formatos pela alteração possível na qualidade que a imagem final pode ter. O filme 120mm tem, portanto, maior ampliação e de agrupamento de informações pelo visor: permite um condensamento de signos no espaço de 6x6cm que o visor propõe.

Na figura 1 vê-se os dois sistemas em ação, embora a diferenciação nos grãos seja visível apenas em ampliações maiores ou com a utilização de lupa sobre a folha original. No segundo frame pode-se observar uma metralhadora pesada armada em um tripé sobre o que se parece um tampo redondo de mesa, ainda dentro do apartamento. Deduz-se que seja o mesmo instrumento, montado no chão e posicionado posteriormente sobre um objeto circular de suporte já preparado para o funcionamento. A partir do terceiro positivo nota-se uma outra metralhadora instalada sobre outra plataforma, em campo aparentemente aberto, sem cobertura de teto algum, com uma grade de ferro com contornos estéticos em uma espécie de beral que representa o limite do espaço disponível na varanda na qual estão, o que se repete nos próximos três fotogramas.

Nestas quatro imagens identifica-se pelo menos três soldados diferentes articulando aquele instrumento de guerra que demonstra precisar de uma manutenção de urgência. Não identifica-se, em momento algum, sinais de estresse ou movimentos paralisados pela imagem que denotam qualquer instabilidade à integridade dos soldados. Mas o último fotograma registra uma forte e lastimável cena: um soldado caído bem abaixo do batente de porta com suas pernas na varanda e seu braço esticado para dentro do apartamento. O corte abrupto na sequência visual das imagens de imediato retira o fotógrafo da sua posição brevemente registrada no penúltimo fotograma que o colocava do lado de fora do apartamento, na varanda, ou ao menos debruçado sobre a janela na qual estava armada a primeira metralhadora e o coloca dentro do apartamento, próximo a um homem caído.

Esses sete fotogramas apresentam uma história de forma descritiva: a chegada ao apartamento, a presença de duas janelas nas quais na primeira é montada uma arma de fogo, a presença de outros combatentes do lado externo do apartamento, provavelmente fotografadas a partir de uma das janelas, e por fim um deles morto no chão com o sangue a escorrer. Não há indícios sobre o que acontece depois, não visuais. O registro divulgado pela Magnum termina aqui. Entretanto há, ainda, o filme 35mm registrado pelas lentes da Contax que de forma análoga corrobora e complementa a narrativa do filme 120mm. É o que veremos a seguir.

Outro formato, outra narrativa

Curiosamente os dois Contatos, de formatos diferentes, contam a mesma história. Sabendo-se que a fotografia é fruto de um recorte temporal e espacial decididos pelo fotógrafo, e sabendo-se que ali apenas Capa estava em atividade naquele momento, os dois registros não podem ser, em essência, realizados no exato mesmo instante. Têm-se, portanto, um complemento, uma espécie de costura temporal realizada por dois equipamentos, mas um só fotógrafo. Ou seja, o trabalho com um ou outro equipamento foi provavelmente intercalado, mas quando positivados no mesmo Contato podem ser analisados como uma história apenas, uma narrativa derivada de dois sistemas e linguagens diferentes⁵⁰. Essa costura apresenta ainda mais informação tecendo com mais detalhes – muitos deles complementares – o fato ali vivenciado. São dez fotogramas no total que confirmam o ponto de vista registrado pelo 120mm e apresentam informações novas.

O primeiro fotograma 35mm confirma a mesma ação passada: combatentes abaixados trabalhando na metralhadora. O pequeno formato, embora tenha suas peculiaridades de forma menor em relação ao 120mm, também contém qualidades ainda não superadas. As principais delas são a velocidade e a mobilidade que a câmera sugere, revolução conquistada com as primeiras a trazer o novo sistema:

Como o filme podia ser avançado rapidamente, os fotógrafos podiam fazer uma exposição depois da outra, permitindo assim a captura de um evento em andamento sem parar entre os quadros. A Leica deu aos fotojornalistas uma mobilidade sem precedentes e a capacidade de tirar fotos discretamente. Os fotógrafos já não precisavam interromper o curso dos acontecimentos para tirar uma foto. (...) essas novas capacidades fizeram nada menos do que mudar o relacionamento entre fotógrafos e o mundo (Kobré, 2011: 434)

É em virtude do tamanho físico do equipamento, menor em relação ao médio formato, que imagens espontâneas são mais facilmente registradas. Em uma guerra, com a eminente possibilidade de ferimento por tiros ou estilhaços, a mobilidade torna-se um quesito relevante para a manutenção da própria segurança pessoal. O filme 35mm agrupa, ainda, algumas qualidades também peculiares: imagem não detalhada serve como reforço linguístico de imperfeição e de ação, enquanto é sugerido por tal estética a presença do espectador em cena.

No Contato 35mm da Figura 1, as imagens complementam a narrativa ao demonstrar um dos soldados sentado no chão com o braço apoiado nas pernas e a mão fechada próxima ao rosto em um gesto de espera e aparente tédio. O segundo fotograma 35mm é chave e coloca-se entre os primeiros fotogramas dos dois formatos e o segundo do filme 120mm: nele nota-se um soldado de capacete manipulando a metralhadora. Nota-se nos dois frames 35mm da sequência um soldado sem capacete (assim como registrado apenas no segundo fotograma do

⁵⁰Não pretende-se aqui estender a discussão das linguagens e possibilidades técnicas de registro dos filmes 35mm (pequeno formato) e do 120mm (médio formato), que possuem características distintas. Entretanto, acha-se necessário o esclarecimento de que cada um deles possui alternativas e possibilidades distintas cujas bases serão relatadas na sequência do Contato.

médio formato) trabalhando com a mesma arma. Visualmente não há como reconhecer se é o mesmo soldado com e sem capacete, entretanto, o mais importante é depreender a passagem de tempo entre alguém com capacete ser substituído por alguém sem, ou então o mesmo soldado retirar o equipamento de segurança.

Essa passagem de tempo insere a presença de uma tomada de decisão do fotógrafo em optar pelo formato 35mm para o registro daquela imagem. Qual o motivo? Fundamenta-se a resposta com as noções mais importantes de cada sistema: o médio formato tem maior poder de detalhamento, mas o pequeno formato tem maior poder de síntese por ser mais alongado e forçar a reunião de mais elementos diagonais dentro de um mesmo quadro, este menor. Parece razoável que Capa tenha feito essas tomadas com o intuito de mostrar a ação dos soldados e da metralhadora com um posicionamento mais próximo do assunto, método de proximidade reconhecidamente preferida por ele e que transformou-o em mito no meio profissional com a sua alegação de que "se suas fotos não são boas o suficiente, é porque não está perto o suficiente". (Kobré, 2011: 441).

Os três próximos positivos complementam a visão já obtida do terceiro ao sexto fotograma 120mm já analisados: os soldados em parte externa preparam seu equipamento enquanto dispendem atenção para o que acontece do lado de fora do prédio. Mas são as próximas imagens que perturbam a narrativa e novamente coloca Capa em posição de tomada de decisão.

As três últimas imagens do negativo 35mm mostram o mesmo combatente ao chão, mas descrevem o que será chamado de processo último: no espaço de três fotogramas é registrado um homem na posição já descrita, sob o batente da porta, enquanto seu sangue forma, com o passar dos frames tomados, uma poça dentro do apartamento. As imagens são, novamente, perturbadoras. A primeira delas apresenta uma visão mais próxima do soldado, dedução possível por apresentar uma maior inclinação da câmera em relação ao chão. Obtidas de forma diferente do 120mm, as imagens em 35mm precisam *a priori* ser enquadradas com ponto de vista a partir dos olhos (na Rollei é possível o enquadramento distante do corpo pois o visor possibilita tal manejo) o que leva a crer que Capa estava de pé bem próximo ao assunto. Os dois frames seguintes já colocam o fotógrafo mais afastado do soldado.

É possível depreender dessa sequência alguns fatores da práxis fotográfica e novamente da linguagem possível. A primeira delas está ligada ao primeiro frame 35mm: o fotógrafo de pé, bem próximo ao combatente no chão. Não nota-se a presença de sangue, apenas o soldado ao chão. Na segunda imagem, mais afastada, já nota-se de forma contundente o sangue aparecendo e a presença de um segundo soldado, como que entre o primeiro tempo e o segundo se aproximara para verificar a situação do ferido, em uma troca de lugar com Capa, então bem próximo do homem ao chão. Na quarta imagem o sangue toma demasiado volume no chão daquele apartamento e é registrado por ambos os formatos, as duas imagens com sangue correspondem ao posicionamento mais afastado do fotógrafo. Qual o motivo? Reconhecendo as características do filme 35mm, uma das possibilidades é que Capa não queria realçar ainda mais

o fato do sangue estar ali presente, sem deixar de mostrar, entretanto, a razão do seu aumento, mas optou por descrever o ambiente no qual houve todo o desenrolar da ação. Mesmo assim ele fez uma imagem em 120mm, mas ainda de um ponto mais afastado em relação ao soldado morto, enquadrando no quadrado uma maior área de referência, de signos condensados.

Considerando o cenário relatado como possível, na publicação da *Life*, a única imagem de sangue obtida com a 120mm fora ampliada, aproximando mais a imagem do militar abatido e da poça de sangue. A ampliação se feita com o fotograma 35mm apresentaria maior evidência de ruído e o potencial de detalhamento seria reduzido. As escolhas do fotógrafo no momento do seu trabalho relacionam-se e abrem possibilidades para as decisões dos editores, mesmo que futuras. O passado e o futuro se apresentam, então, no instante presente da visualização de uma imagem publicada.

Tais elaborações técnicas críveis de sentidos figurativos determinados na fotografiação sugerem senão uma quebra do sistema de representação plástica *perspectiva artificialis* ao menos um ponto de partida para as buscas estéticas. Tal sistema buscava uma sugestão de profundidade com base nas leis do espaço formuladas pela geometria euclidiana. Tal suporte ofereceria garantias de racionalidade às projeções gráficas. Por ser fundamentado em leis científicas (euclidianas) da construção do espaço a imagem seria mais justa e fiel da realidade visível (Machado, 1984). Tal necessidade figurativa se aplica originalmente é verdade aos processos renascentistas. Entretanto, essa busca por classificar uma articulação na construção estética de uma imagem bidimensional traz para a fotografia certa referência na seleção do material fotografado. Nos exemplos de Capa, as imagens publicadas têm suas tomadas influenciadas por tal sistema na medida em que elas correspondam à visão da natureza mais próxima do visto pelo olho naturalmente.

Tal seleção e ponderação somente são possíveis a partir das imagens fragmentadas e seccionadas de um material mais amplo. Esse referencial embora fracionado e destacado do *continuum* humano não é o próprio fato e, embora haja correlato histórico, tal construção de significados da imagem única pode ser formado com elementos das mais diversas análises fotográficas. O estudo do conteúdo apresentado depois da seleção do material inicial gera construção de sentido que se liga diretamente aos contextos informativos e históricos, mas que escapam fundamentalmente da presente proposta que é a análise das muitas partes para a geração do todo, este representado, ironicamente, por poucas partes. Apenas uma leitura do material geral tem potencial de guiar à leitura do trabalho em campo característico e pessoal, totalmente individualizado e peculiar.

A leitura do material presente nos Contatos evidencia com uma quantidade e qualidade superiores de informação que poderia ser comparada com a extrapolação daquilo que Machado (1984) chama de extraquadro. Se de acordo com o autor o enquadramento é chamado de "retângulo que recorta o visível" (Machado, 1984, p. 76), o contexto revelado nas provas têm o potencial narrativo de aumentar tal recorte figurado. Ainda para o autor, tais recortes não são gratuitos, sendo ideologicamente orientado, pressupondo a intencionalidade de quem enuncia.

Tal relação imagem veiculada e processo de tomada de decisão são elementos aqui articulados para exemplificar que, apesar da construção narrativa e histórica da imagem veiculada, sua grande importância no registro do tempo e dos espaços, estão nas provas de Contato os indícios que levam a uma informação solidificada, final. Aquilo que pode-se chamar de microcrônicas visíveis (os frames que formam uma prova de Contato) transfiguram-se, com o trabalho de subtração, em histórias de maior impacto que as partes fragmentadas, embora estas superiores em relação à quantidade unitária e informacional. Usando de metáfora: uma fração de milésimos de segundo representada em uma ou algumas poucas fotografias potencializa as informações de mais de semanas de trabalho.

Considerações finais e perspectivas futuras

As imagens são impactantes, isso é certo. Crê-se que a totalidade dos negativos que formam o escopo de Capa daquela cobertura não esteja presente no Contato apresentado pela publicação da Magnum. Em *fac-símile* da revista, vê-se uma imagem extra que não está presente na figura 1, o que reforça o indício. Mesmo assim, ao analisar os positivos apresentados, pode-se seguramente realizar um preâmbulo analítico a partir dos elementos disponíveis para verificar o objetivo inicialmente proposto.

Há concordância com Catalá (2005) pois entende-se que a imagem cumpre, junto com a expressão mediante a linguagem, um papel de coestora do conhecimento; isto se iguala nas outras análises realizadas pelo autor (em coautoria) em outras provas de Contato.

As imagens presentes nos Contatos apresentam sinais do seu processo constitutivo inicial, das possíveis tomadas de decisão do fotógrafo que refletem positivamente em sua plástica e estética. Esses elementos, tão peculiares e intrínsecos, apresentam-se somente *in loco* cabendo ao profissional lidar com tais transposições para o sistema fotográfico de imagem no instante em que faz o registro, estando ele ao cume de uma montanha em dia de sol ou em um apartamento arrombado durante uma guerra em dia nublado. O potencial informativo pode e deve ser ampliado, conforme Kossoy (2002) exemplifica: a fotografia alcança todo seu potencial informativo na contextualização na trama histórica e no seu desdobramento político, social, econômico, cultural.

Os negativos de Capa colocam tanto o fotógrafo quando o leitor das imagens naquele ambiente. Ancorado pelo texto, a história toma forma na mente daquele que lê. A análise dos Contatos acrescentam detalhes e ambientação mais imparcialmente do que o texto é capaz de apresentar pois insere, verdadeiramente pelo vínculo físico do sistema analógico com o referente, aquele que lê ao lado daquele que fotografou, no respectivo e narrado instante. A fotografia abstrai os elementos visuais para uma bidimensionalidade que o texto procura, muitas vezes, ampliar. Dizer que “a poça de sangue aumentava” força o leitor a imaginar tanto a poça quanto a razão de aumento. Mostrar essa imagem e incrementar o texto, mesmo que abstraída de uma 3ª dimensão, descreve com mais detalhes aquele instante, entrecortado conforme a sequência de fotogramas. Entretanto, embora tenha-se um produto comunicacional final – a

notícia e a imagem comprobatória – a informação tida como “completa” (pois articulada e trabalhada) é, na realidade, um outro fragmento de uma passagem vivida pelo fotógrafo. Tais fragmentos, agrupados, sugerem um processo criativo. Tal processo, ao ser verificado pelas partes, têm um potencial de formar um conjunto de etapas e escolhas que narram não apenas a história objetivada a ser contada, mas também a narrativa passo a passo do trabalho realizado.

Raramente um leitor comum tem acesso a alguma prova de Contato, que exemplifica e amplia a noção da narrativa e das tomadas de decisão durante o instante iminente do processo de construção de sentido da imagem. Provavelmente este instrumento de trabalho seja inclusive desconhecido por ele. É, certamente, um dos aspectos negativos criados pela seleção das imagens para veiculação realizada muitas vezes por editores e assistentes e não pelo próprio fotógrafo.

Classificar a relevância do Contato para a notícia fora uma preocupação secundária no presente trabalho. Buscou-se exemplificar e referenciar o papel das provas para indiciar ao estudante de fotojornalismo e fotodocumentarismo algumas prováveis decisões tomadas pelo fotógrafo analisado e com isso oferecer alguma noção para futuras ações em campo. Tal estudo visou a prática articulando os indícios identificados nos frames fotográficos com o propósito de refletir sobre as possibilidades existentes e relacioná-las com as práticas exercidas e suas necessárias adequações linguísticas derivadas de diferentes sistemas de captação fotográfica.

Admite-se que, com a leitura desse material de referência, perde-se talvez o maior impacto em relação à imagem única ou a uma pequena sequência. Objetivo real das edições e seleções previamente realizadas pelos meios e veículos de comunicação, a notícia tem seu valor visual reformatado, reduzindo, talvez, o *status* mítico de diversos trabalhos para uma eventual e ocasional seleção de escolhas. A passagem histórica fotografada daria espaço, portanto, para as nuances que envolvem as pessoas ali presentes.

Não buscou-se revelar segredos ou alumiar as sombras registradas pelos fotógrafos, mas sim propor um início de entendimento sobre como se tornaram tão venerados alguns trabalhos. A análise desse material pode, entre tantas possibilidades, trazer esse entendimento. O presente trabalho, portanto, se propôs a iniciar uma verificação mais aprofundada desse material denominado Contato, uma vez que as pesquisas preliminares não trouxeram equivalentes temáticos, sendo a publicação original da Magnum⁵¹ uma das poucas bibliografias disponíveis.

A fotografia e o texto jornalístico, juntos, têm grande destaque na imprensa mundial: a notícia estruturada com imagem e texto supera com maior potencial impactante o Contato. Mas a relação mídia (impacto visual) *versus* Contato (potencial narrativo) são complementares no processo de leitura da imagem, especialmente quando divulgado pela mídia impressa. Entretanto, dos dois, apenas o primeiro tem sido, ao longo do tempo, privilegiado pelos meios de comunicação.

⁵¹Refere-se ao livro Magnum Contato, publicado pela editora IMS.

Bibliografia

AUMONT, Jacques (2001) A imagem. Campinas, Editora Papirus

BAEZA, Pepe (2001), Por una función crítica de la fotografía de prensa, Barcelona, Gustavo Gili

BLAIR, James P. (2011), Novo Guia de Fotografia National Geographic, São Paulo, Editora Abril

BUITONI, Dulcilia Schroeder (2011), Fotografia e Jornalismo, São Paulo, Editora Saraiva

CATALÀ, Joseph M. (2005), *La imagen compleja: la fenomenología de las imágenes en la era de la cultura visual*, Bellaterra: Universitat Autònoma de Barcelona, Servei de Publicacions

HACKING, Juliet (2012), Tudo sobre Fotografia, Rio de Janeiro, GMT Editores

JOLY, Martine (2002), Introdução à análise da imagem, Campinas, ed. Papirus

KOBRE, Kenneth (2011), Fotojornalismo: uma abordagem profissional, São Paulo, Elsevier

OSSOY, Boris (2002), Realidades e Ficções na Trama Fotográfica, São Paulo, Ateliê Editorial

LUBBEN, Kristen (org) (2012), Magnum Contatos, São Paulo, IMS

MACHADO, Arlindo (1984), A ilusão especular, São Paulo, Editora Brasiliense

PANOFSKY, Erwin (1975), *La perspective comme forme symbolique*, Paris, Minuit

SOULAGES, François (2010), Estética Fotográfica, São Paulo, Editora Senac

SOUZA, Jorge Pedro (2002) Fotojornalismo: uma introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa, disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/_listas/tematica.php?codtema=31>. Acessado em: 19 abril 2014.

A morte nos jornais: as notícias de “ontem” e as de “hoje”

Rodrigo Daniel Levoti Portari, Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG)

rdportari@gmail.com

Sérgio Carlos Portari Júnior, Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG)

portari@gmail.com

Resumo

O artigo propõe um estudo sobre a morte no jornalismo local/regional. Para isso, elegeu-se a cidade de Frutal-MG para que se pudesse observar como a morte é noticiada no jornalismo impresso dessa cidade. Parte-se da perspectiva de que a morte é um “valor-notícia fundamental”, como observa Nelson Traquina (2004) e, sendo assim, a afetação de sociedades menores por esse acontecimento tende a ser diferente do que a de grandes centros urbanos que contam com publicações diárias à sua disposição. Dessa forma, faz-se um estudo comparado entre dois jornais editados nessa cidade, o Tribuna de Frutal, que circulou entre os anos de 1944 e 1963, e o Jornal Pontal, publicação impressa editada desde 1990 na cidade. Optou-se por um recorte específico nos casos de morte em decorrência da violência urbana, quando há uma intenção de uma pessoa em matar a outra. Excluímos outras formas de aparição da morte, como acidentes ou tragédias naturais por entendemos que as mortes intencionais carregam um peso maior na percepção da sociedade por provocar uma “quebra” da normalidade do cotidiano de forma mais intensa do que ocorre em grandes capitais. Pesquisou-se o acervo disponível do jornal Tribuna, selecionando textos onde a morte tornou-se notícia. A análise envolve tanto imagem como texto e a relação texto-imagem. Optou-se por um recorte dos seis primeiros meses do ano de 2014 do Jornal Pontal. A escolha metodológica se deu devido a frequência dos jornais, já que o Pontal é semanal, enquanto o Tribuna era quinzenal. Mesmo com número de meses diferentes, possa-se estabelecer a relação dos atuais leitores com a morte e a forma como os leitores da década de 1940, 1950 e 1960 recebiam esse noticiário. Espera-se apontar a evolução do conceito de morte enquanto acontecimento para o jornalismo impresso considerado de pequeno-porte.

Palavras-Chave: Morte, Violência Urbana, Jornalismo local e regional.

Abstract

The article proposes a study on the death in local / regional journalism. For this, he was elected the city of Frutal-MG so that they could observe how death is reported in print journalism that city. It starts with the view that death is a "fundamental news value", as noted by Nelson Traquina

(2004) and, therefore, the allocation of smaller companies for this event tends to be different than that of large urban centers have daily publications at your disposal. Thus, it is a comparative study between two newspapers published in that city, the *Tribuna de Frutal*, which circulated between the years 1944 and 1963, and the *Jornal Pontal*, printed publication published since 1990 in the city. We chose a specific cut in deaths due to urban violence, when there is an intention to kill a person in the other. Exclude other forms of appearance of death, such as accidents or natural disasters by understand that intentional deaths carry a greater weight in the perception of society by causing a "break" the normality of more intense form of daily life that occurs in large capitals. The survey involved the collection available *Tribuna* newspaper, selecting texts where death became news. The analysis involves both image and text and the relationship text-image. We opted for a cut of the first six months of 2014 the *Jornal Pontal*. The methodological choice was due to frequency of newspapers, since the *Pontal* is weekly, while the *Tribuna*, every two weeks. Even with different number of months, can be established the relationship of current readers with death and how readers of the 1940s, 1950s and 1960s received this news. Expected to point out the evolution of the concept of death as event for print journalism small-sized considered.

Keywords: Death, Urban Violence, Regional Journalism.

Introdução

Noticiar a morte é um expediente utilizado há séculos pelos jornalistas. Desde as primeiras publicações que se tem notícia no mundo, a morte sempre esteve entre os critérios de noticiabilidade utilizados para a produção de notícias, como bem nos mostra Danilo Angrimani (1996), Márcia Franz Amaral (2008), Marialva Barbosa (2013), entre outros.

A relação do homem com a morte também tem sido estudada e pensada há séculos pela filosofia, sociologia e psicologia, por exemplo. A simples menção da palavra "morte", muitas vezes, é o suficiente para provocar medo ou fazer com que o tom de uma conversa informal mude. A morte, como demonstrado em pesquisa anterior, está enraizada nas bases da sociabilidade humana há séculos. Phillpe Ariès demonstra em *Uma história da Morte no Ocidente* (2010) as mais variadas formas de relacionar-se com a morte registrada nas sociedades ao longo dos séculos. O autor, assim como Johan Huizinga (2009) e Michel Foucault, destacam que na Idade Média a morte se fazia presente junto à sociedade parisiense por meio do Cemitério dos Inocentes, localizado no coração da capital francesa onde corpos em decomposição eram expostos no local para lembrar a todos da finitude da vida e da matéria. Lá também estavam instalados os Painéis da Dança Macabra, onde era demonstrado que a morte chegava para todos os vivos, independente se eram mulheres, crianças, homens, ricos ou pobres.

Porém, como destaca Ariès e Maffesoli, em nome de uma "asepsia social" e por questões sanitárias, a morte começa a ser afastada da sociedade. Os cemitérios são levados para os arredores e o lugar onde se morre é substituído: não é mais em casa, na cama e cercado de

amigos e parentes que se dá o último suspiro, é nos hospitais, longe dos olhos, como assinala Michel de Certeau (1998).

Mesmo com a tentativa de afastar os mortos da sociedade, ela nunca deixou de estar presente em conversas e, em especial, no jornalismo. Ao mesmo tempo em que se tenta afastar o tema das conversas, os jornais a inserem rotineiramente no contexto da sociedade por meio de suas narrativas: na França se dava pelos *canards*, na Inglaterra, no *penny press* e, no Brasil, nos folhetins. Em comum, essas publicações têm a preocupação em dar conta de fenômenos extraordinários, como a passagem de cometas, despachos oficiais e, principalmente, relatar as mortes ocorridas, fossem elas violentas ou não.

No Brasil, a inserção dos crimes e sensações no âmbito do impresso se dá, principalmente, para conquistar um público cada vez maior. Assim, crimes hediondos, incêndios, catástrofes entre outros acontecimentos extraordinários passam a fazer parte das narrativas jornalísticas.

Relatos pormenorizados de crimes violentos que mostravam dualidades eram narrativas privilegiadas. Casos como o de um velho indefeso que foi assassinado brutalmente por criminosos sem coração. Notícias sobre as pequenas infelizes que sofriam maus-tratos dos pais. Violências cotidianas de todas as ordens produzindo um mundo que, por contraponto, era mais infeliz do que as tramas vividas diariamente por muitos dos leitores daqueles periódicos. Havia um mundo do leitor presente naqueles textos. (BARBOSA, 2013:199).

Dessa forma, os leitores se identificavam com as narrativas jornalísticas, relacionavam os acontecimentos do impresso com sua vida cotidiana, sabiam dos casos ocorridos com pessoas que eram parecidas com eles próprios, provocando uma identificação entre leitor e personagem dos fatos narrados. Na atualidade, os jornais que seguem essa tendência foram chamados em um primeiro momento de *sensacionalistas*, que teve como ícone o extinto *Notícias Populares*, e, mais recentemente, compete principalmente aos jornais chamados de “populares” se ocuparem mais dos relatos de violência e morte, ficando o noticiário de economia ou política, por exemplo, a cargo dos jornais de “referência”.

Nelson Traquina (2004) afirma que a morte carrega um valor-notícia primordial e que, se há morte no fato, ele certamente será notícia, e ao foi apontado em PORTARI (2013), o jornalismo popular adota essa filosofia de privilegiar a morte em detrimento de quaisquer outros assuntos. O estudo desses critérios ou mesmo a aplicação desses conceitos são, normalmente, realizados em órgãos de imprensa e empresas de comunicação de grande porte e diárias por conta de sua maior abrangência e potencial de atingir ao público.

Porém, no presente artigo, propomos um deslocamento desse olhar para a chamada imprensa local ou regional. Ao contrário de grandes potências de comunicação, tal como *Rede Globo*, *Folha de S.Paulo* ou mesmo os populares *Super Notícia* ou *Aqui!*, os jornais sediados no interior do país têm sua abrangência limitada a poucos milhares de leitores, muitas vezes não contam com grande equipes de reportagem e sua circulação nem sempre é diária. Mas, da mesma forma que as grandes corporações, são gozadas de credibilidade nos locais que circulam

e compete a eles registrar a história das regiões onde estão. O fato de estarem próximo a seus leitores faz com que a reconfiguração de mundo daqueles que o leem tenha tão ou mais importância do que um grande jornal que circule nessa mesma região.

Para fins de análise, escolhemos o jornalismo impresso no município de Frutal-MG, situado na região conhecida como Triângulo Mineiro e que conta, atualmente, com aproximadamente 56 mil habitantes conforme dados do IBGE. Nesse deslocamento, vamos observar como se dá a relação entre a mídia impressa e a morte, em especial a morte intencional, onde uma pessoa tem o intento de acabar com a vida de outra, em dois períodos temporais distintos: entre os anos de 1944 e 1963, quando a principal publicação da cidade era o *Tribuna de Frutal*, e os seis primeiros meses do ano de 2014, elegendo, para esse fim, o jornal *Pontal*, órgão de maior tiragem no município na atualidade, com cerca de 2 mil exemplares semanais.

Os jornais Tribuna de Frutal e Jornal Pontal

Lançado em 16 de julho de 1944, o jornal Tribuna de Frutal tinha como diretor Ernesto Plastino e como redator Márcio Campêlo, frutalense que já haviam tido alguma experiência com jornalismo impresso na cidade alguns anos antes. Plastino, na década de 1930, editou um folhetim chamado de “Facão”⁵², que circulou até 1914, e, após o insucesso da empreitada e atuar em diversas atividades distintas da imprensa, resolveu voltar seus esforços para o jornalismo impresso na pequena cidade do interior de Minas Gerais. Na ocasião de seu surgimento, a cidade não contava com nenhum jornal em circulação. Antecedendo a Tribuna, havia no município o “24 de Maio”, editado entre os anos de 1932 e 1939 pela professora Júlia de Carvalho como forma de um informativo escolar. O último jornal propriamente editado parou de circular quase 14 anos antes, o “Frutal-Jornal”, que era editado pela Câmara Municipal a partir de 1919, tendo sua tiragem interrompida em setembro de 1930.

O “Tribuna de Frutal”, fundado por Ernesto Plastino e Márcio Campêlo se classificava como um jornal independente, mas ajudou na fundação do diretório do Partido Social Democrático (PSD). Seus fundadores tiveram que deixar a direção do jornal anos depois, devido a perseguição política. A partir de 1947, o “Tribuna de Frutal” recebeu como diretor o filho de Ernesto Plastino, Vinícius Plastino, o qual permaneceu à frente do semanário até a sua última edição, datada em 27 de janeiro de 1963. (ARAÚJO JUNIOR; GUILHERME; et al., 2011:14)

Já em editorial de primeira página em seu primeiro número, o jornal reforça a sua intenção de não ter ligação política com a cidade, ao assinalar que: *“Não se veja nesta folha um órgão de combate intencional, que o não fora, em verdade, e não o é, seguramente. Muito menos, se prestaria a instrumento de paixões ou ressentimentos pessoais”* (PLASTINO, 1944:1).

⁵² O Facão era um folhetim humorístico que tratava dos principais problemas da cidade. Editado por Ernesto Plastino dos seus 12 aos 14 anos de idade, é pontuado na história de Frutal como um dos primeiros órgãos independentes a criticar abertamente o governo, apesar da tenra idade de seu editor. Sua última edição é datada de 14 de janeiro de 1914.

Os jornalistas responsáveis pela publicação também faziam questão de frisar o fato de que estavam devidamente cadastrados no Departamento de Imprensa e Propaganda e (DIP) sob o Nº15.059. Porém, apesar de se posicionarem como um órgão “independente” de paixões políticas, logo no quarto número, que circulou em 20 de agosto de 1944, um editorial aponta que devido às constantes cobranças quanto a atuação do então interventor do município, o médico Sandoval Henrique de Sá, seus editores estariam sofrendo uma perseguição “velada”, que culminou no afastamento definitivo da direção de Ernesto e Márcio três anos após o lançamento do jornal:

Ainda, assim, o homem que faz jornal, mormente em meio inculto, é um incompreendido, tamanhos os percalços que arrosta, as dificuldades que defronta, os óbices que procuram antepor ao bom desenvolvimento de sua missão nobilitante até os que, pela natureza pública de suas funções, mais estavam na obrigação de estimular e de amparar a atividade jornalística. E, não raro, vê-se a imprensa forçada a, vibrando a pena, fazer soar os trocanos e empunhar os tacapes, entoando um canto marvótico sob a égide da Lei. Sim, porque o que temem alguns é que as palavras impressas, como “estrelas cadentes, tombem e, em sua trajetória ígnea rutilante, encendeiem os palácios e aclarem as choupanas”; - no dizer vigoroso de Henri Heine. (PLASTINO, 1944:1)

Ao analisar as primeiras edições da Tribuna de Frutal, percebe-se logo a preocupação com as questões políticas locais. Das quatro páginas quinzenalmente editadas, maior parte de suas publicações são voltadas a problemas como falta de água, problemas no sistema telefônico, reclamações sobre o abastecimento de carne, açúcar e sal; além de notas sobre a “Vida Social” da cidade, onde se registravam nascimentos, viagens, convalescenças, entre outros fatos ocorridos com pessoas da cidade, em especial, políticos, autoridades, comerciantes ou “notáveis” da sociedade frutalense.

Desde sua primeira edição também se fizeram presentes as publicidades, responsáveis por ajudar a manter o quinzenário que contava com apenas dois integrantes e era impresso na Gráfica Triângulo, no vizinho município de Uberaba-MG, situado a 136 quilômetros de distância. Verifica-se publicidades de bares, confeitaria, selarias, armazéns, advogados, hotéis, dentistas e o que seria o patrocinador “*master*” do jornal, a “Brahma Chopp”, com um anúncio de quase meia página publicado na página 3 de suas edições.

Ao pesquisarmos todo o acervo da publicação, encontramos a palavra “morte” aparece apenas no dia 15 de agosto de 1944 por meio de um Edital de Praça para fins de inventário devido a morte de “Domingos Gomes Pinheiro”. A morte fruto da violência, principal objeto de estudo desse artigo, tem sua primeira aparição apenas na edição de número 12, circulada em 4 de março de 1945, com a seguinte manchete: “*Matou o próprio filho e foi absolvida pelo júri*”. Abordaremos no próximo o assunto “morte” na publicação, mas essa já é uma demonstração de que a principal preocupação do jornalismo impresso frutalense, até então, estava centrada nas questões políticas e sociais de sua comunidade.

Jornal Pontal

O Jornal Pontal foi fundado oficialmente em Frutal no dia 1 de julho de 1990 pelo jornalista Sérgio Carlos Portari. Antes de lançar o semanário, atuava como editor-chefe do “Jornal Esquema”, que teve uma sobrevida de aproximadamente 6 meses após a saída do jornalista.

A publicação encontrou uma cidade maior e já acostumada com o jornalismo impresso na ocasião do lançamento de sua primeira edição. E a exemplo de seus antecessores, o foco principal de suas publicações ainda eram as questões políticas da cidade, destacando como manchete principal as eleições para deputados, presidente, governador e senador pela qual o país atravessava. Como foco principal da publicação estava a necessidade do município em consolidar um nome para as vagas de deputado estadual e federal, já que há quase 100 anos a cidade não contava com representantes na capital mineira ou em Brasília.

O histórico do Jornal Pontal é marcado por diversas fases e marcos históricos. Com tiragem inicial de 5 mil exemplares, após o encerramento das atividades do “Esquema” permaneceu como único órgão de imprensa impresso da cidade até 1995, quando surgiu o seu principal concorrente, o jornal “de Frutal”, fundado pela jornalista Mônica Alves, ex-redatora chefe do Pontal.

Coube ao Pontal e ao jornalista Sérgio Portari serem os pioneiros na impressão de jornal a cores no município, fato ocorrido em 1996, e também o primeiro a abrir escritórios em cidades consideradas estratégicas no Baixo Vale do Rio Grande, região pela qual o Pontal circulava. Assim, além da sede Frutal, havia sucursais em Campina Verde, Itapagipe, São Francisco de Sales, Prata e Iturama, oferecendo a seus leitores notícias de aproximadamente 12 municípios.

Pode-se dividir a história do Jornal Pontal em três fases: a primeira vai de 1990 até o ano de 2000, ano da morte de seu fundador por questões de saúde. Nesse período, o principal enfoque da cobertura jornalística era a política e notícias de violência ou morte só apareciam quando se tratava de pessoas “notáveis” da cidade. A cobertura policial ou de violência urbana era relegada a um segundo plano, com raras as vezes que ganhava destaque como manchete principal do semanário. Nessa primeira década destacam-se três fatos: o registro do primeiro sequestro da cidade, quando um adolescente filho de um grande agropecuarista ficou sob cárcere por cerca de 15 dias até que seu cativo foi descoberto e os sequestradores, presos; o assalto a agências bancárias na cidade de Campina Verde que culminou em uma grande perseguição policial por vários dias, com parte da quadrilha morta dentro de um quarto de motel; e o assassinato de um produtor rural cometido por sua esposa e filhas em busca da herança e dinheiro do seguro, caso que mobilizou a comunidade frutalense e que até hoje é considerado o julgamento mais longo da história do Poder Judiciário local.

A segunda fase da história do Jornal Pontal vai de abril de 2000 a janeiro de 2007, período em que o jornal passou a ser editado e administrado pelos descendentes de Sérgio Portari. Foi ano de 2002 que o enfoque principal do jornal começa a sofrer mudanças, com o noticiário político perdendo espaço para notícias de violência ou morte. A mudança de comportamento do semanário se deu principalmente em razão da queda nas vendas de anúncios publicitários e

assinaturas: o noticiário político começou a perder o interesse ao passo que a curiosidade pelos crimes aumentou. Some-se a isso o fato do município não contar até o presente momento com transmissão de TV local, fazendo com que o jornal impresso seja um dos poucos meios⁵³ de acesso a imagem dos fatos policiais pela população.

O semanário encontra-se no que podemos dizer de terceira fase de sua existência. Desde fevereiro de 2007 a administração do jornal passou para a Organização Franco Brito de Comunicação, empresa que detém uma concessão de rádio desde o ano 1997 na cidade e, com planos de aumentar a sua participação no mercado de mídia da cidade, comprou os direitos de nome do Jornal Pontal da família de seu fundador. Além da reformulação gráfica e aumento no número de páginas coloridas semanais, o jornal segue atualmente o mesmo padrão editorial de quando foi vendido: o noticiário policial foi reforçado com mais repórteres atuando na cidade em busca de informações e imagens sobre os mais variados fatos, sendo que a publicação tem especial interesse nos fatos que envolvam a morte, seja ela intencional ou não.

Principalmente devido a essa característica, que atualmente aproxima o jornal Pontal das publicações “populares”, com a predileção da morte em suas publicações, optamos por recortar um período menor para fins de comparação, uma vez que o número de páginas e o espaço ocupado por esse tipo de acontecimento é maior do que o do Tribuna de Frutal, como podemos observar no tópico seguinte.

A morte no jornalismo impresso

Morte e jornalismo andam lado a lado desde há muito, como já apontamos anteriormente. Desde o surgimento dos primeiros panfletos, passando pelos *canards*, *peny press* e, mais recentemente, os jornais sensacionalistas e populares, há uma predileção pela morte no noticiário. Esse fenômeno, tão frequentemente observado em jornais de circulação diária, parece ter também se alastrado para as pequenas empresas de comunicação impressa, especialmente nos jornais do interior do país.

Esse movimento, no entanto, parece não ter ocorrido de forma imediata, provavelmente fruto de diversos fatores, entre eles, número reduzido de população e leitores, menor poder econômico das publicações para manter grandes equipes de reportagem e, especialmente, o interesse do público-alvo pelo noticiário local. Mesmo com a expansão da Internet e a ampla difusão dos canais televisivos, cidades menores que não contam com sucursais ou escritórios das grandes emissoras ainda dependem, diretamente, do jornalismo impresso para ter acesso a imagens dos acontecimentos que os cercam. Esse fator tem sido observado e apresentado como justificativa por parte de editores para privilegiar assuntos relacionados à violência e morte em suas primeiras páginas. Porém, essa realidade nem sempre se deu dessa forma, como podemos observar em análises realizadas nos arquivos dos objetos dessa pesquisa.

⁵³ Mesmo com a ampliação do acesso à Internet por parte da população e a existência de sites ou blogs noticiosos na cidade, o meio impresso ainda continua gozando de credibilidade no município de Frutal, especialmente no que tange à cobertura policial. Assim, fotos de vítimas da violência urbana ou mesmo de locais de crimes e acidentes são procurados semanalmente pelos leitores para se situarem das imagens desses acontecimentos.

Ao nos voltarmos para os arquivos do jornal *Tribuna de Frutal* e consultar suas 365 edições disponíveis, que compreendem todas as edições editadas e circuladas na cidade, nos deparamos com um noticiário muito diferente daquele que encontramos na atualidade na cidade de Frutal: em todo o período, mais de 20 anos de existência, a morte violenta, por homicídio, foi noticiada por apenas 9 vezes. No entanto, não foi a violência propriamente dita o tema das reportagens, mas sim as sessões de julgamento decorrentes desses fatos. Ou seja, não se noticiava o acontecimento em si, mas apenas o seu desdobramento, o que nos aponta para uma direção interessante sobre o modo de produção do jornalismo impresso interiorano: a preocupação principal estava no âmbito da política, tema que aparece em praticamente todas as páginas de todas as edições analisadas. O noticiário policial, mais especificamente as mortes violentas, ou não despertavam interesse ou essas matérias eram consideradas “antiéticas” para que fossem divulgadas na imprensa frutalense.



Figura 1. Detalhes de edições do jornal Tribuna de Frutal

Em nenhuma das reportagens sobre homicídios encontram-se fotos de acusados, vítimas ou mesmo do fato em si. No que diz respeito ao texto, temos manchetes como “Matou o próprio filho e foi absolvida pelo júri” (4/3/1945, edição N°12); “Absolvido por legítima defesa” (9/9/1945, edição N°22); “Matou um dos irmãos ferindo gravemente o outro” (28/10/1945, edição N°25); “Foi absolvido pelo Tribunal do Júri o réu Waltercides de Almeida” (24/2/1946, edição N°33); “Júri da Comarca” (20/11/1949, edição N° 121); “Funcionou o Júri da Comarca” (28/9/1952, edição N°191); “Sessão do Júri” (23/11/1952, edição N°195); “Tribunal do Júri” (15/2/1953, edição N°201); e “Tribunal do Júri” (30/9/1956, edição N°227).

Os títulos das reportagens pouco informam e o corpo do texto trata, de forma resumida, o que teria ocorrido na sessão, informando nome de réu, vítima, juiz, promotor e advogado, bem como do Conselho de Sentença. Raros e excepcionais são os casos onde um relato mais longo dá conta da argumentação utilizada por promotores e advogados durante o julgamento.

Da forma como são construídas e tratadas essas notícias, mais tendem para o chamado *fait divers* do que reportagens de relevância para a publicação.

Além das reportagens das sessões de júri que dão conta de absolvição ou condenação de acusados de homicídio, temos a morte presente de outras formas, porém, muito longe da intensificação observada na atualidade: são duas reportagens sobre mortes trágicas decorrentes de acidentes de trânsito (uma delas que resultou na morte de 6 pessoas e deixou outras 64 feridas) e, de forma constante em todo o período de vida do jornal, na forma de obituários.

A prática de noticiar o falecimento de pessoas da cidade ou de seus parentes era comum à época no jornal Tribuna de Frutal, sendo que figuras ilustres da cidade, como políticos, grandes empresários ou produtores rurais de destaque, ganhavam espaço extra para ter a sua vida relatada nas páginas da publicação. Os menos famosos, as pessoas comuns, tinham o registro resumido a duas ou três linhas na seção “Vida Social”, publicada em toda edição, porém, sem espaço fixo ou página definida onde se noticiava desde nascimentos, aniversários e viagens, além, é claro, das mortes.

Passados mais de 60 anos entre a extinção do Tribuna de Frutal e o ano de 2014, o jornalismo parece estar hoje mais interessado nas mortes, em suas dinâmicas e os desdobramentos a partir de um homicídio. É o que podemos notar em uma breve análise nas capas do Jornal Pontal, considerado um dos principais meios de comunicação impressa da cidade na atualidade.

Em 24 edições que circularam entre a primeira semana de janeiro até a última semana de junho, a morte é noticiada em 39 manchetes em sua capa. Desse total, 17 delas se referem diretamente a homicídios, enquanto 15 manchetes são de mortes provocadas por “tragédias” – em especial acidentes com vítimas fatais nas rodovias que passam pelo município –, em uma ocasião trata-se da morte de um “notável” (a escritora local Magnólia Rosa, morta aos 94 anos por complicações em sua saúde) e em outras seis oportunidades temos a tentativa de homicídio como tema do noticiário.



Figura 2 – Capas do Jornal Pontal

Um rápido olhar para a figura acima nos revela pelo menos três diferenças cruciais entre a notícia da morte no Jornal Pontal e o Tribuna de Frutal: a impressão a cores (fruto do desenvolvimento tecnológico dos parques gráficos); o uso de fotos (de local, autor, vítima) e a linguagem centrada no fato e não em seus efeitos (Ex: “homem mata outro por causa de algo”).

Considerando o crescimento gradativo do município de Frutal, já que dados apresentados pelo jornal Tribuna dão conta de que em 1960 a população era estimada em 20 mil pessoas, enquanto dados do IBGE apontam em 2014 o número de 58 mil moradores no município, é de se esperar aumento nos problemas sociais, entre eles, da violência urbana. No entanto, chamamos a atenção o enfoque privilegiado às mortes violentas constatadas no período analisado. Em PORTARI (2013), apontamos a atração do homem pela morte diante do desconhecido que se é o ato de “morrer”. Não se sabe, a não ser por suposições religiosas ou culturais, o que e espera após o fim da vida. Assim, mesmo diante da certeza da finitude da vida, o que acontece depois está apenas no plano da imaginação.

Nesse sentido, apesar do temor do assunto morte ser natural e presente em várias das culturas ocidentais, ela se faz cada vez mais presente no cotidiano dos leitores. O jornal impresso, como dispositivo midiático de construção de narrativas, onde há uma estruturação de sentidos e uma ordenação para se compreender a realidade social, insere a informação da morte na experiência dos leitores, provocando um movimento contrário ao afastamento, como é destacado por diversos autores já citados anteriormente.

Observando especificamente o caso do Jornal Pontal, vê-se que o noticiário privilegia, em suas manchetes, o verbo “morrer” e o substantivo “morte”, explicitando a intenção da publicação na inserção desse vocabulário no cotidiano de seus leitores, ao contrário do que ocorria no Tribuna, onde, de todas as manchetes, apenas em duas oportunidades utiliza-se o verbo morrer no pretérito. Já o Pontal, para além das três capas apresentadas na Figura 2, apresenta outras manchetes tais como: “Caminhão explode e mata frutalense” (ed.361); “Jovem desaparecido morre no Rio Grande” e “Lavrador é encontrado morto” (ed.362); “Jovem morre afogado ao brincar no Rio Grande” (ed.363); “Menor mata homem em frente de casa na Vila” (ed.364); “Polícia desvenda todos os passos da morte de Claitinho” (ed.366); por exemplo.

Ao noticiar esses fatos, os jornais agem como disseminadores de imagens sobre a morte, “que povoam nossa memória, nossas vidas e culturas, e estão sujeitas a cristalizações ou deslocamentos pela ação da cobertura midiática” (VOGEL; SILVA, 2013:169). Desta forma, tanto o Tribuna quanto o Pontal, cada um a seu tempo, traz aos leitores um conhecimento compartilhado que desperta nos leitores todo o repertório cultural, ideológico ou religioso de suas concepções sobre a morte, transformando-a numa figura, numa imagem que pode ser visualizada mesmo que mentalmente, tal como VOGEL e SILVA (2013) propuseram ao analisar a presença da morte nas capas de um grande jornal diário. Para elas, essas chamadas atuam como “pontos luminosos” que:

Compõem uma figuração de imagens de morte que transitam no universo comum compartilhado pelos que produzem e pelos que consomem notícias; ou seja, uma das

figurações (estruturadas e estruturantes, diria Pierre Bordieu) de uma comunidade. Por isso o ingresso da imagem como coneito operacional. Ele designa não apenas as imagens visuais, como também as formas verbais que operam como imagens em nossa memória. (VOGEL; SILVA, 2013:172)

Não é preciso que tenhamos imagens fotográficas para noticiar a morte ou mesmo formar uma imagem de como ela se materializou para alguém, seja na década de 1940 ou no ano de 2014. A morte é objetivada, relatada friamente como causa e consequência, o suficiente para que cada leitor faça a sua apropriação dela de acordo com as suas concepções.

No entanto, a presença da fotografia nas capas dos jornais atuais age de forma sutil e significativa ao transmitir essa notícia, permitindo guiar o olhar e a interpretação desse leitor: a morte ocorreu naquele espaço, com aquela pessoa com aquelas características físicas específicas e o resultado final foi aquele que está sendo publicado pela capa. Temos um movimento semelhante ao que HUIZINGA (2010) observa na Idade Média, quando a morte passa a se manifestar também na forma de imagens e não mais apenas como textos.

Toda a meditação sobre a morte feita pelos religiosos dos tempos antigos condensava-se agora numa imagem superficial, primitiva, popular e lapidar, e sob essa forma, em palavras e figuras, a ideia foi apresentada às massas. Essa imagem da morte foi capaz de assimilar somente um elemento do grande número de concepções relacionadas à morte: a noção de perecibilidade. É como se o espírito do final d Idade Média não pudesse enxergar a morte sob outro aspecto além do da deterioração. (HUIZINGA, 210: 221)

Com a presença das fotografias, a morte relatada no contexto atual no município de Frutal planifica a sua presença, estabelece limites físicos (o enquadramento da imagem), geográficos (uma rua ou bairro específico) e conduz de forma diferenciada o relato ofertado a seus leitores, apresentando o assunto com mais ênfase, reforçando *status* do jornal como um operador sócio simbólico da vida social, como afirma Maurice Mouillaud (2002).

Considerações finais

Ao propormos o estudo comparado entre a forma como a morte decorrente da violência urbana é noticiada em dois momentos diferentes da história tanto da imprensa como do município de Frutal-MG, pretendíamos levantar questionamentos que nos permitissem entender como se dá a relação dos leitores de jornal impresso desse município e o tema da morte em épocas distintas. Dessa forma, ao resgatarmos um dos jornais mais emblemáticos da história da mídia impressa frutalense, o Tribuna de Frutal, e articulá-lo diretamente com o jornal de maior expressão no município na atualidade, apontamos caminhos que permitissem entender especialmente a forma como a violência urbana era transformada em notícia por essas publicações.

Temos que o relato de notícias por parte do jornalismo faz parte de um trabalho que, conforme Elizabeth Bird e Robert Dardene (1993, p.266, 276, *apud* VOGEL e SILVA, 2013:181) consiste em “proporcionar às pessoas mais do que fatos e informações objetivas” para que seja

possível apresentar “um esquema para perspectivarem o mundo e viverem a sua vida”, oferecendo “tranquilidade e familiaridade em experiências comunitárias e partilhadas”.

Assumindo essa perspectiva, e retomando a noção do jornal enquanto o conceito de dispositivo, que abarca processos tecnológicos, operacionais, semióticos, linhas de força e de fuga que marcam os produtos midiáticos (LEAL, 2012:3), entendemos a mídia impressa carrega pelo menos três faces que se articulam diretamente: a relacional (por relacionar as notícias atuais com as anteriores, por ter uma forma previamente preparada e por construir o seu discurso edição após edição); interlocutiva (por colocar em cena diversos interlocutores como o leitor, a fonte, a própria mídia, entre outros); e contratual (por ser de natureza informativa e responder a essa expectativa prévia do leitor que se dispõe a adquiri-lo para leitura).

Com essas características, tanto Tribuna como Pontal, cada um a seu modo e a seu tempo, colocam seus leitores diante da morte, compartilhando com eles esse conteúdo e mais que isso, propondo formas de apreensão de sentido e de interpretação do contexto onde esses leitores estavam inseridos. Ao flexionarmos, numericamente, o número de inserções de mortes violentas em decorrência de homicídios nos dois períodos analisados, a primeira conclusão a que se chegaria é a de que “vivemos em um tempo mais violento”. Em 20 anos de existência, o Tribuna apresentou-nos 9 mortes violentas, sendo que todas elas foram apresentadas apenas em sua “face” final, ou seja, a sessão de julgamento dos acusados. Em contrapartida, em apenas 6 meses, o jornal Pontal nos trouxe 17 notícias de assassinatos, todos eles em decorrência de brigas ou desavenças e com o conteúdo ainda na ponta inicial do fato: o relato da morte ocorrida nos dias anteriores àquela edição. Depois disso, não se verifica um acompanhamento das investigações e possíveis desdobramentos dos casos, salvo uma única exceção do crime conhecido como “Caso Claitinho” que foi manchete principal em três edições aleatórias até que todos os envolvidos no homicídio fossem identificados e presos pela Polícia Civil.

Para além da diferença numérica e do espaço de tempo em que cada uma das mortes foi noticiada pelas publicações, há uma face que nos chama atenção: o deslocamento dos princípios editoriais do jornalismo impresso no município de Frutal entre os 60 anos que separam o Tribuna do Pontal. Naquele primeiro momento, ainda sob a ditadura militar, o jornalismo local se voltava muito mais às questões de natureza social e comunitária e, especialmente, políticas. Talvez fruto dos anos de instabilidade política vividas pelo país, somado ao fato da existência da censura prévia aos conteúdos que seriam publicados. Esse contexto, possivelmente, influenciou o jornalista Ernesto Plastino e, posteriormente, seu filho, Vinícius Plastino, a dedicar mais espaço e atenção a esse plano do que outros, como os casos policiais e mortes violentas.

Por outro lado, no contexto atual, o jornal Pontal vive um momento de maior liberdade de expressão, onde o regime democrático tem permitido os eleitores escolherem seus governantes. Soma-se a esse cenário a ampla presença de imagens no cotidiano de seus leitores, especialmente as televisivas e as compartilhadas pela Internet, o que leva o jornal a adotar recursos imagéticos que capturem a atenção de seus leitores: cores fortes e fotos grandes, típicas da cultura visual contemporânea.

Nesse ritmo acelerado de vida, aonde a informação chega a todo e qualquer instante para quem quiser recebe-la (seja por telefone, tablete, computador, etc.), a morte – ou a notícia dela – apresenta-se como uma oportunidade de tornar o instante mais lento, convidando a uma reflexão sobre a sua presença e as formas como ela se apresenta, como observa Michel Maffesoli (2003).

Nesse contexto, o noticiário da morte recoloca o homem diante de um de seus mais antigos dilemas, que é o desconhecimento sobre o que há após o final da vida. Assim, a notícia da morte, para Márcia Benneti (2013:153) está no rol dos assuntos capazes de levar o homem ao encontro de sua humanidade, sendo o que ela considera como um “evento fascinante”. Seja “ontem”, entre as décadas de 1940 e 1960, ou “hoje”, na segunda década dos anos 2000, o leitor se vê diante dela. Porém, na atualidade, de forma mais intensificada em razão de mudanças editoriais e, principalmente, da presença de imagens e cores que o inserem cada vez mais naquele contexto.

Bibliografia

ARAUJO JUNIOR, Antonio; GUILHERME, Clarissa; et. Al. A história da imprensa em Frutal: um passado ainda presente. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como parte para graduação em Comunicação Social – Jornalismo na Universidade do Estado de Minas Gerais – Campus de Frutal: Frutal, 2012.

BARBOSA, Marialva. História da Comunicação no Brasil. Petrópolis: Vozes, 2013.

BENETTI, Márcia. Apropriação discursiva da morte pelo leitor. In: MAROCCO, B.; BERGER, C.; HENN, R. (orgs.). Jornalismo e Acontecimento: Diante da Morte. Vol.3. Florianópolis: Editora Insular, 2013.

MAFFESOLI, Michel. O Instante Eterno: o retorno do trágico nas sociedades pós-modernas. Moema: Editora Zouk, 2003.

MAROCCO, Beatriz; BERGER, Christa; HENN, Ronaldo. Jornalismo e Acontecimento: Diante da Morte. Vol 3. Florianópolis: Insular 2012.

PORTARI, Rodrigo. A construção da violência nas capas dos jornais Folha de S.Paulo e Agora São Paulo. Dissertação de mestrado defendida junto ao PPG-Com da UNESP-Bauru. Bauru, SP: Julho de 2008.

PORTARI, Rodrigo; VAZ, Paulo B. Artigo apresentado ao GT de Imaginários Midiáticos durante o XVII Encontro anual da Compós. Juiz de Fora, MG: UFJF, 2012.

PLASTINO, Ernesto. O papel da imprensa. Frutal: Jornal Tribuna de Frutal, n.3, p.1, 1944.

VOGEL, Deise; SILVA, Gislene. Imagens da morte na Primeira Página. In: MAROCCO, B.; BERGER, C.; HENN, R. (orgs.). Jornalismo e Acontecimento: Diante da Morte. Vol.3. Florianópolis: Editora Insular, 2013.

Visualização da Informação e Jornalismo: proposta de conceitos e categorias⁵⁴

Mayara Rinaldi⁵⁵

mah.rinaldi.nunes@gmail.com

Tattiana Teixeira⁵⁶

tattiana.teixeira@ufsc.br

Resumo

Este trabalho propõe uma revisão conceitual com o objetivo de possibilitar a melhor compreensão da visualização da informação no jornalismo, aqui compreendida como uma modalidade que engloba ao menos dois formatos distintos, a saber: infografia e visualização de dados. Embora alguns autores utilizem as três expressões como sinônimos, entendemos que é necessário observar as peculiaridades de cada uma para melhorar a produção jornalística e compreender os próprios produtos e suas complexidades. Como resultado propomos, ainda, o conceito de reportagem visual de dados, que consideramos uma tendência em jornais. O artigo é um desdobramento da dissertação "Jornalismo político e visualização da informação" e utiliza como principais referências Cairo (2008, 2011), Manovich (2011) e Teixeira (2010, 2013), e Yau (2011).

Palavras-chave: jornalismo, infografia, visualização da informação, visualização de dados, reportagem visual de dados

Abstract

This paper proposes a conceptual review in order to enable a better understanding of information visualization in journalism, here understood as a modality which includes at least two different formats: infographics and data visualization (DATAVIZ). Although some authors use the three terms interchangeably, we believe it is necessary to observe the peculiarities of each to improve journalistic production. As a result we propose also the concept of visual reporting data. The article is an offshoot of the dissertation "Political journalism and information visualization" and used as main references Cairo (2008, 2011), Manovich (2011), Teixeira (2010, 2013), Yau (2011).

⁵⁴ Este trabalho foi apresentado no 12º. Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, em novembro de 2014. A presente versão tem alguns acréscimos em relação à versão apresentada no referido congresso.

⁵⁵ Jornalista. Mestre em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina. mah.rinaldi.nunes@gmail.com

⁵⁶ Jornalista. Doutora em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal da Bahia, professora do curso de Jornalismo da UFSC e bolsista do CNPq. Coordenadora do NUPEJOC – Núcleo de Pesquisa em Jornalismo Científico, Infografia e Visualização de Dados.

Keywords: journalism, infographics, information visualization, data visualization, visual reporting data

Introdução

Desde a década de 1980, jornais impressos de todo o mundo têm realizado modificações gráficas e adaptado seus projetos para melhor se adequar ao que muitos chamam de “a era das imagens”, especialmente influenciada pela televisão. O jornal norte-americano *USA Today* é considerado um dos marcos dessa transformação (De Pablos, 1999; Stovall, 1997; Teixeira, 2010). Como ressalta Moraes (2013):

“Colorido e repleto de imagens, o *USA Today* contrastava com o cinza então característico de seus pares, um símbolo da sobriedade inerente ao papel cívico dos jornais. Além disso, seus textos curtos e objetivos o aproximam mais da TV que de seus pares, predominantemente dissertativos. O *USA Today* talvez tenha sido a melhor síntese das tentativas de atualização da forma dos jornais no contexto dos anos 1980.”

Nesse contexto, infografia e visualização de dados começaram a ganhar cada vez mais espaço nas páginas dos periódicos, especialmente a partir dos anos 90. Em virtude de suas características e do uso de recursos de design gráfico para atrair a atenção imediata dos leitores, a visualização da informação tem uma vantagem cognitiva: metade do cérebro humano é dedicada ao processamento de informação visual (Gray; Bounegru; Chambers, 2014). Porém, como destaca Yau (2011), apesar de os recursos gráficos serem utilizados há séculos, os estudos sobre seus usos e efeitos começaram há poucos anos, então, pode-se dizer que a visualização é um campo relativamente novo. O autor explica que a visualização deve ajudar o leitor a ver o que “os dados têm a dizer” e revelar padrões e relações entre os números. Ele enfatiza que os dados são uma representação da vida real, não apenas um amontoado de números. O autor destaca que “data can be boring if you don’t know what you are looking for or don’t know there is something to look for in the first place” (Yau, 2011).

Tendo em vista esse cenário e com foco prioritário no jornalismo impresso, mas sem deixar de observar o ciberjornalismo, nossa proposta nesse trabalho é diferenciar os conceitos de visualização de dados e infografia. Embora alguns autores tratem as duas formas de apresentação gráfica como sinônimos, defendemos que elas possuem características próprias e ambas podem ser classificadas dentro da chamada “visualização da informação”.

Cabe salientar que esse artigo é um desdobramento da dissertação “Jornalismo político e visualização da informação: Um estudo da editoria de Poder do jornal Folha de S.Paulo” que usou como metodologia a proposta de Palacios e Machado (2007), desenvolvida no GJOL, que tem como base o estudo de caso ilustrativo. Para o desenvolvimento dos principais conceitos aqui discutidos, fez-se, então, uma análise da editoria de Poder⁵⁷, em 246 edições do jornal *Folha de S.Paulo*,⁵⁸ entre os meses de julho e outubro, dos anos de 2011 e 2012. A partir da

⁵⁷ Editoria dedicada à cobertura de assuntos da área de Política.

⁵⁸ A Folha de S.Paulo foi fundada em 1921 é o jornal mais vendido do Brasil entre os diários nacionais de interesse geral.

continuidade das pesquisas, percebeu-se a necessidade de aperfeiçoar alguns conceitos ali apresentados, o que fazemos agora, como contribuição para o campo do chamado jornalismo visual.

O que é visualização

A visualização (infovis) está inserida no contexto do jornalismo visual – aquele que utiliza imagens e palavras, organizadas a partir de princípios basilares do design gráfico – para construir produtos jornalísticos que seguem as prerrogativas técnicas do jornalismo e seu compromisso social (Harris; Lester, 2002). Entendida aqui como modalidade jornalística, podemos afirmar que a infovis busca levar ao leitor – termo compreendido aqui como sinônimo de público do jornalismo – grandes quantidades de números e dados ou explicações complexas como os detalhes de um acidente de avião ou carro, o funcionamento de uma nova tecnologia ou uma descoberta científica, de maneira clara e compreensível.

Podemos dizer, portanto, que a visualização da informação atende a uma perspectiva inerente ao jornalismo, qual seja, a de produzir conhecimento, tendo como foco ao fazê-lo tornar acessível o que, à primeira vista, pode parecer demasiado complexo. No caso das infografias – formato já consolidado e usado pelos veículos de forma sistemática há pelos menos três décadas – isto se dá a partir da explicação de fenômenos em uma estrutura narrativa que busca evidenciar relações sequenciais. Já na chamada visualização de dados, temos, em geral, a partir de informações numéricas e com o uso de diferentes recursos gráficos, a possibilidade de dar um senso de complexidade que não é oferecido por outras formas de apresentação como o texto verbal, por exemplo (Few, 2004; Stovall, 1997; Tufte, 2001).

Observa-se que a infovis é utilizada tanto para as chamadas *hard news*⁵⁹, quanto para reportagens mais aprofundadas sobre algum assunto, observando diferentes perspectivas de um tema (Gray; Bounegru; Chambers, 2014). Um exemplo de como o jornalismo pode utilizar a visualização para construir produtos jornalísticos são as reportagens que têm como fonte as informações dos chamados “governo abertos” – uma tendência da atualidade, em que os órgãos públicos disponibilizam dados na internet que, a partir da leitura e interpretação dos jornalistas pode levar à compreensão contextualizada de aspectos singulares da realidade. Essa forma de apuração das informações está intimamente ligada às bases de dados o que, de acordo com Machado (2002), muda a perspectiva da cobertura jornalística. Em vez de focar a produção das notícias e reportagens em declarações de fontes oficiais, o repórter tem a possibilidade de acessar informações que poderão ser usadas para confrontar e contextualizar as falas dos entrevistados, possibilitando uma cobertura que ultrapassa padrões convencionais. Interessante observar que, com isso, o jornalista deverá estar ainda mais focado em dar sentido às informações (Gray; Bounegru; Chambers, 2014), uma vez que elas estão dispersas em um

⁵⁹ Hard News são as notícias que no jargão jornalístico se costumam chamar de “factuais”, ou seja, os assuntos do dia a dia, de interesse e produção imediata.

conjunto geralmente muito amplo de tabelas e gráficos nem sempre fáceis de serem compreendido pelo público leigo ou não familiarizado com estas linguagens.

Wurman (2005) diz que a chamada “Era da Informação” é na verdade a era da explosão de dados e nessa miscelânea é necessário observar os padrões e as relações entre eles para compreendê-los. É encontrando essas relações que o jornalismo pode fazer a diferença e agregar valor à informação que é entregue ao leitor/internauta. Fidalgo (2007) afirma que “a informação é hoje cada vez mais uma informação tratada. Não basta coligir o maior número de dados, é imprescindível saber lidar com esses dados, percebê-los, fazer a devida leitura”.

Em síntese, a visualização da informação compreende uma modalidade do chamado jornalismo informativo, diretamente relacionada ao jornalismo visual, que inclui infografia e visualização de dados e busca justamente dar sentido às informações por meio da utilização de imagens e texto na apresentação da mensagem ao leitor. Em nosso entender, a visualização de dados está relacionada à grande quantidade de informações numéricas, enquanto a infografia, quando jornalística, pressupõe uma narrativa visual, como explicaremos em detalhes a seguir.

Diferenciando visualização e infografia

Alguns autores costumam classificar todos os tipos de recursos gráficos como infografia: “Muitas vezes utilizada como sinônimo de gráfico e mapa, outras vezes, distanciada destes conceitos, não encontramos uma definição consensual de infografia” (Ribas, 2005). Partindo de uma revisão bibliográfica do assunto, Ribas chega à conclusão de que a principal causa que teria levado à confusão seria uma tradução equivocada do inglês para o português da expressão “informational graphics”, que embora no sentido literal signifique “informação gráfica”, poderia ser melhor traduzida, segundo ela, como “diagrama informativo” para evitar confundir-se infografia com gráficos ou mapas. Desde a publicação do artigo, a discussão avançou, os termos visualização da informação e visualização de dados começaram a ser citados mais frequentemente, mas ainda há divergências com relação aos conceitos.

Um dos primeiros autores a trabalhar com infografia no jornalismo foi o espanhol De Pablos (1999), o qual compreende infografia como o “binômio imagem+texto”. Outro pesquisador da Espanha que estudou o assunto foi Valero Sancho (2001: 21), conceituando infografia como “una aportación informativa, realizada con elementos icónicos y tipográficos, que permite o facilita la comprensión de los acontecimientos, acciones o cosas de actualidad o algunos de sus aspectos más significativos, y acompaña o sustituye al texto informativo.” No Brasil, um dos pioneiros no estudo de infografia foi Ary Moraes. De acordo com o autor, “a partir de 1996, a palavra (infografia) deixou a esfera dos iniciados e estabeleceu-se definitivamente no cenário do jornalismo brasileiro” (Moraes, 1998: 71).

As definições de visualização da informação e visualização de dados não são próprias do jornalismo. Outras áreas como Ciências da Computação e Design utilizam os conceitos em suas pesquisas. De maneira geral, os autores que tratam do tema definem a visualização como uma forma de representação visual de dados abstratos que facilita o entendimento ou permite que

se descubram novas informações (Freitas et al. 2001; Manovich, 2011; Nascimento; Ferreira, 2005). De acordo com Manovich (2011), "o objetivo da visualização é descobrir a estrutura de um conjunto de dados (tipicamente grande). Essa estrutura não é conhecida a priori; a visualização é bem-sucedida se revela essa estrutura".

Entre os autores que estudam jornalismo, Cairo (2008, 2011) trata infografia e visualização da informação como sinônimos. De acordo com ele, ambas tratam da apresentação e exploração de dados, mas em diferentes níveis. O autor classifica:

Visualización es aquella tecnología plural (esto es, disciplina) que consiste en transformar datos en información semántica – o en crear las herramientas para que cualquier persona complete por sí sola dicho proceso – por medio de una sintaxis de fronteras imprecisas y en constante evolución basada en la conjunción de signos de naturaleza icónica (figurativos) con otros de naturaleza arbitraria y abstracta (no figurativos: textos, estadísticas, etc.). (2011: 38)

Destacamos a compreensão de infografia jornalística como modalidade discursiva ou formato do jornalismo informativo com a presença indissociável de texto e imagem para uma construção narrativa de algo complexo ou difícil de ser descrito em uma narrativa textual convencional (Teixeira, 2010). É essencialmente nesse ponto que discordamos de Cairo quando trata de visualização e infografia como sinônimos. Enquanto os infográficos jornalísticos pressupõem uma narrativa, essa característica não está presente nos conceitos de visualização de dados. Narrar aqui é entendido como "um suceder temporal encaminhado a um desfecho" e narrativas como "produtos culturais inseridos em certos contextos históricos" (Motta, 2004: 7). A narração é o modo de organizar o conteúdo da história que é contada e "também se pode perceber a narrativa latente em fotografias ou 'imagens paradas', nas quais se percebe bem, muitas vezes, um antes e um depois da imagem" (Vogel, 2009: 270). Por outro lado, os conceitos de visualização de dados pressupõem a descoberta de informações a partir de uma grande quantidade de dados numéricos, característica que não é pré-requisito na infografia.

Ao discutir sobre infografia e visualização, Binsbergen (2014) apresenta uma distinção que nos parece apropriada: "infographics tell stories designed by journalists and designers, where information visualization helps readers discover stories by exploring through the data themselves". Dessa forma, observando as diferenças entre os conceitos de infografia (pressupõe uma narrativa e não necessariamente apresenta dados numéricos) e de visualização de dados (pode ter narrativa, mas não é um "pré-requisito" do conceito, além de pressupor a exploração de informação a partir de grande quantidade de dados numéricos), propomos a seguinte distinção conceitual:

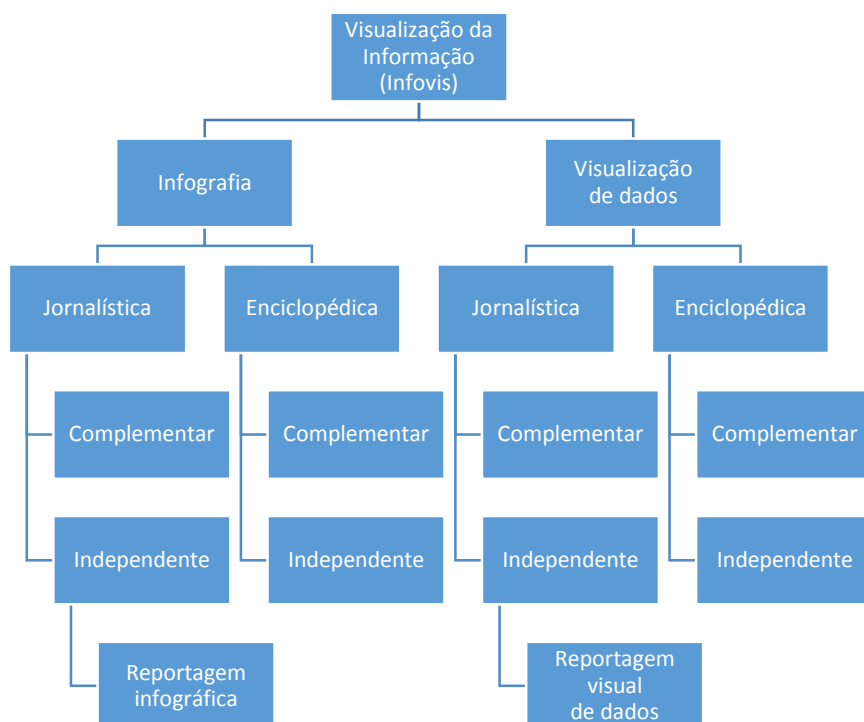


Figura 1 – Tipologia de classificação de visualização da informação

Por essa proposta, distinguimos três conceitos: visualização da informação, visualização de dados e infografia. A visualização da informação, como dissemos anteriormente, trata-se de um conjunto mais amplo, que abarca diferentes formas de recursos e narrativas visuais utilizadas no jornalismo, incluindo infografia e visualização de dados. A infografia, por sua vez, é entendida aqui como modalidade discursiva na qual há presença indissociável de imagem e texto em uma construção narrativa que permite a compreensão de um fenômeno específico ou funcionamento de algo complexo (Teixeira, 2010). E, por fim, a visualização de dados é “aquela que possibilita que dados brutos sejam compreendidos por meio de uma organização espacial não aleatória e planejada para facilitar a compreensão de aspectos específicos que se pretende evidenciar ou ressaltar” (Teixeira, 2013: 251). Mapas, diagramas, gráficos, fotos, ícones, nesta proposta, não constituem categorias isoladas, mas elementos que podem ser usados em qualquer um dos grupos.

Ambas, infografia e visualização de dados, podem ser classificadas como jornalísticas ou enciclopédicas, a depender do conteúdo. As jornalísticas são as que tratam de informações sob seu aspecto singular (Genro Filho, 1987), ou seja, aquela informação específica que caracteriza o jornalismo como forma de conhecimento, enquanto as enciclopédicas tratam o conteúdo a partir de aspectos particular ou universal. Ambas também podem ser classificadas como complementares ou independentes. As chamadas complementares são infovis que acompanham uma notícia ou reportagem jornalística, nesse caso, o texto é predominante na página. Já as

independentes são infografias ou visualizações que não estão acompanhando nenhuma notícia ou reportagem e ocupam a maior parte do espaço físico da página.

Quando a infografia é “jornalística e independente”, consideramos que há uma reportagem infográfica. Da mesma forma, quando a visualização é “jornalística e independente”, consideramos que há uma reportagem visual de dados. Os dois conceitos serão detalhados nos tópicos a seguir.

Todas as modalidades (infografia/visualização jornalística ou enciclopédica, complementar ou independente, reportagem infográfica ou reportagem visual de dados) podem ser identificadas tanto nos meios impressos, quanto nos digitais. Nesse último caso, inclusive, há possibilidade de utilização de características próprias do online como interatividade e multimidialidade.

Reportagem visual de dados e visualização interativa

Embora conceitualmente a visualização de dados não pressuponha o desenvolvimento de uma narrativa, quando a narrativa está presente observamos uma subdivisão que classificamos como reportagem visual de dados. Essa modalidade tem como pré-requisito a compilação de grande quantidade de dados numéricos, organizados de forma a contar uma história. A apuração desse tipo de reportagem é frequentemente feita a partir de informações disponíveis em uma ou mais base de dados e pode ser complementada com entrevistas. As reportagens visuais de dados dão um significado tangível a partir do abstrato, explicando às pessoas como uma grande quantidade de dados afeta suas vidas, interpretando dados a partir da observação de padrões e da revelação de relações entre esses dados (Crucianelli, 2012, 2013; Fidalgo, 2007; Gray; Bounegru; Chambers, 2014; Han; Kamber; Pei, 2012; Machado, 2002; Manovich, 2011). Isso é feito a partir de uma narrativa única composta por uma linguagem que une elementos textuais e gráfico-visuais, pensados e produzidos para ser apresentados juntos.

A reportagem “Quebra-cabeça Brasil”, publicada no dia 17 de julho de 2011, no jornal *Folha de S.Paulo*, ilustra o conceito. Ela utiliza como gancho⁶⁰ um plebiscito que seria realizado para discutir a divisão do Estado do Pará em dois territórios, para contextualizar (apresentar aspectos particulares relacionados ao tema) outros projetos de divisão de Estados pelo restante do país.

O texto de abertura tem início da seguinte forma: “O mapa do Brasil pode ter um novo desenho. A exemplo do plebiscito que vai deliberar sobre a emancipação de Tapajós e Carajás, hoje pertencentes ao Pará, pelo menos outros treze projetos em discussão no Congresso propõe consultas para a criação de mais cinco Estados e quatro territórios no país”. Neste exemplo, há uma inegável relação entre o texto e a imagem de maior destaque da página, que mostra justamente como ficaria o mapa do Brasil caso as mudanças propostas fossem aprovadas. Além do mapa, outras informações que agregam à discussão de divisão de território são apresentadas

⁶⁰ No jargão jornalístico se refere à singularidade e atualidade da informação

visualmente – como ficaria a população dos Estados caso houvesse emancipação e como é a divisão de Estados de outros países –, e a própria singularidade da informação, qual seja a realização do plebiscito, é mostrada na forma de um diagrama. Trata-se de um conjunto de múltiplas visualizações de dados e de informação que formam uma narrativa, com várias possibilidades diferentes de entrada de leitura, que pretende dar conta de forma mais aprofundada sobre um tema.



Figura 2 – Reportagem publicada no dia 17/07/2011, página A10.

Dois exemplos de veículos que têm apostado nessa modalidade de reportagem são a *Folha de S.Paulo* e a revista *Época*, na seção Diagrama. Com o aumento da utilização de recursos gráficos nos meios impressos e a oferta cada vez maior de informações numéricas em bases de dados com acesso pela internet, parece-nos que a reportagem visual de dados pode ser uma tendência no jornalismo.

Da mesma forma, a disponibilização de bases de dados na rede possibilita o desenvolvimento da visualização interativa, uma subdivisão da visualização de dados para a web. Um dos ícones da utilização desse tipo de infovis, inclusive contabilizando uma série de prêmios como o Malofiej⁶¹, é o jornal americano *New York Times*.

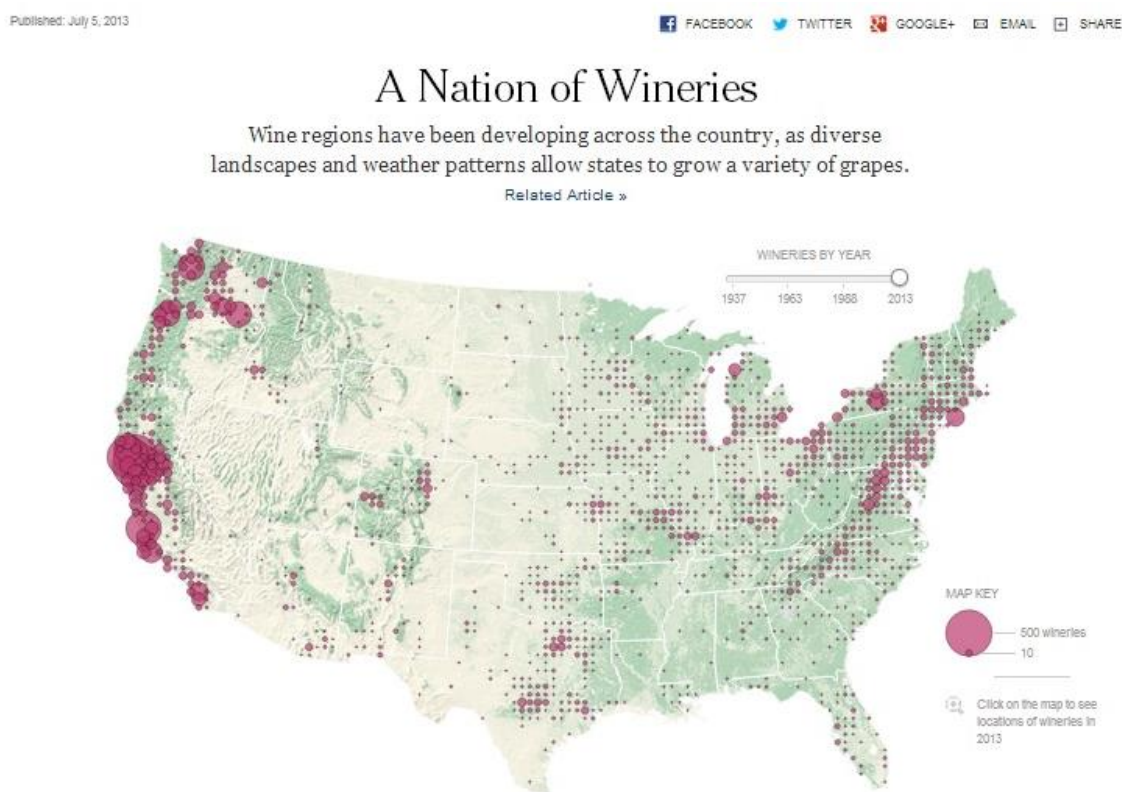


Figura 3 – Visualização de dados interativa publicada no site nytimes.com em julho de 2013

No exemplo acima, publicado em julho de 2013 no site do periódico, um mapa mostra o crescimento do número de vinícolas nos Estados Unidos. Clicando nas datas que estão no canto superior direito (1937, 1963, 1988 e 2013), o internauta observa as localizações das vinícolas em cada ano. Assim como as discussões sobre infografia e visualização impressas, no meio digital os conceitos ainda vem sendo discutidos sem um consenso. Rodrigues (2009) classifica esse formato de apresentação das informações aos internautas como infografia digital em base de dados. Em nossa proposta, porém, voltando à discussão sobre a necessidade de construção

⁶¹ Maior prêmio internacional de infografia e visualização de dados

de uma narrativa para que possamos classificar uma publicação como infografia e sobre a característica da visualização de dados de compilar uma grande quantidade de dados numéricos, consideramos que, neste exemplo não há narrativa presente e a produção foi feita em cima de uma grande quantidade de informações numéricas, portanto, trata-se de uma visualização de dados interativa e não de uma infografia.

Por fim, ainda encontramos na web uma série de infovis estáticas, que nada mais são do que transposições das produções do impresso para o digital, sem qualquer característica própria do meio (interatividade, hiperlinks, recursos multimídia). Essas publicações se enquadram naquela que os pesquisadores da área classificam como infovis de primeira geração do jornalismo online (Amaral, 2010; Rodrigues, 2009; Rinaldi, Alves, 2009), ou seja, visualizações que não possuem nenhum tipo de interatividade ou multimidialidade e são exatamente iguais às publicadas no papel.

Infografia e suas classificações

As infografias jornalísticas também podem ser subdivididas em algumas classificações. A primeira delas, conceituada por Teixeira (2010), é a reportagem infográfica. Nessa modalidade de narrativa, texto e recursos gráficos da página são indissociáveis, com a predominância de elementos visuais na página. Em relação à reportagem visual de dados, destacamos que a principal diferença está no conteúdo da publicação. Como subdivisão da visualização de dados, a reportagem visual de dados precisa descobrir a estrutura e revelar padrões a partir de uma grande quantidade de números (Manovich, 2011; Yau, 2011; Few, 2006), contando uma história a partir de dados. Já a reportagem infográfica se trata de uma narrativa visual que não precisa necessariamente utilizar números ou gráficos.



Figura 4 – Reportagem infográfica publicada no jornal Zero Hora em novembro de 2010

Neste exemplo, publicado pelo jornal *Zero Hora*, a reportagem conta como foi realizada a ocupação em morros do Rio de Janeiro para as operações de pacificação e combate ao tráfico de drogas. É uma narrativa visual construída a partir de uma apuração jornalística que podemos dizer que está mais próxima do tradicional no jornalismo, diferentemente da apuração em base de dados que está relacionada à reportagem visual de dados.

Se a reportagem visual de dados é uma modalidade que começa a surgir e aponta para uma tendência, a reportagem infográfica no Brasil já pode ser considerada um formato consolidado. Um indicativo dessa afirmação é a realização do Infolide, evento que reúne profissionais de infografia, jornalismo e design para palestras, cursos e que realiza uma mostra dos melhores trabalhos publicados pelos periódicos do país. Enquanto a reportagem visual de dados ainda está se desenvolvendo e é encontrada em alguns veículos, como *Folha de S. Paulo* e *Época*, que investem mais em produções gráficas, a reportagem infográfica está amplamente difundida entre jornais e revistas de abrangência nacional e estadual. Uma das precursoras da utilizada de reportagem infográfica no Brasil é a revista *Superinteressante* (Rinaldi, 2007, 2006).

Quando falamos em infografia, observamos suas versões para a web. Nesse caso também é possível observar infos nas três diferentes gerações do jornalismo online (primeira: transposição; segunda: início da utilização das características online; terceira: produção concebida para ser um produto digital).

Considerações finais

Ao observar jornais, revistas e sites de notícias não é difícil concluir que cada vez mais os recursos visuais são utilizados, em geral como forma de chamar a atenção do leitor ou internauta. Essa produção para tornar a página mais atrativa certamente é parte do trabalho, mas é importante ressaltar que a utilização de infovis deve ter como primeiro objetivo tornar a informação compreensível (De Pablos, 1999; Cairo, 2008, 2011; Kanno; Brandão, 1998; Yau, 2011).

Nesse sentido, defendemos que compreender as características e peculiaridades das diferentes formas de visualização da informação é essencial para construir o discurso jornalístico de maneira adequada a cada propósito específico, tendo sempre em conta o objetivo maior de produzir conhecimento cristalizado no singular (Genro Filho, 1987). Acreditamos que, para além de mera convenção, a precisão conceitual em torno dos formatos permite criar mecanismos padronizados de produção e, inclusive, de ensino, possibilitando que o próprio uso da visualização da informação possa ser disseminado de forma sistemática até mesmo nos cursos de graduação em jornalismo, algo que hoje acontece de forma bastante isolada e dispersa. Por isso, consideramos essencial diferenciar os formatos, pois cada um deles requer mecanismos próprios de produção, ao mesmo tempo em que geram expectativas distintas nos públicos-alvo. Concordamos, assim, com Melo e Assis (2013:32) quando defendem que “o formato jornalístico é o feitio de construção da informação transmitida pela mídia, por meio do qual a mensagem da atualidade preenche funções sociais legitimadas pela conjuntura histórica em cada sociedade”.

Ao agruparmos diferentes formatos em um grande conjunto, aqui chamado de visualização da informação, indicamos que há características que os aproximam, qual seja, o uso do design gráfico para produzir informação jornalística que ultrapasse os padrões convencionais da narrativa jornalística textual. Por seu turno, dentro deste conjunto, há pelo menos dois formatos que precisam ser compreendidos em suas especificidades: a infografia e a visualização de dados.

No jornalismo, a infografia é construída a partir da narrativa composta por imagem e texto, de forma que ambos sejam imprescindíveis para a compreensão da mensagem e não possam ser descartados enquanto conjunto enunciativo. Entendê-la – assim como suas particularidades – é fundamental e é um processo que se constituiu historicamente. Como explica Moraes, “nos anos 1980, quando o uso de gráficos informativos se tornou mais frequente nos jornais, a ponto de receberem uma denominação distinta – infografia – se converteram numa categoria à parte, a grande preocupação de editores e designers era dissociar infográficos de qualquer vínculo com as demais categorias de ilustração” (2013:19). A visualização de dados, por sua vez, é uma forma gráfica de apresentação das informações construída necessariamente a partir de uma quantidade de números tal que exige dos profissionais envolvidos em sua produção a capacidade de dar sentido ao que, à primeira vista, pode parecer complexo ou intangível ao público não especializado. Enquanto na visualização o amplo volume de dados numéricos é considerado um pré-requisito, na infografia não é sequer um elemento obrigatório.

Entre as subdivisões da visualização de dados, é notável o crescimento e a tendência de maior utilização do que classificamos como reportagem visual de dados – aquela que interpreta e dá sentido para uma grande quantidade de dados numéricos, geralmente com apuração em bases de dados, utilizando recursos textuais e gráfico-visuais de maneira coordenada. A visualização, neste caso, não acompanha um texto jornalístico, é a própria reportagem em si. Entendemos que esse formato pode ser essencial tanto para dar mais contexto aos acontecimentos jornalísticos, quanto para revelar acontecimentos jornalísticos que são construídos a partir da própria compreensão dos números disponíveis em bases de dados, especialmente as públicas.

Observa-se, pois, que em meio às transformações proporcionadas pelas novas tecnologias surgem novos formatos e outros se consolidam. Ao mesmo tempo, essas novas modalidades exigem uma perspectiva multidisciplinar tanto na compreensão dos fenômenos quanto na sua organização enquanto produto jornalístico. Há, sem dúvida, um conjunto de desafios a serem enfrentados e, também por isso, parece-nos crucial a tarefa de classificar e compreender as modalidades aqui descritas, visando contribuir para um avanço do próprio campo.

Bibliografia

AMARAL, Ricardo Castilhos Gomes (2010). Infográfico jornalístico de terceira geração : análise do uso da multimídia na infografia. Dissertação. (Mestrado em Jornalismo). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina.

BINSBERGEN, Joram (2014). The distinct disciplines of infographics and information visualisations. Master of Media, 2014. Disponível em:

<http://mastersofmedia.hum.uva.nl/2014/04/16/the-distinct-disciplines-of-infographics-and-information-visualisations/> (Acessado em 24/06/2014)

CAIRO, Alberto. (2011) El arte funcional: infografía y visualización de información. Madrid: Alamut.

CAIRO, Alberto (2008). Infografia 2.0: visualización interactiva de información em prensa. Madrid: Alamut.

CRUCIANELLI, Sandra (2013). Que es ele periodismo de datos?. Cuadernos de Periodistas, Madrid, n. 26, p. 106-124, 2013. Disponível em:

[http://www.apmadrid.es/images/stories/106-124\(1\).pdf](http://www.apmadrid.es/images/stories/106-124(1).pdf) (Acessado em: 20/05/2014)

CRUCIANELLI, Sandra (2014). Jornalismo de dados: o bom, o mau e o feio. Rede de Jornalistas Internacionais, 2012. Disponível em: <http://ijnet.org/pt-br/stories/jornalismo-de-dados-o-bom-o-mau-e-o-feio> (Acessado em: 20/05/2014)

DE PABLOS, José Manuel (1999). Infoperiodismo: el periodista como creador de la infografía. Madrid: Síntesis.

FEW, Stephen (2006). Information dashboard design. Print History.

FEW, Stephen (2004) Show me the numbers. Analytics Press.

FIDALGO, Antonio (2007). Data mining e um novo jornalismo de investigação. In: BARBOSA, Suzana. Jornalismo Digital de Terceira Geração. Universidade da Beira Interior. pg. 155-168. Disponível em: http://www.livroslabcom.ubi.pt/pdfs/20110824barbosa_suzana_jornalismo_digital_terceira_geracao.pdf (Acessado em 24/06/2014)

FREITAS, C. M. D. S. ; CHUBACHI, O. M. ; LUZZARDI, Paulo Roberto Gomes; CAVA, Ricardo Andrade. Introdução à Visualização de Informações (2001). Revista de Informática Teórica e Aplicada, Porto Alegre, RS, v. 8, n. 2, p. 143-158, 2001. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/19398/000300210.pdf?sequence=1>. (Acessado em: 31 out.2012)

GENRO FILHO, Adelmo (1987). O segredo da pirâmide. Porto Alegre: Tchê!. Disponível em: www.adelmo.com.br. Acesso em: 20/04/2011

GRAY, Jonathan; BOUNEGRU, Liliana; CHAMBERS, Lucy (2014). Manual de Jornalismo de dados. Disponível em: <http://datajournalismhandbook.org/pt/> Acessado em 20/05/2014.

HAN, Jiawei; KAMBER, Micheline; PEI, Jian (2012). Data Mining: Concepts and Techniques. Simon Fraser University. Disponível em: [http://www.cse.hcmut.edu.vn/~chauvtn/data_mining/Texts/\[1\]%20Data%20Mining%20-%20Concepts%20and%20Techniques%20\(3rd%20Ed\).pdf](http://www.cse.hcmut.edu.vn/~chauvtn/data_mining/Texts/[1]%20Data%20Mining%20-%20Concepts%20and%20Techniques%20(3rd%20Ed).pdf) (Acessado em: 20/05/2014)

HARRIS, Christopher; LESTER, Paul (2002). Visual Journalism: a guide for new media professional. Boston, Allyn na Bacon

KANNO, Mário (2013). Infografe: como e porque usar infográficos para criar visualizações e comunicar de forma imediata e eficiente. São Paulo: Infolide. Disponível em:

<http://www.infolide.com/2013/08/infografe-o-novo-livro-de-infografia-de.html>

(Acessado em: 24/06/2014)

MACHADO, Elias (2006). O jornalismo digital em base de dados. Florianópolis: Calandra.

MACHADO, Elias (2002). O ciberespaço como fonte para os jornalistas. Biblioteca on-line de ciências da comunicação, Beira do Interior, 2002. Disponível em:

<http://www.bocc.ubi.pt/pag/machado-elias-ciberespaco-jornalistas.pdf> (Acessado em 24/06/2014)

MACHADO, Elias; PALACIOS, Marcos (2007). Um modelo híbrido de pesquisa: a metodologia aplicada pelo GJOL. In: Lago, Claudia e Benetti, Marcia. (Org.). Metodologia de pesquisa em jornalismo. Petrópolis: Vozes.

MANOVICH, Lev. O que é visualização? (2011) Trad. Ana Elisa Ribeiro, Francis Arthuso Paiva e Vinícius Martins Rocha. Estudos em Jornalismo e Mídia, v. 8, n. 1, p. 146-171, jan./jun. 2011.

MORAES, Ary (1998). Infografia – o design da notícia. Dissertação. (Mestrado em Design). Rio de Janeiro: PUC.

MORAES, Ary (2013). Infografia – história e projeto. São Paulo:Blucher.

MOTTA, Luiz Gonzaga (2004) Narratologia: análise da narrativa jornalística. Brasília, DF: Casa das Musas.

NASCIMENTO, Hugo A. D.; FERREIRA, Cristiane B. R. (2005) Visualização de Informações – Uma Abordagem Prática. In: Marinho P. Barcellos; Antonio Alfredo F. Loureiro. (Org.). Livro Texto da XXIV Jornada de Atualização em Informática. São Leopoldo, RS: , 2005, v. , p. 1262-1312.

Disponível em:

<http://200.169.53.89/download/cd%20congressos/2005/SBC%202005/pdf/arq0285.pdf> .

(Acessado em: 31 out.2012)

RIBAS, Beatriz. Ser Infográfico - Apropriações e Limites do Conceito de Infografia no Campo do Jornalismo. In: III Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo - SBPJor, 2005, Florianópolis. Disponível em:

http://gruposjor.files.wordpress.com/2011/04/2005_ribas_sbpjor_florianopolis_serinfografico.pdf (Acessado 31/10/2012)

RINALDI, Mayara (2014). Jornalismo político e visualização da informação: um estudo da editoria Poder do jornal Folha de S.Paulo. 2014. Dissertação (Mestrado em Jornalismo). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina.

RINALDI, Mayara ; ALVES, C. A. M. . A utilização da infografia na internet: estudo de caso e proposta de classificação.(2009) In: X Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, 2009, Blumenau. X Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, 2009.

RINALDI, Mayara. (2007) O uso da infografia no jornalismo científico brasileiro - estudo da revista Superinteressante. In: VIII Congresso de Ciências da Comunicação da Região Sul, 2007, Passo Fundo. Anais VIII Congresso de Ciências da Comunicação da Região Sul, 2007.

RINALDI, Mayara (2006). Um laboratório para a infografia. Pauta Geral. Florianópolis: Calandra, n. 8, 2006. pp. 11-16.

RODRIGUES, Adriana (2009). Infografia interativa em base de dados no jornalismo digital. (dissertação de mestrado). Salvador: UFBA.

SANCHO, José Luis Valero (2001). La infografía: técnicas, análisis y usos periodísticos. Bellaterra: UAB.

STOVALL, James Glen (1997). Infographics: a journalist`s guide. Massachusetts: Allyn and Bacon.

TEIXEIRA, Tattiana (2013). Infografia e visualização de dados – apontamentos sobre caminhos inovadores no jornalismo de revista praticado no Brasil. In TAVARES, Fred e Schwaab, Reges (org.). A revista e seu jornalismo. Porto Alegre: Penso, 2013. p. 249-260.

TEIXEIRA, Tattiana (2010). Infografia e Jornalismo – conceitos, análises e perspectivas. Salvador: EDUFBA.

TUFTE, Edward. (2001). The visual display of quantitative information. Graphics Press.

VOGEL, Daisy (2009). Narrativa. In: MARCONDES FILHO, Ciro (org.). Dicionário de Comunicação. São Paulo: Paulus.

WURMAN, Richard (2005). Ansiedade de Informação 2. São Paulo: Editora de Cultura.

YAU, Nathan (2011). Visualize this. Indianapolis: Wiley.

O título da notícia na internet: impactos na leitura e características de sua composição no ambiente digital

Jeferson Bertolini, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Brasil

jefersonbertolini@gmail.com

Resumo

Este artigo trata dos títulos das notícias da internet, buscando destacar o impacto que têm na leitura e na compreensão do texto do jornalismo online. O manuscrito recupera funções clássicas dos títulos no jornalismo, como *dizer muito em poucas palavras* (BURNETT, 1991), e pontua a importância deles na organização e na apresentação textual. O texto também cita, baseado em estudo empírico, nove características do título jornalístico na web em relação aos títulos do jornalismo impresso.

Palavras-chave: Título, notícia, jornalismo

Abstract

This article is about the headline news on the internet. The aim is to highlight the impact they have on reading and understanding the text of online journalism. The manuscript presents classical functions of the title in journalism, how to say in very few words (Burnett, 1991), and highlights their importance in the organization and textual presentation. The text, based on empirical study, cites nine characteristics of journalistic website title with respect to securities of print journalism.

Keywords: Title, news, journalism

O título jornalístico: entre o clássico e o moderno

O jornalismo online mudou consideravelmente a forma de se ler notícias. Na era dos *tablets* e celulares inteligentes, o leitor se move pelo emaranhado de nós e nexos da internet (SANTAELLA, 2004) para acessar conteúdos hipertextuais, multimidiáticos e instantâneos (SALAVERRÍA, 2005). Nesse ambiente, o título das notícias também muda. E isso impacta no processo cognitivo pelo qual o leitor simplifica a informação do texto para compreendê-la melhor (VAN DIJK, 1989).

Os títulos do jornalismo na internet conciliam a tradição histórica de revelar a síntese da notícia (SOUSA, 2005), de prender a vista do leitor (DOUGLAS, 1966) e do dizer muito em poucas palavras (BURNETT, 1991) com funções exclusivas do ambiente digital, como os links (o

clique no título leva à notícia) e os sistemas de busca (os buscadores usam palavras do título para posicionar a notícia nas telas de resultado).

Pela posição destacada, o título tornou-se um dos elementos mais preciosos do jornalismo. É dele a responsabilidade de resumir a notícia (MELO, 1985), de conciliar função técnica e estética (AMARAL, 1978) e de organizar a macroestrutura do texto a um sistema mais simples de entendimento (COMASSETTO, 2003).

Burnett (1991, p. 43) considera o título o elemento mais importante da notícia porque “sem um título atraente o leitor não chega sequer ao lead”, como os jornalistas chamam o primeiro parágrafo de uma notícia. Na internet, os títulos se multiplicam por causa da atualização contínua do noticiário (SCHWINGEL, 2012) e da produção da notícia em ciclos 24/7 (BARBOSA, 2009).

O título também é um elemento fundamental para a compreensão do texto porque a ideia de resumo que apresentam tem relação direta com duas características da humanidade: 1) a oralidade, de onde vem a tradição humana de contar histórias e onde está a raiz do jornalismo, e 2) a habilidade cognitiva pela qual simplificamos o todo em tópicos menores para compreendê-lo melhor.

O título na organização do texto

Muito antes de qualquer forma de jornalismo, o uso de uma palavra-chave ou uma frase resumida sobre o texto já se apresentava como um facilitador da leitura. Tal recurso, que hoje chamamos de título, contribuiu com a organização textual e, indiretamente, com o desenvolvimento do pensamento humano (MORRISON, 1990).

Ao passar de um amontoado de frases sem fim e sem nenhum tipo de separação a um formato parecido com o que usamos hoje, o texto organizado por tópicos e capítulos materializou o pensamento, tornando a palavra um elemento mais visível e legível.

No mundo moderno, admitimos sem discutir que existe não só uma relação entre a escrita, o conhecimento e a organização textual, mas também entre as palavras e as ideias do texto e a forma ou estrutura em que são apresentadas ou tratadas. Na verdade, a institucionalização da cultura moderna, com sua afinidade com o escrito, é condensada pela apresentação sistemática do conhecimento, à medida que este avança da introdução à conclusão, sob o formato específico do livro. É de acordo com essas convenções que normalmente dividimos o texto em unidades como a página, o parágrafo e o capítulo; os títulos corridos e as rubricas de disciplinas que dividem a página e o parágrafo em linha coerente elevam o desenvolvimento pedagógico da argumentação (MORRISON, 1990, p. 173).

A organização do texto apresentou avanços a partir da Grécia Antiga, se consolidando séculos mais tarde, e foi determinante para fundamentar o pensamento crítico e filosófico. Segundo o autor, do ponto de vista textual, é possível perceber avanço entre Platão e Aristóteles:

Havelok (1973) acrescenta que a escrita de forma mais organizada contribuiu para deixar a mente humana livre para pensar, desenvolvendo pensamento e sociedades:

Na passagem do século 5 para o 4, o grande efeito da revolução alfabética começou a se impor na Grécia. A palavra predominante deixou de ser uma vibração captada pelo ouvido e armazenada na memória. Ela se tornou um artefato visível. O armazenamento de informações para uso posterior, como fórmula destinada a explicar a dinâmica da cultura ocidental, deixa de ser uma metáfora. A declaração documentada, que permanece imutável através dos tempos, libertou o cérebro de certos fardos formidáveis da memorização, ao mesmo tempo em que incrementou as energias disponíveis ao pensamento conceitual. Os resultados, como podem ser observados na história intelectual da Grécia e da Europa, foram profundos (HAVELOK, 1973, p. 60, apud Morrison, 1990, p. 165).

Melo (2003, p. 14-15) observa que o aperfeiçoamento da escrita e a evolução da fala tornaram o homem civilizado, e deu a ele a condição de viver em sociedade. Segundo o autor, "a capacidade humana de gerar símbolos comunitariamente reconhecidos e pacificamente legitimados foi a alavanca que neutralizou a barbárie, dando passagem à civilização. Os grupos humanos substituíram a força da violência pelo poder do argumento".

Bordenave (1983, p. 119) lembra que o texto escrito é um dos elementos facilitadores da comunicação humana, que ele define como "um processo natural, uma arte, uma tecnologia, um sistema e uma ciência social pode ser um instrumento de legitimação de estruturas sociais e de governos, como também a força que os contesta e os transforma". Ela "pode ser veículo de autoexpressão e de relacionamento entre as pessoas, mas também pode ser sutil recurso de opressão psicológica e moral. Através da comunicação a humanidade luta, sonha, cria beleza, chora e ama".

Rótulo, o embrião do título

O título é um elemento relativamente novo no jornalismo. Os primeiros jornais do mundo o ignoravam. Os que nasceram nas décadas seguintes, também. Assim que surgiram, inspirados nos livros, serviam só para separar conteúdos. Tinham letras iguais ao resto do texto e se misturavam com data e procedência do material. Com o desenvolvimento da imprensa, foram ganhando outros usos, como o design da página, até chegar ao estágio atual.

Os primitivos jornais não possuíam títulos com as características atuais. Eles limitavam-se aos títulos fixos, ou rubricas, simplesmente indicando aos leitores pequenas diferenças temáticas entre os textos publicados. Ou, eventualmente, continham títulos-assuntos, destacando as matérias opinativas das que se pretendiam informativas (MELO, 1985, p.67).

O autor acrescenta que os jornais dos Estados Unidos, referência para outros no mundo, usavam "títulos-rótulos, uma declaração genérica e indefinida, com pouca ou nenhuma informação sobre a notícia". As chamadas "correspondiam ao estilo de diagramação vertical dos jornais de então, eram miúdas, pouco maiores que o corpo tipográfico usado ao texto e ocupavam só o topo da coluna".

O desenvolvimento da imprensa norte-americana foi determinante para a cristalização do uso dos títulos jornalísticos, segundo Melo (1985). Trata-se de um período longo, que

começou com o *Boston Newsletter*, o primeiro jornal dos EUA, criado em 1704, e se propagou até o século 19, com a consolidação do *New York Journal*, de William Hearst (1863-1951), e do *New York World*, de Joseph Pulitzer (1847-1911). Principais empresários da notícia em Nova York, Hearst e Pulitzer foram os protagonistas da chamada guerra jornalística, na qual os títulos se destacaram: quando perceberam que o aspecto tipográfico influenciava na venda de jornais, os dois começaram a modificar a primeira página, introduzindo uma paginação equilibrada, com títulos de duas colunas nas margens do jornal, incluindo subtítulos e, mais tarde, manchetes que ocupavam oito colunas (MELO, 1985, p. 86).

O autor observa que “o contato com informações destacadas” vai muito além do design da página, pois “desempenha um papel decisivo na formação da visão de mundo que cotidianamente o cidadão obtém”. “Saber que determinados fatos aconteceram e outros não, que determinados personagens atuaram na cena social em primeiro plano, que tais ou quais organizações figuraram na linha de frente das novidades constitui referencial básico para moldar a atitude coletiva” (Ibid, p. 67).

Como observa Comassetto (2003, p. 60-61), “o título do texto jornalístico está hoje tão intimamente ligado à notícia que, sem ele, a matéria perde o sentido”. Segundo o autor, “o título serve, portanto, para dar equilíbrio estético à página, anunciar o fato, resumir a notícia e ativar fatores cognitivos que guiam a compreensão. Em geral, deve ser constituído de uma frase, redigida em ordem direta e sempre com verbo, o que garante impacto e expressividade”.

O título, embora resumido, tem todas as condições de ser uma síntese precisa da notícia, expressando sua macroproposição mais importante. Pode haver casos, porém, de duas informações igualmente relevantes, mas que, por razão de espaço, estilo do veículo de comunicação e mesmo de eficiência, não podem ser ditas em uma única frase, o que deixaria o título demasiado longo e comprometeria sua expressividade (COMASSETTO, 2003, p. 61-62).

Pela importância que mostraram ao longo do desenvolvimento da imprensa, os títulos foram se consolidando de tal forma que se tornaram determinantes à leitura ou não de uma notícia. Eles, enfatiza Douglas (1966, p. 24), “prendem a vista do leitor”, fazendo-o parar na notícia e “decidir, com fundamento nesse relance, se lerá ou não o texto”.

Para Amaral (1989, p. 86), os títulos podem revelar a identidade do jornal porque “eles dão bem o tom da publicação, se séria, escandalosa ou equilibrada”, e “informam também sobre a qualidade de seus redatores e sua capacidade criadora”. Ao escrever poucas palavras, sublinha, “o profissional já mostra quanto é capaz e evidencia o grau de experiência da profissão. Um mau título altera, e até mesmo destrói, a qualidade de uma boa matéria”.

O título é a designação que se põe acima da matéria, chamando a atenção do leitor para a mesma, de forma objetiva, clara, apelativa, resumida, capaz de prender qualquer um que lhe ponha os olhos e de levá-lo ao texto. A sua ideia é a ideia central, a mais jornalística possível, do assunto que ele assinala. Normalmente feito após a redação da matéria é, muitas vezes, procurado antes, na mente do redator, com o objetivo de fazer saltar-lhe o que de mais importante, em termos de jornal, deve ser explorado na redação do assunto em pauta. Se o redator não consegue imaginar o título antes de

escrever o material que tem em mãos, é porque não compreendeu o valor do que possui (AMARAL, 1989, p. 86).

Tópico, a chave da compreensão do texto

A estrutura do texto noticioso que lemos hoje no papel ou nas telas moveis é mais antiga que o próprio jornalismo. Explica-se: apesar de boa parte dos autores apontar a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) como um marco do formato atual, com texto organizado do mais importante ao menos importante, essa técnica já era vista na Grécia Antiga, na época dos contadores de história. Destaca Karam (2000):

Na imediatez em que atua o jornalismo, os elementos retóricos da antiguidade greco-romana constituem eixos fundamentais de seu discurso. É com esta perspectiva, baseada na arte de dizer, resultado da habilidade em fazer, que se estrutura o discurso jornalístico. A escola norte-americana e inglesa de jornalismo tomou o que havia de melhor na arte de dizer para imprimir o ritmo da lógica informativa específica do jornalismo na segunda metade do século passado e durante o século 20 (KARAM, 2009).

Van Dijk (1898) mostra que os títulos jornalísticos vão muito além de dizer de que trata o texto, resumindo a notícia e destacando o tópico principal dela em uma sentença objetiva. Eles são determinantes para a compreensão do texto, pois evocam a habilidade humana de simplificar informações em tópicos para poder compreendê-la melhor, relacioná-la com conteúdos guardados na memória e armazená-la, potencializando o próprio processo de desenvolvimento da inteligência humana.

Na teoria do holandês, o texto é organizado em superestruturas (ideia geral do texto) e macroestruturas (a organização do conteúdo). Ele coloca os títulos no que chama de estrutura da relevância, a partir da qual partem os tópicos (ideias) afins. Segundo o autor, tanto os processos de produção como a compreensão e memorização cognitiva da notícia dependem de um formato acordado entre jornalista e leitor.

Assumimos que há uma relação sistemática entre texto noticioso e contexto. Assim, parece plausível que as formas estruturais e os sentidos globais de um texto de notícia não são arbitrários, mas o resultado de hábitos sociais e profissionais de jornalistas em ambientes institucionais, de um lado, e uma condição importante para o processamento cognitivo eficaz de um texto noticioso, tanto por jornalistas como por leitores, de outro (Ibid, p. 123).

O autor sustenta que o leitor tem capacidade nata para simplificar temas escritos e falados para poder compreendê-los e guardá-los melhor. Faz isso pelas técnicas que chama de apagamento, generalização e reconstrução. Os temas são guardados na memória por meio de uma espécie de escala de relevância, e o conhecimento acumulado ajudará na compreensão dos próximos textos.

Os leitores usam macroestratégias adequadas para a derivação de tópicos de um texto. Para o discurso da notícia, essas estratégias têm importantes mecanismos textuais para ajudar a construir a estrutura temática, a saber, manchetes e leads (...). A manchete e

o lead podem ser usados como sinais adequados para fazer previsões eficazes sobre a informação mais importante do texto. E quando uma manchete ou lead não é uma sumarização adequada de todo o sentido global do texto, podemos, formalmente ou subjetivamente, dizer que são distorcidos (Ibid, p. 133-134).

Van Dijk acredita que a mente humana no Ocidente está configurada para leituras lineares, ou seja, da esquerda para a direita e de cima para baixo, por causa do processo de organização da escrita que se nota desde a Grécia Antiga. Em uma leitura linear, a partir do título, o leitor costuma a) ativar o modelo da situação atual, b) derivar uma estrutura temática dele, c) decidir quais temas são mais importantes, d) assimilar o tema pelo lead, e) ir confirmando as hipóteses nos parágrafos seguintes, f) avaliar consequências da situação, g) identificar causas e condições. No caso específico de manchetes e leads, eles a) primeiramente são reconhecidos como elementos do jornalismo, b) ativam conhecimento e crenças de importância, c) suas proposições subjacentes ativam *scripts* relevantes e modelos de memória, d) indicam ou expressam macrotópicos importantes, e) os primeiros parágrafos confirmam ou não o que se leu no lead e título.

A compreensão constitui complexo processo estratégico de reconstrução, que envolve, além das informações recebidas, as motivações e objetivos do receptor, suas estimativas sobre as intenções do falante, seus pressupostos contextuais e representações cognitivas, ou seja, dados circunstanciais mais experiências e conhecimentos prévios guardados na memória e ativados no momento (VAN DIJK, 1999, apud COMASSETTO, 2003).

Segundo Trorndyke (1979), um dos primeiros psicólogos da cognição a por à prova hipóteses sobre a organização estrutural das notícias, a forma como o conteúdo semântico é distribuído no texto ajuda a compreensão e permite melhor evocação dos episódios relatados. Isso se deve à lógica macroestrutural da notícia, que prioriza as informações relevantes na formação da sentença, pontua Comassetto (2003, p. 45).

Os estudos sobre o papel das representações de conhecimento de mundo na compreensão do discurso começaram com Bartlett (2000), considerado o precursor de uma teoria dos esquemas, também rotulados, em estudos mais recentes, sobre modelos cognitivos, como cenários, *frames* e *scripts*. Para o autor, “esquema sugere uma organização ativa de reações ou experiências do passado, que devem estar sempre operando em qualquer resposta orgânica bem adaptada” (Bartlett, 2000, p. 201).

Van Dijk considera que existe um “vínculo óbvio” entre as estruturas do texto: a superestrutura, que refere-se à estrutura esquemática global, na qual o conteúdo é inserido; e a macroestrutura, que se encarrega do conteúdo, da definição dos temas ou assuntos principais e da sua distribuição ao longo da matéria. O elo entre as duas estruturas é estabelecido no título e no lead, que ele denomina “encabeçamento”. Comassetto (2003, p.46) lembra que “estas primeiras e conhecidas categorias do esquema aparecem em posição de destaque, no início do texto, carregando com elas as informações tidas como as mais importantes”.

Kleinan (1992, p. 35) acrescenta que, para processarmos e entendermos o texto escrito, primeiramente usamos o conhecimento linguístico, tanto em sua esfera lexical (reconhecimento instantâneo das palavras impressas) quanto em sua esfera sintática (fatiamento de conteúdo) e sintática-semântica (construção de elos coesivos).

Aspectos cognitivos da leitura são todos aqueles ligados à relação entre o sujeito leitor e o texto enquanto objeto, entre linguagem escrita e compreensão, memória, inferência e pensamento (...). O processamento do objeto começa pelos olhos, que permitem a percepção do material escrito. Esse material passa a uma memória de trabalho, que o organiza em unidades significativas. A memória de trabalho seria ajudada nesse processo por uma memória intermediária, que tornaria acessíveis, como num estado de alerta, aqueles conhecimentos relevantes para a compreensão do texto em questão, dentro de todo o conhecimento que estaria organizado em nossa memória de longo prazo ou semântica (KLEIMAN, 1992, p. 36).

Para a autora, títulos mal formulados do ponto de vista linguístico podem confundir o leitor, sobretudo se há “inversão da ordem canônica, a ordem mais usual da linguagem”, aquela com sequência de sujeito, verbo e complemento, “porque isso contraria nosso impulso natural de pensar” (Ibid, p. 45).

Guimarães (1993, p. 50) acrescenta que “o título é parte componente e importante da mensagem, além de um fator estratégico para a articulação do texto, podendo desempenhar tanto função factual e de chamada como função poética e expressiva”. Ela reforça que, “em se tratando de notícias, os títulos, o cabeçalho e o ordenamento do texto não são cronológicos nem lógicos, mas determinados por um princípio da primazia --- os aspectos mais importantes figurando em primeiro lugar”.

Os títulos expressam a macroestrutura (tema central da notícia). Lidos em primeiro plano, orientam a compreensão para a estrutura da relevância na apresentação das notícias. Não são, por conseguinte, meros artifícios publicitários, mas chaves para a decodificação da mensagem, se convenientemente propostos. Enunciados sucintos de qualquer mensagem, sua interpretação deve ser integrada numa leitura global (GUIMARÃES, 1993, p. 50).

Características do título jornalístico na internet

Para traçar características do título jornalístico na internet recorreremos, inicialmente, à observação (1). Foram observados 5 mil títulos de notícias nos portais brasileiros *UOL*, *Globo.com*, *R7* e *Terra*, e nos jornais *Folha de S.Paulo*, *O Estado de S.Paulo*, *O Globo* e *Diário Catarinense*. A observação foi feita nos meses de maio, junho, julho e agosto de 2013. Elegemos aleatoriamente uma semana de cada mês. Os meses foram definidos por conveniência pessoal. Os portais foram escolhidos pela audiência --- em 2013 eram os mais acessados do país, segundo o Ibope/Nielsen. O mesmo critério foi adotado para a escolha da *Folha*, *Estadão* e *O Globo*. O *Diário Catarinense* foi selecionado para a pesquisa contemplar um veículo de médio porte, com métodos de trabalho às vezes menos sofisticados.

Foram avaliados todos os títulos encontrados nesses veículos, incluindo títulos de *homepage*, títulos das páginas internas de notícias, títulos das listas de últimas notícias ou plantão e títulos de meios correlatos, como *timelines* de *Twitter* e *Facebook*.

A observação foi feita em horários alternados, procurando um equilíbrio de tempo entre editorias e veículos, mas sem uma proporcionalidade rígida. Após a escolha dos portais e jornais, procuramos seguir quase o ritmo do leitor experto, considerado por Santaella (2004) aquele que conhece as ferramentas digitais e suas aplicações e navega com velocidade e foco. Não se estabeleceu previamente categorias de observação. A navegação foi, aos poucos, revelando tendências de títulos jornalísticos na internet.

Depois, em outra amostra de títulos, fizemos um estudo comparativo (2). Esta etapa baseou-se na comparação de 210 títulos de matérias publicadas pela *Folha de S. Paulo* na internet e repetidas na edição impressa, e vice-versa, na penúltima semana de 2013. Escolhemos a *Folha* porque é o maior jornal do país nas versões impressa (320 mil exemplares/dia) e digital (20 milhões de acessos/mês).

Foram analisados 210 títulos das editorias de Poder, Internacional, Mercado, Cotidiano e Ilustrada. Títulos de colunistas, de seção de artigos, de editoriais e afins foram ignorados. Como principal critério, escolhemos títulos de matérias publicadas na edição impressa e repetidas no site. A coincidência da mesma matéria nas duas plataformas era básica para analisarmos as diferenças entre os títulos adotados nas duas plataformas e podermos anotar as características que tomaram no impresso e na internet.

Os títulos foram extraídos entre os dias 18 e 23 de agosto. Foi uma semana útil inteira, que abraçou todos os momentos de um jornal impresso, como o destaque ao noticiário esportivo na segunda-feira e o noticiário de entretenimento na sexta-feira. O período também abrange questões internas, que não nos preocupamos em anotar, como a variação do tamanho da edição em função do número de anúncios --- no país, o mercado publicitário costuma eleger a quinta-feira como o melhor dia útil. A semana foi escolhida aleatoriamente, por conveniência. Não houve nenhum evento predominante no noticiário, o que nos permite imaginar que representa a rotina de uma redação jornalística em qualquer época do ano.

No cruzamento dos dados dessas duas etapas da pesquisa --- observação e comparação --- chegamos às nove características do título jornalístico na internet, que listamos a seguir. Assim, dissemos que, em relação aos títulos dos meios impressos, os títulos jornalísticos na internet:

a) *Aparentam ser maiores*: o crescimento se deve principalmente ao espaço quase ilimitado da rede, que permite acrescentar informações. Visto pelo ângulo positivo, significa que o título maior é mais completo, como indica exemplo singelo extraído da *Folha* em 21 de agosto de 2013 sobre a Rede, partido que Marina Silva quis criar em 2013. Na internet, o título foi "Justiça pede investigação sobre fichas da Rede, novo partido de Marina". No impresso foi "Justiça pede investigação sobre fichas da Rede", sem acrescentar que se trata do partido idealizado pela ex-senadora. No mesmo dia, a *Folha* destacou no site que "Serra cobra igualdade

de condições para disputar prévias com Aécio”, e no impresso “Serra quer igualdade de condições em prévias”. O primeiro é ligeiramente mais completo que o segundo porque acrescenta o partido de Serra e com quem ele disputa para concorrer à Presidência. A ótica negativa sugere que o título maior, especialmente o que perde o foco por excesso de palavras, se distancia de três aspectos que julgamos relevantes: 1) o dever ser resumido, para rapidamente situar o leitor; 2) a tradição oral, de onde vem o formato do texto jornalístico e dos títulos, que pede que o mais importante seja dito primeiro e que os detalhes sejam explicados a seguir; 3) o processo cognitivo pelo qual simplificamos a informação para assimilá-la melhor. Vejamos títulos do *Diário Catarinense* em 23 de outubro de 2013 que podem servir de exemplos. O primeiro refere-se à estrutura do prédio que abriga acervo de um artista plástico de Joinville: “Chuvvas e cupins travam batalha com a entidade que procura conservar o legado de Schwanke na úmida Joinville”. Acreditamos que poderia ser adaptado para “Infiltração e cupins abalam prédio com acervo de Schwanke”. O segundo é sobre um incêndio em área florestal da Grande Florianópolis. “Incêndio em vegetação mobiliza bombeiros e é apagado com auxílio do helicóptero Arcanjo, em Palhoça”. Pensamos que poderia ser melhor “Bombeiros usam helicóptero para conter incêndio florestal em Palhoça”. No comparativo específico com 210 títulos da *Folha*, que apresentamos anteriormente, os títulos da mesma notícia na internet apresentaram média de 10,83 palavras, contra 8,09 do impresso. Dito de outra forma, 33,86% maiores.

b) Demonstram mais homogeneidade: para fazer sentido na internet, onde o leitor perde o contato com outros elementos de referência da página, como as cartolas e as fotos, os títulos ganham palavras e são empacotados dentro de uma estrutura ou receita editorial comum entre os veículos digitais (títulos de *O Globo* e *Folha*, por exemplo, têm mais semelhança ou homogeneidade na web que na versão impressa). Isso parece verdadeiro especialmente nos cadernos de cultura, que tradicionalmente optam pelo estilo poético nas versões impressas e precisam reconstruir a chamada na web, como mostra exemplo da *Folha* em 20 de agosto de 2013: no papel, o título foi “As fantasias de Robert Crumb”; na rede, “À beira dos 70, Robert Crumb fala à Folha da antologia com suas histórias mais pervertidas”. Um processo parecido ocorre com os textos das notícias. Na internet, eles se parecem mais. Tem estrutura e ritmos muito parecidos. Na versão impressa as nuances de estilo entre os veículos são mais visíveis.

c) Podem ser mais completos: sem os limites físicos do papel, que eleva a necessidade de concisão, os títulos na internet podem destacar mais de uma informação acerca do fato noticiado. Na maioria dos casos, o texto extra completa o núcleo central do título, dando contexto a ele, o que ajuda o leitor no entendimento da notícia. O noticiário esportivo talvez seja o maior beneficiado com tal possibilidade, pois no ambiente digital pode, na mesma sentença, facilmente dizer quem ganhou e o que representa o título (se o faz subir no ranking ou se o classifica a um nível mais elevado de disputa, por exemplo) ou em que circunstâncias determinada equipe venceu ou perdeu (depois de um jejum histórico? Sem os titulares?). O acréscimo pode ser sutil,

mas geralmente agrega valor à chamada. No nosso comparativo, associado à ideia geral a que chegamos depois da observação dos títulos, as informações extras geralmente ofereceram detalhes circunstanciais de como, quando ou onde, e fatos que relacionam o fato noticiado a eventos passados ou introduzem o leitor no assunto.

d) Podem ser mais prolixos: títulos pequenos, aqueles com alto poder de resumo de um fato, parecem ter virado uma espécie de pecado editorial no universo noticioso de chamadas maiores. Talvez por isso muitos redatores se sintam no dever de esticar títulos, agregando a eles termos e informações irrelevantes. Ou seja, um título de cinco ou seis palavras destoa da maioria dos publicados na internet, a ponto de seu tamanho chamar a atenção na lista de “últimas”. O excesso de palavras dificulta o entendimento da notícia, cansa o leitor e pode até afastá-lo da notícia se o conteúdo extra, além de desnecessário, for escrito fora da ordem canônica, a mais usual, que coloca em sequência sujeito, verbo e complemento.

e) Parecem mais acomodados: as receitas mais clássicas dizem que o título deve resumir a notícia, explicando-a em uma frase curta, objetiva e sedutora. Na internet, até onde pudemos perceber, muitos títulos aparentam destacar uma frase do lead, em vez da ideia central do texto, em um processo intelectual aparentemente afetado pela comodidade. A agilidade predomina. Faltam sacada e criatividade, essenciais para tornar o título atraente e sedutor. O problema talvez seja mais explícito no jornalismo econômico, que nos meios impressos costuma traduzir a notícia, e na internet parece homogeneizar a chamada. Nas redações, a habilidade para titular com resumo e criatividade juntos cria abismos entre os “bons de título” e os “ruins de título”. Ou, como pontuam alguns especialistas, entre os que dominam a língua e os que não a dominam. Em parte, essa suposta comodidade pode ser fruto de três traços marcantes do noticiário na internet: 1) a agilidade, que às vezes confronta a qualidade com o chegar antes; 2) a abundância de conteúdo, que indiretamente pode levar o jornalista a acreditar que se dará melhor da próxima vez; 3) ao caráter mais efêmero do noticiário, que envelhece rapidamente enunciados.

f) Têm mais funções: a exemplo do jornalista, que no ambiente da convergência produz para mais de uma mídia, desdobrando-se em tarefas (foto, texto, vídeo) que até algum tempo atrás eram feitas por mais de um profissional, o título na internet também tem mais de uma função: além das habituais, como oferecer uma síntese da notícia e equilibrar o layout da página, agora 1) dão link e abrem as páginas de notícia; 2) servem de base para motores de busca; 3) levam a audiência da notícia A à notícia B em caso de link interno; 4) conduzem a leitura pelos labirintos do hipertexto; 5) preenchem interfaces automáticas em sites, aplicativos e *timelines* de redes sociais, tornando-se “imagem” predominante; 6) determinam a venda da notícia nos modelos de *paywall*.

g)Têm efeito surpresa: o título publicado na capa do site revela outro, às vezes muito diferente, ao ser clicado. Há um efeito surpresa. E isso pode ser bom para a audiência: o título enxuto e bem apresentado da capa poderá atrair quem navega pelo site, e o título interno (revelado após o clique) poderá fisgar aqueles que leem via buscador.

h)Têm maleabilidade: o título na internet muda de acordo com a vitrine em que será exposto e ao sabor dos acontecimentos. No primeiro caso, podemos citar de exemplo sua publicação na *homepage* (o título da página da notícia é ajustado de acordo com o espaço disponível na tela) e nas redes sociais (no *Twitter* segue levada jornalística e obedece limite de 140 caracteres, e no *Facebook* procura estimular a interatividade por meio de perguntas). No segundo caso, podem mudar após uma atualização da notícia, ou serem totalmente reformulados em casos de evento ao vivo (nessa situação chegam a narrar a notícia em tempo real, tornando-se também o corpo dela).

i)Parece ter menos cuidado estético: pela agilidade da rede e pelos limites gráficos das engrenagens mecânicas, costuma ser apresentado sem os cuidados estéticos vistos na mídia impressa. Isso espanta a leitura, porque as interfaces, para serem atraentes, devem ser fáceis de navegar e bonitas. O título sem cuidado estético é aquele que termina em três pontinhos, impedindo o fim da leitura, e aquele publicado nas capas com palavras, linhas de apoio e legendas desalinhadas. Ele contraria os preceitos de simetria e regularidade do design gráfico. Em parte, o problema pode se dever 1) às ferramentas de edição online, que engessam formatos visuais e navegacionais; 2) aos dispositivos mecânicos de publicação e edição, que distribuem automaticamente conteúdos entre sites, capas de editorias e aplicativos; e 3) à instantaneidade do noticiário, que gera um volume grande de notícias a ser exposto nas capas

Considerações finais

Elemento capaz de atrair ou afastar o leitor, o título jornalístico passa por uma transformação expressiva por conta do avanço das plataformas digitais, para onde cada vez mais migra a leitura do noticiário e para onde a maioria das empresas jornalísticas do país aponta suas expectativas de futuro. E isso tem impactos na leitura das notícias.

Esta transformação é a maior vivida pelos títulos desde o século 19, quando parte da imprensa norte-americana, como pontua Melo (1985), inaugurou o estilo de chamadas destacadas que vemos até hoje nos jornais impressos --- nessa fase, o título passou a conciliar o que Douglas (1966) chama de funções técnicas (atrair o leitor) e estéticas (apresentar bem a notícia); ou seja, além de isca à leitura, o título foi alçado à condição de elemento determinante ao *layout* de página.

Na internet, nos parece que o título jornalístico deve ser ainda mais atraente, uma vez que a atualização de conteúdos é contínua, o que gera um amontoado de informações impossível

de ser lido por inteiro --- talvez nunca antes na história do jornalismo a leitura tenha sido tão baseada nos títulos.

Na internet, também, o título amplia sua função “visual”, já que torna-se elemento mais visível que a própria fotografia em muitas telas digitais, especialmente as de telefone celular. É, ao mesmo tempo, frase e imagem.

Para o leitor, o título jornalístico na internet é guia e banca: guia porque conduz a leitura pelos caminhos labirínticos da rede; banca porque vende a notícia, literalmente, pois o clique sobre ele contabiliza os acessos via sistemas de cobrança digital.

Bibliografia

AMARAL, Luiz. Técnica de jornal e periódico. Rio: Tempo Brasileiro, 1978.

BARBOSA, Suzana. Jornalismo em ambientes dinâmicos. In: *III Congresso de Ciberperiodismo y web 2.0: la transformación del espacio mediático*. Bilbao: Espanha, 2011.

_____. Jornalismo e dispositivos móveis. In: *9º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo*. Rio de Janeiro, 2011.

_____. Convergência jornalística em curso: as iniciativas para integração das redações no Brasil. In: RODRIGUES, Carla (org). *Jornalismo online: modos de fazer*. Rio de Janeiro: Ed:PUC-Rio: Sulina, 2009. p. 35-55.

BORDONAVE, Juan Diaz. Além dos meios e mensagens. 11.ed. Petrópolis: Vozes, 1983.

BOTTÉRO, Jean. Cultura, pensamento e escrita. São Paulo: Ática, 1995.

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. Uma história social da mídia: de Gutenberg à internet. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

BURNETT, Lago. A língua envergonhada. Rio: Nova Fronteira, 1991.

CASTILHO, Cesar Aguilhera. Comunicação e informação antes da impressão. In: *História da Imprensa*. Madri: Planeta Editora, 1994. p. 13.28.

COMASSETTO, Leandro Ramires. As razões do título e do lead: uma abordagem cognitiva da estrutura da notícia. Concórdia: UnC, 2003.

DOUGLAS, Joaquim. Jornalismo: a técnica do título. São Paulo: Agir, 1966.

FABRE, Maurice. História da comunicação. (S.L.), 1963.

FONSECA FILHO, Clézio. História da Comunicação: o caminho do pensamento e da tecnologia. Porto Alegre: ediPUCRS, 2007.

GUIMARÃES, Elisa. A articulação do texto. 3. ed. São Paulo: Ática, 1993.

HEALEY, John. O primeiro alfabeto. In: HOOKER, J. *Lendo o Passado: do cuneiforme ao alfabeto: a história da escrita antiga*. São Paulo: Melhoramentos, 1996.

HOLLIS, Richard. Design gráfico: uma história concisa. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

KARAM, Francisco. Retórica, Grécia e Roma Antigas: vestígios da futura linguagem jornalística. In: ALCEU. v. 10, n.19, p. 109 a 117, 2009.

KELLNER, Douglas. A cultura da mídia. Bauru: Edusc, 2001.

KLEIMAN, Angela. Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura. 2.ed. Campinas: Pontes, 1989.

_____. Oficina de leitura: teoria e prática. Campinas: Pontes, 2010.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. Os elementos do jornalismo: o que os jornalistas devem saber e o público exigir. 2.ed. São Paulo: Geração Editorial, 2003.

LAIGNIER, Pablo. Primórdios: da comunicação oral ao advento da escrita. In. *História da Comunicação*. Rio de Janeiro: E-pappers, 2009. p.9-27.

SANTAELLA, Lucia. Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo. 4.ed. São Paulo: Paulus, 2004.

MELO, José Marques. História do pensamento comunicacional. São Paulo: Paulus, 2003.

_____. A opinião no jornalismo brasileiro. Petrópolis: Vozes, 1985.

MORRISON, Ken. Cultura, pensamento e escrita. São Paulo: Ática, 1990.

SALAVERRÍA, Ramón. Redacción periodística en internet. Barañáin: Ediciones Universidad de Navarra, 2005.

_____. Estructura de la convergencia. In: GARCÍA, Xosé López; FARIÑA, Xosé Pereira (cords.). *Convergência Digital: reconfiguración de lós médios em España*. Santiago de Compostela: Servizo de Publicacións e Intercambio Científico, 2010. p.27-64.

SCHWINGEL, Carla. Historicidade, terminologia e conceito de ciberjornalismo. São Paulo: Paulinas, 2012.

SOUSA, Jorge Pedro. Elementos de Jornalismo Impresso. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2005.

VAN DIJK, Teun. La ciência del texto. Barcelona: Paidós, 1983.

_____. Cognição, discurso e interação. São Paulo: Contexto, 1992.

_____. Notícias e Conhecimento. Estudos em Jornalismo e Mídia, Vol II, número 2, segundo semestre, 2005.

WALKER, C.B.F. O Cuneiforme. In: HOOKER, J. *Lendo o Passado: do cuneiforme ao alfabeto: a história da escrita antiga*. São Paulo: Melhoramentos, 1996.

ZAMITH, Fernando. *A contextualização no ciberjornalismo*. 293 f. 2011. Tese (doutorado em Informação e comunicação em plataformas digitais). Faculdades de Letras. Universidade do Porto, 2011.

Polifonia, dialogismo e representação: as malhas narrativas na prosa jornalístico-literária

Francisco Aquinei Timóteo Queirós, Universidade Federal do Acre
aquinei@gmail.com

Francielle Maria Modesto Mendes, Universidade Federal do Acre
franciellemodesto@gmail.com

Resumo

O presente artigo busca analisar as representações narrativas da prosa jornalística e literária na obra *Radical Chique e o Novo Jornalismo*, de Tom Wolfe. Com o trabalho almeja-se problematizar de que maneira as confluências entre as técnicas do texto literário hibridizam-se com os elementos formais do *lead* e da *pirâmide invertida* na tessitura do enredo do que ficou conhecido nos Estados Unidos, na década de 1960, como Novo Jornalismo. Busca-se investigar a obra *Radical Chique e o Novo Jornalismo* sob o viés de textos basilares das áreas de teoria literária e da narrativa, tomando os autores Mikhail Bakhtin e Hayden White como referenciais para se compreender as imbricações entre as narrativas jornalísticas, históricas e literárias. Com o estudo, pretende-se alcançar uma melhor compreensão acerca dos mecanismos ficcionais que sustentam e aproximam os discursos jornalísticos e literários, ressaltando-se as questões da linguagem, da polifonia, do dialogismo e as justaposições narrativas estabelecidas na confluência entre "realidade", "verdade" e "representação".

Palavras-chave: Literatura, Jornalismo, Radical Chique, Tom Wolfe.

Abstract

This paper analyzes the narrative representations of journalistic and literary prose work in *Radical Chique e o Novo Jornalismo*, by Tom Wolfe. With work the aim is to problematize how the confluences between the techniques of literary texts are hybridized with the formal elements of lead and inverted pyramid in the fabric of the story of what became known in the United States in the 1960s as New journalism. This work wants to investigate the work *Radical Chique e o Novo Jornalismo* using authors like Mikhail Bakhtin and Hayden White for understanding journalistic, literary and historical narratives. With this study, we intend to achieve a better understanding of the mechanisms that underlie fictional and near the journalistic and literary discourses, emphasizing the issues of language, polyphony, dialogism and the narrative established at the confluence of "reality," "truth" and "representation."

Keywords: Literature, journalism, Radical Chique, Tom Wolfe

Introdução

O presente artigo intitulado Polifonia, dialogismo e representação: as malhas narrativas na prosa jornalístico-literária⁶² pretende problematizar os aspectos narrativos – relacionando-os à estética do acontecimento jornalístico e cotejando-os a partir dos aspectos literários e históricos. Também serão discutidas as convergências entre as narrativas jornalística, literária e histórica, tendo-se como escopo mostrar as imbricações entre o romance realista e a narrativa jornalística, na constituição da trama do livro-reportagem do corpus em estudo.

O debate sobre os aspectos movediços que aproximam o discurso ficcional da história e da literatura é pródigo na crítica literária, jornalística e historiográfica. Hayden White (1994) pontua que as narrativas históricas mantêm uma relação mais íntima com a literatura do que com a ciência porque se configuram manifestamente como “ficções verbais”. Constata-se que o Novo Jornalismo⁶³ constitui uma categoria híbrida por lidar com técnicas literárias e jornalísticas, amalgamando o fictício na construção da narrativa de jornal. As descrições e as narrativas também são perpassadas pela ficcionalização de aspectos específicos inerentes à realidade histórica.

Teóricos como Mikhail Bakhtin e Hayden White servirão de base para o desenvolvimento do estudo referente à obra aqui arrolada.

Em Bakhtin (2010) salienta-se a ideia de polifonia, tecendo mosaicos sociais ricos em ângulos dialógicos. Importa destacar que, na obra de Tom Wolfe (2005), a multiplicidade de vozes concretiza uma alquimia de visões de mundo – que resultam em uma nova mistura de vozes, em um novo diálogo. E nesse novo diálogo, a realidade emerge e se concretiza como um relato polifônico de forte poder digressivo-consensual em que se imbricam as vozes das personagens, do autor, do texto e do público leitor. A narrativa converte-se em uma arena agonística, em que se embatem os sujeitos, os discursos e as realidades de mundo.

Bakhtin (2010) caracteriza a polifonia como a multiplicidade de vozes e consciências independentes e distintas que representam pontos de vista sobre o mundo. A polifonia representa o diálogo que se estabelece entre distintas visões de mundo.

62 O livro em estudo neste trabalho - escrito por Tom Wolfe (2005) - descreve a festa oferecida pelo milionário casal Leonard e Felicia Bernstein ao Partido Black Panther, um dos mais violentos grupos de valorização da cultura afro-americana surgidos na sequência da luta pelos direitos civis dos negros nos Estados Unidos. O ápice dessa relação é observado (e retratado por Wolfe, presente no evento) na festa oferecida pelo casal Bernstein em seu apartamento, na Park Avenue, em Nova York. A reportagem *Radical Chique* realiza um comentário social sobre um comportamento típico do fim dos anos de 1960, proveniente da assimilação dos movimentos de contracultura e de um esforço por parte de uma elite nova-iorquina em abraçar iniciativas sociais, como forma de simular uma aparente modernidade e sofisticação intelectual. Considera-se essa reportagem como uma das mais significativas obras da corrente do Novo Jornalismo.

63 Juan de Moraes Domingues (2012), explica que entre o fim da década de 50 e início dos anos 60 do século XX, nos Estados Unidos, a narrativa jornalística literária ganhou impulso a partir de um movimento que alterou a construção textual da informação publicada por veículos impressos, especialmente jornais e revistas. Gay Talese, Tom Wolfe, Philip Roth, Jimmy Breslin, John Hersey, Norman Mailer, Lilian Ross, Hunter Thompson, Truman Capote e Joseph Mitchell se tornaram alguns dos mestres em utilizar recursos da literatura na produção de seus textos. O método ficou conhecido como o Novo Jornalismo. Para alguns autores, o Novo Jornalismo foi um movimento engendrado na década de 60, nos Estados Unidos, e que mudou a forma de escrever narrativas jornalísticas. Marcelo Bulhões (2007, p. 145), no entanto, contraria a tese de “movimento”, uma vez que não houve, segundo ele, em nenhum momento, um delineamento de ideias estabelecidas por um grupo coeso de representantes. Para esse autor, o Novo Jornalismo foi uma atitude que se processou na fluência de uma prática textual desenvolvida em alguns jornais e revistas americanas, inicialmente com os textos das chamadas reportagens especiais publicadas na *Esquire* e no *Herald Tribune*.

Segundo o autor russo, a linguagem é preponderantemente dialógica, porque se manifestam nela, as relações sociais do discurso e as relações constitutivas de sentido. Bakhtin complementa destacando que “a palavra é uma espécie de ponte lançada entre o locutor e o interlocutor. Se ela se apóia sobre o locutor numa extremidade, na outra apóia-se sobre o interlocutor” (Bakhtin, 2003: 113).

Hayden White (1994) serve de parâmetro para se compreender como a ficção estrutura a narrativa jornalística e a histórico-literária. Apesar das tensões que as dividem é preciso repensá-las a partir da linguagem, como um exercício de recodificação e ampliação das possibilidades historiográficas, literárias e jornalísticas.

As narrativas jornalísticas que se constroem sob o pressuposto das técnicas *litero-factuais* do Novo Jornalismo tomam como princípio a ideia de que a narrativa se apresenta como um lugar de produção de conhecimento, trazendo à baila a problemática da representação e pondo em evidência o lugar em que se inscrevem suas instâncias enunciativas, ratificando o caráter dialógico e polifônico do discurso jornalístico.

O Novo Jornalismo promoveu uma guinada estético-conceitual ao abordar e justapor na mesma unidade discursiva, elementos inerentes à *ficcionalização* como constructos narrativos.

Conforme explicita Hayden White (1994), o instrumento característico de codificação, comunicação e intercâmbio de que dispõe o historiador e, por extensão, o jornalista e o romancista, é a linguagem. Isso significa que o principal instrumento que eles apresentam para conferir sentido aos seus dados, tornar familiar o estranho e assimilável o passado ignoto são as técnicas de linguagem figurativa.

Dessa maneira, todas as narrativas pressupõem caracterizações figurativas dos acontecimentos que pretendem representar e explicar. “E isso significa que as narrativas históricas, consideradas meros artefatos verbais, podem ser caracterizados pelo modo figurativo em que são moldados”, no dizer de White (1994:111).

O Novo Jornalismo praticado por Tom Wolfe (2005) pode ser assimilado como um conjunto de vozes entrelaçadas tanto com os valores jornalísticos e históricos quanto com os elementos de ficcionalização literária do romance realista. Wolfe (2005) consegue estruturar em *Radical Chique* uma tessitura narrativa cujo elemento norteador tensiona as fronteiras discursivas sem suprimi-las ou invertê-las, mas problematizando as formas de representação da realidade.

A reportagem *Radical Chique* foi publicada inicialmente em 1970, compondo o livro *Radical Chique & O Terror dos RPs*. Na obra, Wolfe configura a representação da elite nova-iorquina do final da década de 60, cujo *ethos* estava fortemente ligado à militância política de grupos marginalizados no ambiente da contracultura do período, como, por exemplo, os integrantes do movimento negro, conhecidos como *Black Panthers* (Panteras Negras).

Pela representação de Wolfe (2005), a militância dos *Black Panthers* contava com o apoio das ricas famílias de Nova York, entre elas, a do milionário casal Leonard e Felicia Bernstein. Em seu livro, Wolfe (2005) idealiza uma festa organizada pelos Bernstein, em seu apartamento, na

Park Avenue, na qual integrantes do movimento negro dividem espaço com socialites, bancários e corretores de imóveis, sugerindo, não de forma ingênua ou inocente, uma naturalidade na configuração das tênues relações que caracterizam a atitude radical chique.

A pena mordaz de Tom Wolfe (2005) esboça detalhes dos perfis, características cotidianas e diálogos em sua representação das contrastantes relações estabelecidas entre a elite de Nova York e seu suposto apoio aos ativistas do Partido *Black Panthers* na luta pelos direitos civis dos negros nos Estados Unidos. Aliado do contexto histórico-social e das lutas em torno dos valores, em jogo naquele contexto, a escrita de Wolfe nos permite apreender que a imparcialidade não faz parte do mundo secular das narrativas humanas: o que muda é apenas a perspectiva, a forma de abordagem e de produzir uma leitura dos “fatos” ou, pode-se inferir inspirados em White (1994), na própria produção/invenção dos fatos. Destaque-se o exemplo trazido de Wolfe (2005):

É *indispensável* ter criados. Ter criados se torna uma tal necessidade psicológica que se podem ouvir muitas mulheres da Sociedade hoje reclamarem honestamente do quanto é difícil encontrar uma babá para as crianças que substitua a babá permanente em seu dia de folga. A famosa mrs. C..., uma das viúvas mais ricas de Nova York, que tem um dúplex de dez cômodos em Sutton Place, na parte boa de Sutton Place e não na parte que parece Miami Beach, entenda-se, mas é, de alguma forma, absolutamente venenosa com os criados e não consegue conservar nenhum, a não ser diaristas, sempre se lamenta: “Que adianta todo o dinheiro do mundo se não se pode voltar para casa de noite e saber que vai haver alguém para pegar seu casaco e preparar um drinque para você?”. Existe angústia genuína por trás desse lamento!

Na era Radical Chique, então, que grande rota de colisão se estabelece entre a absoluta necessidade de criados – e o fato de que o criado era o símbolo absoluto daquilo contra o que os novos movimentos, negros ou pardos, lutavam! Como se tornou, então, absolutamente urgente a procura da única saída: criados brancos! (Wolfe, 2005: 188-189).

Como se pode perceber, na leitura do excerto acima, em meio à miríade de vozes que flutuam longe do “chão de barro” da tensa realidade histórica, a construção narrativa de Wolfe passa ao largo dos significados do *apartheid* social em voga nos Estados Unidos da América. Não obstante, emergem em seu texto os elementos de um discurso bivocal, nos termos analisados por Bakhtin (2010).

Em *Radical Chique*, o discurso bivocal é adotado como elemento enunciativo da voz do outro, ou seja, Wolfe simula essa fala, socialmente definida da “mrs. C...”, apresentando os pontos de vista dela, suas incongruências, seus fingimentos e, principalmente, revolvendo as malhas discursivas e produzindo uma visão ou leitura que lhe interessa acerca do caráter político-social e “classista” que, nos limites de sua representação, permeiam o movimento *Black Panthers* nos Estados Unidos.

A passagem analisada inicia com a frase “É *indispensável* ter criados”, condensando a voz do autor-narrador e da “mrs. C...” de forma problemática e paradoxal. O fragmento situa lado a lado duas supostas realidades. A primeira delas mostra Wolfe, que surge no texto como o organizador paródico da narrativa: mostrando o emprego irônico e ambíguo do discurso do

“outro”, paramentando-o de novo timbre e ressaltando a ironia, a zombaria e o deboche presentes na fala da “mrs. C...”, também uma criação sua.

A segunda “realidade” equilibra-se no tom esnobe e caricatural da personagem do excerto em estudo (“mrs. C...”), revelando que a “rota de colisão” do movimento radical chique opõem-se às efetivas necessidades da elite nova-iorquina, ou seja, o *establishment* “apenas” desloca o seu discurso, como forma de se adequar às ideias do *Partido Black Panther*. O “embranquecimento” dos criados não significa efetivamente uma mudança política ou social e, sim, forçosamente, a adoção de novos padrões discursivos e de aproximação ao movimento negro. A criação ficcional de Wolfe, não apenas aliena qualquer possibilidade de trânsito com a dinâmica dos movimentos pelos direitos civis, mas acentua o caráter ideológica de sua representação.

É a voz do “autor-criador”, encarnado por Wolfe, que se encarrega de ordenar as falas dos sujeitos discursivos e situá-las no âmbito da metáfora do diálogo. As vozes que ecoam e as personagens que se movimentam são crias dessa espécie de demiurgo, que contracena nos interstícios da ficção histórico-jornalística-literária em busca de um ângulo que melhor “venda a notícia”.

Ao esboçar os aspectos factuais e literários de sua narrativa, o autor procura deixar transparecer sua visão acerca do caráter “artificial” e “dissimulado” da elite radical chique, cujo engajamento emerge mais como síntese de um modismo do que como catálise de uma postura político-social. Dessa maneira, promove o desdobramento do sujeito da enunciação na superfície do texto. Com isso, os espaços em que se manifestam os sujeitos discursivos, tornam-se lugares relativizados, por aglutinarem dialogicamente distintos posicionamentos e “realidades”.

O que se enuncia na tessitura da narrativa de Wolfe é a superposição de diversos mundos e de várias consciências plenivalentes, que se coadunam na unidade da narrativa *literário-factual* como constructos polifônicos. Para Bakhtin (2010), a polifonia pressupõe uma multiplicidade de vozes equipolentes nos limites de uma obra, “pois somente sob essa condição são possíveis os princípios polifônicos de construção do todo” (Bakhtin, 2010: 39).

A voz de Tom Wolfe configura-se na narrativa do livro-reportagem *Radical Chique* como o elemento orquestrador e tensivo do texto. Esse aspecto ambivalente pode ser percebido no seguinte fragmento:

Na era Radical Chique, então, que grande rota de colisão se estabelece entre a absoluta necessidade de criados – e o fato de que o criado era o símbolo absoluto daquilo contra o que os novos movimentos, negros ou pardos, lutavam! Como se tornou, então, absolutamente urgente a procura da única saída: criados brancos! (Wolfe, 2005: 189).

Há aqui um corte abrupto na superfície do texto. Nesse momento, Wolfe denega a voz que vinha arquitetando o tom da narrativa e em seu lugar instaura a fala do sujeito discursivo que emerge pela voz do autor-personagem. Essa voz outra e díspare encarrega-se de tecer os comentários irônicos e de pôr a nu os senões que marcam sua opinião sobre o “comportamento” da elite radical chique.

Na estruturação do enredo de *Radical Chique*, Wolfe tensiona as categorias polifônicas e faz surgir a partir das dobras da narrativa, as ambivalentes relações entre os diferentes sujeitos discursivos, reunindo-os sob a metáfora do diálogo. A justaposição de diferentes vozes sociais corrobora para a delimitação estético-literária das personagens e para a constituição dos elementos simbólicos que as definem.

A atenção dada ao discurso de outrem pode ser percebida na tessitura da narrativa radical chique e no esboço acerca dos trajes utilizados pelos convidados do casal Bernstein, possibilitando a ideia de que o *status* de vida e a justaposição factual das cenas são tecidas para definir e informar sobre a personagem idealizada na narrativa:

É evidente que ninguém vai querer usar nada frívolo ou pomposamente caro, como um vestido de noite Gérard Pipart. Por outro lado, ninguém quer chegar “se fazendo de pobre” numa horrenda combinação de camisa de gola rulê e jeans boca-de-sino da rua 8 West, como se a pessoa fosse “funky” e do “nosso povo” (...). Felicia Bernstein parece entender melhor a coisa toda. Olhe para Felicia. Está usando a roupinha preta mais básica que pode imaginar, sem absolutamente nenhum ornamento, a não ser por um colar de ouro simples. É perfeito. Tem dignidade sem nenhum simbolismo aberto de classe (Wolfe, 2005: 162-163).

Na passagem Wolfe ordena a tessitura do enredo de *Radical Chique* manejando técnicas do Novo Jornalismo - como os elementos de construção cena a cena e os detalhes simbólicos - e perscruta não apenas os pormenores representados na intriga narrativa, mas desvela os signos e os sentidos amortecidos pelo jogo de aparências forjado pela elite nova-iorquina.

A “roupa” constitui, nesse fragmento de *Radical Chique*, um elemento de diferenciação, de comportamento e de *status*. Portanto, apesar de os milionários de Nova York dividirem o mesmo espaço com os membros do *Partido Black Panther*, há uma aura de “requinte” que os afasta e que os distancia. A roupa de Felicia Bernstein representa o contraponto problemático do enredo. Felicia “forja” a si mesma como constructo, como elemento de aproximação com a causa do movimento negro nos Estados Unidos. A “roupinha preta mais básica” de Felicia dissimula os aspectos “classistas” que estão subentendidos na postura da senhora Bernstein. A roupa disfarça o caráter paradoxal da cena e deixa em evidência as nuances problemáticas e implícitas da elite radical chique de Nova York, que se aproxima simbolicamente do *Partido Black Panther*; mas discursivamente mantém-se apartada dos ideais do movimento negro.

A partir da utilização das técnicas do Novo Jornalismo, Wolfe consegue dispor na superfície do texto as contradições discursivas dos sujeitos inseridos na trama da narrativa, bem como, evidenciar de que maneira o “julgamento” do outro está previsto nas vozes (e atitudes) de suas personagens. Tom Wolfe vê no jornalismo o trabalho de um autêntico *arquiteto literário*, ressaltando a necessidade de colocar o leitor em posição visual de assimilar o acontecimento, como localizado em um espaço e tempo determinados.

Desse modo é que os aspectos literários, jornalísticos e históricos permeiam os ambientes representativos e simbólicos da prosa *litero-factual*, permitindo à imaginação variadas interpretações da realidade social, política e cultural.

Conforme aponta White (1994), a história busca retratar os fatos, denominar os acontecimentos. Mas a realidade narrada pela história pode ser construída, criada e recriada por meio dos textos. Por isso, White afirma que nos documentos históricos não há elementos que induzam a uma única interpretação. E por mais fiéis que sejam os fatos narrados, serão sempre representações do historiador (assim como a literatura é uma representação do ficcionista), condicionadas pela imaginação.

Para White (1994) nem mesmo o uso de documentos ratificam a verdade, pois eles são apenas formas de representação. Fornecem significados ao passado, mas isso não constitui a existência do referido passado tal qual foi narrado. Desse modo, a obra *Radical Chique* pode ser pensada como representação, porque constitui um produto de práticas simbólicas que se transformam em outras representações, abarcando a elite de Nova York, o *Partido Black Panthers* e o contexto sociocultural em que estava inserido os Estados Unidos na década de 1960.

Analisando *Radical Chique*, constata-se que cada sociedade constrói sua ordem simbólica de se expressar por um sistema de ideias. Em outras palavras, a representação do “real” e/ou do imaginário são elementos de atribuição de sentido ao mundo. De acordo com White (1994), toda forma de conhecimento contém elementos de imaginação e ficção, não sendo essas características restritas à literatura: os fatos não “falam por si mesmos, mas que o historiador fala por eles, fala em nome deles, e molda os fragmentos do passado num todo cuja integridade é – na sua representação – puramente discursiva” (White, 1994: 141).

O que White buscava com sua obra era mostrar que a narrativa histórica é uma ‘ficção verbal’, cujo conteúdo pode ser tanto ‘inventado’ quanto descoberto. Por conseguinte, a história pode se valer de seu caráter artístico e de seu caráter literário. E isso pode acontecer de forma positiva tanto na historiografia quanto na prosa jornalístico-literária, sem que ambas percam sua credibilidade.

Nesse sentido, os textos literários e jornalísticos, inclusive os históricos – por mais precisos que pareçam ser – são suscetíveis as leituras mais variadas. O autor Paul Ricoeur (2010) corrobora em alguns aspectos com os estudos de Hayden White (1994). Conforme o pensamento de Ricoeur (2010) é possível inclusive ler um livro de história como sendo um romance. “O incrível é que esse entrelaçamento da ficção à história não enfraquece o projeto de representância desta última, mas contribui para realizá-lo” (2010: 318).

Por isso, Ricoeur, assim como White, trabalham com a hipótese “de que a narrativa de ficção imita de certo modo a narrativa histórica” (Ricoeur, 2010: 323), pois segundo o estudioso, “narrar qualquer coisa é narrar como se isso tivesse se passado” (Ricoeur, 2010: 323). O autor acrescenta que a vida é vivida no presente, já a história é contada e é relativa a um vivido que foi e não é mais.

A partir dos pressupostos de White e Ricoeur, a caracterização do ideal radical chique pode ser interpretada como uma luta, por parte de seus integrantes (*Black Panthers*) ou como um modismo por uma outra parcela (elite Radical Chique). Esses aspectos levam os participantes

a optarem por uma escolha meticulosa de signos que simbolizem um sentido aspirado - como a escolha minuciosa das roupas para que não pareçam nem tão sofisticados nem artificialmente pobres - mas, sim, unicamente modernos e sintonizados com a causa.

No excerto a seguir, Wolfe pontua as nuances em que se imiscui a voz discursiva do narrador-jornalista, dos *Black Pathers* e do *establishment* de Nova York. Nota-se que o ambiente tenso e contrastante em que estão imersos os *Black Panthers* e a elite radical chique contrapõem realidades político-sociais distintas: de um lado o movimento negro estadunidense e de outro o tom festivo e caricatural dos convidados de Felicia e Leonard Bernstein. No fragmento que será analisado a seguir, constata-se que a voz político-engajada dos *Black Panthers* cede lugar ao discurso soberbo e coquete da elite radical chique de Nova York:

Huuuuuummmmmmmmmmm. Estes belos pedacinhos de queijo roquefort cobertos com nozes moídas. Muito saborosos. Muito sutis. O jeito como o buquê seco das nozes engatinha pelo sabor intenso do queijo é que é tão bom, tão sutil. Imagino o que os Black Panthers comem aqui à guisa de hors-d'oeuvre. Será que os Panthers gostam de pedacinhos de queijo roquefort cobertos com nozes moídas assim, e de pontas de aspargos molhadas em maionese, e de almôndegas petites au Coq Hardi, que neste momento são oferecidas a eles em salvas de prata por criadas de libré preto e aventais brancos passados manualmente... O mordomo levará os drinques para eles... Negue se quiser, mas são as noites Radicais Chiques hoje em Nova York (Wolfe, 2005: 155).

A festa dos Bernstein é apresentada por Wolfe a partir de uma descrição eminentemente sensorial, deixando transparecer os detalhes simbólicos e o *status* de vida, fato que é explicitado pela utilização dos termos em francês (que demonstram a erudição da elite radical chique) e também por meio da sofisticação dos alimentos servidos aos convidados.

Por meio desses traços, é possível identificar o lugar social da voz que se enuncia na narrativa, permitindo a exploração de diversas ambiguidades, inclusive a auto-reflexão sobre os lugares de enunciação do autor-jornalista e sobre os discursos construídos na superfície do enredo *litero-factual*.

Wolfe conduz a narrativa como se ele mesmo fosse um membro da elite radical chique, em um momento assume a terceira pessoa, em outro atua como personagem do enredo. É o que se constata na passagem que segue:

Meu Deus, que enchente de ideias tabus passa pela cabeça nesses eventos Radicais Chiques... Mas é uma delícia. É como se as terminações nervosas estivessem em alerta vermelho para as nuances mais íntimas do status. Negue se quiser! Mesmo assim, é o que acontece com toda alma aqui. É o tema das maravilhosas contradições por todo lado. É como o delicioso tremor que se obtém quando se tenta juntar as extremidades de dois ímãs... eles e nós...(Wolfe, 2005: 161).

O autor de *Radical Chique* harmoniza a organização do enredo jornalístico e transgredir as convenções tradicionais, calcadas nos parâmetros do *lead* e da *pirâmide invertida*. Dessa maneira, Wolfe consegue transitar entre os vários pontos de vista. Ora está na terceira pessoa, assemelhando-se a um narrador ciente da necessidade de "isenção informativa", ora exhibe a voz na primeira pessoa, no papel de narrador-personagem-testemunha, ora confere a fala a alguém

que não é ele, quando assume o ponto de vista de uma personagem que vive a própria experiência radical chique.

Outro elemento bastante importante para a configuração da narrativa do Novo Jornalismo diz respeito ao fluxo de consciência. Essa ferramenta pode ser percebida no início do livro *Radical Chique*, quando Wolfe se coloca como se estivesse na mente de Leonard Bernstein. Uma característica marcante neste texto é a intromissão do narrador que vagueia pelo quarto feito um espectro e parece observar cada passo de Bernstein, colhe cada detalhe; supõe-se que Wolfe esteja lá:

As duas, três ou quatro da manhã, em algum lugar por ali, no dia 25 de agosto de 1966, na verdade seu aniversário de 48 anos, Leonard Bernstein acordou no escuro num estado de louco alarme. Isso já havia acontecido antes. Era uma das formas que sua insônia assumia. Então, fez o de sempre. Levantou e andou um pouco. Viu a si mesmo, Leonard Bernstein, o egrégio maestro, entrando no palco de gravata-borboleta branca e casaca diante de uma orquestra completa. De um lado do pódio do maestro há um piano. Ele senta na cadeira e pega a guitarra. Uma guitarra! Um desses instrumentos debilóides, como o acordeão, feito para o método Aprenda a Tocar em Oito Dias – Gráficos Fáceis, dirigido a adolescentes de catorze anos de Levittown com 110 de QI! Mas há uma razão. Ele quer passar uma mensagem antiguerra para uma imensa platéia de colarinho branco engomado no auditório sinfônico. Ele anuncia a todos: “Eu amo”. Apenas isso. O efeito é mortificador. Imediatamente um negro se levanta na curva do piano de cauda e começa a dizer coisas como: “A platéia está curiosamente envergonhada”. Lenny tenta começar de novo, toca alguns números rápidos no piano, diz: “Eu amo. Amo ergo sum.” O negro levanta de novo e diz: “A platéia acha que ele deve se levantar e sair. A platéia pensa: ‘Tenho vergonha até de cutucar meu vizinho.’” Por fim, Lenny profere um emocionado discurso antiguerra e sai. Por um momento, sentado sozinho em sua casa, de madrugada, Lenny pensou que aquilo podia até funcionar e anotou a idéia. Pense só nas manchetes: BERNSTEIN ELETRIZA PLATÉIA DE CONCERTO COM APELO ANTIGUERRA. Mas então o entusiasmo se abate. Ele perdeu a coragem. Quem era aquele bendito negro que levantava do piano e informava ao mundo que Leonard Bernstein estava fazendo papel de idiota? Não fazia sentido, esse negro superego no piano de cauda de concerto (Wolfe, 2005: 154-5).

A narrativa descreve o delírio do maestro Leonard Bernstein. O enredo apresenta o egrégio regente fazendo um discurso antiguerra durante um concerto. A cena é composta pela presença do “superego” (2005: 155) do maestro – um negro no piano de cauda. As cenas aparentemente desconexas serão explicitadas mais à frente. O superego de Leonard Bernstein, na verdade é o Marechal de Campo do *Partido Black Panther*, Don Cox (2005: 168), que durante a festa oferecida pelo casal Bernstein, vai proferir os dez pontos do *Partido Black Panthers* para elite nova-iorquina.

A utilização do fluxo de consciência, segundo Wolfe (2005), tem a finalidade de revelar o que pensa ou sente a personagem. A captação do fluxo de consciência é bastante complexa e levanta muitas questões, principalmente, pelos obstáculos encontrados pelos jornalistas para provar que efetivamente captaram os pensamentos das pessoas ou dos entrevistados.

Por outro lado, Ian Watt (2010) acrescenta que os romances ao investirem na consolidação do tempo e na interseção entre as experiências do passado e do presente, legaram para o romance realista uma narrativa mais completa e coesa. Para o autor inglês, o romance

consolida também outro aspecto do enredo – o fluxo de consciência – que também pode ser percebido em *Radical Chique*:

O romance de fluxo de consciência (...) se propõe apresentar uma citação direta do que ocorre na mente do indivíduo sob o impacto do fluxo temporal; em geral, porém, mais que qualquer outro gênero literário, o romance se interessou pelo desenvolvimento de suas personagens no curso do tempo. Por fim, a descrição detalhada que o romance faz das preocupações da vida cotidiana também depende de seu poder sobre a dimensão tempo (Watt, 2010: 23).

O fluxo de consciência alia-se também à individualização das personagens, à apresentação minuciosa dos ambientes e à preocupação em situar os acontecimentos em tempo-espaço definidos.

Wolfe se apropria no decorrer do enredo do livro-reportagem *Radical Chique* dos trejeitos e dos modos de falar da elite nova-iorquina, contudo, sua posição assume na superfície da narrativa um tom irônico e zombeteiro. Dessa forma, o autor-personagem encarnado por Wolfe busca reverter as ideias consolidadas e instaurar um ato de apropriação refratada das vozes sociais presentes no texto, de modo a poder ordenar um todo estético, salvaguardado em um conjunto de relações dialógicas.

O autor de *Radical Chique* desmonta os estereótipos da elite de Nova York, que é apresentada como exemplo de sofisticação e consciência política, apresentando-a efetivamente como símbolo de uma mentalidade hipócrita, preconceituosa e conservadora. Nesse aspecto, Wolfe se aproxima das abordagens que Bakhtin (2010) faz sobre as personagens de Dostoiévski, guardadas as devidas ressalvas entre o escritor russo e o jornalista americano.

Segundo análise de Bakhtin (2010) sobre a obra do autor de *Crime e Castigo*, não interessa a personagem como fenômeno da realidade, dotada de traços típico-sociais e caracterológico-individuais, formado por características objetivas que, no seu conjunto, apenas respondem à pergunta: “quem ele é?”.

Para Bakhtin, a personagem interessa a Dostoiévski e, por extensão, para Tom Wolfe, como ponto de vista específico sobre o mundo e sobre si mesma, como posição racional e valorativa do homem em relação a si mesmo e à realidade que o cerca. Desse modo, constata-se que para Wolfe não importa o que a sua personagem é no mundo, mas, acima de tudo, o que o mundo é para a personagem e o que ela é para si mesma.

Segundo Bulhões (2007), a ambivalência formal permite que Wolfe passeie entre a onisciência do narrador tradicional e o personalismo do autor-narrador, fazendo com que sua prosa discursiva mantenha um equilíbrio problemático entre as personagens, o autor e a intriga do enredo.

A miscelânea na técnica narrativa, a fragmentação formal e o sentido de ambivalência no tratamento do conteúdo conferem ao livro *Radical Chique* um saldo que testemunha o sentido da busca peculiar ao próprio contexto em que a obra se realizou, mostrando os aspectos da contracultura e do movimento negro nos Estados Unidos.

A narrativa da reportagem de *Radical Chique* emerge, desse modo, como elemento ordenador dos discursos jornalístico, histórico e literário, unificados, dessa maneira, sob a metáfora do diálogo e realizando-se de forma conflitante entre o autor-personagem (Wolfe), a elite radical chique e o movimento negro estadunidense (*Black Panthers*). Dessa maneira, a procura por garantir espaço à multiplicidade de vozes sociais direciona a tessitura do enredo, a um recorte diferenciado do real e da factualidade das personagens representadas, fazendo com que a intriga narrativa do Novo Jornalismo engendre novos interpretantes, sentidos e significados para a “realidade”.

Considerações finais

Ao se analisar as confluências literárias e ficcionais em *Radical Chique*, buscou-se traçar pontos de encontro, tangência e de atrito entre as narrativas literária, jornalística e histórica. No artigo, procurou-se compreender como as técnicas do Novo Jornalismo se aproximam dos mecanismos formais da literatura, apontando para a representação da realidade histórico-jornalística.

O Novo Jornalismo proposto por Wolfe volta-se para a literatura almejando investigá-lo não como documento, testemunho de “verdade” ou autenticidade do fato, mas enxergando-o como dimensão da narrativa, possibilitando questionamentos e problematizações, abrangendo a confluência entre as tramas dos enredos da literatura, das reportagens e da história.

Em *Radical Chique*, a ficção insinua-se como “verdade” representativo-simbólica das fabulações narrativas contidas no interior do livro-reportagem. Em Wolfe, as técnicas literárias delineiam e configuram as formas de pensar e agir do fazer histórico-literário e também do jornalístico. Os fatos narrados não se apresentam como dados acontecidos, mas como possibilidades, como posturas de comportamento dotadas de credibilidade e significância.

O estudo da narrativa *litero-factual* de *Radical Chique* supre, portanto, a função de representar as práticas diárias e cotidianas como instrumentos de combate, de conscientização e reflexão sobre as nuances da “realidade” concreta.

A obra de Wolfe possibilita, por conseguinte, a criação de um imaginário que abarca os traços do “real”, subvertendo-os e problematizando-os. Dessa maneira, o Novo Jornalismo reproduz aspectos contrastantes e ambivalentes sobre a vida e sobre a forma de enunciá-los narrativamente.

Bibliografia

BAKHTIN, Mikhail (2010) Problemas da poética de Dostoiévski, Rio de Janeiro, Forense Universitária.

BULHÕES, Marcelo (2007) Jornalismo e literatura em convergência, São Paulo, Ática.

DOMINGUES, Juan de Moraes (2012) A ficção do Novo Jornalismo nos livros-reportagem de Caco Barcellos e Fernando Moraes, Tese (Doutorado), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

RICOEUR, Paul (2010) Tempo e narrativa, São Paulo, Martins Fontes. (Volume III)

WATT, Ian (2010) A ascensão do romance, São Paulo, Companhia das Letras.

WHITE, Hayden (1994) Trópicos do Discurso: ensaios a crítica da cultura, São Paulo, Edusp.

WOLFE, Tom (2005) Radical Chique e o Novo Jornalismo, São Paulo, Companhia das Letras.

Releases sobre saúde nas assessorias de imprensa das administrações públicas do ABC paulista: produção e tendências

Arquimedes Pessoni, Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS)

pessoni@uscs.edu.br

Camila Eloá Barbosa do Carmo, Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS)

camilaebc37@hotmail.com

Resumo

O artigo busca mapear e categorizar a produção de press-releases das administrações públicas do ABC paulista na temática saúde. A pesquisa procura verificar as tendências temáticas dos textos e o tipo de mensagem emitida pelos assessores de imprensa tendo como público-alvo os jornalistas da redação nas editoriais de saúde. O trabalho mapeou, dentro de um recorte temporal de um ano, a produção de 252 press-release das prefeituras de Santo André, São Bernardo do Campo e São Caetano do Sul. A metodologia utilizada foi a análise de conteúdo, acrescida de entrevistas com os autores dos textos. O resultado mostra perfis educativos e informativos nos releases.

Palavras-chave: Comunicação e saúde, Assessoria de imprensa, Comunicação pública, press-release

Abstract

The article seeks to map and categorize the production of press releases of public administrations of the ABC (in São Paulo) on the theme health. The research seeks to check the thematic tendencies of the texts and the message type issued by press officers having as target audience of journalists writing in the editorials of health. The work mapped, within a timeframe of one year, 252 press-releases of the prefectures of Santo André, São Bernardo do Campo and São Caetano do Sul. The methodology used was the analysis of content, plus interviews with the authors of the texts. The result shows educational and informative profiles in releases.

Keywords: communication and health, Press relations, Public communication, press-release

Introdução

As atividades prestadas por profissionais de comunicação junto às empresas privadas, públicas, ONGs, sindicatos, entre outros diferentes públicos, têm aumentado e se diversificado

gradativamente desde a instituição desse perfil de serviço pelo americano Ivy Lee, no início do século XX. Como lembra Chaparro (in DUARTE, 2002, p.33)

Em 1906, ele [IvyLee] inventou a atividade especializada que hoje chamamos de assessoria de imprensa ou assessoria de comunicação. Com um bem-sucedido projeto profissional de relações com a imprensa, a serviço de um cliente poderoso, Ivy Lee conquistou, por direito e mérito, na história moderna da comunicação social, o título de fundador das relações públicas, berço da assessoria de imprensa. Ou vice-versa. (CHAPARRO, 2002, p.33)

No segmento público, além de uma forma de fixar uma imagem positiva por meio da mídia espontânea, as informações oriundas das assessorias de imprensa são uma obrigação do ente público, uma vez que a população precisa saber o que está sendo feito com o dinheiro arrecadado pelos impostos. Amoris (2012, p.34) ressalta o papel de prestação de informação que as assessorias de imprensa abarcam no setor público:

Essa atividade, da assessoria de comunicação, no nosso caso municipal, com foco no interesse público, na formação de uma sociedade cidadã e democrática, diminuindo distâncias sociais, reduzindo as diferenças e ampliando a capacidade analítica individual em prol do coletivo não é favor algum aos munícipes. O trabalho de difundir informação a mídia para que chegue a população é uma obrigação das assessorias de imprensa, em questão e, essa obrigação está prevista na Constituição Federal promulgada em outubro de 1988 instaurou um dos fundamentos democráticos do Estado brasileiro o direito à informação na defesa do interesse público. Esse modelo derruba fronteiras entre o público e o privado, abrindo espaço para a atuação do cidadão exigindo dos governantes e órgãos públicos informações em áreas tidas até então como exclusivas do Estado. (AMORIS, 2012, p.34)

Quando o ente público trata da temática da comunicação para a saúde, a tarefa da comunicação – nesta pesquisa simbolizada pelas ações das assessorias de imprensa – não tem apenas a tarefas de publicizar as ações das prefeituras junto à população, mas por meio delas, que atingem mídia espontânea nos diversos veículos de comunicação da região, educar a população para que, munidas de informação de qualidade, possam se prevenir contra comportamentos de risco à sua saúde. Bertol (2012) salienta que a intervenção e a comunicação em saúde surgem não só como uma estratégia para prover indivíduos e coletividade de informação, pois se reconhece que a informação não é o suficiente para favorecer mudanças, mas é uma chave, dentro do processo educativo, para compartilhar conhecimentos e práticas que podem contribuir para a conquista de melhores condições de vida.

Reconhece-se que a informação de qualidade, difundida no momento oportuno, com a utilização de uma linguagem clara e objetiva, é um poderoso instrumento de promoção da saúde. O processo de comunicação deve ser ético, transparente, atento a valores, opiniões, tradições, culturas e crenças da comunidade, respeitando, considerando e reconhecendo as diferenças. Deve ainda apresentar informações educativas, interessantes, atrativas e compreensíveis, para assim alcançar os objetivos almejados. (BERTOL, 2012, p.229)

O papel da assessoria de imprensa é de extrema importância na produção de notícias e na veracidade de suas informações, pois se trata do elo entre a coleta dos fatos e a tradução por meio de impressões do texto jornalístico, algo que demanda uma grande sensibilidade para que as informações não se percam durante o processo até a matéria veiculada nos meios de comunicação. De acordo com MAGALHÃES (2012, p.20):

Antes de iniciar um texto, o jornalista precisa selecionar as informações recebidas por e-mail pelos assessores de imprensa ou obtidas por meio de pesquisas. Mas como um acontecimento ganha status e passa a ser assunto nos veículos de comunicação? Ao redigir seus textos, os jornalistas usam uma série de regras de linguagens com o objetivo de tornar as notícias mais atrativas (MUNIZ, 2009). Além disso, a imprevisibilidade dos acontecimentos faz com que as empresas jornalísticas adotem práticas unificadas para ganhar tempo na produção de notícias, prática que pode ser analisadas sob a ótica do *newsmaking*. (MAGALHÃES, 2012, p.20):

A função do assessor de imprensa nada mais é do que o intermédio das informações e a qualificação de fontes. O mesmo define as pautas, as classifica em grau de relevância, confere as informações fornecidas com ética, profissionalismo e técnicas de assessoria de imprensa transferindo-as para o jornal responsável. Segundo Duarte (2006,p.89),

Os assessores tornaram-se efetivo ponto de apoio de repórteres e editores (como um tipo de extensão das redações) ao agirem como intermediários qualificados, estabelecendo aproximação eficiente entre fontes de informação e imprensa. De um lado, auxiliaram os jornalistas, ao fornecer informações confiáveis e facilitar o acesso. De outro, orientaram fontes na compreensão sobre as características de imprensa, a necessidade e as vantagens de um relacionamento transparente. (DUARTE, 2006,p.89).

Desta forma, o jornalismo - de uma maneira geral - trabalha muito melhor em nível de fonte e de facilidades operacionais devido às informações oriundas de assessorias de imprensa. Duarte (2006, p.91) reafirma essa informação quando ressalta:

Com o grande número de assessorias de imprensa aumenta a oferta de informação para os jornalistas. Lima (1985, p. 111) afirma que "muitos jornais encontrariam dificuldades para manter suas portas abertas se não pudessem contar com o material distribuído pelas assessorias de imprensa".(DUARTE, 2006, p.91)

Mediante essas informações, é possível visualizar que o trabalho do assessor de imprensa, além de útil, vem crescendo gradativamente com o passar dos anos. Pesquisa realizada com 300 jornalistas pela PR Newswire em 2013 mostrou que as assessorias e os envios em massa de press-releases ganharam destaque entre os profissionais de imprensa. O press-release tornou-se uma ferramenta básica para confecção de reportagens e notas e, como uma fonte oficial, é usado sem grandes restrições.

Com a popularização das assessorias de imprensa e a criação do press release, o trabalho do jornalista ficou mais ágil e fácil de ser desenvolvido ou averiguado. O press- release é uma sugestão de pauta feita por uma empresa ou pessoa física, para que sejam divulgadas informações já preparadas pela assessoria de imprensa. É possível afirmar que atualmente o

press-release é uma ferramenta indispensável para os jornais, uma vez que, o mesmo tem a função de fonte. Sua maior importância é no processo de averiguação dos fatos, algo que encurta o trabalho dos jornalistas.

O enxugamento das redações e o boom das assessorias de imprensa impactaram diretamente na quantidade de horas que um jornalista tem disponível para apuração/levantamento de pautas. Quando questionados sobre quantas horas costumam passar fora da redação por semana apurando pautas, 63% responderam de 0 a 4 horas. A opção "mais de 10 horas", que corresponderia a um dia de trabalho inteiro na rua, foi escolhida somente por 7.49% dos respondentes, ficando em último lugar. (PR NEWSWIRE, 2013, p.3)

E com as inovações tecnológicas e a chegada de inúmeras redes sociais e meios de comunicação cada vez mais ágeis, ainda assim, poucos jornalistas utilizam essas ferramentas para a comunicação com as assessorias de imprensa e recebimento de releases. Embora grande parte dos profissionais conheçam uma ou outra dessas ferramentas, é difícil utilizarem por acreditar ser desorganizado. O meio digital mais usado é o e-mail.

Apesar de não terem se mostrado adeptos a eventos virtuais, os jornalistas brasileiros estão abertos a press-releases mais encorpados, com conteúdo multimídia, incluindo fotos e vídeos. 61.40% dos respondentes consideram este tipo de recurso útil para ilustrar matérias e notas e 26% preferem que o conteúdo apareça como link, para não sobrecarregar seus e-mails. (PR NEWSWIRE, 2013, p.6)

Em outra pesquisa, realizada também em 2013 pela ABERJE (Associação Brasileira de Comunicação Empresarial), intitulada "Perfil do Profissional de Comunicação Corporativa no Brasil" e envolvendo a participação de 1085 profissionais, provenientes de diversos segmentos e setores da economia, mostrou que 76% dos participantes trabalhavam no setor de serviços, sendo que 48% atuavam especificamente em agências de comunicação. Pesquisa realizada com 711 profissionais de imprensa um ano antes (2012) pelo portal Comunique-se e a Deloitte com objetivo de descobrir a visão dos jornalistas sobre diversos temas, que envolviam o seu dia a dia, o seu mercado de trabalho e a sociedade em geral mostrava a força do trabalho de assessoria de imprensa – por meio do press release na redação, conforme aponta a Figura 1.

Figura 1 – Impacto dos releases nas redações.

Meios mais utilizados para obter informações



Os resultados mostram algumas diferenças importantes na forma como editores e outras categorias de profissionais adquirem informações para a produção de seus conteúdos.

11

©2012 Deloitte Touche Tohmatsu. Todos os direitos reservados.

Fonte: Deloitte Touche Tohmatsu 2012

Tratando-se especificamente da área da Saúde, a troca de informações entre assessoria de imprensa e jornalistas é muito delicada, muitas vezes há um problema de comunicação onde o jornalista nem sempre entende a linguagem técnica utilizada pelos médicos, ou até mesmo não se dispõe de tempo ou espaço suficiente para abordar a matéria na íntegra. Esse problema é abordado por Pessoni (2003, p.1) de forma explicativa.

Muito se questiona sobre a qualidade das informações veiculadas na imprensa sobre os temas Medicina & Saúde. Por se tratar de uma área diretamente ligada à vida e à morte, a divulgação indevida de informações sobre estes assuntos pode causar sérios danos aos leitores. (PESSONI, 2003, p.1)

Esse problema explica a base do relacionamento entre os médicos e a imprensa ser tão complicado. Os jornalistas precisam das informações para pautar da forma mais clara e objetiva possível, já os médicos tem a necessidade de que as informações sejam expostas na íntegra para que não existam falhas de interpretação ou lacunas nos laudos médicos ou nos diagnósticos. Tem o agravante dos médicos terem limite de informações em alguns casos específicos, isso independe deles, mas os jornalistas não têm limites, não aceitam essa condição. Segundo Tabakman (2013, p.76), alguns médicos evitam ao máximo o contato com a imprensa por esses motivos.

Há médicos que preferem não falar com a imprensa. Alguns a evitam para não correr riscos; outros porque julgam que a popularidade os desacredita diante de seus colegas. Há também quem enfrente entraves burocráticos e cultive o silêncio para evitar problemas internos. (TABAKMAN, 2013, p.76).

Em pequenos jornais das cidades do ABC⁶⁴, onde o importante é vender matéria e pouco se preocupam com a veracidade das informações esse problema é constante, de acordo com Pessoni (2003, p.2):

Em jornais de menor porte, onde o carro-chefe é justamente o departamento comercial e pouco se questiona sobre o conteúdo das informações enviadas, a publicação indevida de assuntos médicos se faz mais presente. Nestes casos, a mera observação que a responsabilidade do material publicado é do autor, não minimiza a obrigação que os meios de comunicação têm em responder pela veiculação de assuntos ligados à saúde. (PESSONI, 2003, p.2)

O problema da má comunicação entre jornalistas e profissionais da área da saúde também é uma questão devidamente citada e explicada por Pessoni (2003, p.2).

Muitas vezes, o jornalista acaba sendo apressado na divulgação de determinada notícia científica e a distorce. Isso ocorre, nem sempre, por más intenções, mas por desconhecimento do assunto, excesso de confiança na fonte ou ânsia de dar a notícia. (PESSONI, 2003, p.2)

Neste sentido, o artigo busca identificar o papel educativo na área de saúde que as informações oriundas das assessorias de imprensa das prefeituras do ABC paulista¹, ampliadas e publicizadas junto aos diversos veículos de comunicação que recebem os press-releases por elas produzidos, podem representar à população. A pesquisa objetivou identificar o perfil das informações sobre a temática saúde enviadas pelas assessorias de imprensa das prefeituras das cidades do ABC por meio de press-releases e analisar do ponto de vista comunicacional e educativo a importância dessas informações pelos produtores de conteúdo das assessorias de imprensa.

Procedimentos metodológicos

Para realizar esta pesquisa de nível exploratório utilizamos as seguintes etapas metodológicas:

1. Levantamento documental dos press-releases das assessorias de imprensa do ABC no segmento saúde em recorte temporal de um ano, definido como o segundo semestre de 2012 até o final do primeiro semestre do ano de 2013.
2. Análise de conteúdo dos press-releases.
3. Aplicação de questionário e realização de entrevistas com os responsáveis pela produção dos textos, repercutindo o resultado da análise.

⁶⁴ ABC Paulista é composto pelas cidades de Santo André, São Bernardo do Campo e São Caetano do Sul.

Foram levantados 252 press-releases elaborados pelas assessorias de imprensa neste período, sendo 89 da cidade de São Caetano do Sul, 91 de São Bernardo do Campo e 72 da cidade de Santo André. Moreira (In: DUARTE & BARROS, 2005) lembra que a análise documental compreende a identificação, a verificação e a apreciação de documentos para determinado fim. A pesquisadora acredita que, no caso da pesquisa científica, é, ao mesmo tempo, método e técnica. Método porque pressupõe o ângulo escolhido como base de uma investigação. Técnica porque é um recurso que complementa outras formas de obtenção de dados, como a entrevista e o questionário. Moreira (2005, p.272) ressalta:

No âmbito da análise documental, o pesquisador pode deparar-se também com material de fontes primárias: pertencem a essa categoria escritos pessoais; cartas particulares; documentos oficiais; textos legais; documentos internos de empresas e instituições. (MOREIRA, 2005, p.272)

A utilização dessa fonte, de importância fundamental para o estudo, acaba por ser classificada como pesquisa documental, reiterada por Gil (1995, p. 51):

A pesquisa documental assemelha-se muito à pesquisa bibliográfica. A diferença essencial entre ambas está na natureza das fontes. Enquanto a pesquisa bibliográfica se utiliza fundamentalmente das contribuições dos diversos autores sobre determinado assunto, a pesquisa documental vale-se de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetos da pesquisa. (GIL, 1995, p. 51)

Após levantamento dos press-releases no segmento saúde elaborados pelas assessorias de imprensa das Prefeituras do ABC foi iniciada a etapa de análise de conteúdo. Sugerido por Krippendorff (1990), o método misto de análise de conteúdo pode combinar técnicas qualitativas e quantitativas e sugere algumas etapas para um trabalho sério de análise, entre elas formular uma hipótese ou questão para a pesquisa; definir a população em questão; selecionar uma amostra adequada da população; selecionar e definir as unidades de análise; construir as categorias do conteúdo a ser analisado; estabelecer um sistema de quantificação; treinar os codificadores e conduzir um estudo piloto; codificar o conteúdo de acordo com as definições estabelecidas; analisar os dados coletados; estabelecer conclusões e pesquisar indicações.

Todo o processo de análise de conteúdo dos trabalhos de iniciação científica em Comunicação Social da USCS segue também as etapas sugeridas por Fonseca Junior (2005, p. 290):

A análise de conteúdo organiza-se em três fases cronológicas: (1) Pré-análise: consiste no planejamento do trabalho a ser elaborado, procurando sistematizar as ideias iniciais com o desenvolvimento de operações sucessivas, contempladas num plano de análise; (2) Exploração do material: refere-se à análise propriamente dita, envolvendo operações de codificação em função de regras previamente formuladas. Se a pré-análise for bem-sucedida, esta fase não é nada mais do que a administração sistemática de decisões tomadas anteriormente; (3) Tratamento dos resultados obtidos e interpretação: os resultados brutos são tratados de maneira a serem significativos e válidos. Operações estatísticas (quando for o caso) permitem estabelecer quadros de

resultados, diagramas, figuras e modelos. A partir desses resultados, o analista pode então propor inferências. (FONSECA JUNIOR, 2005, p. 290)

Para a análise de conteúdo dos releases, foram definidas as seguintes categorias: Equipamentos, Infraestrutura e Investimentos (Valores aplicados em aparelhos, ferramentas, leitos, materiais, construção de Unidades de Pronto Atendimento, Hospitais ou Postos de Saúde.), Assuntos Interesse ABC e Consórcio Intermunicipal (Notícias regionais, mudanças na secretarias da saúde ou parecer de profissionais da área, pautas de reuniões, tomada de decisões e discussões realizadas em consenso para a melhoria na área para as três cidades), Saúde do Idoso (Cuidado e prevenção de doenças, inclusão, programas de ginástica, natação ou cursos e oficinas e atividades), Dengue - Campanhas de Prevenção e Ações (Cartilhas informativas, ações bairro a bairro com profissionais especializados no assunto e mutirão de prevenção e identificação de focos do mosquito), Saúde Gestante (Cuidados e acompanhamento exclusivo com médicos da rede, acompanhados por palestras e material informativo sobre riscos presentes em uma gravidez), Campanhas, Ações e Eventos Anti Tabagismo (Material informativo sobre danos causados pelo cigarro, possibilidade de envolvimento com outras drogas por meio do vício e programa de melhoria na qualidade de vida), Verbas e Investimentos (Valores fornecidos pelo Governo Federal e Estadual para a ampliação e manutenção de campanhas, projetos, infraestrutura, profissionais e desenvolvimento da cidade em termos de Índice de Desenvolvimento Humano e Redução da Taxa de Mortalidade), PSF - Programa Saúde da Família (Apoio total a família em termos sociais, tanto psicologicamente quanto física), Campanha, Ações e Prevenção a Alcoolismo e Drogas (Projetos sociais de reabilitação a ex usuários de drogas, apoio ao AA Alcolicos Anônimos, Material institucional e grupos de apoio e conscientização dos malefícios que as drogas podem trazer como por exemplo o PROERD), Pesquisas e Apontamentos de Números (Análises econômicas dos investimentos na área da saúde ou em áreas diretamente relacionadas com a mesma), Campanhas, Ações e Eventos - HIV e DST's, Palestras (Todas as informações disponibilizadas para a prevenção ou cuidado com doenças sexualmente transmissíveis e atenção especial a conscientizar sobre o quanto tais doenças podem afetar a vida, não só das vítimas, mas também de sua família e amigos), Cursos, Eventos e Ações a Prevenções de Doenças (Eventos educativos desenvolvidos para a melhoria na qualidade de vida, com ensinamentos e práticas para cuidado ou prevenção de diversas doenças), Vacinação - Campanhas e Ações (Eventos sobre a importância da vacina e prevenção total a doenças há muito conhecidas e mutirões), Atenção Diferenciada a Saúde da Mulher, Campanhas, Ações e Eventos sobre Odontologia (Ações em escolas, palestras e eventos para conscientizar sobre os perigos sobre doenças como câncer bucal e a importância do cuidado com os dentes e a higiene), Ginástica e Qualidade de Vida (Academias ao ar livre, centros de treinamento para todas as faixas etárias, praças e parques da cidade onde é possível desenvolver atividades físicas ou passeios agradáveis), Gestão Passada (Reclamações, críticas, sugestões e assuntos econômicos sobre a forma como a cidade foi administrada na gestão passada e o impacto da mesma na

administração atual), Assuntos relacionados a Crianças e Adolescentes (Atividades, escolas, centros de especialização e assuntos sociais interligados com a área da saúde), Inclusão Social - Deficiências e Transtornos (Ações e decisões tomadas para a melhoria contínua em relação a assuntos de inclusão e auxílio ao deficiente), Campanhas, Ações e Eventos sobre Oftalmologia e Palestras (Ações em escolas, palestras e eventos para conscientizar sobre a importância do cuidado com a visão e doenças, genéticas ou não), Cursos, Eventos e Ações de Prevenções e Tratamento do Câncer (Informações sobre o que é a doença e como funciona, quais as maneiras de tratá-la e acompanhamentos psicológico para a superação da mesma).

Na última etapa da pesquisa, após a tabulação e a obtenção de dados parciais, os pesquisadores entraram em contato com os assessores de imprensa responsáveis pela produção do material estudado para repercutir os dados e extrair impressões sobre os textos por eles elaborados. Para tanto, foi enviado questionário com as questões a seguir:

Questionário aplicado aos jornalistas:

1 - Quais os assuntos mais abordados nos releases?

2 - Em sua opinião, qual é a importância das informações fornecidas nos releases sobre a saúde para os cidadãos de sua cidade?

3 - Há um acompanhamento dos releases (clipping)?

Sim () Não ()

4 - De quanto em quanto tempo é realizado e como é feito?

5 - Qual a interferência política nas pautas?

6 - Qual a maior preocupação quando se trata de informar a população sobre a saúde?

7 - Independente do meio de comunicação, qual a sua avaliação de 0 a 10, onde 0 quer dizer muito insatisfeito e 10 muito satisfeito, para as diversas informações fornecidas sobre a área da saúde em sua cidade?

0 - 1 - 2 - 3 - 4 - 5 - 6 - 7 - 8 - 9 - 10

8 - Independente do meio de comunicação, qual a sua avaliação de 0 a 10, para as informações na área da saúde na região do ABC?

0 - 1 - 2 - 3 - 4 - 5 - 6 - 7 - 8 - 9 - 10

9 - Agora considerando as mídias impressas, qual sua nota para as informações publicadas por jornais e revistas sobre a área da saúde em sua cidade?

0 - 1 - 2 - 3 - 4 - 5 - 6 - 7 - 8 - 9 - 10

10 - Agora considerando as mídias impressas, qual sua nota para as informações publicadas por jornais e revistas sobre a área da saúde na região do ABC?

0 - 1 - 2 - 3 - 4 - 5 - 6 - 7 - 8 - 9 - 10

Análise dos resultados obtidos

De acordo com os dados levantados nos releases das assessorias de imprensa estudadas, pudemos verificar que a presença da temática saúde foi intensa no período estudado. Ao todo,

em 12 meses levantados, identificamos 252 releases publicados pelas Assessorias de Imprensa dos três municípios. Normalmente a produção dos textos é realizada por jornalistas sediados nas Secretarias de Saúde.

Segundo os jornalistas entrevistados, 98% dos releases enviados tornaram-se pautas de jornais e meios de comunicação das cidades. Foi possível observar que no primeiro semestre de 2013 foram produzidos muito mais releases do que o último semestre de 2012. Isso posto que o segundo semestre de 2012 tratou-se de um ano eleitoral e algumas informações realizadas pelo prefeito não podiam ser divulgadas, conforme exigência da lei.

Os releases tinham frequência diária e as informações mais importantes publicadas tratavam-se de campanhas de prevenção a doenças e instalação de equipamentos nas UPAS (Unidades de Pronto-Atendimento) e hospitais das cidades. A análise de conteúdo parcial apontou que dentre os três municípios do ABC, 46 releases tiveram o perfil educativo e 206 com perfil informativo.

Compreende-se como press-releases informativos aqueles que contêm informações e números sobre a área e as transmite ao receptor da mensagem sem quaisquer informação aprofundada sobre a mesma, apenas informa, de maneira que os dados fornecidos possam ser consultados. Por exemplo: press-releases que abordam índices econômicos de saúde, divulgação de campanhas ou apresentação de Unidades de Atendimento a serem inauguradas ou a disponibilização de verba para a compra de equipamentos da mesma.

Por press-releases educativos, consideramos os que contêm informações e explicações aprofundadas sobre as doenças, como causas, forma de evitar as mesmas. São considerados releases educativos, aqueles que trazem informações a mais para a o cidadão. Algo que os faça entender não só o que está sendo realizado pela área da saúde em sua cidade, mas também a importância da atenção especial com a saúde e formas de evitar determinadas doenças.

Mesmo tratando-se de três municípios distintos, obtivemos nessa pesquisa opinião semelhante à avaliação dos jornalistas representando as assessorias de imprensa das três cidades. Os entrevistados informam que as principais pautas do município são: campanhas de prevenção a doenças e construção de estruturas e instalações de novos equipamentos e tecnologias nas cidades. Segundos os assessores de imprensa, os releases tem a importância de informar os munícipes de suas respectivas cidades, para que esses possam exercer seu papel de cidadão.

Com relação ao questionamento sobre o envolvimento político no teor dos releases, os jornalistas de São Caetano do Sul e Santo André informam que não há interferência política nos mesmos. Já a assessora de imprensa e jornalista da cidade de São Bernardo do Campo informa que há uma pequena participação política nos releases no sentido de informar melhor os cidadãos.

Quanto aos entrevistados, dois deles são homens e uma mulher. Todos eles formados em Comunicação e com habilitação em Jornalismo. Dentro da faixa etária de 30 a 45 anos. Em

relação à experiência na área, um tem pouco menos que cinco anos e os outros dois tem mais de dez anos na função, dentro de sua respectiva prefeitura.

E ao perguntar aos jornalistas sobre qual a maior preocupação dos mesmos quanto às informações que serão divulgadas, os responsáveis pelos releases da saúde das três cidades disseram de forma unânime que o mais importante é transpor a informação de forma rápida, clara e com ética, informando ao cidadão das atividades, campanhas, mutirões e eventos. O objetivo dos textos são sempre facilitar a vida dos munícipes e fazer com que eles estejam cada vez mais informados.

Os mesmos foram questionados quanto à realização de clipping e armazenamento das informações para uma consulta posterior. Todos concordaram quanto à importância desse acompanhamento e disseram que é feito sim. Para todos os casos, diariamente e que o setor de clipping monitora tudo o que foi publicado na imprensa e separa por editoriais em relatórios enviados aos prefeitos e secretários municipais.

Existem dois tipos de clippings, um deles é digital, enviando o press release para seus destinatários, cada um é um e-mail diferente, possibilitando assim o arquivo digital. Esses normalmente encontram-se disponíveis também nos sites das prefeituras, na área da secretaria da saúde. E o outro é o manual, que nada mais é do que os recortes de jornais diários, semanais, quinzenais ou mensais, todos organizados por data e guardados em pastas de arquivo com os press-releases que viraram matérias publicadas.

Considerações finais

A pesquisa, mesmo com perfil exploratório e recorte temporal reduzido, pode dar indicações significativas quanto à importância do segmento de assessoria de imprensa na produção e divulgação de notícias na área da saúde. Por contar com fontes privilegiadas e qualificadas para abordagem do assunto, os assessores de imprensa do setor público municipal conseguem obter espaço em mídia espontânea, uma vez que o poder público tem por obrigação informar a população sobre as ações – campanhas, dados qualitativos, eventos, aquisições, abertura de novos serviços de saúde – no setor e encontram nos veículos de comunicação espaço de ressonância para seu material.

O material produzido – especificamente nessa pesquisa representado pelos press-releases – chega com a tarja de “garantia de qualidade” às redações, pois são considerados como produzidos por fonte qualificada e, normalmente, com informações classificadas como de interesse público aos leitores. Uma vez que os assessores de imprensa acabam se especializando nas áreas de atuação, imprimem caráter educativo no material produzido, haja vista que encontram no press-release espaço para abrigar informações que vão além do evento em si, por exemplo, a divulgação de uma campanha de vacinação. É justamente nesse espaço que procuram incluir informações de caráter educativo, que acabam sendo reproduzidas nos diversos veículos que se utilizam dessa fonte.

Uma outra característica peculiar, principalmente no veículos mais periféricos, é a utilização dos press-releases, que deveriam ser tomados como sugestão de pauta, como matérias completas, sendo reproduzidas na íntegra nas páginas dos informativos. Dessa forma, aumenta ainda mais a responsabilidade do assessor de imprensa na apuração das informações e na produção do texto, pois estará elaborando não apenas a sugestão de pauta, mas, muitas vezes, o texto final em si, que será lido, além do próprio portal de notícias da Prefeitura, mas em diversos veículos menores, por vezes distribuídos gratuitamente à população.

Nova pesquisa deverá ser encaminhada a partir deste estudo, mapeando os espaços obtidos na mídia a partir da emissão dos press-releases, cujo resultado poderá quantificar, com maior exatidão, a importância do trabalho das assessorias de imprensa, no segmento da saúde pública, na pauta dos veículos informativos do ABC paulista.

Bibliografia

AMORIS, Valéria de Camargo. O papel da comunicação no processo de transição de gestão na administração pública. 2012. 180 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Comunicação, Departamento de Ppgcom, Uscs, São Caetano do Sul, 2012. Disponível em: <http://www.uscs.edu.br/posstricto/comunicacao/dissertacoes/2012/pdf/VALERIA_DE_CAMARGO_AMORIS.pdf>. Acesso em: 21 maio 2013.

BERTOL, Sônia R. Schena. Gravidez de adolescentes na mídia impressa. *Organicom: revista brasileira de comunicação organizacional e relações públicas* / Departamento de Relações públicas, Propaganda e Turismo, Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo. – v. 1, n. 16/17 (2012). – São Paulo : ECA-USP/PPGCom/Gestcorp, Abracorp, 2012.

CHAPARRO, M.C. Cem anos de assessoria de imprensa. In: DUARTE, J. (org.). *Assessoria de imprensa e relacionamento com a mídia: teoria e técnica*. São Paulo: Atlas, 2002. p.31-51.

DUARTE, Jorge (org.). *Assessoria de Imprensa e Relacionamento com a Mídia: teoria e técnica*. São Paulo: Atlas, 2006.p.89-91.

DUARTE, Jorge & BARROS, Antonio (orgs). *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. São Paulo: Atlas, p. 280-315. 2005.

FONSECA JÚNIOR, Wilson Corrêa. Análise de conteúdo. IN: DUARTE, Jorge & BARROS, Antonio (orgs). *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. São Paulo: Atlas, p. 280-315. 2005.

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 1995.

KRIPPENDORF, Klaus. Metodologia de analisis de contenido. Teoria y práctica. Barcelona: Paidós Comunicación/n.39, 1ª edición – España, 1997 (año de la 1ª reimpressão).

MAGALHÃES, Luana Cristina de Lima, A produção de notícias e a relação de interdependência entre jornalistas e assessores. São Paulo: 2012. p.20.

MOREIRA, Sônia Virginia. Análise documental como método e como técnica. In: DUARTE, J. & BARROS, A. (org.). Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. São Paulo: Atlas, 2005. p.269-279.

PESSONI, Arquimedes. A saúde nos jornais periféricos do ABC está na U.T.I? 2003,p.1-2

PESSONI, Arquimedes, Assessoria de imprensa em Saúde: diagnóstico e prognóstico de mercado. Revista Comunicação & Saúde, n.1, v.I. (2004). Disponível em: < <http://www.comunicaude.com.br/revista/01/artigos/artigo3.asp>>. Acesso em: 18 fev.2014.

PLÁ de LEÓN, Maria Lenilde Silva. Empresa x imprensa: uma relação produtiva. São Paulo, IOB, 1991.

PR NEWSWIRE. Quais são as Principais Fontes de Informação para os Jornalistas Brasileiros? Disponível em: http://www.prnewswire.com.br/downloads/paper_prnewswire_pesquisa_jornalistas_2013.pdf. Acesso em 02 jun.2014

TABAKMAN, Roxana, A saúde na mídia. São Paulo: Summus Editorial, 2013.

Ficha Técnica

Revista Estudos de Jornalismo

Número 3

ISSN: 2182-7044

Site: <http://www.revistaej.sopcom.pt/index.php>

Contacto: revistaestudosjornalismo@gmail.com

Editora

Ana Isabel Reis

Sub-editora

Nair Moreira Silva

Conselho Editorial

(membros do GT Jornalismo e Sociedade da Sopcom)

António José Ferreira Bento (Universidade da Beira Interior - Departamento de Comunicação e Artes)

Felisbela Lopes (Universidade do Minho)

Francisco Rui Cádima (Universidade Nova de Lisboa)

Hália Costa Santos (Escola Superior de Tecnologia de Abrantes)

Helena Lima (Universidade do Porto)

Joaquim Fidalgo (Universidade do Minho)

João Carlos Correia (Universidade da Beira Interior - Labcom Laboratório de Comunicação e Conteúdos Online)

Jorge Pedro Sousa (Universidade Fernando Pessoa)

Manuel Pinto (Universidade do Minho)

Rogério Santos (Universidade Católica Portuguesa)

Data

Fevereiro 2015

Local

Porto

Organização

Coordenação do GT Jornalismo e Sociedade da SOPCOM

Nota Editorial: texto, imagens e referências da responsabilidade dos autores.